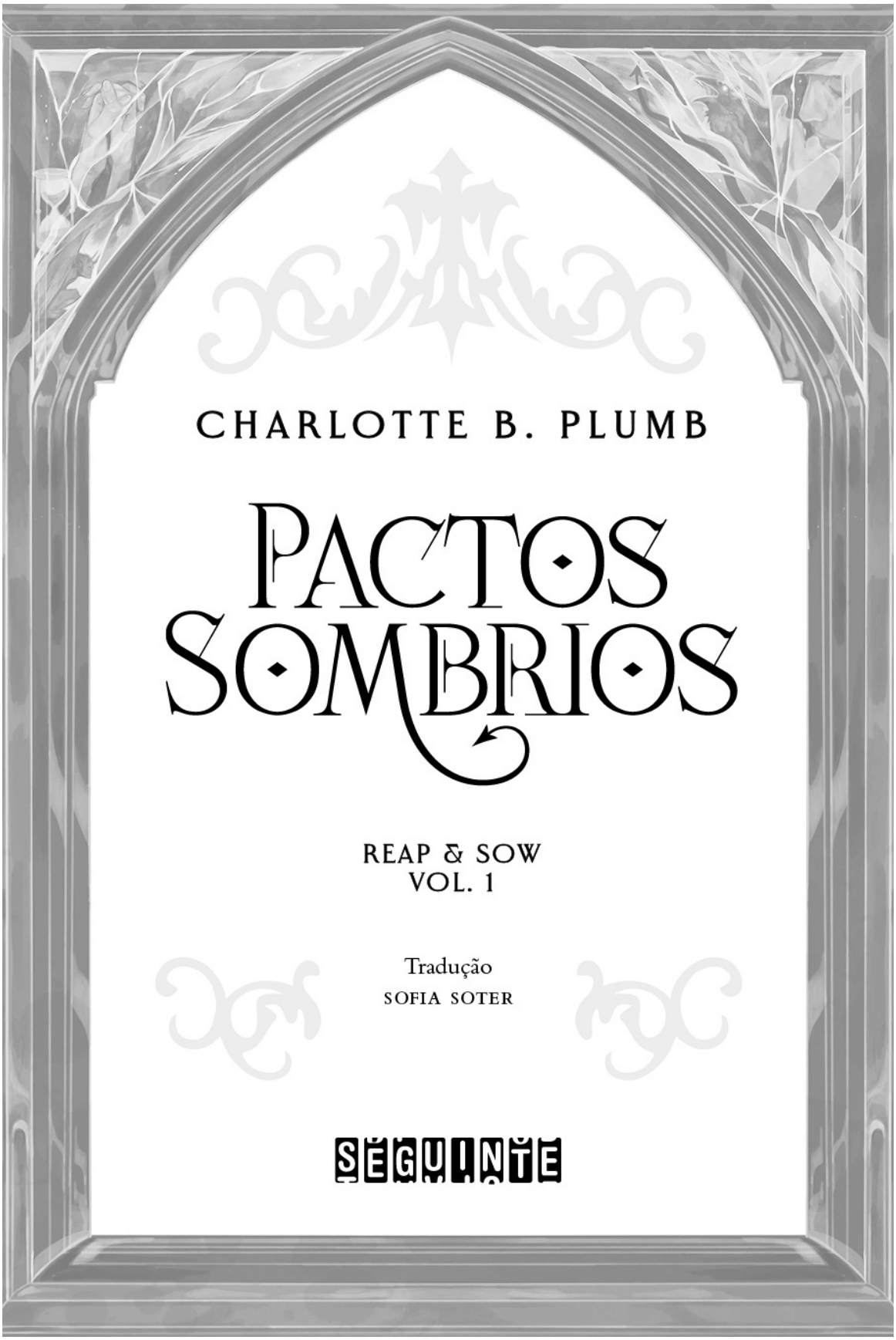

PACTOS SOMBRIOS
REAP & SOW
VOL. 1
BEDVINTE
CHARLOTTE B. PLUMB



CHARLOTTE B. PLUMB

PACTOS SOMBRIOS

REAP & SOW
VOL. 1

Tradução
SOFIA SOTER

SEGUINTE

Para minha mãe e meu pai, que me apresentaram às histórias e para Tristan, que me incentivou a terminar de escrevê-las.

Sumário

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois

Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Agradecimentos

Um

QUANDO O SINO DA PORTA TILINTAVA, Eda gostava de tentar adivinhar: vinham à loja negociar com dinheiro ou com a alma?

Ela analisou o novo cliente que entrou aos tropeços, sacudindo a capa forrada de pele para secá-la da chuva. Ele hesitou, inseguro, perto da porta. *Rico*, concluiu ela. *Arisco que nem bicho*.

Era promissor.

— Seja bem-vindo à Shaw Antiguidades e Curiosidades. Como posso ajudar?

O cavalheiro a encarou. Eda sorriu. Ela estava acostumada a sorrir, mesmo sem vontade. Ben sempre dizia que era difícil desconfiar de um rosto simpático.

— Eu…

O desconhecido engoliu em seco. Ele olhou ao redor da loja: as estantes altas, que alcançavam o teto, o lustre baixo, a variedade de tapetes espalhados pelo assoalho envernizado. Armários, globos de latão e panelas estranhas ocupavam os cantos do salão, deixando pouco espaço para se movimentar. Se Lawrie estivesse ali, entreteria com entusiasmo o pobre coitado, divagando sobre a origem de todo o estoque, detalhando até as dobradiças das portas.

Eda tentou outra vez:

— Está procurando algo específico?

O homem tirou o chapéu, revelando um cabelo alinhado que ia até o queixo.

— Não tem mais ninguém aqui? Nenhum outro cliente?

— Não. O senhor é nosso último visitante do dia.

Não que tivessem sido muitos. Uma mulher de nariz arrebitado passara uma hora fuçando a coleção de jogos de chá antigos, e uma dupla de acadêmicos comprara um exemplar de uma velha coleção em weslita. Mais ninguém passara

pela porta.

Eda desconfiava que aquele homem não estava interessado em jogos de chá, nem em livros poeirentos.

Ele se aproximou do balcão, esplêndido com seus sapatos de fivela e gibão de veludo. O rosto dele era comum — o olhar desvairado, entretanto, lhe era excepcionalmente familiar. Ela já vira aquela expressão centenas de vezes, em centenas de rostos.

— Preciso de um espelho sem reflexo.

O coração de Eda mudou de ritmo, acelerado e seco como o de uma lebre. Os irmãos dela não compartilhavam a senha levianamente; se o desconhecido a sabia, haviam decidido que era coisa séria.

Ela saiu de trás do balcão.

— O senhor sabe o que está pedindo?

— Sei. Eu… sei, sim.

Eda olhou pelas janelas salientes. Blackbridge era um borrão escuro e barulhento de pedra molhada e fumaça, lamparinas balançando noite adentro. Bolhas irregulares no vidro óptico dificultavam discernir quem passava pela rua, mas nenhuma das silhuetas distorcidas que apertavam o passo na chuva parecia seus irmãos.

Nunca leve ninguém ao espelho sozinha, Ben sempre alertava. *Se alguém vier pedindo por um Pacto e não estivermos com você, recuse o atendimento. É mais seguro se trabalharmos em dupla.*

No vidro, o reflexo de Eda pairava como um fantasma de cabelo claro. Ela mordeu o interior da bochecha.

Ben ficaria furioso. Lawrie, decepcionado, o que era pior ainda. No entanto, quanto tempo fazia que não encontravam ninguém desesperado — ou burro — a ponto de firmar um Pacto? Eda sabia, por experiência própria, que, com tempo de sobra para refletir, voltavam os murmúrios incômodos do bom senso. Se ela se recusasse a atendê-lo naquele momento, talvez o homem desistisse de voltar. Ele ainda podia abrir o bico para a Ordem da Fé, por mais improvável que fosse. E aí?

Lawrie os chamava de *acordeiros*. Almas desamparadas e dispostas a pagar o preço mais alto por qualquer miséria que buscavam. Fazia meses que não aparecia nenhum.

E o tempo deles estava acabando.

Eda cerrou os dentes e virou a placa na porta para FECHADO.

— Como o senhor se chama?

— Prefiro não responder.

Mais esperto do que parece.

— Ele precisará de um nome, infelizmente. Não adianta esconder.

Ela puxou a cortina no trilho, cobrindo a porta e as vitrines. À luz bruxuleante do lustre, sombras se alargavam ao redor dos olhos do desconhecido: cavidades ocas numa caveira.

— Ele?

— O demônio com quem pretende firmar seu Pacto.

O homem engoliu em seco. Se endireitou.

— Meu nome é Bartholomew. Seu sobrenome é *Shaw*, suponho? — perguntou ele, e a olhou de cima a baixo com o desdém habitual dos nobres. — Você é bem jovem para estar envolvida neste… tipo de negócio.

— Tenho vinte anos, senhor. E estou envolvida neste "tipo de negócio" desde que nasci.

Aquilo o calou. Eda conduziu Bartholomew ao fundo da loja, passando pelo labirinto de estantes altas como sebes e descendo os dois degraus que levavam à porta. Ela tirou a chave do bolso, sentindo uma onda de temor inesperada.

Já abrira aquela porta inúmeras vezes, mas nunca sem a companhia de Ben ou Lawrie. A ausência deles era como um espectro. Eda conhecia a loja como a si própria — era sua responsabilidade cuidar dos atendimentos enquanto Lawrie estava na rua e Ben no trabalho —, mas aquele silêncio de expectativa lhe era estranho. Opressor. Ela o sentia como um hálito no pescoço.

A chave tremeu na fechadura. *Mãos firmes, Eda, sua idiota.*

A porta se abriu.

A respiração de Bartholomew acelerou. Ela já tinha interagido com muitos acordeiros ao longo dos anos, e a culpa era uma companheira persistente, mas Eda se acostumara a ignorá-la. Aquilo era necessário, e devia ser feito com agilidade. Seus irmãos não estavam ali para deter Bartholomew caso ele tentasse fugir.

Ela acendeu as arandelas conforme desciam pela escada de ferro em espiral. O porão era sempre frio, e a luz das velas não era suficiente para conjurar ilusões de calor. O cheiro ali era levemente bolorento, terroso e primitivo. Remetia a túmulos e catacumbas. Lugares onde os vivos não deveriam entrar.

Eda acendeu a última vela antes de se virar para Bartholomew.

Ele agarrou o corrimão com dedos pálidos, olhando fixamente para a frente.

— É isso?

Ela seguiu o olhar do homem. O porão dos Shaw era totalmente despido de ornamentos… exceto pelo espelho solitário encostado na parede.

— Sim — murmurou ela. — É um Portal.

O espelho tinha mais de um metro e oitenta de altura, e metade de largura. Era esculpido a partir de um bloco único de obsidiana maciça. Todos os Portais tinham sido fabricados assim, séculos antes, quando ninguém seguia os ensinamentos da Fé ou do Senhor, e todo mundo adorava um panteão de deuses pagãos. Atualmente, tais divindades eram idolatradas apenas por bruxas e heréticos, se muito.

Uma era selvagem, ela se lembrava de Lawrie ler em um livro de história. *Uma época em que ídolos falsos reinavam e seus súditos desalumiados fabricavam ferramentas de terrível poder para eles. A obsidiana mais preta das minas profundas das montanhas do norte, onde o véu entre mundos é mais fino; era esse seu material. Mágicka de sangue para incutir vida na rocha — assim foram feitos os Portais.*

— Pelo amor do Senhor, onde vocês arranjaram isso? — perguntou Bartholomew, se aproximando a passos hesitantes. — E tão bem preservado. Eu achava que a Ordem tinha destruído todos em Wesland.

— Meu pai encontrou este espelho. Não sabemos como ele conseguiu.

Eda enfiou as unhas na palma da mão. Ela não tinha vontade alguma de falar de Oswin Shaw, muito menos ali. Era melhor seguir em frente.

— O senhor está pronto? — perguntou.

A voz de Bartholomew estremeceu.

— Para o quê, exatamente?

Dá para o gasto.

Ela se aproximou do Portal. A moldura representava uma variedade caótica de imagens, entalhadas com tanta minúcia que cada elemento parecia ter brotado da própria rocha — onças rugindo, serpentes sibilando, flores espinhentas. Escondidas entre as pétalas e os caules estavam criaturas estranhas, menos familiares: um diabrete de nariz adunco e rosto sorridente, aves ferozes, um cavalo de presas afiadas. Acima de todas elas, no cume do espelho, corpos nus se ajoelhavam em súplica.

Eda estremeceu.

Apesar da moldura grandiosa, o poder vinha do espelho em si. A superfície não refletia nada: era escura como uma noite sem estrelas, lisa como um lago plácido. A inquietação dançava, gélida, pela coluna de Eda, por mais habituada que estivesse a olhá-lo.

Ela tocou a rocha cristalizada. Quente, onde não deveria existir calor. O porão era frio, mas o que espreitava do outro lado do espelho não.

— Sr. Night. Eu o invoco.

A superfície ondulou como água ao redor de sua mão.

Bartholomew emitiu um som estrangulado.

— É esse o nome?

— É o único pelo qual o conheço.

O espelho reluziu como uma joia e ondulou como piche. Ela recuou e parou ao lado de Bartholomew, tentando acalmar o coração acelerado. Eda sabia, racionalmente, que não tinha nada a temer. No entanto, seu corpo nunca aprendera a lição.

— O que está acontecendo? Por que está demorando tanto?

O buço de Bartholomew estava molhado de suor. Ele apertou a capa que o envolvia, como se pudesse desaparecer dentro dela.

Eda segurou o braço dele. Bartholomew parecia achar que ela simplesmente o apoiava, e era melhor assim. Na realidade, ela temia que ele fugisse.

— Ele não é um cão, senhor. Quando estiver pronto, ele virá.

— É… é sempre o mesmo? Achei que qualquer demônio pudesse ser invocado por um Portal.

— O espelho diante do senhor também existe do outro lado, no Além. A maioria dos demônios não pode monopolizar um Portal — disse Eda, e olhou de soslaio para ele. — O sr. Night não é como a maioria dos demônios.

Talvez ela não devesse ter dito aquilo, considerando a expressão abalada de Bartholomew, mas não fazia diferença. A superfície do espelho se tornou iridescente de repente, como uma poça de óleo ao crepúsculo. Um homem a atravessou.

Não era um homem, evidentemente. No entanto, a semelhança era impressionante.

— *Eda*.

— Sr. Night.

Um nome bobo, mas que pegara. Eda era apenas um bebê de colo quando ele atravessara o espelho pela primeira vez. Lawrie tinha cinco anos. Segundo a história de Ben, o demônio apenas aparecia para visitá-los à noite.

Oi, senhor… Night.

Por algum motivo, o demônio achara o apelido simpático. Era o nome que usavam desde então.

— Este homem gostaria de firmar um Pacto — disse ela.

Bartholomew se encolheu.

Sr. Night o encarou — seus olhos eram de um cinza gélido. Eda imaginou como deveria ser para Bartholomew ver um demônio pela primeira vez. A pele dele era pálida, e seu cabelo, mais ainda. As madeixas caíam pelas costas, uma

cascata volumosa e branca como a neve. As roupas eram igualmente finas: uma túnica preta com gibão combinando, de costura prateada, peças tão macias que pareciam líquidas. Com suas feições angulosas e sorriso curvo, o sr. Night era inegavelmente lindo. À primeira vista, não havia nada de desumano nele, porém seus modos eram com certeza *outros*. Eda se arrepiou.

O demônio se aproximou de Bartholomew a passos lentos.

— Pode nos deixar, Eda.

O tom dele era doce como mel, mas ela sabia reconhecer uma ordem. Eda apertou o braço de Bartholomew de forma reconfortante.

— Aguardarei lá em cima.

— Diga-me, então — murmurou o sr. Night enquanto ela subia a escada —, o que você deseja?

Ela não deveria bisbilhotar. *Melhor não saber*, dizia Ben. *Não é da nossa conta*.

No entanto, Eda quase nunca reprimia sua curiosidade mórbida. Lawrie a chamava de patologicamente enxerida. Podia até ser, mas o sr. Night não se incomodava, e ele *sempre* sabia quando ela espiava. Para ela, já era suficiente.

Eda puxou o alçapão, deixando poucos centímetros abertos, e se agachou para espreitar. Dava para ver a cabeça de Bartholomew, de costas, pela escada. Mais nítido era o sr. Night, que andava em círculos pelo ambiente. Ele demonstrava uma rigidez surreal em todos os movimentos, sem desperdiçar um grama de esforço em vão, cada passo muito bem calculado. Ele mantinha a cabeça perfeitamente imóvel. Aonde quer que fosse, não desviava o olhar de Bartholomew. A imagem fazia Eda se lembrar daqueles retratos cujos olhos seguiam quem passasse em salas escuras e assombradas.

Bartholomew disse algo baixinho. Tudo que ela ouviu foi a palavra *justiça*. Ela ficou zonza de ideias fantasiosas. Nada tão ordinário quanto dinheiro, então. Vingança? Ela já bisbilhotara vezes o bastante para saber que eram dois motivos comuns. Se mais acordeiros ousassem falar do Pacto, talvez menos deles o buscassem. Esse tipo de barganha quase nunca acabava bem.

Certa vez, lembrava Eda, um homem pobre viera pedir por ouro — mais do que seria gasto até pelos filhos de seus filhos. O sr. Night transformara pedras em marcos de ouro, que surgiram da noite para o dia na estalagem lotada do homem, em pilhas tão imensas que transbordaram como chuva pela janela. Vizinhos invadiram o lugar, roubando o que podiam em êxtase fervoroso, antes que a Ordem da Espada aparecesse para confiscar o resto. Corretamente acusado de firmar um Pacto, o homem voltara à Shaw Antiguidades, furioso e desesperado.

Você não especificou onde e como desejava seu precioso ouro, dissera o sr. Night.

Agora deixe este lugar antes de eu estripá-lo aqui mesmo. A não ser que deseje outra barganha?

As Espadas capturaram e enforcaram o homem em menos de duas semanas.

Algum tempo depois, uma moça veio chorar pelo marido infiel. *Eu o amo tanto, mas seu olhar está sempre passeando. Eu temo perdê-lo. Faça com que ele só tenha olhos para mim.* O sr. Night deu a ela um anel encantado. Pela manhã, o marido da moça estava cego. Com a visão arruinada, ele via apenas a esposa — e o anel cintilante, pairando como espectro aonde quer que ele fosse. O homem chamou aquilo de maldição. E a estrangulou na sala de casa. Os tabloides passaram dias noticiando o caso.

O nojo de Eda lutava com a curiosidade enquanto ela pensava em Bartholomew. Ela dava pouco valor a quem tivesse a tolice de fazer acordos com demônios — se ressentia por ser obrigada a levá-los ao sr. Night. Pelo menos, quando eles desejavam riqueza ou beleza ou poder, seu desgosto lhe parecia justificado. Ganância e vaidade eram fáceis de desprezar. Mas suplicar por vingança? Para atenuar a dor do coração partido ou corrigir um erro terrível?

Eda sentia pena deles.

O sr. Night parou de andar.

— Meu preço, então — declarou, deslizando o dedo na boca. — Vinte anos.

Eda sibilou. *Vinte!* Não era o valor mais alto que ele já pedira, mas era quase. Clérigos da Ordem da Fé gostavam de falar do perigo de perder a alma para uma barganha demoníaca, mas, se almas existissem, demônios não se interessavam por ela. Os *anos* humanos, no entanto…

— Vin… vinte? Que absurdo!

Bartholomew não sussurrava mais. Ele elevou a voz, ultrajado.

— *Não.* — Os olhos do sr. Night brilharam. As arandelas tremularam. Sombras subiram pelas paredes, se espalhando pelo teto como tinta derramada. — É o preço *precisamente* correto. Porém, se não estiver disposto a pagar…

— Eu… eu só…

— Ouça o cordeiro balir! — exclamou ele, rindo. — *Eu, eu, eu*. É por isso que vocês, mortais, vêm aqui, não é? Vocês *querem* e *querem* sem qualquer pudor. Não importa. Eu nunca julgaria. — O sr. Night se posicionou atrás de Bartholomew e tocou seu ombro, como faria um amigo. — Eu posso concretizar seus desejos mais fervorosos. É preciso apenas que me ofereça um tempinho em troca. E o que é o *tempo*, para vocês, humanos? — perguntou, com o tom mais suave. — A vida de vocês termina cedo de qualquer jeito.

Com um floreio, um pergaminho fresco surgiu de repente na mão do

demônio. Eda reconheceu o cabeçalho familiar escrito em letras rebuscadas e grossas: *Pacto Definitivo de Troca Mortal*. Ela desconhecia os detalhes, exceto pela estipulação central e comum a todos os Pactos: caso um demônio não cumprisse seu lado do acordo, o número de anos proposto seria tirado da vida *deles*. Até onde Eda sabia, era um de apenas dois modos possíveis para um acordeiro reaver seus anos prometidos.

A caligrafia vermelha do contrato refletia a luz do fogo. Eda nunca vira o sr. Night sangrar, e frequentemente pensava na arte de firmar um Pacto. Ele se cortava? Mergulhava uma pena elegante em um tinteiro repleto de seu precioso sangue e sentava à escrivaninha para redigir no pergaminho?

A ideia era tão boba que ela quase riu. Entretanto, o sr. Night estava curvado sobre o ombro de Bartholomew, falando ao pé do ouvido dele:

— Assine aqui, querido Bartholomew, e terá sua justiça.

O silêncio pesou no ar. Chamas crepitaram.

— Não tenho com o que assinar.

O sr. Night puxou uma faca pequena, cor de osso, de algum lugar que Eda não conseguia ver. Ele praticamente abraçava o homem por trás, estendendo a faca e o contrato. Uma cobra enroscada na presa, sem esmagá-la, mas tampouco a deixando fugir.

— Preciso apenas de seu sangue como assinatura. Um pequeno corte, e estará feito.

Fuja, Eda queria gritar. *Fuja agora, seu idiota, e não olhe para trás. O que ele lhe der não vai valer o que você perder.*

No entanto, ela não tinha o luxo de fazer a coisa certa. Se tivesse, nunca teria levado Bartholomew ao espelho. Eda só podia morder o lábio e observar.

O homem suspirou. Estendeu a mão trêmula até a faca…

A campainha tilintou.

Eda se sobressaltou e caiu sentada. O alçapão se fechou.

Merda!

Ela levantou às pressas, alisando as saias. Conferiu a trança e voltou correndo por entre as estantes. O cabelo cacheado parecia não suportar a contenção por muito tempo. Ela já o sentia solto ao redor das orelhas em fios finos.

Deu a volta no imenso armário na entrada da loja, e o cabelo frisado foi o alvo do primeiro comentário de Lawrie — o que Eda já imaginava.

— Esse seu matagal está implorando por liberdade — zombou ele.

— E você parece um rato ensopado.

— Ainda sou mais bonito que você.

Lawrie era alto e magrela, todo feito de pernas e cotovelos. A chuva só fazia ele parecer ainda mais magro, com a capa de lã grudada nos ombros. Os cachos dele estavam grudados na cabeça.

Ben fechou a cortina e sacudiu a água do capuz. Enquanto Lawrie era esguio, Ben era musculoso e corpulento. De queixo quadrado, apenas o cabelo volumoso oferecia alguma suavidade à sua aparência rude. Eda gostava de pensar que ele alisara o cabelo ainda no útero, se recusando a tolerar os cachos rebeldes inerentes dos irmãos.

— Eda — disse Ben, olhando bem para ela. — O que aconteceu?

Como ele consegue? Esconder qualquer coisa de Ben era inútil; ele tinha o nariz de um cão farejador e os olhos de um gavião.

— Não sei por que você sempre acha que *aconteceu* alguma…

— Tem uma corrente de ar — comentou ele, direcionando o olhar para as velas gotejando no castiçal, e abaixou a voz. — O alçapão está aberto?

Lawrie estava tirando a capa, mas paralisou no meio do movimento.

Não adiantaria negar.

— Um homem veio perguntar pelo espelho.

Ben pendurou a capa em silêncio.

Eda fechou a cara.

— Ele sabia o código, estava disposto a firmar um Pacto. Não tinha mais ninguém por perto. Eu confirmei. Não sabia quando vocês voltariam, e não queria perder a oportunidade.

— Você reclama de eu me preocupar à toa, mas sempre me dá motivo! Quantas vezes já falei para nunca…

— Nunca levar ninguém ao espelho sozinha, eu *sei*. Porém, por mais que você se convença do contrário, Ben, eu sou perfeitamente capaz de tratar dessas coisas. Ou você prefere esticar nossa dívida ao máximo? Não podemos recusar Pactos sem um bom motivo.

— Sua segurança *é* um bom motivo — afirmou Ben, dando dois passos rápidos na direção dela; Eda recuou. — Não quero que você fique a sós com aquele demônio mais do que estritamente necessário.

— O sr. Night não vai me machucar. Não vai machucar nenhum de nós. Ele não pode, está no…

— No nosso Pacto, sim. Eu sei da cláusula.

Eda se irritou.

— *Nosso*, não. Foi nosso pai que nos meteu nessa confusão.

Os olhos cor de mel de Ben brilharam.

— Eda…

Bartholomew veio correndo do alçapão para a loja. Derrubou um peso de livro ao passar derrapando pela estante, mas parou abruptamente ao vê-los. Seus olhos estavam arregalados como os de um cavalo arredio.

Espantado, Ben se posicionou diante da porta. De início, Eda temeu que ele estivesse certo: que o terror de Bartholomew finalmente o tivesse dominado. Que ele mudasse de ideia, tentasse fugir. Precisariam ameaçá-lo. *Espancá-lo*, se necessário, para que calasse a boca. Ela sentiu um arrepio.

Então, viu a mão dele. Sangue escuro e fresco escorria dos dedos.

Ele se cortara.

Está feito.

Bartholomew deu um passo vacilante. Segurou a mão ferida e olhou para Eda, atordoado.

— Eu não… eu não me sinto diferente. Não deveria sentir diferença?

— Infelizmente não sei dizer, senhor.

E passou seu lenço para o homem. Era melhor, ela pensou, que o homem não chamasse atenção indevida para aquele tipo de ferida. Eda se recusou a considerar o gesto como uma gentileza. Não havia nada de gentil naquele trabalho.

Bartholomew aceitou o lenço e limpou a mão. Como ele não parecia preparado para dizer mais nada, Lawrie afastou a cortina em silêncio e abriu a porta. Lá fora, a chuva tamborilava nas poças pretas. Um cachorro latia.

Bartholomew acenou com a cabeça, se empertigou, e saiu da loja.

Eles se reuniram para assistir à silhueta distorcida cambalear pela rua. Bartholomew não poderia falar do Pacto firmado, nem em voz alta, nem por escrito. Era o método do sr. Night. A depender dos detalhes, acordeiros não podiam — ou simplesmente não ousavam — discutir os Pactos. Estar a serviço do sr. Night fazia com que Eda e os irmãos vivessem protegidos de fofoqueiros, mas, assim que a dívida fosse paga…

O contratante está de acordo com a expiração de toda estipulação e emenda após o término do contrato.

Nada, então, protegeria os Shaw de acusações.

— Ali — cochichou Lawrie. — É aquele esquisito bigodudo de novo.

Eda o viu — uma silhueta alta e imóvel envolta em sombra do outro lado da rua. O homem usava um chapéu de lã decorado por uma pluma, e o brilho vermelho-cereja da cigarrilha iluminava um bigode espesso. A luz não chegava a seus olhos, que observavam Bartholomew se afastar.

Os fios finos na nuca de Eda se arrepiaram de susto.

— Eu *avisei* que Lich mandou vigiarem a gente — disse Lawrie.

O nome estalou no ambiente como um choque de estática.

— Que vigiem — respondeu Ben. — Se Severin Lich quiser nos tirar daqui, está demorando muito. Não se assuste.

— Como, exatamente, devo ignorar um *líder criminoso* se intrometendo nos nossos negócios, Ben? Ele obviamente quer o Portal!

— Que fique para ele — interrompeu Eda. — Em breve, estaremos livres de vez. Bartholomew deu vinte anos, ou seja…

— Uma adição muito bem-vinda a meu orçamento.

A tranquilidade de Eda murchou.

O sr. Night estava no meio da loja.

Reunidos assim diante dele, os irmãos mal passavam de crianças aguardando o julgamento. Sua presença assombrosa desgastava os anos como um picador de gelo.

— Embora eu deva declarar, jovens Shaw, que esta oferenda se apresente um pouco tarde para o meu gosto. Há quanto tempo não me traziam uma alma desesperada?

— Os termos são claros — disparou Ben, rígido. — Devemos trazer cinquenta anos por ano. Ainda temos tempo para cumprir a cota.

O demônio curvou os lábios em um sorriso.

— Talvez. Porém a colheita de outono se aproxima. Se a querida Eda desse ouvidos a *você*, Benjamin, hoje estariam vinte anos mais pobres.

Ben ficou vermelho.

Ele estava certo, claro. Raramente eles chegavam tão perto do zênite da estação com anos ainda por pagar.

No ambiente escuro, o sr. Night se fundia às sombras. Apenas o rosto pálido e sorridente se mantinha distinto, pairando como uma máscara incorpórea.

— Sua dívida está quase quitada. Restam apenas dez anos a encontrar! Seria uma pena vacilar logo agora.

Eda temia o sr. Night, mas não o odiava. Não como Ben e Lawrie o odiavam. Um demônio fazia o que fazia por sua natureza. Pessoas firmavam Pactos porque *podiam*. Como fizera seu pai.

Oswin Shaw buscara o espelho. Ele invocara o sr. Night e firmara um Pacto que não podia pagar — mais anos do que qualquer vida ofereceria. Então, em sua loucura, concordou em trazer ao sr. Night o valor exigido por meio de outros. Quantos fossem necessários.

Caso ele morresse, os filhos herdariam a dívida.

— Sua servidão está próxima do fim, jovens Shaw. A liberdade a seu alcance.

As velas do lustre dançavam enquanto a forma do sr. Night se desenrolava, como a fumaça mais escura do carvão. Olhos de prata brilharam com a cor do fogo.

— Deveriam ficar *felizes* — declarou ele.

A luz se estabilizou, e ele sumiu.

Sombras eram o domínio do sr. Night — a base de seu poder —, e ele sabia muito bem que os perturbavam. Eda nunca testemunhara suas outras habilidades pessoalmente. Não era necessário. Os Pactos firmados eram prova suficiente de que ele era capaz de coisas além de sua compreensão.

Ben foi andando até a escada, com os ombros encolhidos, tensos. Lawrie o seguiu, suspirando.

— Lawrie…

— Agora não, Eda.

A chuva martelava as janelas. Eda acabou sozinha na poça de luz bruxuleante do fogo por algum tempo, observando, desconfortável, sombras se contorcerem ao redor. Ela cerrou os punhos.

Dez anos. Só mais dez.

O sr. Night estava certo — eles não podiam fraquejar logo agora. Não com duas décadas de servidão finalmente chegando ao fim. Como seria, ela se perguntava, viver fora da sombra dele? Ser libertada à luz, sem direção, como um filhote de passarinho? Eda não sabia.

A esperança se agitou dentro dela, seguida de um fio retorcido de medo.

Uma nova vida. Um novo começo. Uma oportunidade de *descobrir*.

E só mais um Pacto no caminho.

Dois

RARÍSSIMAS FLORES CRESCIAM EM BLACKBRIDGE, mas Eda sabia encontrá-las.

A cidade se estendia em uma paisagem vasta de canais, pontes e torres altas — a conurbação mais antiga de toda Wesland. O verde que sobrevivia entre as avenidas asfaltadas era escasso, exceto pelos jardins podados da cidade alta. Entretanto, a Shaw Antiguidades e Curiosidades tinha a vantagem de estar situada de frente para um beco que servia como atalho para o Canal do Santo. O rio cortava a cidade, vindo do leste, e, vez ou outra, ninfeias cresciam na margem.

Eda desceu a escada de serviço que levava à beira da água. Um aglomerado de delicadas flores aquáticas se agarrava à margem coberta de algas; ela arrancou um punhado. Estavam molhadas e amassadas, mas não custavam nada. Aldith Moore cobraria dois cobres por seus belos buquês, e a Shaw Antiguidades não lucrava o bastante para justificar gastos tão frívolos toda semana. Eda preferia assim. Ela gostava da honestidade de fazer algo por conta própria. De não dever nada a ninguém.

A beira do rio estava movimentada pela manhã, cheia de pivetes oportunistas. Eda não se surpreendeu ao encontrar um menino com roupas imundas atrás dela ao se levantar. Puxou a mão que ele esticava.

— Está tentando mexer nos *meus* bolsos para quê? — resmungou ela, enquanto ele chiava como um gato arisco. — Eu lá pareço ter dinheiro?

— Me larga!

Ele se debateu e deu pontapés. Eda o soltou, e ele caiu na escada.

— Tem uma carruagem de dois cavalos estacionada lá na rua, com portas douradas. Arrisque por lá.

O menino cuspiu na direção dela e fugiu. *Juro que eles estão ficando mais*

atrevidos.

Ela voltou ao oeste pela avenida principal. O Canal era comumente visto como uma fronteira que dividia os bairros ricos da cidade alta do caos fervilhante da cidade baixa. Morar perto da margem tornava o mundo de Eda um amálgama estranho dos dois lados. Ela morava em Crowgate: uma curiosa mistura de metalúrgicas, carroças com cavalos relinchando, crianças aos berros e latidos de cachorro. O trânsito do centro da cidade era cheio de ferraduras e carruagens, rabequeiros vivazes e comerciantes agitados.

Ela se sentia distante de tudo aquilo.

Duas garotas de vestido com barra suja fofocavam na porta de uma loja, uma encostada na outra, aos risos. A cena fez o peito de Eda se apertar. Ela não tinha amigas. Do que falaria, como as outras mulheres conversavam entre si? Que segredos preciosos e partes vulneráveis de si poderia compartilhar, se qualquer informação que dissesse poderia lhe custar a vida? Até pagar a dívida do pai, qualquer intimidade resultaria em desastre.

Eda pensou em Wymond. O filho do comerciante fora à loja pela primeira vez a negócio, mas voltara diversas vezes com desculpas bobas e óbvias para vê-la outra vez. Os olhos escuros dele faziam seu coração acelerar de um jeito inesperado, e não demorou para começarem a escapar juntos. Ela adorava aqueles momentos às escondidas: febris, excitantes, totalmente *dela*. Deitar na cama de Wymond a ajudava a se enganar.

Entretanto, quando ele cogitou abandonar o negócio do pai para ficar com ela em Blackbridge, Eda se obrigara a chamá-lo de tolo. A dizer que o envolvimento deles eram um mero caso. Wymond partira, devastado. Na época, Eda se permitira chorar, enquanto Lawrie fazia cafuné nela, desajeitado, e dizia que, de qualquer modo, se envolver com os moços bonitos sempre acabava em lágrimas.

Wymond nunca saberia que ela lhe fizera uma gentileza, pois nenhum homem deveria amá-la. Não enquanto a vida dela fosse fundada em sombras.

Eda ignorou a lembrança como um calafrio desagradável.

Uma das moças na porta da loja usava um frasco de prata coloidal pendurado no peito. Uma bagatela falsificada, sem dúvida, revendida por toda a cidade como proteção contra o demoníaco. Diziam que o produto legítimo era como ácido na pele de demônios. Não que Eda precisasse de algo assim. Aquilo servia apenas como um lembrete agudo do vão que a separava de todos os outros. Ela era um mero espectro naquela cidade. Amigos, amantes, proteção contra demônios — nada lhe servia.

Eda desviou o rosto antes que o ressentimento subisse como bile.

Na beira da ponte seguinte, um templo se erguia diante do rio. Era uma construção antiga, de calcário desbotado, mais pálida do que as casas de taipa e enxaimel tortas que ladeavam as ruas ao redor. O templo marcava o centro da paróquia de Crowgate e, embora Eda não frequentasse os ritos, visitava o terreno toda semana, sem falta.

Uma gárgula a espreitava do telhado íngreme quando se aproximou. Eda atravessou o portão de ferro e seguiu pela trilha de cascalho, cercada de sepulturas nos dois lados. Os túmulos eram tão apinhados que parecia absurdo que coubesse mais algum cadáver, mesmo daqueles que tivessem dinheiro para pagar. Ela abriu caminho pela grama lamacenta, desviando das lápides com uma careta. Como se os mortos se incomodassem.

Logo encontrou o túmulo certo. Eda saberia chegar ali de olhos vendados.

— Desculpe o atraso, mãe.

Ela deixou as ninfeias na sepultura de pedra clara. Estava gasta e lascada, mas o texto permanecia legível: *Emmeline Shaw. Esposa e mãe.*

Eda não conhecera Emmeline, que fundara a Shaw Antiguidades e viajara além das fronteiras de Wesland em busca dos itens mais raros e desejados do estoque. Pelo que sabia, tinha sido uma mulher culta e ambiciosa. Eda ficava incomodada por *esposa e mãe* ser o único legado de Emmeline. Mãe de uma filha que a matou no parto e esposa de um homem como Oswin…

Ela olhou para a lápide mais escura, mais nova, ao lado da lápide da mãe. Fez uma careta.

Oswin Shaw saíra de Blackbridge apenas uma vez na vida. Ele não era tão culto quanto Emmeline, nem tão aventureiro, mas levava jeito com números e tinha bons modos com os clientes. Juntos, construíram um negócio pequeno e de boa reputação. De acordo com as histórias de Ben, a loja fervilhava de clientes o dia inteiro.

Até que Emmeline morrera no parto de Eda. Oswin não se recuperou do luto. Por meses, ele mal comia ou dormia, e seus três filhos pequenos poderiam muito bem ser fantasmas, de tão pouca atenção que lhes dava. A loja ficava fechada. Oswin passava horas a fio escrevendo cartas, estudando os livros de Emmeline até as velas queimarem por inteiro. *Um dia, ele simplesmente foi embora*, Ben contara a Eda. *Pagou à senhora Mary, a vizinha, para ficar de olho em nós e nos alimentar. Passou anos fora. Até que voltou de repente.*

Com o espelho.

— Imaginei que a encontraria aqui.

Lawrie se aproximou pela lama, com a capa apertada no pescoço. Não chovia

naquela manhã, mas os céus cinzentos de Blackbridge estavam sempre ameaçando.

Eda cruzou os braços.

— Não era para você estar em casa? Ben já saiu para trabalhar.

— A loja vai sobreviver. Eu precisava encontrar o carteiro.

— Ah. Então voltou a perturbar a Biblioteca Nacional.

— Eles têm uma coleção extensa à venda, e *Ritualismo pagão em Wesland* está na lista, eu já confirmei duas vezes — respondeu ele, fungando. — Só que algum colecionador miserável não para de dar lances maiores do que os nossos.

— Talvez você deva deixá-lo arrematar.

Diante da expressão horrorizada de Lawrie, ela acrescentou:

— Temos verba para poucas novidades por trimestre. Um livro vale mesmo isso tudo?

— Vale, e me ofende que você pense em fazer essa pergunta. Ben que deveria ser o terrível vulgar com a imaginação rasa que nem um pires, e não você. Eu já *falei* como esse livro é raro…

— Ai, não precisa repetir. Vai acabar com o meu gosto pela literatura.

Ele a empurrou; Eda empurrou de volta. Lawrie se virou para os túmulos e seu sorriso desapareceu. Ele pegou uma das ninfeias molhadas da sepultura de Emmeline e a deixou no túmulo de Oswin.

A irritação a esquentou como fole na fundição.

— Eu não trouxe as flores para ele.

— Ele é nosso pai, Edie. Era um homem bom. Ele só… se perdeu.

Eda bufou.

— É assim que você chama quando alguém abandona os filhos para ir atrás de um espelho amaldiçoado? Ele estava *perdido* quando fez um acordo que não podia cumprir e nos condenou a saldar a dívida depois de morrer? Só para trazer ela de volta.

— Não.

Os olhos cor de mel de Lawrie brilharam. Eram idênticos aos dela, e Eda viu seu reflexo neles: bochechuda e sardenta, o cabelo dourado e rebelde na altura dos ombros.

— Você era só um bebê — insistiu ele. — Não se lembra de nada.

— Mas você me *contou* — retrucou ela. — Que você e Ben o encontraram na entrada, no meio da madrugada. Ele estava coberto de terra, você disse, com uma mulher ainda mais imunda, de roupas de enterro. Até uma criança de cinco anos percebia que ela tinha voltado toda *errada*…

— Cala a boca — disparou Lawrie. — Eu sei o que disse. Sei o que ele fez. Ele estava sofrendo, Eda. Foi um erro. Você não pode continuar a castigá-lo por isso. Foi um ato de amor.

— Isso não é amor. É loucura.

Ela estava cansada de repetir a mesma briga de sempre. Os irmãos se lembravam do pai antes de ele enlouquecer, e o amor que tinham pela memória enevoava seu julgamento. Eda não sofria do mesmo mal. Ela via apenas os fatos: Oswin sacrificara tudo para trazer a mulher de volta. Ele negociara com o sr. Night por algo tão absurdo, tão imenso, que o demônio aproveitara a oportunidade para exigir um valor igualmente ridículo.

Mil anos.

Oswin não teria como pagar em vida, muito menos nos sete anos que, sem saber, lhe restavam. Ele concordou que os filhos serviriam como garantia — como seguro. Tudo para pagar por algo que nem um demônio tão poderoso quanto o sr. Night poderia fornecer de fato. Oswin conseguiu o que pedira e, contrariando a ordem natural, Emmeline voltou para ele. No entanto, ela não era mais Emmeline.

As palavras do sr. Night voltaram em uma maré sombria. *Vocês* querem *e* querem *sem qualquer pudor.*

Eda cruzou os braços e se afastou, séria.

— As pessoas são egoístas, Lawrie. Nosso pai era o pior egoísta. Nem todos merecem perdão.

Ele a seguiu.

— Eu não acredito nisso, e você também não deveria. Você não pode desprezar todo mundo com tamanha frieza.

Por que não?, ela queria retrucar. *Olhe ao redor, irmão. O que resta de bom nesta cidade maldita?*

Eda sonhava em escapar das trevas que a amarravam, enquanto os ingratos interesseiros daquela cidade adentravam nas sombras *de bom grado*. Ela os odiava. Precisava deles. Eles iam com Ben e Lawrie até o espelho, na esperança de ver seus desejos mais desesperados atendidos, como suplicantes em prece. Era uma pena, ou mera ironia, que um demônio pudesse responder a suas orações, quando o Senhor não o fazia?

Eda conhecia o poder do sr. Night. Via em seus olhos prateados, sentia dançar na pele quando ele se aproximava. Ele era inegavelmente *verdadeiro*. Entretanto, nunca sentira a presença do Senhor, como outros diziam sentir. Nunca sentira Seu toque, nas poucas vezes que se atrevera a rezar.

Um dia, ele usara outro nome.

No princípio, Ele comandava com mais seis, que, juntos, moldaram a terra, o mar e o céu, ensinava o Códice Sagrado. *Entretanto, quando os outros deuses tombaram pelos vícios terrenos, Ele forjou uma lâmina dourada para partir o véu entre os mundos e expulsá-los. Sob Seu governo, a humanidade encontrou a ordem e a indústria. Jurou seguir Seus ensinamentos, ou ser condenada ao Além, onde aqueles falsos ídolos aguardam na corrupção mais sombria.*

Eda achava difícil acreditar que os primeiros demônios eram deuses weslitas corrompidos. A ideia de que pecadores eram condenados ao Além após a morte lhe parecia ainda menos provável, pois o sr. Night evidentemente não perdia tempo se esquivando de espíritos mortais torturados como se fossem moscas. Se um deus benevolente realmente olhava pelo povo de Wesland, porém, uma coisa era certa: Ele dera as costas para os Shaw. Pensar que eram tão rejeitados por aquele que deveria amá-los incondicionalmente…

Eda olhou para o túmulo do pai.

Doía menos não acreditar em nada.

— Quanto a ontem — continuou Lawrie —, você deve entender o lado de Ben. Ele estava apenas…

— Olha! — interrompeu ela.

Parando diante do portão do templo vinha uma procissão de cavalos que cercavam uma carruagem elegante, toda paramentada com os adornos vermelhos e prateados da Ordem da Espada. Todos os cavaleiros portavam uma espada de liga de prata que cintilava à luz branca da manhã. Apenas alquimistas autorizados pela Ordem da Fé podiam forjar uma arma útil daquela liga de prata e aço. Nas mãos de um ferreiro comum, o material era mole demais.

— O que as Espadas vieram fazer aqui? — sussurrou Lawrie.

O coração dela martelou no peito.

— Calma. Somos só duas pessoas prestando homenagem a parentes falecidos.

— Também guardamos um artefato demoníaco *extremamente* ilícito no porão! E se tiverem vindo nos buscar? E se alguém nos delatou?

Fique quieto. Eda pegou a mão dele, que estava fria e suada. Do outro lado do portão, os quatro cavaleiros permaneceram montados. Eles olhavam sem emoção para as pessoas que paravam na passagem para observar. Uma criança puxou a manga da roupa da mãe, saltitando de entusiasmo.

— Acho que não. Eles estão aqui para escoltar aquela carruagem.

Assim que ela falou, a porta se abriu. Lá de dentro, saiu um homem de estatura média, abaixando o capuz púrpura-vivo.

Um clérigo.

— Parece um padre — comentou Lawrie. — Ou bispo, talvez. Será que ele veio comandar o templo, já que o bispo Emery se foi?

Se foi era um jeito muito educado de dizer *morreu de infecção depois de se engraçar com putas demais*, mas Eda supunha que não adiantava discutir.

— Deve ser.

Lawrie murchou de alívio.

Ao se aproximar do portão, ela observou o novo clérigo, surpresa. *Jovem. Belo.* Na experiência limitada de Eda, clérigos eram todos velhos e verruguentos, com cabelo grisalho e olhos marejados. Ela raramente saía da paróquia de Crowgate, mas *sabia* que eram necessários anos de serviço para ascender do sacerdócio a um título de bispo. No entanto, aquele homem não podia ter passado muito da casa dos vinte. Era pálido, sardento, com cabelo ruivo brilhante repartido de lado. O rosto estava tenso, mas, se o odor perpétuo dos canais — úmido e levemente bolorento — ofendesse seu nariz, ele disfarçava bem. Usava uma batina cor de creme com estola ametista e costura dourada. Uma capa de viagem da mesma cor estava presa em seu pescoço por um broche com o desenho de uma palma aberta cruzando um sol: símbolo da Fé.

Ele parecia muito limpo e reluzente entre os tons de cinza e marrom desgastados da rua.

Antes que Eda abrisse o portão, ele a olhou.

— Permita-me, senhora.

Era estranhamente incomum que um clérigo tão estimado fizesse uma cortesia a ela. Ao passar, Eda se forçou a sorrir em agradecimento. *Ele não nos conhece. Não há o que temer.*

Lawrie corou.

— Obrigado, senhor… hã, padre. Muito obrigado.

Ela resistiu à vontade de dar uma cotovelada no irmão.

— Vocês dois são de Crowgate?

Os olhos do bispo eram de um azul bonito.

— Somos — respondeu Eda, interrompendo Lawrence, que gaguejaria até ter um piripaque. — Moramos pouco ao leste daqui, seguindo o Canal. Meu nome é Eda. Este é meu irmão, Lawrie.

— Lawrence.

— Prazer. Eu sou o bispo Florian Fane.

O bispo levou a mão ao peito, onde reluzia um frasco pontudo de prata coloidal. Eda o observou, apreensiva. Era de *verdade*, claro, produzido pelo

Mosteiro dos Alquimistas — a guilda renomada de encantadores devotos da Ordem da Fé e de seus muitos decretos. Eda às vezes os via andar pelo centro da cidade com suas vestes azul-claras.

— O senhor veio cuidar do templo, bispo? — perguntou uma mulher.

As pessoas cochichavam, interessadas; um pequeno grupo se aglomerou ao redor da carruagem. As Espadas olhavam com irritação do alto dos cavalos, mas não expulsaram ninguém.

O bispo Florian parecia à vontade com a atenção, e abriu um sorriso beato.

— É meu prazer dizer que sim, senhora. Que o bispo Emery descanse em paz — disse ele, encostando o dedo indicador na testa em bênção, e alguns outros se apressaram para imitar o gesto. — Estou vindo lá de Alderport. É o desejo mais fervoroso de Sua Santidade, o Patriarca, que um sucessor seja nomeado antes de seu fim. O próximo Conclave dos Clérigos ocorrerá bem aqui, em Blackbridge.

A multidão sussurrou em entusiasmo.

— Em preparação para este dia tão santo — continuou ele —, eu me jurei a seu serviço, onde a mão da Ordem da Fé é extremamente necessária. Blackbridge é uma cidade antiga e orgulhosa, a primeira de Wesland! No entanto, com tamanha história, os ecos menos agradáveis do passado ainda perduram.

Um Conclave. Fazia décadas desde o último, e mais décadas ainda desde o anterior. Cada cidade tinha sua vez naquela honra. A escolha de um novo clérigo-chefe — sucessor do Patriarca — certamente causaria um alvoroço em Blackbridge quando a notícia se espalhasse. A devoção poderia ter perdido o brilho ali, mas a desculpa para folia certamente não perdera.

Eda escutou Florian Fane falar, intrigada. Havia algo de carismático nele que ela não conseguia identificar. O sorriso caloroso. A voz confiante e vibrante de tenor. Talvez fosse apenas por ele ser jovem e belo, belo demais para as vestes de clérigo.

— Portais antigos ainda se demoram em nossa bela ilha. O Patriarca acredita que é por *isso,* bom povo, que vocês enfrentam dificuldades com a influência fétida de barganhas demoníacas, mais do que qualquer outra grande cidade weslita — disse ele, mudando de tom. — Se Portais forem usados para explorar os vulneráveis em Blackbridge, os responsáveis serão levados à Justiça com prontidão. Isto eu juro.

Eda gelou. Ao lado dela, Lawrie ficou tenso. A cabeça dela girava como uma roda solta de carroça. *Nunca trouxeram alguém da capital antes.* Se o Patriarca pensava que a depravação e a criminalidade de Blackbridge eram culpa dos demônios, em vez da falta de boa moradia, da corrupção e do desemprego, não

era grande surpresa — mas isso indicava que as Espadas ficariam atentas. Fundada com base nos ideais da Ordem da Fé, a Ordem da Espada aplicava todas as leis da cidade-Estado em Wesland, mas se opor ao demoníaco era sempre seu princípio central. Não surpreendia que o grão-comandante as tivesse disponibilizado para a missão do bispo. Especialmente na proximidade de um Conclave dos Clérigos.

Eda mordeu o interior da bochecha. *Precisamos arranjar aquele último Pacto. E logo.*

O bispo Florian levantou as mãos; o burburinho ansioso se calou.

— Não temais. Pretendo trabalhar incansavelmente junto à Ordem da Espada para restaurar a Fieza de Blackbridge, não apenas em nome deste Conclave, mas da cidade em si. Não fracassaremos. Vossa salvação é vindoura.

Um rompante de palmas cautelosas rapidamente cresceu em entusiasmo. Era um ruído horrível e desafinado aos ouvidos de Eda.

As pessoas o cercaram como um enxame de abelhas. O bispo apertou a mão de um homem. Se abaixou para cumprimentar um menino.

— Vamos — sussurrou ela, puxando Lawrie pelo pulso em meio à aglomeração.

Os olhos das Espadas em suas costas eram como o vento gelado antes da tempestade.

Eda passara a vida inteira acorrentada à loja, a Blackbridge. A história da dor do pai estava gravada em cada paralelepípedo. Se houvesse um lugar onde a Fé não se impusesse sobre ela e mercadores de almas não vivessem à espreita, ela estava determinada a encontrar. Abandonar esta cidade maldita seria a primeira escolha que faria, depois de uma vida sem escolha alguma.

Até lá, eles tinham um trabalho a fazer.

Três

— Seremos discretos.

Ben andava em círculos. Com as botas ainda lamacentas do trabalho, ele não parecia se incomodar por sujar os tapetes de terra.

— Não podemos fazer mais nada — continuou. — Eu e Lawrie vamos parar de procurar acordeiros até esse bispo perder o interesse e a poeira baixar.

— Ele não parecia do tipo que *perde o interesse*, Ben — retrucou Lawrie, rabugento, sentado na escada. — Ele foi convocado pelo próprio Patriarca para resolver o probleminha demoníaco de Blackbridge. Está levando isso a sério.

Eda massageou as têmporas. Ainda estava anoitecendo, mas ela já estava exausta o bastante para ir dormir. Uma luz verde inundava a loja, tingida pelas janelas. Apinhados na vitrine estavam os itens mais visualmente interessantes do estoque: um enorme globo de latão, um aparelho de jantar forisiano, um pavão empalhado com uma cauda completa de plumas cintilantes. Ben quase derrubou o bicho com sua agitação, e ela não aguentava mais morder a língua.

— Lawrie está certo. Portais, Pactos, agenciadores de almas como nós… Florian Fane não vai desistir de caçá-los depois de umas poucas semanas, Ben. Eu vi a cara dele. Ele está determinado.

— Essa história de *Conclave* deixou a Ordem da Fé alvoroçada, e só. Não é a primeira vez que as Espadas declaram a repressão, e as investigações sempre acabam passando. Vocês acham que alguém como Severin Lich aguentou esse tempo todo sem saber quando interromper o comércio?

Severin Lich estava envolvido em vários esquemas nefastos: aposta ilegal, extorsão, exportação. Mas o nome do homem era sussurrado nos mesmos antros e tabernas que Ben e Lawrie frequentavam por um motivo específico.

Ele tinha um Portal.

Lich comandava sua agência de almas há mais tempo do que os Shaw e tinha muito mais sucesso. Sua influência era maior na cidade alta, onde os nobres mais dissimulados de Blackbridge o procuravam para firmar Pactos. Lich obviamente sabia do Portal dos Shaw — o espião bigodudo e esquivo era prova disso —, mas eles nunca tinham roubado seus clientes. Esse poderia ser o único motivo para ele tê-los poupado de sua ira.

— Lich é um homem de negócios, não um vassalo como nós. Ele recebe dinheiro, e muito. Pode se permitir interromper a operação por um tempo.

— Nós *não* podemos ser pegos, Eda — disse Ben, passando as mãos no rosto. — Agora, não.

O cansaço dele despertou a compaixão da irmã. Ela se lembrava de quando ele brincava na rua com uma espada de madeira, o rostinho sério retorcido em concentração. Ele queria ser Espada. Eda suspeitava que ele ainda tinha aquela vontade, embora nunca o dissesse. A Ordem da Espada representava tudo que Ben não tinha direito de ser: nobre, honesto, livre da vergonha. Um campeão do povo. Graças ao Pacto de Oswin, ele fora obrigado a agir como a sombra que perseguia seus passos, que se aproveitava da fraqueza dos outros como um lobo faminto. Ele odiava demônios mais ainda por ter que trabalhar para um.

Ben tinha o coração de um cavaleiro. Era uma crueldade especial, pensava Eda, ser transformado no monstro que nasceu para derrotar.

Quando Oswin morreu, Ben arranjou todo trabalho que conseguiu para alimentar os irmãos. Seu cargo atual como chefe da estrebaria das Espadas talvez fosse o mais perto que ele chegaria. Gostava de cavalos, e o pagamento era justo, mas ele certamente só o fazia para se castigar. Ver aqueles homens e mulheres de armadura reluzente passarem, dia após dia, enquanto ele limpava a sujeira das montarias…

Ainda assim, o cargo trazia dinheiro, e trabalhar para as Espadas fazia com que Ben não levantasse suspeitas. Nenhum mero cavalariço teria um trabalho paralelo de agenciador de almas bem debaixo do nariz da Ordem. Pelo menos era o que imaginavam.

Eda desceu do balcão onde estava sentada.

— Esse bispo é diferente dos anteriores. A Ordem da Fé sempre denunciou Blackbridge como a cidade mais depravada de Wesland, e agora finalmente vai tentar limpá-la. Não podemos ficar parados, esperando que desistam. Nem sabemos quando será esse Conclave, e a colheita do outono é daqui a três semanas.

— Você sugere que a gente continue agindo normalmente? É só questão de tempo até sermos pegos. Não podemos espalhar por aí onde firmar Pactos se as Espadas estiverem buscando informações com tanto afinco. Vão aumentar o valor das recompensas, e o bispo já está atiçando o fervor religioso…

— Há um motivo para você escolher alvos com tanta cautela. São pessoas que querem muito mais o Pacto do que qualquer valor irrisório que as Espadas poderiam oferecer por informação. Só precisamos de mais *um*, talvez dois.

— Não vou discutir com você.

Ela cerrou os punhos.

— Bom, mas eu vou discutir com *você*. Lawrie?

Lawrie permaneceu em silêncio, como ela já esperava. Era uma cena repetitiva: Ben rosnava, Eda gritava e Lawrie ficava observando a briga, pedindo por paz. Não a incomodaria, se não fosse pelo fato de que a mediação de Lawrie invariavelmente envolvia tomar partido de Ben. Era mais fácil apaziguar Eda do que desafiar o irmão mais velho que ele tanto admirava.

Ela não estava apaziguada.

— Você conhece os termos. Se não trouxermos os cinquenta anos do sr. Night a tempo da colheita de outono… — disse ela, com a voz trêmula. — Ele nos *matará*, Ben.

O silêncio era sufocante.

— Talvez… — começou Lawrie, e pigarreou. — Talvez possamos concluir por nós mesmos, se necessário. Dez anos, divididos entre nós três… Não é tão ruim, é?

Eda levou um momento para compreender. Depois, soltou uma gargalhada esganiçada.

— Fala sério.

— Ele está certo, Eda — disse Ben, olhando para o chão, cerrando os dentes. — Seria a última opção, mas é possível.

— Opção? — perguntou ela, alternando o olhar entre os irmãos, cada vez mais tentada a arremessar aquele pavão miserável na cabeça dura deles. — Que *opção* é essa? Já demos inúmeros anos de serviço ao sr. Night, graças a Oswin, e agora você quer que a gente dê ainda *mais*…

— Não envolva nosso pai nessa história — retrucou Ben. — Eu não pediria isso de você, de qualquer modo. Lawrie e eu assumiríamos a responsabilidade.

Ele falou como se já estivesse decidido. Eda quase engasgou de fúria.

— Vocês… *o quê*? Você enlouqueceu? Eu nunca deixaria vocês assumirem minha parte desse fardo. Nunca. Além do mais, é uma ideia ridícula. Nós *não*

somos acordeiros.

— Chega! — exclamou Ben, os olhos brilhando em alerta. — Vamos nos esconder e pronto. Estou fazendo isso para proteger você.

— Você está fazendo isso porque precisa *controlar tudo*! — gritou ela, apontando o dedo em riste para Ben, a indignação se alastrando como um incêndio. — Se me deixasse *ajudar* mais, já teríamos quitado a dívida há anos!

— Você acha mesmo que o sr. Night nos libertará, mesmo que receba seus anos preciosos? Você se esqueceu, Eda, de que há sempre um truque. Ainda temos o espelho no porão. A entrada dele no nosso mundo. Acha que ele simplesmente deixaria a gente se livrar disso?

— Ele não tem interesse em nos fazer de prisioneiros…

— Ele é um *demônio*! — vociferou Ben. — Você é tão burra assim, porra?

Lawrie perdeu o fôlego. O choque gelado atingiu Eda como chuva.

Ben nunca falava assim com ela.

Eles se encararam. Após um silêncio tenso, Eda recuperou a voz.

— Sou esperta o bastante para saber que não sobrou nada de bom nesta cidade. Você não vai precisar se preocupar comigo por muito tempo, Ben. Quando cumprirmos nosso Pacto, eu vou embora.

Ela subiu a escada a passos pesados. Lawrie a chamou. Eda o ignorou. Detestava a ardência juvenil nos próprios olhos, a dor arranhando a garganta. Impediu as lágrimas de caírem até entrar no quarto e bater a porta.

Eda tinha sono inquieto. Na maioria das noites, ela saía de fininho pelo corredor para buscar um copo d'água de madrugada.

Talvez fosse por isso que ele soubesse onde esperá-la.

Os aposentos dos Shaw ficavam no andar de cima da loja. A copa apertada era ligada a uma sala de estar pequena e bagunçada que parecia mera extensão do caos do térreo. Eda frequentemente tropeçava nos livros e cacarecos que Lawrie largava por lá.

Dessa vez, ela só tropeçou porque o sr. Night estava sentado diante da lareira.

— Boa noite, Eda — disse ele, inclinando a cabeça. — Ou, melhor, *bom dia*.

As chamas crepitavam alegremente, reavivadas das brasas frias. O sr. Night estava sentado no banco acolchoado que eles costumavam usar; ele fez um gesto para que Eda se aproximasse. Ela sentiu a boca seca. Podia contar nos dedos as vezes em que ele aparecera sem ser convocado.

Na noite do enterro do pai — disso ela se lembrava bem. O sr. Night nunca

combinara de proteger Oswin da doença natural que o levara rapidamente. Depois do sepultamento, o demônio veio visitá-los.

Talvez ela fosse jovem demais para compreender o perigo, ou o peso do dia tivesse esgotado seu bom senso. De todo modo, Eda vira o sr. Night se sentar na beira de sua cama e sentira apenas um incômodo momentâneo. Rouca, dissera:

— Só estou chorando porque não sei o que vamos fazer. Não estou triste porque ele morreu. Deveria estar, mas não estou.

O demônio simplesmente sorrira e secara a lágrima que escorria pelo rosto dela.

— É sábio da sua parte poupar seu luto para alguém mais digno, querida Eda. Agora, durma. Vai ficar tudo bem.

Eda, aos sete anos, chorando de desespero por um pai que não tinha, apertou as cobertas e sussurrou:

— Promete?

— Tenho certeza.

Agora sou uma mulher, e ele continua igual.

Ela se sentou ao lado dele, mantendo uma distância saudável.

— Eu não esperava vê-lo tão cedo.

— Realmente. Não gosto deste seu mundo mortal. Tanto barulho, tanta bagunça. Porém gosto de conversar com *você*, minha cara.

Sentado com as mãos cruzadas no colo, ele se virou para Eda. Havia algo artificial na postura, como alguém que posa para um retrato. O cheiro dele era invernal e antigo.

Ela escolheu bem suas palavras.

— Sobre o que deseja conversar?

— Sobre o nosso Pacto, é claro. Eu fui sincero. Vocês deveriam ficar aliviados com a liberdade tão próxima. Mas o caro Benjamin é tão sisudo. Ele desconfia de mim, embora eu nunca tenha agido com falsidade — disse ele, semicerrando os olhos prateados. — *Você* desconfia de mim?

Eda relembrou as lágrimas que o sr. Night secara quando ela tinha sete anos. Da presença constante dele em toda sua vida, visível ou oculta. Ele era aterrorizante. Era perigoso. Detinha sua vida na palma daquela mão pálida e cruel.

Fora os irmãos e a loja, ele era a única constante que ela conhecia.

— Talvez eu deva — afirmou ela, olhando para as labaredas que dançavam na lareira. — Ben acredita que você pretende nos enganar.

— Benjamin é tolo. Você não é — disse ele, e o elogio a aqueceu. — Você vê a avareza e o egoísmo dos homens como eu vejo, Eda Shaw. Seus irmãos e

todo o resto desdenham da minha espécie, mas anseiam por nossos dons, por nosso *poder*. Hipocrisia é da sua natureza. Assim como a atração por coisas preciosas é da minha — continuou ele, com uma aparência abstrata à luz alaranjada e nebulosa. — E não há nada mais precioso do que o tempo.

Era por isso que ele nunca parecia envelhecer. Demônios tiravam anos de vidas mortais para estender a própria. *E quando concluir nosso Pacto, o sr. Night não terá quem lhe traga anos de mãos beijadas*. Ele não precisara mexer um dedo nas últimas duas décadas; será que abriria mão daquela mordomia tão tranquilamente?

— O que vai acontecer quando quitarmos nossa dívida? O Portal continua aqui. Você… espera que continuemos cuidando dele?

As palavras saíram arrastadas como melaço de tanta relutância que Eda sentia em pronunciá-las.

— Não tenho expectativas além do cumprimento do Pacto de seu pai. Traga-me esses dez anos, e sua vida lhe pertencerá.

Eda mordeu o lábio. Logicamente, não havia motivos para confiar no sr. Night, embora ele nunca tivesse feito nada para merecer desconfiança além de ser o que era. Por que deveria se ressentir *dele*, sendo que quem os colocara nas garras do sr. Night fora seu próprio pai? Apesar de todo seu poder terrível, de todos os anos que ele roubara, Eda podia confiar em sua natureza egoísta. Exigir o que lhe deviam, e mais nada.

Humanos, Eda descobrira, raramente eram tão diretos.

— Um novo clérigo chegou na cidade, está em busca de pessoas como nós. Ben e Lawrie não querem mais caçar alvos. Eles acham que isso acabará a tempo da colheita, mas…

Ela não podia dizer. *Mas se não acabar, você nos matará.*

Ela queria que o sr. Night lhe dissesse que nunca faria isso, independente do combinado. Entretanto, era fácil imaginá-lo olhando para ela com aqueles olhos penetrantes e dizendo *Trato é trato*, como se a vida dela não valesse nada. Talvez não valesse mesmo. Para ele, esses vinte anos deviam ter passado como vinte minutos. Que cuidado ele teria por uma conhecida tão efêmera?

Eda queria que ele se importasse. Ela era louca, provavelmente — devia ter algo muito errado em sua matéria cinzenta —, mas não tinha o que fazer. Os irmãos dela o odiavam e o temiam, então o sr. Night não pensava em procurá-los. Entretanto, em Eda, ele encontrara uma escuta ativa. Uma garota ao mesmo tempo assustada e fascinada pela criatura de outro mundo. Ele a observara crescer, e ela o observara também, aquela estranha sombra de homem. O sr. Night era generoso com ela quando Ben a criticava, e a encorajava quando Lawrie

duvidava. Ele a escutava. Ele a *conhecia*, às vezes até melhor do que os próprios irmãos. Com certeza mais do que Oswin jamais a conhecera.

O sr. Night não era da família. Eda tentava entender o que isso dizia sobre ela, que ansiasse por seu favor como se fosse.

— Não quero esperar por meus irmãos — admitiu. — A hesitação de Ben pode nos condenar. Eu poderia encontrar um último Pacto, sei que sim.

O sr. Night se aproximou. Eda prendeu a respiração quando ele ajeitou o cabelo dela para trás do ombro.

— Faça isso, querida Eda, e viverá livre do medo. Você é mais do que capaz. Eu nunca duvidei de sua habilidade — disse ele, sua voz num sussurro. — Nunca duvidei de você.

Ela o observou. Os pensamentos mais cruéis de Eda frequentemente ecoavam a voz do sr. Night — talvez por ele expressar seu desdém tão abertamente, e por ela temer que aquilo se voltasse contra ela. Entretanto, isso tornava a aprovação dele ainda mais inebriante. Ele estava certo: Eda era tão afetada pelo acordo do pai quanto Ben e Lawrie. Tinha direito a agir. Se esconder para evitar a forca fazia sentido, mas do que adiantaria se o sr. Night os executasse de qualquer modo?

Dos males, o menor…

Eda o encarou.

— Você tem tanta confiança.

Ele sorriu, feroz.

— Eu tenho *certeza*.

Passaram-se dois dias até que ela tivesse coragem de agir.

Procurar possíveis acordeiros sempre fora tarefa de Ben e Lawrie, mas Eda conhecia a rotina dos irmãos. Sabia como as coisas funcionavam.

Primeiro e mais importante: esconder a identidade.

Ela franziu a testa para o espelho. Como o quarto era no sótão, a parede se inclinava, deixando pouco espaço para recuar e examinar a roupa, mas acabou dando um jeito. Pegara uma calça suja de Lawrie do cesto, que ele não daria falta, e enrolou a barra três vezes. Vestiu também um dos gibões antigos de Ben, que ele lhe dera anos antes; não era o modelo mais elegante, mas a aquecia. Por último, vinha a capa de lã. Era uma peça marrom sem graça, com barra comprida e capuz largo. Ela se cobriu para avaliar o efeito da roupa.

Estava discreta e quase disforme. Duvidava que até a enxerida da Ferelith Dunn, do outro lado da rua, a reconheceria.

É o melhor que dá.

O disfarce era mera precaução. A chance de alguém conhecê-la além do bairro de Crowgate era baixa. No entanto, Ben e Lawrie nunca se arriscavam. Ela tampouco se arriscaria.

Eda saiu para o corredor. Esperou para escutar qualquer barulho que viesse do outro lado da porta do quarto que os irmãos compartilhavam. Eles estavam acostumados ao rangido do piso de madrugada — devido às visitas regulares dela à copa ou ao banheiro —, mas, ainda assim, deu os passos mais leves que conseguiu. Ben tinha ouvidos de morcego e parecia bastante atento ao paradeiro dela ou a qualquer possível delito. Imagine a cara que o irmão faria quando dissesse que a dívida estava quitada! Precisaria admitir que ela estava certa. Finalmente.

Na loja, apenas o luar refletido nas poças da rua iluminava seu caminho. Ela procurou as chaves atrás do balcão e abriu a porta.

Clique.

Eda ficou paralisada, mas, quando ninguém veio investigar, pegou um banquinho. Subiu e, com cuidado, enfiou o lenço no sino de latão da campainha, amarrando o badalo. *É bom que funcione.*

Ela desceu e, muito, *muito* devagar, girou a maçaneta.

A porta se abriu. O mecanismo balançou o sino, mas apenas um baque abafado se seguiu. Ela suspirou. Levantando o capuz, saiu e trancou a porta.

Era hora da próxima etapa: buscar uma área viável.

Em Blackbridge, não faltavam lugares assim. Tabernas escusas, antros subterrâneos — qualquer canto em que os desesperados e desamparados se escondiam como ratos. Ben e Lawrie conheciam a maioria dos estabelecimentos. Eda se lembrou de um em específico, ao sul do rio, no limite entre Crowgate e o bairro vizinho de Gaffham. Enquanto Crowgate tinha seus lados bom e ruim, Gaffham era péssimo, abrasivo como a pele de um tubarão. Onde quer que os irmãos tivessem achado Bartholomew, certamente não era ali. Nobres entediados frequentemente passavam pela porta dos Shaw, atraídos por curiosidades ecléticas que pudessem distraí-los momentaneamente, mas a maioria dos acordeiros era pobre.

Para os depauperados de Blackbridge, havia apenas duas opções: vender o corpo ou vender a alma. Era fácil abrir mão de anos de vida quando não se sabia quanto ainda lhe restariam, de qualquer modo — nem o quanto valiam.

Eda passou por um beco estreito sob um antigo elevado. Viu pombos ao luar, as silhuetas escuras empoleiradas sob o telhado adornado. A cidade tinha inúmeras pontes, construídas por cima de brejos planos com tendência a encher. Eram raros

os edifícios que não fossem conectados por algum elevado ou passarela.

Ela fechou bem a capa.

Eda praticamente nunca saía tão tarde, então sentiu a diferença de imediato. Blackbridge ganhava *vida* à noite. Não era como o movimento vibrante do dia, mas como um bosque pululando de criaturas secretas e rastejantes que apenas a escuridão poderia revelar. Os prédios se apoiavam uns nos outros como bêbados, com vigas de madeira deformadas pelo tempo. Telhados escurecidos se misturavam ao céu noturno, onde pináculos afiados pareciam espetar a lua de outono. A cidade se erguia sobre tudo como uma onda sombria.

Eram poucas as chances de encontrar um acordeiro na primeira noite. Ben e Lawrie saíam quase todas as noites e ainda tinham dificuldade de encontrar uma pista promissora — às vezes levavam meses. Porém, ela precisava começar por algum lugar.

Eda evitou o olhar de vagabundos e desviou de dejetos descartados no chão. Um cachorro tremia próximo de uma porta. Alguém brigava, aos berros, do outro lado. Damas da noite reunidas ao redor de janelas engorduradas assobiavam para ela, um fedor enjoativo de rosas e cerveja azeda. Um homem cambaleava entre elas, e desviou o rosto de seios volumosos para encará-la. Eda apertou o passo.

Só mais um pouco…

Ela sabia que chegara a Gaffham quando atravessou a ponte arqueada sobre o Canal Leste. Água turva corria por baixo. Um marreco grasnou em algum lugar. Um grupo de homens arruaceiros cantava uma música a plenos pulmões, e os ecos reverberavam pelas paredes. Eda seguiu pela avenida. Algumas janelas eram iluminadas por velas, mas a maioria estava escura como piche. *Sei que fica por aqui, mas onde?* Quase na esquina da avenida, Lawrie dissera certa vez.

Eda virou a cabeça de um lado para o outro, até que, finalmente…

Ah.

Em uma rua estreita perpendicular, entre duas vitrines, uma larga placa de gesso era iluminada por uma lamparina pendurada embaixo. Havia a pintura de uma palma de mão fina erguida, como se estivesse em súplica. Eda se aproximou.

A Mão Retorcida.

Era ali.

Ela sentiu um arrepio. *Não desista agora*, pensou, *senão do que adiantou isso tudo?*

Respirou fundo.

Hora de encontrar um último Pacto.

Quatro

POR DENTRO, A MÃO RETORCIDA ESTAVA AGITADA.

O ar estava carregado de fumaça de cachimbo e gargalhadas retumbantes, e com o cheiro melado de cerveja barata. Eda abriu a capa para respirar melhor no ambiente abafado, mas não teve coragem de abaixar o capuz. Agora entendia por que Ben e Lawrie frequentavam aquele lugar. Era como um verdadeiro banquete de personagens excêntricos enchendo as mesas e o bar, muitos dos quais ela evitaria apenas com base nas aparências. Nenhum senhor ou senhora da nobreza chegaria perto daquele lugar. Pelo menos, não de forma escancarada.

Alguns olhares curiosos se voltaram para ela. A maioria das pessoas parecia discutir entre si ou estar mergulhada em seus canecos, olhando para o vazio com tristeza.

Preciso de uma bebida. Vai me ajudar a me misturar.

Eda se acomodou em uma banqueta instável ao bar.

— Com licença… uma sidra, por favor.

O barman grosseiro a olhou por um momento antes de pegar um copo.

Ela queria se dar um tapa. *Com licença? Ninguém aqui pede licença, sua boba.* Estava envergonhada demais para olhar nos olhos do homem quando ele lhe serviu a bebida, então escondeu o rosto com o copo e tomou um gole demorado. Tinha mais malte do que estava acostumada, e ela se perguntou se tinha sido diluída na cerveja, mas não poderia criticar a seleção limitada de bebidas da taberna de qualquer forma.

Eda olhou ao redor do salão.

A dois bancos de distância, um homem que fedia ligeiramente a peixe estava olhando para o caneco, deprimido, como se quisesse se afogar na bebida. *Talvez.*

Perto dali, alguns velhos se agrupavam ao redor de uma mesa, fumando cachimbo e discutindo. *Não. Despreocupados demais.* Duas mulheres carrancudas, com as mãos nodosas e maltratadas, estavam sentadas perto da janela. Elas riam de alguma coisa, arreganhando os dentes escurecidos. *Fofoqueiras. Arriscado demais.*

De repente, ouviu um grito de ultraje. Eda esticou o pescoço para olhar.

No canto, perto do fogo fraco da lareira, quatro homens rodeavam uma mesa coberta de cartas de baralho e copos derramados. Um deles se levantou tão rápido que derrubou a cadeira.

— Você é um trapaceiro sem-vergonha!

Um dos homens sentados levantou as mãos, sem nem disfarçar o sorriso convencido.

— Deu azar, parceiro. Não seja um bebê chorão!

Os outros riram.

O primeiro homem estava vermelho, rígido como uma tábua.

— Não posso perder isso tudo. É só o que tenho. Vai, vamos jogar mais uma rodada. Tenho um dente de ouro…

— Rá! — exclamou outro, careca que nem um recém-nascido, abanando a mão em sinal de nojo. — Não queremos seu dente podre, seu tonto miserável.

— É, eu estou satisfeito com o que ganhei.

O vencedor puxou uma pilha de moedas de cobre embaçadas e um cantil para perto de si.

— Eu… Vou arranjar outra coisa. Me deixem jogar de novo, amanhã eu trago o que devo pela aposta. Juro.

— Você está perdendo tempo. Já falei que *não*.

O tom da mesa mudou. As risadas cessaram. As calças deles eram limpas, e os corpos, parrudos de uma boa alimentação, notou Eda, ao contrário da maioria dos clientes. No entanto, estavam no mesmo buraco de Gaffham, brigando como cães famintos por carniça.

Por um momento, parecia que o perdedor estava decidido a continuar a discussão. Então os ombros dele murcharam. Ele recuou, quase tropeçando na cadeira.

— Filhos de uma égua.

— A porta da frente é serventia de casa!

A mesa irrompeu em zombarias.

O homem cambaleou até o bar. Parou, balançando. Mudou de ideia e seguiu para a porta.

O coração de Eda acelerou. Ela se virou para o barman e deixou uma moeda

de cobre na bancada.

— Obrigada.

O perdedor saiu tropeçando pela porta, deixando entrar um vento frio que fez as lamparinas a óleo tremularem. Ela segurou a porta antes de bater novamente e saiu às pressas.

O homem estava um pouco afastado do brilho da Mão Retorcida, agachado na rua com a cabeça entre as mãos, murmurando palavrões. Com o gibão largo e grosseiro que vestia, parecia menor. Vulnerável.

Eda criou coragem. Ela não podia se permitir sentir nada — nem culpa, nem pena. *Ele é só mais um alvo. Se negociar anos o suficiente, pode ser o último.*

— Quanto você perdeu? — perguntou ela.

O homem se virou abruptamente.

— Oi?

— Acabei escutando. Parece que eles deram uma surra em você.

Ele semicerrou os olhos.

— O que você tem a ver com isso?

— Nada. Mas… Posso oferecer um jeito de recuperar tudo que perdeu. E mais um pouco.

Ela pensou no sr. Night. Na confiança tranquila dele, na postura alta e resoluta com que se portava. Eda endireitou os ombros, tentando imitá-lo.

— Posso deixar você rico como um rei — insistiu. — Mais rico, até.

Ele bufou.

— Rá! Até parece. Conhece algum rei, por acaso?

— Conheço um demônio.

O sorriso do homem desapareceu, e ele a encarou.

Eda passou a mão no cabo liso da navalha no bolso do gibão. Esperava que não precisasse usá-la.

O desconhecido permaneceu calado. *Calma. Se controle.*

— Não precisa decidir agora, nem se comprometer. Mas, se estiver cansado de rastejar pela sarjeta sem um centavo, saiba que um pequeno acordo pode mudar tudo. Alguns anos em troca da vida que você quiser. De *tudo* o que quiser.

O homem repuxou a boca em uma linha fina. Olhou ao redor, mas a rua estava escura, vazia.

— Você é da Ordem da Fé?

O coração de Eda disparou.

— Não estou tentando passar a perna em você.

— Ah, é? E o que você ganha com isso, hein? Não vou te pagar nada. Não

tenho um puto no bolso, como você mesma insinuou.

— Não quero seu dinheiro. É vantajoso para mim de outros modos.

O homem se aproximou. Baixou a voz.

— E se alguém tivesse interesse… nisso. O que, hã… o que teria que fazer?

Ela reprimiu um sorriso. A esperança era inebriante; Eda tentou não deixar que estragasse sua compostura.

— Tem um lugar em Crowgate, perto do Canal do Santo, entre o cruzamento da feira e a Floricultura Ribeira. Um lugar onde vendem história.

Shaw Antiguidades era a resposta óbvia para qualquer ser pensante, mas pelo menos assim eles tinham como negar. Uma instrução vaga e enigmática não adiantava muito como prova para Espadas que acabassem por ouvir.

— Quando estiver pronto, basta ir a este lugar e citar uma frase específica. É…

— Não preciso disso — retrucou o homem, sério. — Já estou pronto.

Ela pestanejou.

— Quer dizer…

— Quero fazer isso logo. Firmar um *Pacto* — sussurrou ele, como se fosse uma praga, um tabu até de se pronunciar; ela supunha que era o caso. — Prove que não está só me enrolando. Me leve lá agora mesmo. *Cansei* de viver assim. Quero que acabe.

A mente dela estava a mil. Eda olhou bem para o homem, cambaleando de bêbado, e furiosamente tentou avaliar os riscos. Ele parecia sincero. Ela própria o vira perder o que restava do dinheiro.

Ele estava bêbado. Pobre. Desesperado.

Era perfeito.

O caminho de volta foi estranho.

Eda não parava de olhar para o homem que a seguia — Gregory, era como se apresentara —, temendo que ele fugisse noite afora. Que mudasse de ideia, ou chamasse alguém para prendê-la.

Ele não fez nada disso. Gregory parecia satisfeito em segui-la em silêncio, o que funcionava para Eda. Que tipo de papo furado se faria a caminho de negociar com um demônio, afinal? *O tempo está agradável neste outono, não é? Muito ameno.*

Enquanto o caminho até Gaffham parecera levar uma eternidade, cada minuto a esmagando como uma tonelada, a volta para casa foi rápida. Pensar em de fato fazer aquilo a preenchia de apreensão e entusiasmo ao mesmo tempo e, como

tudo que se teme, o ponto de virada parecia se aproximar às pressas. Em pouquíssimo tempo, eles chegaram à porta da Shaw Antiguidades.

Gregory observou a tinta verde-viva descascada, as elegantes janelas salientes e as letras douradas.

— É aqui?

— Fale baixo — chiou Eda, procurando as chaves. — Não diga mais nada. Se acordar alguém no segundo andar, isso vai acabar antes de começar.

Ela girou a maçaneta com cuidado e fez uma careta quando a fechadura estalou.

— O que foi, eles não sabem que tem um *Portal* dentro da loja?

— Fale. Mais. Baixo.

Ele bufou, achando graça. Ainda estava um pouco bêbado.

Talvez seja melhor assim. Ele poderia nem ter vindo se estivesse sóbrio.

— Só perguntei. Quem são, então? Mamãe e papai?

Eda parou. Olhou para ele.

— Por quê?

— Ué, me desculpe por ser educado!

Ela balançou a cabeça e empurrou a porta o mais rápido que ousava, chamando Gregory para entrar. O sino, para sua satisfação, não fez barulho quando ela também entrou e fechou a porta.

Ele parou no hall, olhando para todos os lados e admirando o labirinto de estantes, a coleção eclética de curiosidades transbordando dos cantos do cômodo. Ele sorriu e, com as mãos, indicou: *Belas tralhas!*

Eda revirou os olhos.

Ela apontou para o fundo da loja, passando pelas estantes. Gregory se virou e levantou a mão em sinal de concordância. Com o movimento, a manga dele deslizou. Algo refletiu um fio de luar antes de ele ser engolido pela escuridão.

Eda parou. O coração dela acelerou.

Cota de malha.

Não. Ela só estava tensa, se precipitando a conclusões absurdas. Podia não ser nada. Uma pulseira de prata, talvez.

No braço de um homem que supostamente não tem mais um tostão.

Os pensamentos de Eda deram voltas, ainda mais rápidos do que os batimentos. Ele perguntara quem estava em casa. Por quê?

Aquela voz de alerta, que tanto soava como a de Ben, chiou: *Ele quer saber que tipo de proteção você tem.*

Homens pobres em mesas de jogatina não usam cota de malha. Nenhum

cidadão comum tinha acesso àquilo, muito menos motivo para vesti-la. Será que ele estava mesmo bêbado? Eda se deu conta de que não vira Gregory tomar nenhum gole de nada na Mão Retorcida. Ele não cheirava a álcool. O grupo que o acompanhava… ninguém bebera também. Todos estavam limpos, alimentados. Ela notara, e *mesmo assim* não considerara o que podia significar.

A possibilidade assobiou em seus ouvidos como uma lufada de vento.

Uma Espada.

Ela não fazia ideia de que eles agiam assim, à paisana.

Ele vai perceber que não fui atrás. Vai perceber que algo está errado. Atordoada, Eda seguiu Gregory, caminhando entre as estantes. Desesperada, ela pensou no que fazer, como escapar daquilo, como se livrar da situação. Ela poderia estar equivocada, mas, se não estivesse… *santos do céu*. Ben e Lawrie estavam dormindo lá em cima; eles não faziam ideia…

Calma. Desta vez, a voz deslizava como manteiga e era sombria como açúcar queimado. Ela imaginou olhos astutos e gélidos. *Você sabe exatamente o que fazer.*

Eda olhou para as estantes, praguejando por conta de sua visão limitada. Uma arma. Ela se sentiria melhor com algo mais substancial do que sua pequena navalha, caso fosse necessário.

Eda tateou os itens na prateleira mais baixa, desesperada. *Ali!* Um atiçador de uma coleção do meio do século que Lawrie mantinha cuidadosamente arranjada como flores em um vaso. Ela reconheceu sem conseguir ver o desenho rebuscado no escuro. Eda puxou o atiçador e o escondeu às costas.

Na curva seguinte, viu a silhueta escura de Gregory diante do alçapão, à espera. Ele virou a cabeça.

— Por que tanta demora?

Ela achou que a disposição dele a firmar um Pacto era mera ousadia de bêbado. Talvez não passasse de fingimento. Uma armadilha na qual ela havia caído.

— Perdão.

O coração dela acelerou. *Bata nele*, sussurrou, urgente, a voz aveludada. *Bata nele agora, enquanto está distraído.*

Ela não conseguia discernir a expressão de Gregory.

— Fica aqui, né? — perguntou ele. — O espelho?

Eda ficou paralisada. Apertou o atiçador com a mão fria e suada. Pouquíssimas pessoas sabiam como eram os Portais, e ela nunca mencionara um *espelho*. Não para ele.

— Eu… preciso da chave. Ainda está na entrada. Com licença…

Ela se virou. Precisava acordar Ben e Lawrie. Não podia atacá-lo assim, sozinha. Não se tivesse alguma chance de estar equivocada.

Passos a alcançaram correndo.

Eda girou, alarmada. Então, atacou.

Gregory foi mais ágil. Agarrou o braço dela, bloqueando o golpe. O luar tênue brilhava em seus olhos quando ele indicou o atiçador, preso entre os dois como uma espada.

— Isso não foi muito gentil da sua parte.

Então, ele deu um soco no rosto dela.

Cinco

A CABEÇA ZONZA DE EDA SÓ TINHA ESPAÇO para dois pensamentos. Primeiro: levar um soco *doía para caramba*. Segundo: ela precisava fugir. Imediatamente.

Ignorando a dor ardida na boca — ele cortara o lábio dela —, Eda se debateu para se levantar. Gregory avançou em sua direção. Quando inspirou para gritar, o homem apertou seu pescoço.

Ele brandiu o atiçador em ameaça.

— Se fizer qualquer barulho, vou estourar seus miolos.

Eda não conseguiria gritar nem se tentasse. Ele era surpreendentemente pesado, provavelmente por conta da cota de malha agora visível sob o colarinho. Seus olhos se encheram de lágrimas, medo e raiva disputando o domínio. *Ben está certo. Eu sou burra.*

— De pé.

Gregory a levantou com um solavanco. Apertando o pescoço dela com o atiçador, ele tirou do bolso do casaco uma adaga fina de liga de prata que cintilava nas sombras. O coração de Eda batia tão forte que ele provavelmente conseguia sentir.

— A chave está na recepção, certo? Está falando a verdade? — perguntou, roçando a lâmina no braço dela. — Não me faça procurar.

— No bolso — engasgou ela. — Bolso direito.

Ele tateou, à procura. Eda enfiou a mão no gibão e puxou a navalha escondida.

Gregory soltou um grunhido de raiva.

— Não tem nada aqui, sua…

A navalha perfurou a coxa de Gregory que nem um espeto de carne. Ele

berrou. Eda girou a faca, fazendo uma careta. A força do braço dele vacilou, e ela aproveitou para dar uma cotovelada em seu rosto. Ele caiu para trás.

— *Ben!* — berrou, disparando entre as estantes. — *BEN!*

A Espada correu atrás dela. Eda derrubou um vaso de pedra e deixou que rolasse no caminho.

— Pare! — urrou ele. — Você está sendo detida por suspeita de agenciamento de almas pela Ordem da Espada…

Eda não escutou Ben em meio à algazarra, mas, de repente, o irmão apareceu. Ele a segurou enquanto Eda corria entre as estantes em direção à entrada. Parou apenas por um momento para equilibrá-la, e então avançou rapidamente pelo caminho que havia tomado. Ben estava descabelado de sono, ainda de pijama, mas sua expressão era rígida como pedra. Horrorizada, Eda o viu marchar em silêncio na direção da Espada.

Gregory parou. Ergueu a faca.

— Pare bem aí!

Ben puxou outro atiçador da mesma coleção em que Eda pegara um, sem sequer vacilar no passo. A Espada pareceu ter notado o perigo que corria, porque puxou desesperadamente um apito pendurado no pescoço. A loja foi preenchida por uma nota aguda e penetrante, tão alta que despertaria o quarteirão inteiro. Ele apitou de novo.

O atiçador acertou a cabeça dele. O pescoço de Gregory foi jogado para trás. Ele cambaleou, brandindo a faca sem rumo.

Ben o golpeou novamente. Sangue jorrou. Gregory caiu, mas Ben continuou a bater sem parar com o atiçador. Os golpes eram tão fortes que os músculos das costas dele saltavam como os de um cavalo de tração. *Paf, paf, paf.* As pernas da Espada tremeram. Pararam.

Eda não conseguia distinguir muito no escuro, mas viu o suficiente. Ela gemeu e se apoiou na estante.

Lawrie surgiu de repente, passando os braços ao redor dela. O cheiro familiar de tinta e pergaminho encheu seu nariz.

— Edie! Tudo bem? O que houve?

Sangue manchava as linhas da palma dela, Eda percebeu, atordoada. Havia esfaqueado Gregory.

Gregory, que agora estava morto no chão deles.

Eda se ouviu gaguejar. Sua voz estava pastosa, carregada de lágrimas contidas. Era impressionante que Lawrie conseguisse entender uma palavra.

— … e aí ele me bateu. Eu tentei escapar…

Ben apareceu, segurando o rosto da irmã para fazê-la olhar para ele. Sangue salpicava seu queixo.

— Eda, me escute. Tem Espadas lá fora, e logo entrarão aqui. Você está com a chave do porão?

Foi só então que Eda percebeu: as silhuetas escuras se aglomerando do outro lado das vitrines. *O apito. Foi um sinal.*

Ela não sabia que a Ordem agia fora das patrulhas fardadas. Eram devotos a cumprir seu lema: *Na luz servimos, por honra defendemos.* As Espadas não eram uma facção que rastejava nas sombras e na dissimulação. Aquilo era indigno deles, e por isso os Shaw escolhiam tranquilamente manter-se abaixo deles.

Porém algo mudara.

— O bispo — murmurou Eda. — O bispo da capital…

A porta tremeu nas dobradiças.

— A chave, Eda!

Bang.

— De… debaixo do balcão.

Lawrie correu para pegá-la. Ben puxou Eda por entre as estantes, ignorando o cadáver estirado no tapete. Ela quase tropeçou no corpo, no *homem*. A cabeça estava arrebentada, irreconhecível. Manchas vermelhas e volumosas. Carne macia sob suas botas. Ela tentou não vomitar.

Ben vomitara.

— Ben. Perdão. *Mil* desculpas.

Ele não disse nada até chegarem ao alçapão.

— Agora não importa mais. Fique calma.

Eda assentiu, o desespero a consumindo por dentro. *Isso não pode estar acontecendo. Não agora, não depois de tantos anos.*

Lawrie voltou correndo. Com as mãos trêmulas, destrancou a fechadura. O alçapão se abriu no mesmo instante em que um estrondo reverberou pela loja. Vozes gritaram ordens. O barulho de muitas pessoas se espalhando pelo salão: passos pesados, espadas sendo puxadas da bainha.

Os Shaw se encolheram no porão. Lawrie tentou trancar a porta atrás deles, atrapalhado. Estava um breu.

— Não estou achando a fechadura. Não consigo!

Um ruído de movimento, e uma chama baixa ganhou vida nas proximidades. Ben encontrara os fósforos que guardavam debaixo da arandela. Com as mãos firmes, acendeu a vela seguinte.

— Tente de novo.

Lawrie tentou, o rosto aterrorizado lembrando uma caveira enquanto passos vibravam no assoalho do outro lado. A fechadura trancou com um estalo logo antes de alguém tentar girar a maçaneta. O alçapão balançou violentamente.

— *Eles estão aqui!*

Lawrie a arrastou pela escada sinuosa. As pernas de Eda tremiam incontroláveis, a cabeça zumbindo como se houvesse um enxame de abelhas furiosas. *É tudo culpa minha.*

Grunhindo, Ben puxou uma grade de metal embutida no chão. O acesso ao esgoto. A maioria das construções de Blackbridge tinha um bueiro como aquele no térreo, com espaço para uma única pessoa e uma fileira estreita de apoios para trabalhadores descerem.

O plano era o mesmo havia anos. Se as coisas dessem errado — se fossem descobertos e não tivessem aonde ir —, aquela seria a rota de fuga. O sistema de túneis subterrâneos de Blackbridge era imundo e perigoso, mas qualquer coisa era melhor do que serem capturados pelas Espadas.

— Entre, Eda.

A voz de Ben não permitia discussão.

Ela se aproximou do bueiro, ainda pensando freneticamente.

— Podemos usar o espelho, invocar o sr. Night. Ele pode nos proteger…

— *Não* repita esse nome. Somos nós por nós. Agora desça!

Ela não ousou retrucar. Apesar da fúria ardente, Ben segurou a mão da irmã para ajudá-la a descer no buraco e tatear em busca dos apoios. O pânico a deixava mais desajeitada, mas ela conseguiu se abaixar ali até apenas a cabeça continuar exposta. Um fedor úmido e fétido a envolveu. Os apoios eram gelados.

Acima deles, algo arranhou a porta. Lawrie engoliu em seco.

— Estão arrancando as dobradiças.

— Eu sei. Entre logo no bueiro. Abra espaço para ele, Eda.

Ben se posicionou no centro do espaço. Às costas dele, a luz alaranjada das arandelas era refletida pela superfície lisa e oleosa do Portal.

Eda percebeu que ele ainda empunhava o atiçador, erguido como uma espada.

— Ben? O que você…

Bang. O alçapão rangeu dolorosamente ao ser arrancado do batente.

O coração dela foi parar na boca.

— Ben!

Ele não a olhou de volta. Manteve-se parado e estoico, como um soldado diante de uma horda invasora. A raiva e o medo sumiram, dando lugar a uma máscara de determinação sombria.

— Tem um acesso que os trabalhadores nunca trancam, lembra? Siga por lá, no sentido leste, pelos túneis, até encontrar outro bueiro. Saia de Blackbridge.

Bang.

Lágrimas embaçaram a visão de Eda.

— Ben.

Lawrie se agachou e acariciou a bochecha dela.

— Faça o que ele mandou. Você sairá dessa, Edie, mas tem que ir *já*.

Ele empurrou o ombro da irmã, forçando-a a descer pelo túnel.

Eda arranhou o chão para se segurar, assustada.

— Não, Lawrie. Não! Eu *não vou* deixar vocês aqui! Olhe, eu vou descer, espere só um segundo… só…

O alçapão foi aberto com um estrondo terrível.

Lawrie arrastou a grade do bueiro, obrigando-a a se abaixar para não bater com o rosto. Eda gritou, esticando a mão entre as grades.

— Shhh — sibilou ele, curiosamente calmo, enquanto passos retumbavam na escada. — Se você nos ama, vai fugir. *Não* volte. Combinado?

Eda só conseguiu encará-lo, horrorizada. Ele roçou os dedos nos dela antes de se levantar.

Ben atacou a primeira Espada, acertando-o no pescoço. Foi tudo o que conseguiu fazer antes de mais dois soldados avançarem na direção dele e o empurrarem brutalmente para o chão. Com o rosto esmagado no piso, ele olhou nos olhos da caçula por um instante. Eda viu seu alívio por ela não ter sido notada.

Lawrie socou um dos guardas que segurava Ben; ele foi rapidamente retribuído com um punho de Espada no rosto, e derrubado de joelhos.

Eda se agarrou na grade. Lágrimas escorreram pelo rosto dela. *É minha culpa, é minha culpa, é minha culpa.*

Eram cinco Espadas no total, e mais uma sexta acima dela na escada; Eda espreitou pelas frestas entre os degraus e viu a capa vermelha e as botas de couro pesadas. De repente, a pessoa se afastou.

Outro par de pés surgiu — mais finos, de passo leve. Eda observou, aterrorizada, os pés esguios atravessarem a escada devagar. Os irmãos foram levantados à força. Ela viu a expressão de ambos mudar antes de também vislumbrar o recém-chegado.

Uma silhueta magra e angulosa emergiu à luz do fogo. O cabelo ruivo reluzia entre as sombras. O coração de Eda doeu.

— Ora ora — disse o bispo Florian Fane —, o que temos aqui?

Seis

As Espadas acenderam todas as arandelas. O porão se encheu de luz. Eda se encolheu, com medo de alguém vê-la, mas os cantos do ambiente eram escuros, e a escada acima do bueiro a protegia. Deveria ter ido embora.

Mas seus pés se recusavam a se mexer.

Eda tinha que saber o que fariam com eles. Tinha que *ver*.

Florian Fane se aproximou dos irmãos com as mãos cruzadas. Eda o achara bonito da primeira vez que o vira. Ali, contudo, sua presença apenas a deixava enjoada. *Por quê? Por que você está aqui?* Ele era um bispo, um clérigo de posto alto demais para comandar pessoalmente detenções daquele tipo.

— Permitam-me uma apresentação adequada. Meu nome é Florian Fane, e acabo de ser nomeado bispo aqui em Crowgate. Já tive o prazer dúbio de conhecer o sr. Lawrence Shaw. Porém, não conheço o senhor Shaw mais velho. Benjamin, não é?

Os cachos castanho-claros de Lawrie cobriam seu rosto, mas Ben encarou Fane sem hesitar. O espelho atrás deles era uma presença sinistra e maldita.

— Perdoe-me o linguajar, padre, mas, por favor, pare com essa merda. Vai nos prender ou não vai?

Uma das Espadas que o segurava ergueu o punho; Fane o dispensou com um gesto.

— Não precisa disso, obrigado. Embora o sr. Shaw não mereça tamanha misericórdia, considerando a bagunça horrenda que causou lá em cima — comentou, apontando para a camisa ensanguentada de Ben. — *Foi* o senhor, não foi?

Ben não respondeu. Fane se virou para a Espada na escada.

— Jessen. Procurou em todos os cômodos?

— Sim, padre. Não há mais ninguém em casa.

— Hm — murmurou Fane, e se virou para os irmãos. — Onde está a srta. Eda Shaw?

O sangue de Eda latejou na cabeça.

— Ela não está aqui.

— Então onde está?

A pergunta não teve resposta. Fane suspirou.

— Certo. Sr. Jessen, por favor.

Jessen proclamou, em seu timbre grave:

— Lawrence e Benjamin Shaw. Vocês foram encontrados em posse de um artefato demoníaco e, portanto, estão detidos por suspeita de assassinato e de agenciamento de almas. Serão levados daqui para aguardar julgamento.

Julgamento, pensou Eda, atordoada. *Não tem julgamento nenhum.* Acusados de assassinato poderiam escapar da forca, caso a defesa jurídica fosse boa o suficiente, mas se algum condenado por agenciamento de almas tivesse sido libertado do carrasco, ela nunca ouvira falar. Todas as histórias acabavam do mesmo jeito.

As Espadas levaram os irmãos dela embora, arrastando-os sem cerimônia. Eda precisou de todas suas forças para não gritar por eles, para não pular do bueiro e correr para socorrê-los. Ela queria arranhar as Espadas que os seguravam. Arrancá-los dali, berrar de fúria. No entanto, o bom senso a manteve firme no lugar. Se ela se revelasse, seria capturada da mesma forma.

Não podia fazer nada além de observar.

— Eu aconselharia deixar o cômodo até mais Espadas chegarem, padre. O espelho é perigoso.

— Não se preocupe com minha segurança, sr. Jessen. Embora sua Ordem certamente seja especialista na área de controlar o demoníaco, nós, Fiéis, também temos nossas proteções. Eu gostaria de um momento a sós para abençoar o Portal.

— A comandante Tenelle insistiria…

— Jessen — disse Fane, e seu sorriso se retesou. — Tenelle não está. Um momento, por favor. Venha apenas se eu chamar.

Passos arrastados.

— Sim, senhor.

O alçapão se fechou quando Jessen saiu.

Eda franziu a testa. As Espadas não eram apenas um braço militarizado da Ordem da Fé; somente elas tinham as armas e o treinamento adequados para enfrentar demônios. Um bispo não tinha motivo para ser deixado a sós com um

Portal, mesmo que para uma simples bênção. Entretanto, ele não tinha sido impedido.

Fane observou o espelho em silêncio. Ele usava a mesma roupa que ela vira no templo: uma batina branca limpa com detalhes em ametista e dourado. Faltava apenas a capa do conjunto.

Após um momento, ele se aproximou do Portal.

O bispo Florian pressionou a mão na superfície preta e insondável do espelho. Ele usava um anel de ouro no dedo do meio, brilhante à luz das arandelas.

— Demônio — sussurrou ele. — Eu o invoco.

O rosto dela gelou. *Ele invocou o sr. Night.*

A superfície do espelho ondulou, reluzindo como óleo. Nas sombras bruxuleantes, os diabretes sorridentes e os cavalos aos urros da moldura pareciam se mexer e respirar, como se estivessem vivos. O bispo mal teve tempo de recuar antes que o sr. Night atravessasse o espelho.

Eda já tinha visto muitas emoções passarem pelo rosto do demônio ao longo dos anos: irritação, desprezo, humor. No entanto, nunca o vira *furioso*.

Era difícil encarar aquela imagem. Os olhos do sr. Night não estavam mais prateados; agora, eram de um laranja ígneo, como a lava vulcânica que formara seu Portal. A carranca em seu rosto era puramente maléfica. Ao lado do corpo, as mãos cerradas lembravam garras.

Eda se sobressaltou.

Eram garras. Pálidos e finos como sempre, os dedos do sr. Night agora terminavam em garras brancas e compridas, afiadas como um bisturi.

— Quem — chiou o demônio — é você?

Fane demorou um pouco para se recompor.

— Meu nome é bispo Florian Fane. Eu sou um clérigo da Ordem da Fé, serviçal do Senhor. E desejo barganhar com você.

Eda quase se desequilibrou. *Um Pacto. Um clérigo da Fé veio firmar um Pacto.* Parecia o começo de uma piada de mau gosto.

O sr. Night não se abalou.

— Os Shaw protegem este espelho por minha vontade. O Pacto deles os prende a mim. Onde estão eles?

— Eu os prendi.

As arandelas tremularam em ultraje. O sr. Night avançou, ameaçador, e Fane acrescentou, às pressas:

— Por enquanto, eles estão ilesos. Seu Pacto com os Shaw… imagino que eles forneçam anos? Independente do que estejam jurados a oferecer, eu posso dar

muito mais. Os anos da própria Blackbridge — declarou, o tom se erguendo, arrogante. — Posso oferecer as almas de toda uma cidade.

Eda ficou paralisada. O coração em seu peito pesava como uma pedra.

A carranca do sr. Night se desfez em uma expressão de curiosidade. Os olhos dele voltaram ao tom cinzento.

— Não posso firmar um Pacto que interfira com outro. Por mais… audaciosa que seja a oferta.

— Pode parecer audaciosa, mas é inteiramente possível. Quanto aos Shaw, foi necessário detê-los para evitar suspeitas sobre meu desejo de invocá-lo desta forma — afirmou Fane, inclinando a cabeça, mais confiante diante do interesse do sr. Night. — Este Portal está sob os cuidados da família há algum tempo, não? Quão perto estão de quitar o Pacto?

Por um momento, Eda não soube se o demônio responderia. Ele observava Fane como uma ave de rapina curiosa.

— Eles ainda devem dez anos.

— E quanto tempo ainda têm para trazer esses anos? Li muito sobre o assunto. Todo Pacto tem suas estipulações.

O sr. Night começou a rodear Fane, como fizera com Bartholomew. Se temia a prata coloidal pendurada no pescoço do bispo, não demonstrou.

— Cinquenta anos a cada colheita de outono. É este o nosso acordo.

Fane permaneceu imóvel.

— Então o tempo está acabando. Que castigo os aguarda se não cumprirem a cota?

— Eu os matarei.

Eda se sentiu zonza. Eles discutiam a vida dela — e a dos irmãos — como quem falava do tempo. *Você não pode estar considerando isso de verdade, sr. Night*, pensou, furiosa. Ela se lembrou do afago na bochecha enquanto chorava. Uma vida de sorrisos indulgentes e palavras pacientes, a confiança discreta que ele depositava nela. *Não pode ser.*

— Então me permita a franqueza. Você não tolerará a morte dos Shaw enquanto o Pacto deles estiver vigente, e isso eu entendo e respeito. Eles viverão. Entretanto, não é da sua alçada influenciar se conseguirão ou não cumprir o contrato a tempo da colheita, por qualquer motivo que seja. Correto?

Fane pareceu interpretar o silêncio do sr. Night como uma confirmação, então prosseguiu:

— Os Shaw permanecerão sob custódia das Espadas até a colheita de outono, e, assim, fracassarão em trazer seus últimos dez anos. Entretanto, eu posso aliviar

essa perda tão baixa. Posso oferecer milhares no mesmo período.

Eda olhou para as costas dele. *Milhares de anos…*

— Quantos? Diga o número exato.

— Dois mil.

— Cinco.

Fane semicerrou os olhos.

— Três.

A expressão do sr. Night não revelou nada além de um lampejo de fome selvagem e visceral.

— Certo. Como, jovem bispo, propõe recolher quantidade tamanha em poucas semanas?

— Blackbridge é uma pústula purulenta na face de Wesland. As pessoas daqui esqueceram o caminho da Fé. Precisam sentir as consequências da impiedade para então voltarem à luz do Senhor. Com sua ajuda, posso fazer a presença do demoníaco ser mais sentida do que nunca nesta cidade. Eles correrão à Ordem da Fé em busca de proteção, que eu oferecerei. Devem apenas aceitar se dedicar ao Senhor. Uma promessa formal, assinada em sangue. Quando houver signatários suficientes, a paz será restaurada.

Houve uma pausa de expectativa. Então, uma risada fria.

— Você pretende convencer a cidade inteira a me dar seus anos sem saber.

— Apenas alguns anos por pessoa. Nada que levante suspeitas. Se uma quantidade suficiente de pessoas assinar, seria o necessário para você. E elas *assinarão* — afirmou Fane, baixando a voz. — Se não assinarem, não se verão livres do medo.

Horror fez a bile subir à boca de Eda. Magia demoníaca podia distorcer a natureza, mas não quebrá-la. Acima de tudo, demônios não podiam alterar o livre-arbítrio. Nenhum mortal poderia ser forçado a firmar um Pacto. Entretanto, ao que parecia, podiam ser *enganados*. Se os termos fossem manipulados de forma correta, se o sentido pudesse ser interpretado de outro modo…

O sr. Night nitidamente sabia disso. Ele se empertigou diante de Fane, sua expressão o mais perto de entusiasmada que ela já vira.

— E você, Florian Fane, será o herói que salvou esta cidade da ruína?

— Meu único desejo é restaurar a Fieza onde mais é necessária. O Patriarca é *fraco* — disparou Fane, com os olhos fervorosos —, assim como seus antecessores. Um verdadeiro líder não deve se dispor a sujar as próprias mãos para pastorear seu rebanho em busca do bem maior? Estou disposto a carregar esse fardo. Sou um mero instrumento da vontade do Senhor. Só preciso do poder para que me

obedeçam.

— Claro — desdenhou o demônio. — *Evidentemente*.

Fane rangeu os dentes.

— Teremos que discutir mais detalhes, é claro, mas esta é minha oferta, desde que possa fornecer o que desejo.

— Se o que quer é *medo*, bispo, então o terá.

— Então estamos de acordo?

Hesitante, Fane esticou a mão.

O sr. Night nem a olhou.

— Resta uma questão. Há outro de minha espécie, escondido em algum lugar nesta cidade. Ele descobriu um modo de fugir de mim, mas é fundamental que morra — disse ele, a voz grave e fria. — Ele é um metamorfo talentoso. Se você e suas Espadas o matarem, eu fornecerei outra vantagem. O que tiver poder de oferecer.

Foi a vez de Fane se entusiasmar.

— Eu aceito.

— Perfeito. Ah, e… bispo? E quanto aos Shaw? Você diz que os deteve.

— Detive.

— Os três?

Fane vacilou.

— Uma escapou. Mas ela será encontrada.

— Hm. Ouso dizer que, *onde quer* que ela esteja… deve começar a correr.

O sr. Night virou o olhar para Eda abruptamente.

O pavor a atingiu como uma bigorna. Ela se sobressaltou, chocada, e o pé escorregou no apoio, fazendo barulho.

Fane se virou.

Merda.

— Jessen, venha rápido!

O bispo correu na direção da grade, mas ela já estava caindo pela descida, a adrenalina a inundando. Os sons agitados ecoaram pelo túnel atrás dela, mas nenhum era tão alto quanto a gargalhada sombria e melódica do sr. Night.

O sistema de esgoto sob Blackbridge era como uma cidade própria: um labirinto de túneis antigos que se estendiam por quilômetros como uma imensa toca de coelho. Água turva e fétida ondulava e refletia o teto baixo de pedra. O subterrâneo transportava a água limpa e suja da superfície, mas o fedor potente

tornava difícil imaginar que qualquer coisa além de imundície residisse naqueles canais. Eda se esgueirou pelas passagens estreitas, mas nem a urgência foi capaz de abafar o medo de escorregar e cair. Era difícil enxergar.

Atrás dela, ecos perseguiam seus passos.

As Espadas a procuravam.

À direita. Pelo acesso. Siga ao leste. Ela repetiu mentalmente as instruções até uma grade de ferro surgir na escuridão. Eda se jogou contra a porta. A grade nem balançou. Ela procurou uma fechadura, tateando no escuro, mas não encontrou nada. Estava apenas emperrada de ferrugem.

Por favor!

Ela empurrou a porta com o ombro, com força suficiente para se machucar. O ferro rangeu em protesto. Cedeu um centímetro. Eda se lançou contra a grade, desesperada, repetidamente.

Sombras tremularam na curva do túnel. Ela empurrou com todas as forças, firmando os pés no chão, e, com um grunhido, o portão finalmente cedeu o suficiente para que pudesse passar, se espremendo pela fresta.

— Ela está aqui!

Eda correu, agora sem se preocupar com o chão molhado, desesperada para se afastar das Espadas. *Só mais um pouco. Só…*

Algo a puxou para o lado. Ela gritou, chocada. Eda nem vira aquele túnel estreito antes de ser arrastada para dentro, com mãos estranhas cobrindo sua boca e cintura. Ela berrou contra a pele áspera, se debatendo e chutando.

— Quieta — chiou uma voz masculina —, senão você os atrairá para cá.

Eda parou. Rígida, permitiu que o desconhecido a puxasse para as sombras profundas até virarem outra curva. Outra passagem. Ali ficaram, colados à pedra como estátuas. Passos pesados atravessaram correndo. Os túneis ecoaram com o arranhar da cota de malha. Eda pensou que as Espadas se virariam para aquele mesmo canal, a encontrariam encurralada ali como um sacrifício, mas seguiram em um fluxo constante.

Ela contou o tempo em batimentos cardíacos até os passos se tornarem meros ecos no escuro. Então, se virou.

O homem que a capturara tinha olhos escuros e sobrancelhas grossas, ombros largos e uma carranca discernível até nas sombras. No entanto, nada daquilo a interessava. Eda viu apenas a túnica elegante de lã com gola de pele. Vagabundos e criminosos se escondiam naquele subterrâneo, e esse homem certamente não era um vagabundo.

Ela se soltou.

— O que você acha que está fazendo?

— Eu que pergunto, moça. Veio trazendo Espadas para cá que nem uma raposa fugindo de cães. Qual o motivo?

Ela olhou para o túnel. Mais adiante, uma luz fraca brilhava.

— Não preciso saber da sua vida, e você definitivamente não precisa saber da minha. Estou apenas de passagem. Pretendo voltar à superfície assim que possível.

— E você *sabe* chegar à superfície sem dar de cara com eles? — perguntou o homem, inclinando a cabeça. — Não parecem muito simpáticos.

Eda cerrou os dentes. Ela desejava desesperadamente ter a navalha que deixara cair na loja.

— Está se oferecendo para ser minha *escolta*? O que você quer?

— Quero que me diga o que veio fazer aqui, com a Ordem na sua cola.

— Não.

— Bom, então, estes túneis pertencem a Severin Lich — disse ele, devagar —, e qualquer um que traga problemas para cá deve ter um bom motivo.

Eda empalideceu. Pavor esmagou seu peito.

Severin Lich. Pelos santos, talvez ela fosse mesmo amaldiçoada. Escapara das garras das Espadas apenas para cair diretamente nas de um criminoso prolífico — que os observava havia semanas. Seria aquilo algum castigo divino?

Ela hesitou. Observou o homem corpulento à sua frente.

Os irmãos dela eram prisioneiros das Espadas, e o sr. Night parecia satisfeito em deixar as coisas seguirem seu curso. Esse fato não deveria magoá-la tanto, mas era uma facada nas costas mesmo assim. A colheita de outono chegaria em menos de três semanas. Ben e Lawrie morreriam, fosse pela mão de Florian Fane ou do sr. Night. E Eda com eles.

Preciso resolver isso. O pai levara eles àquilo, mas Eda não era inocente. Fora ela quem matou a mãe, quem dera início a tudo aquilo. E, graças ao seu egoísmo insípido, os irmãos também enfrentavam uma morte certa. Culpa dela. Tudo, *sempre*, culpa dela.

Se ao menos pudesse libertar Ben e Lawrie. Entregar os últimos dez anos do sr. Night. Então os Shaw poderiam deixar tudo para trás, incluindo Blackbridge e o destino nefasto que aguardava o lugar. Talvez fossem criminosos desvalidos em fuga, mas pelo menos estariam *vivos*.

Era impossível resolver essa missão sozinha. Eda não tinha nada nem ninguém para auxiliá-la. *Apenas um poder é capaz de me ajudar.*

E, se houvesse alguém naquela cidade imunda para oferecer a oportunidade, seria um agenciador de almas.

Medo e nojo fermentaram em seu estômago. Por um momento, Eda ficou paralisada pela indecisão, de tão visceral que era o ódio que sentia por si mesma. Pensou no pai. Em todos os acordeiros levados ao espelho como bois ao abate. Fazer *aquilo*, se tornar como eles…

Então, pensou nos irmãos.

Eda se endireitou.

— Pode me levar até ele? Severin Lich?

— E por que eu faria isso?

— Tenho uma informação que ele pode achar interessante.

O homem a observou com uma expressão astuta.

— Não me diga. E o que espera em troca dessa *informação interessante*?

Eda ignorou o alerta do coração acelerado.

— Preciso firmar um Pacto.

Sete

PARA UMA BASE DE OPERAÇÕES LOCALIZADA em esgotos subterrâneos, o quartel-general de Severin Lich era constrangedoramente luxuoso.

Eda seguiu o guia ranzinza por inúmeros túneis baixos, chegando a descer uma escada curta com degraus quebrados. Tochas iluminavam o caminho. Algumas passagens eram tão estreitas que era preciso andar em fila indiana. O som da água gotejante os conduziu a uma caverna ampla, onde quatro canais distintos se cruzavam. Eles se conectavam em um canal único e circular que cercava uma vasta ilha de pedra, como o fosso de um castelo. O teto era uma abóboda naturalmente esculpida. Um feixe de luz iluminava o espaço, vindo de cima, talvez graças a um bueiro estrategicamente posicionado.

Acessível por quatro pontes arqueadas, a ilha em si estava cheia de gente na labuta.

Uma coleção eclética de mesas se estendia de uma extremidade à outra, onde pessoas discutiam por cima de papéis e balanças e bolsinhas de moedas. Alguém entregou um bilhete rabiscado a um menino; ele correu por uma das pontes, sumindo na escuridão de um túnel próximo. Uma mulher estava debruçada sobre uma pilha cintilante de pedras preciosas, piscando seu olho enorme enquanto observava a coleção através de uma lupa. Outra criança — uma menina, dessa vez — correu até um grupo de homens diante de uma lousa. A garotinha entregou a eles um pedaço de papel, ao redor do qual se reuniram, copiando às pressas a informação com giz. Boxe, entendeu Eda. Eles recebiam atualizações ao vivo de algum dos ringues de luta em outra parte da cidade.

Era uma estranha espécie de guilda. Ali, nas profundezas do sistema de saneamento, um conglomerado de negócios pulsava, semelhante ao mundo da

superfície: um reflexo sombrio em uma poça.

Ou no espelho.

— Aperte o passo — ordenou o guia, atravessando a primeira ponte.

Eda o seguiu. A água fluindo sob eles parecia mais limpa do que a de outros dutos. O fedor também era menos forte, mais parecido com o cheiro de alga que caracterizava os canais da superfície. Algum sistema de filtração deveria estar limpando o pior da imundície antes que a água circulasse por ali.

Ela notou alguns olhares desconfiados enquanto abriam caminho pelo caos, mas ninguém parecia muito preocupado. Não com a escolta antipática que a conduzia como uma cadela na coleira. Eda lambeu o corte no lábio, nervosa. Pensou que era adequado estar ali. Aquelas pessoas operavam nas sombras e no subterfúgio, despercebidas pela sociedade digna — assim como ela. Em outra vida, os Shaw poderiam ter comandado uma operação como aquela, se tivessem tal apetite.

Saber disso não diminuiu sua apreensão.

No fundo do espaço, a ponte mais ao norte se bifurcava em duas escadas que se reencontravam em uma sacada de madeira elevada, conectada a uma arcada. Um arrás fino a cobria, escondendo o outro lado.

O guia a fez subir e afastou o arrás. Depois, a chamou para entrar com um gesto zombeteiro. *Escroto.*

Lá dentro, a pedra fria e o pé-direito baixo lembravam Eda do porão de casa. Entretanto, enquanto o porão dos Shaw era despido de ornamentos, o escritório de Severin Lich fora decorado com todo tipo de luxo. Tapeçarias pendiam de um lado ao outro; em uma delas, alces fugiam de uma matilha de cães em movimento, e, em outra, um unicórnio passeava entre as copas de uma floresta verde e alta. Havia lindos candelabros de ferro nos cantos, iluminando o ambiente com um brilho vivo. Uma pele de urso fazia vigília diante da mesa de mogno.

Sentado à mesa estava Severin Lich.

Eda o reconheceu no mesmo instante. Olhos tão escuros e astutos não poderiam pertencer a mais ninguém. Um incômodo escorreu pelas costas dela como um fio de água gelada.

Outro homem, alto e esguio, resmungava alguma coisa ao lado de Lich. Ele se calou.

— O que é isso?

— Perdão por interromper, lorde Lich. Encontrei esta moça fugindo de um bando de Espadas nas passagens ao leste. Ela disse que precisa falar com o *senhor* sobre uma questão urgente.

O guia a empurrou para a frente. Eda quase tropeçou na cabeça do urso. Dirigiu a ele um olhar venenoso.

Ele o chamou de lorde. Eda sabia pouco sobre Severin Lich, mas ele não era nobre coisa nenhuma, *muito menos* lorde.

— É mesmo?

Lich se recostou na cadeira. Estava na meia-idade e usava roupas elegantes, com o cabelo preto alisado por pomada. Eda sentia o cheiro dali — um perfume levemente floral. Fios grisalhos marcavam suas têmporas, e sua barriga era redonda. Segurava um cachimbo lustroso com dedos grossos e curtos, levando-o à boca para tragar profundamente, enquanto a observava.

O homem ao lado dele se irritou.

— Hillock, seu tapado. Veio trazer uma rameira aqui para quê? O lorde Lich e eu…

— Paz, sr. Bindle. Permita-me um momento com nossa jovem hóspede, sim?

Bindle pareceu insatisfeito, mas não discutiu. Quando se dirigiu à porta, Lich voltou a falar:

— Bindle. Esqueceu alguma coisa?

— Perdão, lorde?

— Está devendo um pedido de desculpas para a moça — disse Lich, batendo o cachimbo em um pequeno cinzeiro de bronze. — Por ter esquecido seus modos.

Bindle ficou vermelho. Ele fez uma reverência desajeitada na direção de Eda.

— Perdoe-me, senhorita.

— Saia.

Bindle passou pela tapeçaria e foi embora.

Hillock puxou uma cadeira acolchoada sem dizer nada. Lich fez sinal para Eda se sentar — e, devagar, ela se acomodou. A apresentação amigável de Severin Lich não a enganou. *Ele ainda não ameaçou cortar meu pescoço nem me jogar no esgoto, então já começamos bem*, pensou. Porém, depois de anos vivendo à sombra do sr. Night, ela aprendera a pressentir as trevas nas pessoas, como uma corça se assustaria antes mesmo de ver o caçador. De algum modo perverso, a familiaridade a encorajava. Eda sabia conversar com quem lhe causava medo.

— Sr. Lich. Obrigada por me receber.

— E quem é você?

Ela respirou fundo, preparada para uma variedade de reações.

— Meu nome é Eda Shaw.

Lich parou com o charuto na boca. O cheiro de pomada e tabaco queimado

era uma combinação sufocante.

— Então parece que eu também conheço *você* — comentou, sem desviar o olhar dela. — Sua família tem um Portal.

Acho que vamos direto ao ponto.

— Sim, senhor. Eu e meus irmãos somos vassalos de um demônio devido a um Pacto firmado por nosso pai. Nós herdamos a dívida dele.

Se isso o surpreendeu, não demonstrou.

— Vocês não ganham dinheiro com isso?

— Não tínhamos interesse no negócio de agenciamento de almas, apenas em quitar a cota do nosso pai.

Eles nunca tinham cobrado pelo serviço. Atrair pessoas ao espelho por necessidade era uma coisa; lucrar com aquilo era diferente. Ben se recusava a se rebaixar a tal nível, e Eda não o culpava. De qualquer modo, acordeiros locais raramente tinham dinheiro sobrando.

— Você se refere ao assunto no passado. Não faça suspense, moça. O que aconteceu para trazê-la à minha porta?

Eda relatou o básico do que ocorrera desde a chegada de Florian Fane a Blackbridge. Repetir, em voz alta, sua empreitada desastrosa em Gaffham era humilhante; seu rosto, obviamente, ficou vermelho como uma maçã. De qualquer modo, não adiantava esconder nada de Severin Lich. Ele não era um homem com quem se deveria brincar e, se quisesse matá-la, Eda imaginava que Hillock quebraria seu pescoço tranquilamente antes que ela sequer percebesse que a ordem fora dada. Esperava que a transparência tivesse seu valor.

Ao concluir, Lich se recostou, pensativo.

— Por que me contou isso tudo, srta. Shaw?

Os irmãos não gostariam que ela estivesse ali. Eles a mandaram fugir de Blackbridge — até de Wesland, se necessário — e não fazer ainda mais acordos com homens perigosos. No entanto, Eda só conhecia aliados que operavam nas sombras.

E Ben e Lawrie não estavam ali.

— Florian Fane fez um acordo com o demônio que chamamos de sr. Night. Quer empurrar os Infiéis de volta aos templos e oferecer a eles sua proteção. Não sei exatamente como, mas ele pretende se tornar um farol contra o demoníaco em Blackbridge, mesmo que, para isso, precise do poder de um demônio.

— Hm, *hipocrisia*. Um mal comum na Ordem da Fé.

Ela fez uma careta. *Hipocrisia é da sua natureza*, dissera o sr. Night. Eda se considerava livre dessa praga implacável da humanidade; no entanto, correra

rápido até ali para implorar por um Pacto, depois de desdenhar de tantos outros por fazer o mesmo.

É diferente. Não é por avareza, nem vaidade, nem ira. É por Ben e Lawrie.

— Esses avisos são pertinentes, moça. Porém tais murmúrios chegariam a mim em pouco tempo.

Lich levantou a sobrancelha. A pergunta implícita era dolorosamente óbvia: *Então o que espera em troca?*

Eda olhou ao redor do cômodo. Não viu Portal algum. Pelo menos, nada que parecesse ser um.

— Eu… eu preciso firmar um Pacto.

Lich se levantou.

— Entendi.

Ela tentou não entrar em pânico.

— Eu não tenho dinheiro, mas pensei… — começou.

O *que* ela pensava? Que simplesmente alertar Lich sobre o bispo seria suficiente para usar seu Portal? Parecia uma jogada infantil.

— Por favor, sr. Lich. Eu trabalho, faço o que quiser. Se puder firmar outro Pacto, poderei libertar meus irmãos…

— Eu me compadeço de você. Honestamente.

Hillock colocou mais tabaco no cachimbo de Lich e o acendeu. O líder criminoso se encostou na mesa, soprando fumaça cinzenta.

— Por que não deveria simplesmente entregá-la ao bom bispo pessoalmente, srta. Shaw? — perguntou Lich. — Não tenho intenção de torná-lo meu inimigo. Assim, ele ficaria em dívida comigo.

Eda se esforçou para manter a expressão neutra, mesmo que o coração ameaçasse pular do peito. Ela se lembrou do que o sr. Night dissera no porão. *Há outro de minha espécie, escondido em algum lugar nesta cidade.*

— O sr. Night está procurando por outro demônio. Ofereceu a Fane uma grande vantagem em troca da vida dele — disse, cautelosa, enquanto blefava. — O bispo pretende começar a busca com o senhor. Afinal, é o *único* outro agenciador de almas em Blackbridge.

Se alguém soubesse onde o demônio que o sr. Night procurava se escondia, esse alguém seria Lich. A ideia tinha fundamento, e alegar que Fane já fizera aquela conexão era mais um palpite *qualificado* do que pura enganação. Certamente era o suficiente para deixar Lich atento.

Ele aguçou o olhar escuro.

— Fane disse isso?

— Foi o que eu ouvi.

Como Lich continuou em silêncio, Eda se inclinou para a frente, torcendo para que ele não pensasse tanto naquela mentira, e continuou:

— A única dívida que Florian Fane deve honrar é a que tem para com o sr. Night. Então me ajude, lorde Lich, e, quando libertar meus irmãos, eu lhe darei também o espelho. Eu juro.

— Espelho?

— Nosso Portal. É *isso* que o senhor quer, não? A menos que vá me dizer que seus capangas passaram semanas observando nossa loja por amar velas artesanais e taxidermia rara.

Lich abriu um sorriso discreto e não tentou negar. Ter não só um, mas *dois* artefatos de tamanho valor, talvez os únicos em toda Wesland…

— Fane chegou primeiro, mas ele não vai destruir o espelho, pois precisa entrar em contato com o sr. Night — insistiu Eda, erguendo o queixo. — Eu o arranjarei para o senhor.

— E o que torna a *sua* palavra confiável?

— Eu não me importo com Portais, com dinheiro, nem com poder. Só quero meus irmãos. Trair o senhor não me ajudaria em nada.

Lich soltou fumaça pelo nariz.

— Mesmo que eu quisesse ajudar, srta. Shaw, nenhum demônio que use meu Portal aceitará firmar um Pacto com você. Não se esse tal de *sr. Night* for quem eu desconfio que seja.

— Como assim?

— A Ordem da Fé fala muito do Além, um reino místico onde os pecadores são condenados ao castigo divino. A verdade é mais simples. Os demônios são poderosos, é claro, mas são uma espécie como outra qualquer. O mundo deles é concreto, com sociedades, hierarquias. Portais são recursos preciosos, compartilhados pelas linhagens nobres. Nada é mais cobiçado do que a oportunidade de atravessar para o reino mortal e firmar Pactos que estendem a vida de um demônio. Sem isso, eles não são mais duradouros do que eu ou você.

Eda ficou boquiaberta.

— Seis arquiduques comandam a terra deles. Soube que um duque específico assumiu um Portal para si e o monopoliza desde então. Isso vai contra os costumes — continuou Lich, inclinando a cabeça para o lado. — Conhece essa história?

Eda estava zonza. Ela sabia que o sr. Night era poderoso, uma criatura de destaque no lugar de onde vinha. Ele mesmo dissera a Eda que o espelho dos

Shaw era de sua posse absoluta. Mas *aquilo*…

— Os demônios nobres que dividem seu espelho… por que não forçaram o sr. Night a abrir mão do dele? Se existem cinco outros arquiduques, então com certeza…

— Eu não sei os detalhes. Apenas que, por algum motivo, os duques não se rebelaram contra ele. Deve ser um brutamontes e tanto — disse Lich, e abriu um sorriso que revelava um dente de ouro. — Não estarão dispostos a firmar um Pacto que possa interferir com um acordo dele. Demônios são fofoqueiros terríveis. Se os nobres do Além ainda não souberem da última conquista de Night, saberão logo mais.

— Mas *um* deles deve se dispor. Tem que ser…

Ela deixou a frase no ar. Como uma janela escancarada em um quarto escuro, uma oportunidade se materializou em meio ao lodo do desespero.

Se o sr. Night fosse mesmo tão poderoso assim, tão temido por sua própria espécie, por que se preocuparia com um demônio anônimo ali na cidade? A ponto de oferecer vantagens a Fane para matá-lo. Seria possível que ele se sentisse ameaçado?

Eda encarou os olhos vidrados do urso a seus pés. *Um demônio que conseguiu escapar do sr. Night. Que o preocupa a ponto de querer matá-lo. Um demônio escondido aqui, em Blackbridge, sem ter como saber dos últimos acordos do sr. Night.*

Um demônio sem motivo para recusar seu Pacto.

Ela olhou para Lich. Talvez Fane procurasse *mesmo* o criminoso para ajudá-lo a caçar aquele prêmio… mas Eda tinha chegado primeiro.

— Se estiver disposto, sr. Lich, sei como pode me ajudar.

Oito

— É ISSO?

Atrás dela, Hillock grunhiu.

— É aqui.

Eda observou os prédios enfileirados na rua, desconfiada. A quadra inteira era de pedra, com ardósia em todos os telhados e treliça em todas as janelas. Os edifícios resplandeciam entre as construções de estuque gasto e madeira torta nas ruas ao redor.

Cannington era um dos bairros mais ricos de Blackbridge. Ali na estrada Harecourt, a via era larga e pavimentada, com espaço para evitar as carroças sacolejantes. Os prédios ficavam de frente para uma rua assim. Carpinus jovens cresciam ao longo da margem do rio do outro lado. O Canal do Santo ainda fedia, mas o cheiro era menos violento em um ambiente ordenado como aquele.

Eda estava muito longe de Crowgate.

Ela raramente adentrava tanto a cidade alta, mas não por falta de vontade. Quando menina, sonhava em se perder entre os vestidos com colarinhos e a alvenaria cara, nem que fosse apenas para imaginar que pertencia àquele lugar, que tinha uma vida completamente diferente. A realidade era tão elegante quanto suas fantasias. No entanto, agora que Eda estava ali, não sentia fascínio algum — apenas uma vaga indignação. Tantos anos sonhando com lugares diferentes, e sua primeira aventura era para vender sua alma proverbial.

Por ela, a rua inteira podia pegar fogo.

— Nem acredito que um demônio *moraria* aqui, bem debaixo do nariz das pessoas mais poderosas de Blackbridge — comentou Eda. — É tão… óbvio.

Hillock bufou.

— Talvez seja de propósito, moça.

Garoava, uma chuva constante que mais parecia vapor do que água. Eda poderia ter abaixado o capuz, já que estava protegida pelos galhos dourados dos carpinus, mas não ousava. Sentia-se exposta por estar na rua, como se suas roupas fossem feitas de gaze fina. As Espadas ainda deviam estar procurando por Eda. Se tivesse mais autopreservação, já estaria em um barco, partindo de Blackbridge.

No entanto, não era a própria pele que estava em jogo.

Há boatos, dissera Severin Lich pela manhã, depois de permitir que ela dormisse algumas horas de um sono inquieto em seu escritório, *que circulam sobre o próprio alto-governador Wolfram. Muitos ainda se perguntam como ele ganhou de nomes ainda maiores na eleição. Ele é representante desta cidade há quase vinte anos. Mais tempo do que qualquer outro candidato anterior. Há quem brinque que ele pediu o auxílio de um demônio para manter o posto.*

Lich não conhecia pessoalmente o demônio que o sr. Night procurava, mas tinha olhos e ouvidos pela cidade inteira. Informação, afinal, valia ouro. O alto-governador havia comprado uma residência em Cannington cerca de vinte anos antes, aproximadamente na época em que subira ao poder. Lich tinha esperança de descobrir alguma chantagem ilícita. Uma amante secreta que vivia no luxo, por exemplo. Entretanto, o governador Wolfram não visitara o lugar uma vez que fosse.

O líder criminoso desconfiava de uma conexão muito mais *diabólica*.

Eda mordeu a bochecha ao analisar o edifício central e as três janelas largas que se estendiam pelo último andar. Qualquer que fosse o *motivo* pelo qual o governador comprara aquele apartamento na estrada Harecourt, o lugar não estava vazio. Os homens de Lich tinham observado luzes nas janelas. Conversas com residentes da região revelavam que um rapaz fora visto indo e vindo dali ao longo dos anos. Talvez fosse mesmo um amante, ou até um filho ilegítimo, escondido do público.

Lich especulara por muito tempo, mas não arriscava se intrometer tanto nos assuntos de Wolfram, e muito menos em questões envolvendo um demônio. Já era impressionante que soubesse da existência do apartamento.

Ele ficou feliz de deixar Eda se intrometer em seu lugar.

— Vamos nessa?

Ela olhou para Hillock, irritada, ajeitou o capuz e atravessou a rua. Ele a seguiu.

Eda estava acostumada a manter distância dos outros. Mas aquilo era diferente. Andar entre a elite de Blackbridge já era assustador para qualquer moça de

Crowgate, mas agora…

Hillock tomou a dianteira, avançando pelo caminho. Eda ficou para trás, como planejado. A estrada Harecourt não estava tão movimentada quanto em um dia bonito, mas a chuva não impedia o fluxo de pedestres. Carregadores de água, damas de vestidos elegantes, vendedores com sinos tilintantes — era agito suficiente para permitir alguma anonimidade.

Um porteiro vigiava a entrada do prédio. Ele usava uma calça volumosa e arredondada e observava do topo dos degraus que davam para portas duplas envernizadas. Estava olhando feio para os transeuntes.

Eda parou e fingiu ajeitar a capa. *Prepare-se*.

— Ah! Meu caro senhor! — exclamou Hillock, fingindo um sotaque ridículo semelhante ao dos moradores da cidade alta, pronunciando cuidadosamente cada sílaba. Com aquela túnica elegante e as botas de couro de qualidade, ele não *parecia* pobre. — Sei que o *senhor* poderá me auxiliar. Estou tentando chegar a Bellmoor Heath.

O porteiro não pareceu impressionado com o exagero pomposo.

— Infelizmente ainda há muito caminho a percorrer, senhor. Bellmoor Heath fica no bairro vizinho, a oeste.

— Foi o que me disseram, mas não sou bom com direções. É para que lado?

— Estou indisponível, senhor.

— Apenas um momento caridoso, eu lhe suplico. Vim da capital, veja bem, e estou perdido. É mais para lá? — perguntou Hillock, e parou no meio da rua, forçando a vista. — Para que lado ao chegar ao fim desta via?

O porteiro suspirou e se afastou do posto. O coração de Eda disparou.

— Para o outro lado, senhor.

Hillock deu meia-volta.

— Por ali? A estrada bifurca. Que caminho devo seguir?

— A via central o levará diretamente a…

— Qual?

— Aquela.

Ela se aproximou devagar.

— Ah, não pode apontar, por favor? Infelizmente não consigo enxergar de tão longe.

Visivelmente irritado, o porteiro enfim parou na rua, atrás de Hillock.

— *Ali*.

— Onde?

Ele estava de costas. *Agora*. Eda subiu a escada correndo e puxou uma das

portas. Hillock deve tê-la visto pelo canto do olho, pois passou o braço ao redor do pescoço do porteiro e o puxou para mais perto.

— Honestamente, o *que* o senhor enxerga daqui? Devo estar ficando cego.

— Está louco? Me solte!

Eda prendeu a respiração ao entrar e deixar a porta fechar. Ela parou abruptamente, espantada por um momento.

O saguão era amplo e estava encerado. Uma escadaria central em U se destacava, reluzente de verniz e decorada com um tapete carmim macio. Acima dela, um lustre de três andares estava cheio de velas novas, sem um grão de poeira à vista. Eda nunca se sentira tão deslocada.

Ela subiu às pressas. No segundo andar, parou o suficiente para olhar pela janela — Hillock estava sendo enxotado pelo porteiro. Ele olhou de relance para a janela e abriu um sorrisinho para ela antes de ir embora.

Lich cumprira sua parte. O resto dependia dela.

Senhor, como cheguei aqui? Eda não conseguia decidir se temia encontrar um demônio ali ou não encontrar nada. Talvez ambos. Porém estava fazendo aquilo por Ben e Lawrie, relembrou, não por ambição egoísta nem por desejo vaidoso. Era pela família. Ela *não* era o pai. E não voltaria atrás.

Todo andar contava com duas portas principais, levando a moradias particulares, decoradas por aldrabas pretas de filigrana. Eda as ignorou e continuou a subir. Pensou que tinha se safado da invasão até chegar ao quarto andar, quando uma das portas foi escancarada.

Uma senhora idosa, vestida de cetim, saiu e ficou paralisada. Eda também paralisou.

Elas se encararam.

— Quem é você?

A senhora era nitidamente rica: o corpete verde de barbatanas tinha bordados de fio prateado, e o rufo no pescoço era branco e alinhado. Eda se sentiu insuportavelmente consciente do próprio cabelo desarrumado e da capa amarrotada. Não dava para negar que usava roupas de plebeia. Mas ela estava preparada.

— Perdão por assustá-la, senhora. Vim me apresentar para uma vaga de criada no último andar, partirei em breve.

Era comum que pessoas pobres pedissem desculpas apenas por existirem no mesmo espaço de pessoas como aquela.

A senhora franziu a testa.

— No último andar? Só quem mora lá é o sr. Kit, e ele nunca contratou

criados.

Sr. Kit. Seria ele o demônio? No último andar, havia um único apartamento de cobertura.

— Sinto dizer que não sei muito sobre o senhor. Fui instruída apenas a vir a este endereço.

A senhora bufou.

— E não saberá muito por mim, moça. Mal vejo esse homem. Conheço melhor o gato dele, acredita?

Com isso, a mulher fechou a porta e marchou escada abaixo. A cauda do vestido se arrastava atrás dela como um rio luxuoso de cetim. Então, dirigiu um último olhar desconfiado para Eda antes de sumir de vista.

Eda seguiu o caminho, hesitante. *Um gato*. Tentou imaginar o sr. Night adotando um gato vira-lata laranja e quase gargalhou. A ideia de encontrar um demônio de verdade ali parecia cada vez mais improvável.

No último andar, havia apenas uma porta. Idêntica a todas as outras. Eda não sabia o que esperar — alguma coisa, *qualquer coisa*, que indicasse que uma criatura de outro mundo vagava por aquele corredor. Entretanto, parecia que nunca teria certeza sem falar com ele. *Como uma visita que veio para o chá*.

De algum modo, ela reuniu coragem para bater na porta.

Ela esperou. Nada.

Mordeu o lábio. Bateu novamente, mais forte.

Nada ainda. Onde é que um demônio iria no meio de um dia como aquele? Fazer compras? Dar um passeio agradável pelo rio? O sr. Night não tinha apreço por atitudes humanas tão triviais, mas aquele demônio se escondia ali por opção. *Talvez sejam todos diferentes*.

Eda se convencera de que a experiência com o sr. Night a preparara para conhecer outro demônio. Ali, porém, não se sentia nada preparada. Se Severin Lich estivesse certo e o Além fosse um mundo tão tangível e complexo quanto o deles, os demônios não poderiam ser tão diversos quanto pessoas? E igualmente imprevisíveis?

— Sr. Kit?

A voz dela saiu fina de insegurança. *Talvez ele não me escute*. Eda apertou a maçaneta e girou, esperando encontrar resistência — mas a fechadura não estava trancada.

A porta se escancarou.

— Olá?

Lá dentro havia um corredor curto e escuro. Eda entrou, tensa, e caminhou

até chegar a uma sala de estar decorada com móveis luxuosos.

As cortinas estavam entreabertas, e a luz leitosa do dia se derramava em feixes sobre um tapete trançado e detalhado. Poeira dançava nas costas de um divã espaçoso de veludo com almofadas de plumas. As paredes de viga de madeira estavam cobertas por pinturas, e havia cálices vazios espalhados por todos os lados. Em um canto, uma estátua de mármore de uma mulher seminua segurava flores mortas na mão estendida, como se alguém tivesse achado graça em deixar o buquê ali.

O lugar poderia ser comparado até aos cantos mais apinhados da Shaw Antiguidade. Entretanto, dava para ver que alguém morava ali.

Não tem ninguém em casa. Desanimada, Eda se virou.

A porta fechou com um baque.

Ela se sobressaltou. Seu coração acelerou, galopante. Ela correu até a porta e puxou a maçaneta, mas não conseguiu nem movê-la.

O alarme se transformou em pânico absoluto. *Pelo amor dos santos, o que era aquilo?*

— Me deixe sair! — exclamou Eda, primeiro com seriedade, e então com um crescente desespero. — Eu falei para me deixar sair! Me…

Ela congelou. Os pelinhos de sua nuca se arrepiaram.

Tinha alguém atrás dela.

Cada instinto seu ordenava que se virasse. Eda procurou os sons de passos, de respiração… mas ouvia apenas a chuva leve tamborilar nas janelas.

Coragem, Eda.

Ela se virou.

Sentado no centro da sala estava um gato preto. O felino a encarou com olhos alaranjados vibrantes, a cauda enroscada ao redor das patas.

Eda chegou a gargalhar de alívio.

— Oi, gatinho — cumprimentou, levando a mão ao peito. — Que susto você me deu.

O gato continuou a encará-la, imóvel. Um incômodo a arrepiou. Ela gostava de gatos. Sempre quisera ter um, mas os pelos irritavam os olhos de Lawrie. Eda satisfazia sua vontade acariciando os gatos de rua sempre que podia. Aprendera como se mexiam, como se espreguiçavam, passeavam e balançavam o rabo. Nunca vira nenhum tão imóvel quanto aquele.

— Não foi *você* quem trancou a porta, né?

Ela perguntou em um tom tenso de brincadeira, mesmo que estivesse sentindo uma onda gelada de compreensão. O que o sr. Night dissera ao bispo a

respeito do outro demônio?

Ele é um metamorfo talentoso.

Eda pensou na senhora do andar de baixo.

Conheço melhor o gato dele, acredita?

Eda grudou o corpo na porta como se pudesse atravessá-la. Estava trancada ali. Trancada com um…

Flexionou os dedos. O gato não desviou o olhar.

As palavras saíram dela secas como pergaminho:

— Demônio. Se revele.

Uma leve agitação na cauda. Estaria equivocada? O alvoroço das últimas duas horas teriam deixado Eda nervosa, talvez até louca, enfim?

Então, o gato não era mais um gato.

Aconteceu tão rápido que ela mal teve tempo de compreender. A pelagem preta e reluzente da criatura ondulou — como uma distorção submarina — e se desfez que nem fumaça. Fios escuros e retorcidos *subiram*, tomando a forma de um homem. Terminou em três segundos.

O demônio se ergueu, imóvel, ao fim do corredor.

— Você tem bons olhos — disse ele, em um tom melódico e suave. — Diga-me o que faz aqui antes que eu os arranque.

Eda engoliu em seco. Não conseguia deixar de admirá-lo, rígida tanto de pavor como de fascínio.

O cabelo dele era preto e sedoso, caindo quase até os ombros. O peito largo se afunilava até a cintura estreita, compondo uma silhueta esguia ironicamente felina. Abaixo da calça preta, estava descalço, Eda notou, surpresa. A camisa bordô estava frouxa no pescoço, expondo mais do peitoral dourado-arenoso do que era apropriado. Era impossível não compará-lo ao sr. Night, que era fatalmente pálido e com ângulos agudos: maçãs do rosto altas, um queixo pontudo e afiado. *Aquele* rosto, embora magro, parecia mais suave em suas curvas e planos — colinas ondulantes, em vez de montanhas irregulares.

São os olhos verdadeiros dele, percebeu Eda, ao vê-los semicerrados. *Esse laranja quente… O sr. Night sempre disfarçou os dele.* Para parecer menos ameaçador aos Shaw e a quem levassem até lá, ela supunha.

Aquele demônio obviamente não compartilhava da mesma tendência. O olhar dele era fixo, abertamente maligno.

Eda lambeu os lábios.

— Vim para firmar um Pacto.

— Que curioso — disse ele, franzindo as sobrancelhas escuras e finas. —

Venha cá.

Ela não se mexeu.

— Venha cá — repetiu ele, devagar —, ou eu a arrastarei pelo pescoço.

O coração dela disparou. O tom aveludado e autoritário lhe era estranhamente familiar. *Se ele quisesse matá-la, já teria matado*, pensou. *Por outro lado, gatos gostam de brincar com a comida.*

O demônio recuou, permitindo que Eda entrasse na sala. Eles ficaram cara a cara, um feixe de luz cortando o rosto da criatura.

Ele era bonito. Eda esperava isso. Diferentemente da beleza etérea e feérica do sr. Night, aquele demônio lembrava um personagem de pintura a óleo. Uma altivez que a fazia pensar em príncipes e lordes descabelados em belos castelos.

A voz suave dele causou arrepios em Eda.

— Como sabia o caminho até aqui?

— Eu… eu não sabia. Não tinha certeza. Há um homem poderoso… um criminoso. Ele desconfia que o alto-governador firmou um Pacto. Tinha informação suficiente para me mandar para cá. Ele pretende chantagear o governador, eu acho. Se conseguir.

— Você trabalha para ele?

O demônio começou a cercá-la. Aquela dança também lhe era familiar. O sr. Night sempre avaliava suas presas dessa forma.

— Não. O nome dele é Lich. Eu o procurei para pedir ajuda. Precisava encontrar um demônio com quem firmar um Pacto, e ele viu uma oportunidade de me deixar investigar em seu nome.

A honestidade dela pareceu fazer o demônio hesitar. Ela queria muito olhar para trás, mantê-lo à vista. Não saber o que ele pretendia fazer era insuportável.

— E que prova pretende oferecer a esse *criminoso*? Ou sua palavra já basta para acusar o governador?

Então era verdade.

— Claro que não. Ele queria outra coisa em troca de minha ajuda.

O silêncio era ameaçador o suficiente para incentivá-la a continuar mais rápido:

— Há um espelho. Um Portal. Está sob o comando da Ordem da Fé, e eu jurei recuperá-lo para ele.

— E como pretende fazer isso, meu bem?

Meu bem. Ele estava sendo irônico.

— Eu… vou precisar de ajuda. Da ajuda de um demônio.

— Hm.

O som foi tão distante que Eda não resistiu a olhar para trás — e gritou de choque.

Ele estava no *teto*.

— Você…!

Ele a encarou com a mão na cintura. Os pés estavam firmes nas vigas do teto. Nem as roupas nem o cabelo pareciam afetados pela gravidade, pois não caíam em direção ao chão. Era como se ele estivesse em sua própria bolha, onde em cima era embaixo e vice-versa. Ele deu voltas no lustre. Eda estava abismada.

Ele não se parece em nada com o sr. Night. Não apenas pela exibição tão casual de poder — Eda tinha certeza de que o sr. Night simplesmente escolhia não revelar a própria potência —, mas por aquela *liberdade*. Os maneirismos lânguidos, as roupas provocantes, o jeito informal de falar. Embora o sr. Night fosse familiarizado com o mundo humano, ele nunca fingiria ser uma pessoa comum. Os gestos rígidos e a imobilidade perturbadora dele eram obviamente estranhos. Porém *aquele* demônio…

Era convincente de forma assustadora.

Exceto por caminhar no teto, claro.

— Diga. Por que deseja firmar um Pacto?

Ela engoliu em seco.

— Meus irmãos foram presos pela Ordem da Espada. Quando resgatá-los, também recuperarei o espelho. É esse meu acordo com Lich. Mas não tenho esperança alguma de conseguir sozinha.

— Ora, ora. O que exatamente seus irmãos fizeram para serem pegos pela Ordem?

— Faz diferença?

— Visto que a alternativa a responder minha pergunta é eu *quebrar seu pescoço*, eu diria que faz. Ou prefere que eu arranque seu coração?

Eda afundou as unhas nas palmas das mãos. Tinha que ser cautelosa. Se ele soubesse da conexão com o sr. Night, provavelmente recusaria no mesmo instante. Ou a mataria. O sr. Night o procurava ativamente e desejava matá-lo: aquele demônio não aceitaria nada que o aproximasse do inimigo.

Entretanto, se Eda aprendera alguma coisa com a negociação de Pactos, era que muitos acordos tinham brechas. Mentir por omissão estava entre as opções.

— Somos proprietários de um antiquário, e um Portal apareceu para nós. As Espadas descobriram. É isso que Lich deseja.

No escuro das vigas, os olhos alaranjados dele ardiam como fogos de sinalização. Era um pesadelo.

— E esses seus irmãos *usaram* o Portal? Para dialogar com demônios? — perguntou, com um sorriso ligeiramente largo demais. — E você?

— Estou dialogando com um demônio agora mesmo.

Ele pareceu achar graça. De repente, caiu do teto — girando no ar e aterrissando agachado, leve. Na mesma velocidade, se levantou. Eda se sobressaltou, chocada.

— Responda à pergunta.

— Eu nunca firmei um Pacto. Nem meus irmãos.

Tecnicamente, era verdade. Eda se manteve firme diante do olhar penetrante que atravessava seu crânio.

— Você esconde segredos — comentou ele. — Eu deveria matá-la, nem que fosse por ter invadido minha casa.

— Estou dizendo a verdade. Não tenho interesse em enganá-lo. Preciso de sua ajuda para salvar minha família e recuperar esse espelho. Isso é tudo que importa para mim.

— E o que me dará em troca?

Ela pensara muito sobre que oferta seria justa. Pedir para um demônio se arriscar ao interferir com as Espadas não era algo trivial.

Eda cerrou os dentes.

— Vinte anos.

Ele desdenhou.

— Não me interessa.

Eda ficou abismada. *Não me interessa?* Anos eram a única coisa a que demônios não resistiam, era algo muito mais precioso do que dinheiro, sedas ou joias. O sr. Night lhe dissera aquilo. Lich confirmara. *Nada é mais cobiçado do que a oportunidade de atravessar para o reino mortal e firmar Pactos que estendem a vida de um demônio.*

— E o *que* te interessa?

— Nada que você possa oferecer.

— Por favor — Eda implorou. — Eu… Podem ser trinta.

O que ela estava fazendo? Quase metade de sua vida!

No entanto, pensar em Ben e Lawrie sendo levados à forca era tão visceral, tão nauseante, que ela não ousou retirar a oferta. Do que valeriam aqueles trinta anos se ela precisasse vivê-los sabendo que foram pagos com a morte dos irmãos?

— Não vou repetir, mulher. Você…

— Quarenta.

O coração dela martelava no peito. Eda não podia nem pensar no que estava oferecendo. Nem por um momento. Ela se lembrou da discussão com Ben e

Lawrie na loja, enfurecida pela disposição deles de trocar anos em nome dela. Pensou em Bartholomew. Em todos os outros alvos que tanto desprezava: vergonhosos, desesperados, *fracos*.

Eda não era melhor do que nenhum deles.

As pupilas do demônio se dilataram.

— Não.

Eda avançou um passo, ousada. *Ele está tentado*.

— Eu suplico. Me ajude, e eu… — disse, e fechou os olhos. — Cinquenta. Eu te dou cinquenta anos.

Merda. Eda *tinha* tantos anos pela frente? Se não, a oferta seria inútil, e o demônio certamente a rejeitaria.

Mas quando abriu os olhos, ele a encarava com uma expressão faminta. O demônio mexeu a boca; se era para ralhar ou aceitar, não dava para saber.

Até que ele hesitou. Inclinou a cabeça.

— O que foi?

— Silêncio — ordenou.

Eda estava prestes a protestar quando também ouviu. Passos no corredor do edifício. Vários. Pesados. O ruído incômodo de armadura.

O sangue dela gelou.

— *Vhesak* — sibilou o demônio, uma palavra que ela nunca tinha ouvido. — Você os trouxe bem para minha porta.

— Não! Ninguém me seguiu, eu juro.

Ela vacilou. Empalideceu.

— Espere — acrescentou. — A senhora do andar de baixo. Ela deve ter falado com o porteiro, deve ter percebido que eu não…

Ele se virou para o corredor, enroscado como uma serpente.

— Se eu for sair daqui lutando, é melhor que valha a pena.

O demônio fez um gesto. Um pergaminho comprido se desenrolou de sua mão. O cabeçalho reluzia em letras escarlates e frescas. Parecia molhado.

Pacto Definitivo de Troca Mortal.

O sangue de Eda corria tão intensamente que ela mal conseguia pensar.

— Cinquenta anos — disse ele, com o olhar fixo na porta.

Ela esticou a mão trêmula.

— Preciso de uma faca.

Não houve aviso. Ele arranhou a palma dela com uma unha — uma *garra*. Ela ofegou e puxou a mão de volta, mas ele foi mais rápido. Segurou Eda pelo pulso.

— Como você se chama?

— E… Eda Shaw.

Lá fora, uma voz gritou:

— Abra esta porta imediatamente! Por comando da Ordem da Espada.

O demônio a encarou com tanta intensidade que Eda mal suportava.

— Você está de acordo com os termos?

— Estou.

Ele pressionou o corte dela no pergaminho. Foi brusco, mas ela não sentiu dor. Talvez já tivesse superado aquilo.

Ele a soltou. O pergaminho desapareceu no ar.

Eu firmei um Pacto.

Era assim? Eda não sentia muita diferença. Não sentia que sua expectativa de vida tinha sido dizimada. Mas tinha. Os anos não eram mais dela — eram *dele*, como uma bolsa de moedas de garantia. No momento em que ele cumprisse seu lado do acordo, seriam dele para sempre.

Eda levou a mão ensanguentada ao peito. *Eu nem li direito*.

A porta tremeu.

— Fique atrás de mim.

Ela obedeceu.

— Como *você* se chama?

Eda sentiu, mais do que viu, seu sorriso frio.

— Meu nome é Kit'rath Ansellis. Mas, dadas as circunstâncias, pode me chamar de Kit.

A porta foi arrombada.

Nove

Quando as Espadas invadiram o apartamento, Eda não hesitou em deixar o demônio — *Kit* — encarar o ataque sozinho. Ela se escondeu atrás do divã caro enquanto os guardas enchiam o cômodo. Afinal, ele arrancara cinquenta anos dela. Podia fazer por merecer.

Eram pelo menos cinco soldados. Um homem de cabelo grisalho levou a mão ao punho da espada. Olhou para Kit, para o ambiente, para *ela*. Eda se encolheu.

— É por causa dos empréstimos da biblioteca, né? — perguntou Kit, os olhos em um tom comum de castanho. — Juro que ia devolver.

— Viemos por desígnio da Fé. Temos motivos para acreditar que esta mulher — declarou o líder, apontando para Eda — é uma criminosa. Por escondê-la e recusar-se a cooperar com nosso pedido de entrada, o senhor é obrigado a vir conosco para ser interrogado. Se for inocente, não tem o que temer.

Eles não sabem que Kit é um demônio. Eda olhou para o frasco de prata coloidal pendurado no pescoço de todas as Espadas. O Mosteiro dos Alquimistas atribuía certas propriedades reativas ao material. Ela ouvira falar que, quando um demônio usava seus poderes próximo ao frasco, a prata fervia e borbulhava.

O líder das Espadas apertou o próprio frasco, semicerrando os olhos.

— A não ser que tenha motivos para resistir?

Eda prendeu a respiração. Se Kit usasse seus poderes, as Espadas saberiam quem ele era. Se não, teria que lutar à moda antiga. Ela não tivera tempo de conferir o Pacto que firmara, mas certamente havia alguma cláusula detalhando sua proteção. Ele não podia simplesmente deixar que a levassem. Ou podia?

As Espadas se remexeram, desconfortáveis, cotas de malha e espadas roçando, fazendo barulho como unhas na lousa. Prestes a atacar.

Kit suspirou. Ele pegou uma garrafa de vinho e virou o último gole. Um fio vermelho escorreu pelo seu queixo. Ele secou e estendeu a garrafa na direção do líder, como se o desafiasse para um duelo.

— Vou foder com você.

As Espadas se tensionaram. Kit apontou para o próximo.

— E com *você*. E você. E… — disse ele, franzindo a testa. — Você, não, você é feio para cacete… ele também.

O líder empunhou a espada.

— Mais uma palavra e eu o atacarei.

— Não precisa me dar mole.

Kit olhou de soslaio para Eda. Os olhos dele passaram do castanho para um laranja brilhante e um tremor de choque percorreu as Espadas.

— Você me deve um apartamento novo, meu bem.

No instante seguinte, a garrafa de vinho saiu voando pelo ar. O vidro estilhaçou no rosto do líder. Ele caiu para trás, arranhando os olhos.

— Demônio! — urrou. — Demônio!

As Espadas entraram em ação. Cercaram Kit, cobrindo todos os cantos do ambiente como uma máquina bem lubrificada. Apesar da vista comprometida, o líder não vacilou ao puxar o frasco. Ele arremessou a prata em Kit, que se esquivou. O vidro quebrou na parede. Duas Espadas já estavam correndo para atacá-lo. Eram rápidas e precisas, cortando o ar com lâminas treinadas.

Kit era mais rápido.

Uma espada o atacou em um arco, um rastro de prata. Kit se esquivou por baixo do golpe e ressurgiu entre os braços do soldado. Ele pegou a cabeça do homem com as duas mãos e *torceu*. Com um estalo horrível, o homem caiu, inerte. O demônio arremessou o corpo para bloquear um ataque, como se fosse um escudo: lâmina do outro atravessou as costas do companheiro. Kit sorriu para o soldado perfurado entre eles e empurrou ambos para longe, com tanta força que eles voaram pela sala. Outro frasco foi arremessado pelo ar. Ele desviou. O vidro estilhaçou na estátua de mármore e Kit chiou — um pouco da prata respingou em seu braço. A pele frigia, audivelmente, sob a camisa.

— Agora! — ordenou o líder.

Eda se virou para olhar. Uma das Espadas puxou a alavanca de uma besta que ela nem notara. Uma bola pálida e cintilante explodiu do funil, lançando uma rede em movimento, grande o bastante para capturar três homens.

Kit rosnou ao ser capturado pela rede. Ele pareceu sumir sob o material. O coração de Eda parou.

As duas Espadas restantes se aproximaram da rede, com armas em punho.

— Ele sumiu, capitão!

— Não. Ele ainda está aqui.

Eda estava ponderando se conseguiria fugir quando notou uma sombra minúscula no chão, correndo em sua direção e desaparecendo embaixo do divã que ela usava como esconderijo.

Um rato preto e reluzente.

Que malandro.

De repente, o rato explodiu em uma bola de fumaça preta. O divã saiu voando do chão, colidindo contra as Espadas. Os soldados foram jogados contra a parede com uma força absurda — uma janela estourou. Um dos homens engasgou, emitindo sons incoerentes, perfurado pelo vidro como carne na ponta de um garfo. O outro foi esmagado sob o divã, contorcido e imóvel.

Quando Eda ousou erguer o rosto, caiu sentada de medo.

Kit se desenrolou como se fosse uma serpente escura e peçonhenta. Garras pretas. Orelhas afiadas como facas, aparecendo através do cabelo escuro. Até a pele assumira um tom surreal e cinzento — a cor dos restos da lareira. E na cabeça dele, brotando do couro cabeludo…

Chifres. O direito se curvava para trás como uma onda no mar, terminando em uma ponta afiada voltada para o teto. Tinha cor de fuligem e textura áspera, como o corno de um carneiro. Foi só quando ele virou o pescoço que Eda notou o chifre esquerdo; faltava metade dele.

— Que o Senhor nos ajude — murmurou o capitão, levando o dedo indicador à testa em prece.

Kit rosnou, revelando caninos afiados.

— Seu deus não está aqui.

A Espada recuou um passo diante da provocação gutural. Olhou ao redor da sala. Eda enxergou o que ele via — o sangue de seus homens no chão, nas paredes, nos móveis. Gotas salpicando o rosto e o pescoço do monstro.

A realidade da situação a soterrou como uma avalanche. Se existisse mesmo alma, Eda tinha vendido a sua. Vendido para um monstro.

Kit avançou. Para o crédito do capitão, ele não se encolheu, nem tentou fugir. Empunhou a espada com as duas mãos e afastou os pés em postura de luta.

— Mais soldados meus estão cercando este edifício agora mesmo, demônio. É impossível escapar de todos nós. O Senhor está conosco.

— Não me ouviu, seu imbecil miserável? Seu deus não está nem aí se você vive ou morre — disse Kit, caminhando lentamente, como se o provocasse. —

Você sabe o nome *verdadeiro* dele, suponho. Seus ancestrais sabiam. Chamavam ele de Dominor.

Dominor. O nome pagão do Senhor, considerado sacrilégio pela Ordem da Fé.

— Não diga essas heresias para mim.

Kit gargalhou. O som deixou Eda arrepiada.

— Ou seja, a verdade? Vocês dizem que Dominor foi o libertador da humanidade. Que condenou o restante do panteão ao *meu* mundo, para trazer a vocês a luz sob seu comando solitário.

A Espada contraiu os lábios.

— E assim nasceram você e seus parentes imundos, eternamente famintos para voltar rastejando ao reino do qual Ele os baniu.

— Dominor não criou os demônios. Ele *era um demônio*, seu tolo. O primeiro a conseguir chegar ao mundo mortal. Ele trouxe outros, que seus ancestrais adoravam como divindades. Seu Senhor é a mesma coisa que você teme.

Eda ficou sem fôlego, zonza de choque.

— *Silêncio!* — exclamou o capitão, o rosto ficando vermelho. — Basta de sua blasfêmia. Você nunca abalará os justos. Toda Espada morrerá de bom grado para proteger esta cidade da sua espécie. Assim como eu.

— Então morra.

Kit pulou. A Espada atacou em um lampejo fatal.

Não foi suficiente.

O demônio enfiou as garras no pescoço do homem. Puxou e arrancou sua traqueia. O capitão largou a espada, gorgolejando enquanto seu tronco encharcava de sangue quente. Ele passou a mão na ferida aberta. O fedor metálico era sufocante; Eda apertou o próprio pescoço, como se pudesse segurar o dele.

O capitão caiu de cara no tapete.

Ela deve ter feito algum barulho, porque Kit se virou. Eda arfou e recuou aos tropeços, mas o demônio passou direto por ela, a caminho da janela. Algo se mexia atrás dos joelhos dele — uma *cauda*, cinzenta e com ponta triangular, balançando de agitação.

Vou desmaiar.

— Ele estava certo, pelo menos. Estamos mesmo cercados — comentou, olhando de soslaio com os olhos flamejantes. — Hora de ir.

— Es… espere…

Eda não sabia por que protestava. O demônio estava certo. Ela não podia ficar ali. No entanto, quando ele se abaixou, esticando as garras ensanguentadas, ela o chutou por instinto.

— Não me toque!

Ele parou.

— Não vou machucá-la. Temos um acordo.

Um acordo. Ela chegou a rir.

— Temos. Temos, sim.

Eda cobriu o rosto com as mãos, apenas para impedi-las de tremer. Não era como o acordo com o sr. Night. Para um acordeiro que negociasse os próprios anos, havia apenas dois modos de recuperar o que perdera. Ou Kit'rath falhava em cumprir sua parte do negócio, ou…

Ou eu mesma o mato.

Como se ela tivesse alguma chance. Como se aquela brecha fizesse diferença. Eda precisava da ajuda dele; Kit não lhe serviria morto. Então lhe ocorreu, de repente, que se o demônio morresse pelas mãos de outro tão cedo, ela perderia os anos antes de recuperar os irmãos. Uma gargalhada histérica ameaçou escapar outra vez — até que foi abruptamente levantada do chão.

Eda gritou. Sentiu asco do corpo dele sob o seu. Ele cheirava a sangue, vinho e chuva por cair.

— O que você…!

Com Eda pendurada em um dos braços, ele usou o outro para arrebentar a janela. Pulou, ágil, no parapeito.

Um segundo depois, percebeu o que ele pretendia fazer.

Ele pulou no ar.

Eda berrou.

A queda foi curta, mas aterrorizante. O vento fustigava seu cabelo, rugindo em seus ouvidos. O pouso foi igualmente abrupto. O impacto no ombro de Kit a deixou sem fôlego, mas ele logo a colocou de pé. Eda cambaleou. Mais adiante na rua, uma onda de vermelho e prata se aproximava deles. Pessoas gritavam, assustadas.

— Monte.

A visão de Eda mal se recompôs antes de ele se transformar novamente. Fiapos pretos se contorciam e reviravam, moldando um novo formato, muito, *muito* maior do que antes. Ela engasgou.

Um corcel preto e imenso dobrou a pata. Ela encarou a figura majestosa e intimidadora: músculos grandes, ancas fortes, o pescoço arqueado e orgulhoso. Ele resfolegou pelas narinas aveludadas. Um olho flamejante queimava diante dela, miserável e belo.

Monte logo, cacete, ele parecia dizer. Apenas o som de espadas empunhadas

serviu para ela lhe dar ouvidos. Eda olhou apavorada para as Espadas e agarrou a crina comprida dele, tomando impulso para montar. A pelagem era macia como seda. O corpanzil de Kit balançou quando ele se levantou, e ela se atrapalhou, tentando sentar direito. Se o machucava com o aperto, ele não deu sinal.

Um frasco estourou no chão, perto dos cascos de Kit. Ele relinchou de susto, recuando. Outro frasco passou voando, por pouco não acertou o focinho. Espadas os cercavam, pelo menos dez, talvez mais.

Eda não montava a cavalo desde menina. Precisava de todas as forças para agarrar o dorso largo com as pernas e apertar desesperadamente a crina. *Não podia ter se transformado na porcaria de um pônei, não?*, pensou ela, acalorada, olhando para a longa distância até o chão.

Espadas os atacaram. Kit virou a cabeça imensa para o lado, e foi então que ela viu: não os dentes grossos e quadrados de um cavalo normal, mas uma fileira de *presas* carnívoras. Eda exclamou, por instinto, quando ele fechou aqueles dentes compridos no ombro de um soldado. O corcel contorceu o pescoço, e o homem foi arremessado contra outro, com o braço dilacerado.

Berros de terror. Sangue nos paralelepípedos. E um guincho agudo e horrendo do corcel ao empinar.

Eda se agarrou ao pescoço da criatura, aterrorizada. Ela se preparou para cair, mas sentiu uma pressão em seu quadril e suas pernas, como se de repente estivessem coladas no dorso dele. Ela não poderia descer nem se tentasse. Magia. *A magia dele.*

A boca lupina e sangrenta e os olhos flamejantes de Kit se erguiam acima da multidão. Cascos pretos golpeavam o ar. A cena era tão surreal, tão medonha que, por um momento, até as Espadas ficaram paralisadas de medo.

Pelos santos, o que eu fiz?

Kit investiu. Os homens tiveram o bom senso de fugir para não serem arremessados. Ela olhou para trás e gritou, alarmada. O demônio pareceu entender o alerta, pois fez uma curva abrupta bem quando outra rede de prata voava na direção deles — a beirada atingiu a perna de Eda e a bainha da capa, que foi arrancada.

Ela mal percebeu. Mal sentia o corte sangrento na palma da mão, ou o vento frio enquanto galopavam pela rua pavimentada. Pessoas gritavam e fugiam, saindo do caminho. Kit não diminuiu o ritmo. Os músculos quentes se retesavam e relaxavam rapidamente sob Eda enquanto ele disparava, tão veloz que Blackbridge se tornava um rio caudaloso de aquarelas ao redor, em tons de cinza, marrom e preto.

Eles correram para oeste, junto ao rio. Eda não ousou olhar para trás outra vez. Não aguentaria. Sua vida antiga era estranha, secreta, protegida, mas era sua. Agora, terminara. Abrira mão do que lhe restava, se entregara para um monstro com rosto de homem. Em seus ouvidos, ecoavam os sons de garras rasgando carne. O fedor de sangue era fétido.

Quando as lágrimas vieram, Eda não sabia se eram de luto ou pela ardência do vento.

Nunca se sentira tão sozinha.

Dez

EDA NÃO FAZIA IDEIA DE QUANTO TEMPO CAVALGARAM. Tinha certeza apenas do rosto e das mãos entorpecidas, das inúmeras expressões de choque passando ao seu redor enquanto galopavam pelas ruas.

As coxas dela ardiam; Kit guinava nas curvas e desviava de obstáculos com uma fúria incontrolável. A dor era boa. Ajudava a distrair por um momento. Ela se debruçou nas costas do corcel, bloqueando o fluxo sombrio da cidade. Não sabia aonde iam. Não perguntou.

De repente, enfim, Eda percebeu que o céu se abrira ao redor deles — o fedor úmido dos canais se dissipara. Kit diminuiu a velocidade.

Campos. Plantações planas que se estendiam por quilômetros. Eles seguiram a estrada mercantil e o curso do rio Embel, um afluente do Canal do Santo que corria para nordeste. Em raros dias de verão, os Shaw iam de carroça às margens ao sul, como muitas pessoas faziam quando o calor da cidade se tornava insuportável. Lawrie se jogava no rio como um cão, nu e às gargalhadas, enquanto Ben segurava a irmã, pacientemente, para ensiná-la a nadar. Aqueles dias foram se tornando cada vez mais raros ao longo da infância deles, mas Eda lembrava: a luz difusa e ensolarada; a grama espetando seus pés descalços. O sorriso de Ben.

Ela olhou para trás, para Blackbridge. Uma muralha de torreões escuros preenchendo o horizonte. Uma construção em especial se erguia acima das demais, com seu campanário pontudo único e contrafortes arqueados, como a coluna de uma fera imensa. O Grande Templo. Atrás dele ficava o forte Fell, sede das Espadas.

Em algum lugar nas masmorras abaixo dali, seus irmãos aguardavam a

execução.

Na última conversa que tiveram de verdade, eles tinham discutido. Eda dissera que ansiava por ir embora. Então as Espadas chegaram, e tudo virou um pesadelo. Aquilo acontecera mesmo no dia anterior?

Ela desviou o rosto.

Kit os conduziu por vilarejos, fazendas e pomares. Abandonou a estrada e se aproximou do rio, trotando mais devagar na margem. Parou na sombra de um enorme carvalho, os flancos inchando e murchando rapidamente sob suas pernas. Ele virou a cabeça para olhá-la com irritação.

— Desço aqui?

Eda considerou a encarada uma confirmação.

Após tanto tempo agarrada na crina, soltá-lo chegou a doer. Suas articulações estavam rígidas de frio, sem a proteção da capa, e a palma ardia, sangrenta e suja. Ela mal conseguira se equilibrar antes de Kit se transformar em um redemoinho de fumaça preta.

Ele adotou a aparência mortal, para alívio dela, mas manteve o tom ardente e perturbador dos olhos. O antebraço dele, revelado pela manga, estava vermelho e coberto de bolhas. Eda o observou enquanto ele cambaleava até o carvalho, se apoiando. *Parece que demônios também ficam cansados.*

— Você está… doente?

Kit olhou para ela.

— É necessário esforço para manter certas formas. Não usava essa havia muito tempo.

Ela estava zonza de dúvidas sem resposta. No momento, apenas uma pergunta precisava ser feita:

— Quando podemos libertar meus irmãos?

— Que mocinha impaciente, hein?

— Firmamos um Pacto. Você prometeu…

— Eu conheço os termos.

— Bom, eu não conheço. Nem tive a chance de ler.

— E assinou mesmo assim. Um erro de julgamento monumental, se quer saber, mas não foi culpa *minha* — comentou, dirigindo a ela um olhar altivo, como de um cavalheiro para sua aia. — Não se preocupe. Você pediu minha ajuda para socorrer sua família, e eu a ajudarei. Mas primeiro… — acrescentou, apontando abruptamente para os pés. — Note que estou *descalço*.

Eda pestanejou. Estava mesmo.

— Descalço! Como um bicho qualquer! — exclamou ele, pisando com

cautela na grama úmida e no chão lamacento por baixo, pois chovera recentemente. — Como se não bastasse aqueles imbecis metidos à besta terem estragado meu apartamento. Ainda estragaram minha calça. É de mescla de lã forisiana, feita sob medida!

Eda, em choque, só podia segui-lo enquanto ele marchava pela margem do rio.

— Achei que demônios não ligassem para moda humana.

— Não nos trate como se fôssemos farinha do mesmo saco, meu bem. Alguns de nós têm bom gosto.

Ele a avaliou de cima a baixo.

Que cuzão. Apenas o medo residual dele a impediu de dar uma resposta mais azeda. Ela ainda via o sorriso ensanguentado dele, o pescoço rasgado do capitão.

— Responda, por favor, à minha primeira pergunta. Quando podemos salvar meus irmãos?

— Depende. Você tem um plano?

Eda hesitou.

— Bom… não. Ainda não. Pensei…

— Pensou que eu me teletransportaria magicamente para dentro da cela deles e sairia em um piscar de olhos, e pronto?

Talvez.

— Não exatamente.

— Eu não posso aparecer onde bem entender, infelizmente. Mesmo que pudesse, as Espadas devem tê-los prendido debaixo do Grande Templo. O lugar é mais protegido que a calcinha de uma Soror Sagrada. Eu sei bem.

Se ele se referia ao conhecimento íntimo da prisão ou das roupas íntimas de uma mulher da Fé, Eda preferia não descobrir.

— Este resgate heroico exigirá um planejamento adequado… — continuou ele. — Como você se chama mesmo?

— Eda Shaw! Eu já falei.

— Ah, certo. Minha memória é péssima para gente chata.

Eda cerrou o maxilar. Talvez não devesse esperar educação de um demônio que arrebentara o pescoço de um homem uma hora antes. Se o pior de seu ataque fossem palavras venenosas, ela deveria se considerar uma pessoa de sorte. Apenas o Pacto a protegia.

— É isso que vamos fazer agora? — insistiu ela. — Planejar?

— É, e, graças a você, *Eda*, não tenho onde morar. Espero que ela nos abrigue um tempo.

— Quem?

Kit não quis responder. Em vez disso, foi até um barco de boca larga atracado mais adiante, pintado em um tom simpático de azul. Eda não lhe dera muita atenção; havia muita gente morando no rio naquela região. Era uma barca de casco duplo, mais larga do que as canoas preferidas pelos ribeirinhos. Uma cabine central dominava o comprimento, com uma prancha estreita ao redor da beirada. Uma grande roda-d'água ficava abaixo do convés, movimentada pela alavanca alta na popa. O nome ORIANA estava pintado na lateral, em letras brancas cursivas.

Ela esperou Kit pular tranquilamente no convés, como se fosse dono do barco. Ele contornou alguns vasos de plantas e bateu na porta da cabine, com um pouco de força demais. Um movimento agitou o outro lado de uma escotilha.

— Quem é essa pessoa exatamente? É de confiança?

— *Eu* confio nela.

— Isso não me dá muita segurança.

A resposta de Kit se perdeu quando a porta da cabine foi escancarada, quase acertando-o no queixo. Ele pulou, chiando.

— Cuidado aí, sua mocreia!

— Por quê? — perguntou uma mulher alta e idosa, saindo para o convés. — Ficou tão fraco que se machuca à toa?

— Não é isso. Robin, eu preciso…

— Não dou a mínima para o que você precisa — disparou ela, e olhou para Eda, ainda à espera na grama da orla. — E trazer uma vadia bonitinha não vai me amolecer. Ela é nova demais para mim.

— Não sou nenhuma vadia — retrucou Eda.

— Então é o *quê*?

— É minha — respondeu Kit. — Por enquanto.

Eda perdeu o fôlego. A mulher notou sua mão.

— Você firmou um Pacto — disse ela, e olhou para Kit. — *Você*.

— É uma história emocionante. Que tal nos convidar para entrar para que eu possa diverti-la com todos os detalhes mais violentos? Seus preferidos.

Robin franziu a testa.

— Você não me visita há anos, seu ingrato egoísta. Agora que quer alguma coisa, aparece de repente?

Eda estava tonta. Quem era aquela mulher para discutir tão tranquilamente com um demônio?

— Não passe a vergonha de fingir que não está alegre. Fico chocado por você não ter simplesmente falecido de tédio na minha ausência — disse ele, mudando

para uma voz doce e maliciosa. — Imploro por uma audiência, bela donzela. Uma chance de conversar e uma xícara de seu delicioso chá de hortelã é tudo que peço.

— Bela donzela? Achei que eu fosse uma *mocreia*.

— Não diga uma coisa dessas de você mesma.

Robin observou os dois e soltou um suspiro exausto.

— Tá, entrem. Mas é bom a história ser do cacete.

Já entardecia quando Robin terminou de ouvir a história, em parte porque Kit passou a primeira meia hora levando bronca por xeretar os armários e atormentar o gato.

— Qual o nome dele? — perguntou Eda, tentando puxar assunto.

Ela esticou a mão para o gato malhado enorme e peludo e, em troca, recebeu um olhar de desprezo.

— Miserável — disse Robin.

— Oi?

— É o nome dele. Velho Miserável, tecnicamente. Ele já está mais pra lá do que pra cá.

Velho Miserável se instalou na beira do banco acolchoado de Robin e bufou, ranzinza, com o traseiro pressionado contra a parede. Kit sentou no banco da frente. Isso nitidamente perturbou Velho Miserável, pois sempre que o demônio olhava para ele, o gato soltava um barulho baixo e furioso.

Muita sensatez da parte dele.

Por dentro, o *Oriana* era surpreendentemente aconchegante. As paredes revestidas de pinheiro davam um tom alegre e um aroma amadeirado ao ambiente, como a pequena lareira a lenha apagada no canto, perto da entrada. Dois bancos acolchoados ladeavam a cabine, acompanhados por almofadas de tricô e uma mesa dobrável para as refeições. Do outro lado, uma copa exibia diversos ramos de ervas pendurados. Prateleiras de ingredientes indecifráveis enchiam as paredes, repletas de potes e vidros coloridos. Degraus desciam da copa; o quarto de Robin devia ficar embaixo, Eda pensou.

Nada era tão interessante quanto a mulher em si. Robin era esguia e elegante, de algum modo, apesar da cascata grisalha descabelada e dos olhos pintados de preto. Usava um vestido simples, castanho-alaranjado, e uma faixa de cabelo. Argolas douradas adornavam suas orelhas e pulsos, além de um pingente oval semelhante no peito bronzeado. Ribeirinhos negociavam ouro, Eda sabia.

Tipicamente viajavam em comboio, em centenas de barcos. Robin, contudo, estava sozinha.

Havia uma estranha familiaridade nela — algo ao mesmo tempo admirável e reconfortante. Uma intensidade. Eda não notava maldade, mas a presença de Robin naquela cabine peculiar lembrava uma tempestade em um copo d'água.

Robin escutava e servia chá enquanto Eda relatava apenas os detalhes mais pertinentes — com o cuidado de não mencionar o sr. Night.

— Então — disse a senhora, finalmente —, você fez burrada e agora quer me meter na sua confusão.

— Não fiz burrada nenhuma — retrucou Eda, apertando a xícara. — Sei o que estou fazendo.

— Cinquenta anos, cordeirinha.

— Não precisa me lembrar. E não sou a porra de uma *cordeirinha*.

Robin levantou as sobrancelhas. Pela primeira vez, sorriu.

— Engano meu. Esses olhinhos bonitos e cachos dourados são uma distração convincente. Mas uma mulher de boca suja é digna do meu coração.

— Fui criada com dois irmãos — explicou Eda, seca. — É por isso que estou fazendo isso. Por eles. Eles morreriam por mim, *morrerão* por mim, se eu não puder…

Engoliu em seco.

Passei a vida toda vendo outros venderem suas supostas almas, quis dizer. *Ninguém entende melhor do que eu*.

Pactos não poderiam ser feitos se interferissem com outros, e o acordo que ela negociara naquele dia não afetava diretamente o do pai. Entretanto, Eda preferia evitar o tema. Kit não sabia que ela estava amarrada a outro Pacto, e ela não tinha pressa de revelar a verdade. Quando Ben e Lawrie fossem libertados e ela encontrasse o espelho, poderiam se despedir. Ele nunca precisaria saber de seus acordos com o próprio demônio que o caçava.

A luz tênue atravessava as escotilhas, delineando em ouro o rosto enrugado de Robin. Ela olhou para a mão de Eda.

— Você é um bruto — ela brigou com Kit, pegando potes das prateleiras. — Não precisava de um corte desse tamanho.

O demônio se recostou no outro banco, inabalável.

— Foi a pressa.

Robin se dedicou a limpar a ferida de Eda. Ela permitiu, confusa, mas disposta a aceitar a gentileza. Chiou quando sangue seco foi lavado e um unguento espesso, de cheiro forte, espalhado no corte por dedos calejados.

Eda se sentia à deriva. Procurara Kit por seu poder — se um metamorfo não pudesse libertar seus irmãos, ninguém poderia —, mas a esperança de um resgate rápido murchava a cada instante. Kit admitira que tinha habilidades limitadas. Seria o mesmo caso de outros demônios? Do sr. Night? Ele despertara Emmeline do túmulo. Parecia inconcebível que não pudesse reformular a natureza do mundo com um mero gesto, que não fosse onipotente. Entretanto, apesar da maneira milagrosa com que ele cumpria seus Pactos, Eda nunca os testemunhara pessoalmente. Seriam tarefas mundanas, simplesmente disfarçadas de magia? Truques teatrais? Se o sr. Night tivesse qualquer limitação, com certeza não gostaria que soubessem.

Talvez Eda tivesse dado crédito demais aos demônios. De qualquer modo, não pedira o poder de Kit — pedira a *ajuda* dele. E ali poderia ter um lugar seguro onde descansar à noite. Isso, admitiu, era de fato uma boa ajuda.

— Como vocês se conheceram? — perguntou Eda.

Kit soltou uma risadinha.

— Eu estava na cidade quando Kit'rath chegou aqui — disse Robin. — Ele estava gravemente ferido, e fizemos um acordo em troca de minha ajuda. Não um Pacto, veja bem, embora ele tenha oferecido. Foi uma simples troca. Algumas lascas do chifre dele, um ingrediente raro e poderoso. Desde então, ele não larga do meu pé.

Então, Eda entendeu.

— Você é uma bruxa!

A mão de Robin tremeu em torno da sua.

— Sou estudante de artes alquímicas, como todos aqueles usuários de magia abobalhados da Ordem da Fé. A única diferença é que quem tem o aval da Fé é chamado de alquimista, e quem não tem é uma feiticeira dissidente de quinta — explicou, enfaixando a mão de Eda. — Posso até não ter estudo formal, mas nunca precisei. É um jeito útil de ganhar uns trocados no rio. Feitiços e encantos básicos têm seu valor.

A prática da magia não era exatamente proibida em Wesland, mas certamente era tabu para quem não era aceito no Mosteiro dos Alquimistas. Dons tão raros deveriam ser usados a serviço da Fé, sem exceção. Eda pensou que devia existir certo mérito nisso, pois, no Mosteiro, a magia poderia ser devidamente treinada e dedicada a um fim nobre. Ou o que a *Ordem da Fé* considerasse nobre, pelo menos.

Kit disse:

— Estou disposto a abrir mão de mais do meu chifre em troca de

hospedagem, Robin. Eu e a mulher precisamos de um abrigo seguro fora da cidade até este Pacto terminar. Nem pedirei sua mágicka de bruxa. Posso recuperar os irmãos sozinho.

— Força bruta não é o suficiente.

— Eu sei.

— Sabe mesmo? O forte Fell é bem protegido. Os muros repelem o demoníaco. Você precisa planejar bem.

Eda disse a Kit:

— Me deixe ajudar. São *meus* irmãos.

— Isso tudo vai acabar mais rápido se você não me atrapalhar e me deixar trabalhar em paz.

— Não é bem verdade — disse Robin. — Você pode ser poderoso, Kit'rath Ansellis, mas será difícil esconder sua natureza das Espadas. Aproveite a garota. Ela é humana. Juntos, vocês podem até parecer um time equilibrado.

Kit fez uma careta.

Eda se animou.

— Então você vai nos hospedar?

— Hm. Acabou *mesmo* meu chifre de demônio… Está bem. Porém se alguma Espada vier bisbilhotar, vocês vão para o olho da rua e eu, para o meio do Embel, antes deles pisarem aqui.

— Perfeitamente justo — concordou Kit. — Combinado. Pode pegar o ralador.

Eda não resistiu a perguntar:

— Foi isso que aconteceu com seu chifre quebrado? Você deu para Robin?

A expressão do demônio murchou.

— Não.

Mais mil perguntas surgiam na ponta de sua língua, mas a lembrança da violência dele maculava sua aparente simpatia. Ela deixou as próprias dúvidas para lá, e fez-se um silêncio desconfortável.

Kit se levantou de repente. Ele pegou uma maçã da cesta de Robin e saiu pela porta da cabine, sem dizer uma palavra.

— Não dê bola para ele — disse Robin. — Kit pode ter passado os últimos vinte anos se fingindo de humano, mas a fachada é superficial. Não espere muitas explicações.

Vinte anos. Kit se escondia do sr. Night por toda a vida dela.

Por todo o tempo que os Shaw tiveram o espelho.

Eda remexeu a mão enfaixada enquanto o peso do dia finalmente a esmagava.

Ela fechou os olhos, vendo apenas sangue, garras e espelhos escuros e sem fim.

— Não tenho ideia do que estou fazendo.

Um sussurro dito sem pensar. Ela vendera *tanto* por aquela única oportunidade de salvar Ben e Lawrie. Uma vida inteira — que lhe parecia tão abstrata a ponto de quase não ser real. Ao ver as rugas no canto dos olhos de Robin, porém, algo em Eda murchou e morreu. Aquele futuro *era* real: uma versão idosa e grisalha dela que teria vivido, amado e perdido. E ela abrira mão disso.

Robin bebeu um gole ruidoso da xícara.

— Ninguém sabe o que está fazendo, cordeirinha, apesar da idade. Só se aprende a fingir melhor.

— Falei para não me chamar assim.

— Não é uma ofensa. Você só tem cara de cordeirinha — respondeu Robin, com um sorriso mais afiado que, estranhamente, lembrava Eda do sr. Night. — Você negociou com um demônio, afinal. E não se encolhe quando ele a olha. Isso me diz que há algo de lobo debaixo da sua pele de cordeiro.

Quando a noite caiu, Kit ainda não havia voltado.

E, por mais exausta que estivesse, Eda não conseguia dormir.

Ela recebeu um ensopado nutritivo para o jantar e um cobertor grosso para se deitar, mas, apesar da barriga cheia e da cama aceitável, sua cabeça girava como uma roda. Ela se revirou no banco de Robin por uma hora após a saída da mulher.

A panturrilha latejava no ponto onde fora ferida pela rede. A mão enfaixada coçava. Até seu lábio — *obrigada, Gregory* — era uma distração constante. Eda pensou no Pacto que firmara e o pavor a sufocou como bile. Pensou nos olhos escuros e astutos de Lich, o que só piorou a situação. Como, pelo amor dos *santos*, ela arranjaria aquele espelho para ele? Como encontraria os anos remanescentes do sr. Night antes da próxima colheita?

E ainda havia Ben e Lawrie.

Imagens dançavam em sua mente, fragmentadas pelos longos anos. Como Lawrie lia para Eda quando ela despertava chorando após um pesadelo, uma mera criança também, cansado, a voz suave. Como Ben aprendera a trançar seu cabelo, mesmo que de forma atrapalhada, porque Eda não tinha uma mãe para ensiná-la. Lawrie gostava mais de contato. Ele a abraçava, corria atrás dela, rindo entre as estantes, fazendo cócegas quando ela precisava se alegrar. Ben era quem preparava as refeições e amarrava seu cadarço, quem garantia que ela tivesse roupas do tamanho certo. Ele trabalhava muito com seu corpo jovem para que Eda e Lawrie pudessem cuidar da loja. O peso daquele fardo deve ter sido esmagador. Solitário.

Ela morria de saudades deles. Daria tudo para ouvir Ben brigando com ela ou Lawrie tagarelando sobre alguma antiguidade obscura.

Eda secou furiosamente as lágrimas que escorriam para o cabelo. Se não pudesse salvá-los, eles morreriam com a lembrança de uma irmã ingrata e infeliz que os desprezara quando eles só tinham tentado protegê-la. Havia muito tempo que culpava o pai pelas circunstâncias em que vivia, mas aquele fracasso era inteiramente dela.

Isso surpreende você?, murmurou a voz amanteigada. Como sempre, soava idêntica à do sr. Night. *Você é o motivo pelo qual isso tudo começou. Se não tivesse matado sua mãe, nada disso teria acontecido. Todo esse sofrimento… começou com você. Você merece perder esses cinquenta anos.*

Eda puxou o cobertor áspero até o nariz. Ela suplicara pela ajuda de um demônio, mergulhara em profundezas que jurava estarem abaixo de si. A vergonha era devastadora. O que, afinal, a diferenciava de todos os alvos que tanto detestara?

Não é a mesma coisa. Eu não sou meu pai.

Talvez seu destino estivesse traçado. Talvez as sombras que sentia aprisioná-la fossem, na verdade, seu lar, uma criatura noturna tola por ansiar pelo sol. Se fosse assim, o futuro indistinto e cintilante que imaginava além de Blackbridge nunca daria frutos. O melhor que Eda poderia fazer era aceitar seu destino e se desculpar. Enquanto pudesse.

Acima dela, Velho Miserável se acomodara em uma prateleira lotada. Eda o viu balançar o rabo de um lado para o outro. Pensou em outro gato — preto como a noite e extremamente arisco, com olhos da cor do fogo.

Como se o tivesse conjurado, um baque baixo soou do lado de fora da cabine. A água lambeu o casco do barco. Eda se tensionou.

Ela hesitou por um momento.

Velho Miserável pestanejou, preguiçoso, o luar reluzindo em seus olhos estreitos quando Eda afastou o cobertor. Ela atravessou a copa e espreitou por uma escotilha.

Kit era uma silhueta escura no convés do *Oriana*. Contrastando com o rio prateado e ondulante, ele parecia surrealmente imóvel. Nenhum mortal poderia permanecer tão inerte e ainda respirar.

Eda semicerrou os olhos.

Se não conseguia dormir, pelo menos teria respostas.

Onze

Na falta de uma capa, Eda se virou com o cobertor emprestado. Ela cobriu os ombros e saiu de fininho, dando a volta na cabine pela prancha estreita. A barca balançou imperceptivelmente.

Não estava tentando fazer silêncio, mas a sobrancelha que Kit ergueu, incrédulo, fez ela se sentir como um touro furioso.

— Honestamente — disse ele, devagar —, cadê suas pernas de marinheira?

— Não é um mar, é um rio.

Ele contraiu os lábios.

Eda criou coragem e se sentou, mantendo uma distância razoável entre eles.

Nunca teria sentado ao lado do sr. Night assim, sem ser convidada. Demônios eram perigosos, apesar da máscara que usavam. Porém, enquanto o sr. Night era sempre cordial, Kit'rath Ansellis era agressivo, tinha a língua ferina e nenhum filtro. Era estranhamente confortável. Ela o conhecia havia pouco mais de doze horas, e ele já havia revelado sua verdadeira face.

— O que você está fazendo? — perguntou Kit enquanto ela se aninhava sob o cobertor, e lhe dirigiu um olhar fulminante.

— Sentando.

— E por que tão perto de mim?

— Queria perguntar umas coisas.

— Jura? Melhor eu me jogar do barco, então — retrucou ele, e a carranca deu lugar a um sorrisinho. — Ou… você sabe nadar?

— Por quê?

— Por nada.

— Olhe, já que vamos passar um tempo juntos, acho justo esclarecer algumas

coisas. Começando pelo Pacto — disse ela, estendendo a mão. — Eu quero ver.

Para sua surpresa, Kit não hesitou. Uma folha de pergaminho apareceu com um gesto. Eda pegou o Pacto, cautelosa. Nunca segurara um documento daqueles antes. *E este é o meu.*

O texto vermelho-ferrugem já estava seco.

— É o seu sangue mesmo?

— Tem que ser. Nos termos mais básicos, Pacto é uma magia de sangue.

O borrão apressado no fim da página era dela. A mão de Eda ardeu com a lembrança.

— Como você escreve algo assim tão rápido?

Sempre teve curiosidade, mas nunca ousara perguntar ao sr. Night.

— Com intenção. Não são todos os demônios que detêm poder suficiente para firmar Pactos, isso se tiverem a oportunidade de vir a este mundo. É uma habilidade reservada a poucos.

Uma resposta vaga, mas interessante. Eda nunca considerara que alguns demônios não pudessem firmar Pactos. Mas Lich *realmente* mencionara uma hierarquia. Eles tinham sociedades e estruturas de poder, assim como o mundo humano. Alguns eram mais poderosos do que outros. O sr. Night era um dos seis arquiduques do Além, então seus talentos faziam sentido. Já Kit…

— Quer dizer que você é uma espécie de nobre de onde vem? — perguntou ela. — Já que pode firmar Pactos e se transformar?

Kit ficou sério.

— Eu era.

— Ou seja, antes. Robin disse que você está no mundo humano há vinte anos.

O *porquê* era implícito, e Kit claramente percebeu.

— Lembre-me por que não devo simplesmente jogá-la no rio?

— Porque eu posso ficar gripada, ter hipotermia e morrer. O que violaria o Pacto, já que você não pode me matar. Hã… Não pode *mesmo*, né?

Ela olhou para o documento.

— Você está sob minha proteção até o fim do trato. Está tudo aí.

Estava mesmo, ela percebeu.

Cláusula terceira: Até o término deste contrato, o contratado (1) não deve causar danos físicos severos intencionais à contratante e (2) deve prevenir tais danos causados por fontes externas quando possível. A morte prematura da contratante resultará na perda de anos adquiridos e na dedução equivalente do contratado.

Eda contraiu a boca. Termos razoavelmente comuns, mas certamente deixavam aspectos abertos à interpretação. O que ele considerava "danos físicos severos"? Jogá-la no rio provavelmente não contava.

Uma parte pequena e traiçoeira dela ansiava por rasgar o pergaminho. Por desfazer aquele dia horrível e recuperar seus anos. No entanto, Eda sabia que o papel não rasgaria, nem se tentasse. Nem queimaria, derreteria, nem se desfaria na água…

— Pode ficar com ele, se quiser — disse Kit, como se lesse seus pensamentos —, mas nem adianta tentar destruir ou jogar fora. Sempre acabará voltando para mim.

— Eu não faria isso. Tive motivos para assinar.

— É o que você diz.

Eda mordeu o interior da bochecha.

— Achei que entrar no forte fosse fácil para você. Já que é um metamorfo…

Ela deixou a frase no ar, sem saber se estaria ofendendo.

— Me achou *decepcionante*, meu bem?

Ela fez uma careta.

— Não, eu só… nunca pensei em como demônios faziam para cumprir os Pactos. Supus que vocês eram tão poderosos que *nada* estaria além de suas capacidades.

— Pode ter sido verdade um dia. Meu povo sempre teve o dom da mágicka, mas nossa maestria já foi muito maior. Ao longo dos séculos, nós… enfraquecemos.

— Por quê? Como?

— Ninguém sabe com certeza. Muitos culpam vocês, humanos.

Eda ouvira aquela teoria: a hipótese de que a magia fraca que os alquimistas humanos empunhavam vinha do Além, vazando como seiva de uma árvore. Uma ideia denunciada pela Ordem da Fé como heresia lunática, é claro, mas, mesmo assim, interessante.

— Bom, mas não roubamos a magia de vocês *de propósito*. Não é justo!

Kit estudou o rosto dela como se fosse uma pintura interessante.

— Você é peculiar.

— Como assim?

— Você me viu arrancar o pescoço de um homem e não está se mijando só de falar comigo, por exemplo.

Eda odiava que ele falasse daquilo com tanta tranquilidade, como se não tivesse nenhuma importância.

— Talvez eu esteja deixando para *me mijar* na próxima vez que você me pegar no colo sem permissão.

Ela não pretendia ser tão grosseira, mas ainda estava irritada com aquele pulo da janela.

Kit apenas sorriu.

— Acho que você deve ter gostado de matar aqueles homens — disparou ela. — Certamente não pareceu *incomodado*.

O sorriso de Kit murchou.

— Eu deveria chorar por aqueles que desejam minha destruição?

— Mas deveria celebrar a destruição deles?

O olhar dele endureceu.

— De onde eu venho, sangue cai como chuva. Então talvez derramá-lo não me angustie. Não significa que eu *celebro*.

Eda desviou o rosto, sem querer continuar o assunto.

— Aquilo que você disse do Senhor era verdade? Que ele era…

— Não importa. Fato e crença raramente têm muito em comum. Com o tempo, tudo vira uma mera história. Sua Ordem da Fé simplesmente reescreveu a narrativa de Dominor para seus próprios interesses.

Eda refletiu sobre aquilo. Quanto da cultura humana era uma interpretação falsa, emaranhada com a deles? O Códice Sagrado ensinava que o Senhor — *Dominor*, supostamente — sabia que a humanidade permaneceria cruel e anárquica como animais ao cuidado dos outros deuses, e por isso os banira ao Além. Lá, eles se perverteram, corrompidos, e se tornaram os primeiros demônios. Ela nunca levara aquela história muito a sério.

Entretanto, ouvir suas dúvidas pronunciadas, pensar que o antigo panteão fora *sempre* de demônios, vindos do Além… Ficou abalada por aquilo fazer tanto sentido. Mais do que tudo que lera nas escrituras. Era claro que teriam sido idolatrados como deuses. O que era um Pacto senão uma prece atendida? Então a Ordem da Fé surgira e os varrera como um incêndio, erradicando os pagãos e seus deuses antes de moldar um novo ídolo divino das cinzas.

Se o *Senhor* não existisse de verdade, então nenhum ser onipotente pronunciaria o julgamento divino dos Shaw.

Uma gota de alívio a atravessou como um rio degelado, mas ela não se sentia muito melhor. Eda e os irmãos tinham atraído muitas pessoas para as garras do sr. Night, e ela ficou bastante perturbada ao constatar que ainda se incomodava com aquilo. A fé obviamente não tinha nenhuma relação com a moral de cada um. Seria tão mais simples, pensou ela, não ter moral alguma.

Um estalido rasgou o ar de repente. Eda foi arrancada de seu devaneio quando uma criatura pequena e feia se materializou na sua frente.

Ela pulou para trás, gritando.

— Cuidado, Tripp. Vai matar a mulher do coração.

Agachado entre eles estava um ser ossudo e curvado, da altura do joelho de Eda. A pele era encouraçada e esverdeada, da cor de musgo velho. As patas lembravam pés de galinha: três dedos compridos com garras nas pontas. Também tinha asas, parecidas com as de um morcego, encolhidas na coluna nodosa. Um tecido cor de vinho surpreendentemente fino o cobria, amarrado ao redor da barriga protuberante e por cima do ombro, bordado com fio preto.

A criatura a encarou de cima do nariz longo e adunco e arreganhou os dentes, afiados como agulhas.

Eda se lembrou dos desenhos ao redor do Portal. Dos rostos pontudos e sorridentes espreitando entre folhas e cipós. *Diabrete. É um diabrete.*

— Senhor, *quas van'ik*?! — exclamou a criatura, a voz esganiçada. — Ousa sentar tão perto! Abaixe os olhos na presença de meu mestre, sua imundície!

O diabrete tomou impulso para pular nela, mas Kit o segurou pela roupa.

— *Hirath*, Tripp. Esta é Eda Shaw. Firmamos um Pacto.

Aquela língua estranha outra vez. A língua dos demônios. Tinha que ser, embora Eda nunca tivesse ouvido o sr. Night usá-la.

Tripp parou de se debater.

— Um Pacto! Mestre, o senhor voltou a firmar Pactos?

Eda franziu a testa. Kit *alegara* não ter interesse em seus anos, antes de ser convencido por ela…

— Por que você não quer firmar Pactos? Não é o que os demônios mais adoram?

— Escória impudente — exclamou Tripp, se empertigando, arrepiado como um gato ultrajado, sacudindo a cauda curva. — Permita-me arrancar a língua dela, senhor. Não deve ser necessária.

— Basta. Eda Shaw está sob minha proteção. Você não a tocará, nem continuará com esses resmungos de diabretinho revoltado.

As orelhas de morcego de Tripp murcharam. Ele fez uma estranha reverência suplicante.

— De onde veio essa *coisa*?

— Tripp é meu familiar. Ou foi. Quando deixei Infernus, recomendei que ele buscasse outro patrão, se assim desejasse. Ele recusou.

— Infernus?

— Meu mundo. O que vocês chamam de Além.

Anos agenciando Pactos, e ainda sei tão pouco.

— Mas como ele chegou aqui? Por um Portal?

— Os métodos de Tripp vão além de sua vã compreensão, humana — disse o diabrete com desdém, os olhos pretos cintilando. — Nós, diabretes, podemos ir aonde nossos patrões forem.

Kit dirigiu um olhar de censura a ele.

— E por isso você não deveria estar aqui. Não sou mais seu mestre, Tripp. Quantas vezes preciso dizer? Se você tiver qualquer consideração por mim, não voltará mais. Você pode acabar trazendo Baelion até mim.

Eda se inclinou para mais perto, resistindo ao impulso de interromper outra vez. *Baelion.*

— Não, meu senhor, não! Tripp é esperto, sempre passa longe da morada. Lorde Baelion não me encontra. Por isso tenho que vir, entendeu? Para alertá-lo.

— Alertá-lo do quê?

— Os nobres espalham rápido seus boatos, e agora os arquiduques sabem a verdade: seu irmão firmou um Pacto de grande valor com um clérigo humano. Muitos anos lhe foram prometidos, milhares! Dizem que lorde Baelion exigiu que o bispo encontrasse *o senhor* também, e que prometeu um presente em troca. As cortes só falam disso.

O sangue de Eda gelou.

Irmão.

Esse tal de Baelion era o sr. Night. De todos os demônios que poderia ter procurado, ela dera um jeito de firmar um Pacto com o *irmão* do sr. Night, pelo amor dos santos. Era por isso que Kit tinha tanto poder, por isso que podia firmar Pactos. Ele era parente de um arquiduque do Além.

A expressão de Kit mal mudou, exceto por um tremor sutil na testa.

— Que… azar.

— O que o senhor fará, mestre?

— Nada.

— Mas não pode continuar escondido! Deve enfrentar Baelion e lutar, senhor. Recuperar o posto que é seu por direito…

— *Silêncio* — rosnou Kit em um tom reverberante, como vidro estilhaçado.

Eda se encolheu. Ela pensou, de novo, na verdadeira forma dele, toda cinza-fuligem e com chifres longos. Um arrepio de incômodo desceu por suas costas. *Seu por direito*, dissera Tripp. Então o sr. Night era um usurpador?

O diabrete abaixou os olhos, mas foi Kit que de repente pareceu

desconfortável. Virado para o rio, Eda não via o rosto dele. Seus ombros estavam tensos. Ele girava um anel cinza-ardósia no dedo do meio, incrustado com um rubi grosso e cintilante. Se Eda não refletisse, acharia que o gesto era de nervoso. Toda aquela arrogância desmoronara como uma fortaleza derrubada, revelando algo surpreendentemente vulnerável por baixo.

Ele está com medo. Aquilo a perturbava, pois, quando um predador se assustava, todos estavam em perigo.

O sr. Night nunca mencionara um irmão. Raramente falava de si. As conversas deles ao longo dos anos tinham sido curtas, sempre comandadas pelo demônio. O que Eda realmente sabia sobre ele? Até a véspera, não fazia ideia de que ele era duque. Ali estava, questionando os limites do poder dele, quando talvez devesse se preocupar com a *extensão* deles.

Eda olhou as costas rígidas de Kit e descobriu que, na verdade, não queria saber. *Se Kit for um monstro, passei tantos anos trabalhando para que tipo de criatura?*

Ela queria confessar a verdade. Que as circunstâncias que a levavam ali eram muito mais profundas do que apenas esconder um Portal. Entretanto, como Kit reagiria se soubesse que o mesmo bispo que o caçava estava à procura dela também? Que fora ela quem, sem querer, levara Florian Fane ao espelho do sr. Night, e que ela trabalhava para o irmão que desejava a morte dele?

Eda não queria descobrir.

Tripp perguntou:

— E agora, senhor?

Kit a olhou com óbvia desconfiança. Depois de um momento de hesitação, pareceu concluir que ela era irrelevante o suficiente para explicar:

— Agora, cumprirei o Pacto de Eda Shaw. Baelion não me encontrará enquanto eu tiver isso. — Ele ergueu o anel ao luar. — Quando terminar, me afastarei o máximo possível de Blackbridge. Já passou da hora de eu mudar de território.

— O que o anel faz? — perguntou Eda.

— É obra de Robin. Pergunte para *ela* se estiver curiosa. Enquanto isso… — disse ele, olhando para Tripp com irritação. — Quer me servir? Siga esse bispo. Descubra o que meu irmão ofereceu a ele. Aonde ele vai, o que ele faz. Relate tudo para mim.

— Sim, senhor! É claro!

Kit voltou a olhar para Eda. Ela apertou o cobertor, mas não disse nada. Em um redemoinho de fumaça preta, o demônio se transformou em uma ave preta reluzente. E voou noite afora.

Gato. Rato. Cavalo. Ave. Toda criatura que ele incorporara até então era veloz, feita para viver nas sombras: formas para se esconder e fugir, não para lutar. Havia algo de revelador naquilo.

— Ele vai voltar?

Tripp a olhou com nojo.

— Vocês firmaram um Pacto, né? Então ele tem que voltar.

Abaixo deles, uma escotilha foi aberta, rangendo.

— Dá para vocês *calarem essa matraca?* — gritou Robin. — Estou tentando dormir!

Tripp desapareceu com um estalo.

Apesar do pouco descanso, Eda se sentia melhor pela manhã. Robin mostrou a ela um pequeno banheiro sob o convés — um cubículo com cheiro de pinheiro em frente à porta misteriosa do quarto —, onde ela se lavou direito pela primeira vez em dias. Seu cabelo estava um pouco oleoso, mas, por enquanto, já servia. Ela o amarrou com um barbante emprestado, fazendo uma trança aceitável, mesmo que desgrenhada.

O desjejum foi estranho. Robin andava de um lado para o outro, preparando chá. Eda ofereceu ajuda, mas a mulher apenas a olhou com evidente desconfiança.

— Não vou deixar nenhuma desconhecida mexer nos meus potes. Além do mais, não tem espaço. Sente aí e não atrapalhe.

Ela se sentou à mesa dobrável, sem saber o que fazer com as mãos. A luz fraca do sol entrava pelas escotilhas, e pássaros piavam do lado de fora. Patos grasnavam no rio. Velho Miserável se espreguiçou exageradamente, e até se dignou a cheirar a mão de Eda. Ao considerá-la aceitável, esfregou a cabeça nos dedos dela, ronronando.

Robin levantou as sobrancelhas.

— Ele deve ter gostado de você.

Ela ofereceu uma tigela generosa de mingau, com fatias de maçã e mel.

— Talvez ele saiba avaliar o caráter das pessoas — disse Eda, aceitando a tigela morna e olhando nos olhos de Robin. — Obrigada.

Não só pelo mingau. Quaisquer que fossem os motivos de Robin, ela se arriscava ao abrigar Eda.

A suavidade na expressão de Robin indicava que havia entendido.

— Então, cadê o lorde Cuzão nesta manhã?

O apelido inesperado fez Eda engasgar com o mingau.

— Não sei! Não sou responsável por ele.

— Vai ser muito mais rápido resgatar esses seus irmãos se começarem a planejar juntos.

— Só preciso dos poderes dele. Com o resto, eu me viro.

— Então você *tem* um plano?

Robin sentou de frente para ela, com uma xícara de chá quente.

— Tenho, sim — respondeu Eda, que passara a manhã pensando naquilo. — Tenho certeza de que você está certa em relação ao lugar onde estão presos. Mas Kit não pode simplesmente entrar no forte, certo? Nem disfarçado de… de gato, de rato, nem nada.

— Não. Uma coisa é lutar contra um bando de Espadas na rua, mas levar a briga para eles, no território *deles*… é pura tolice. Não há lugar mais protegido contra o poder demoníaco do que o forte Fell.

— Eu sei. Eu que preciso soltá-los. Kit pode servir de distração, talvez. Se ele causar escarcéu suficiente, a atenção das Espadas estaria em outro lugar. Não poderiam ignorar um demônio bem na porta deles.

Robin não pareceu impressionada.

— E qual seria seu disfarce? É bem provável que reconheçam você e, mesmo que não reconheçam, não deixarão uma fulana qualquer entrar na fortaleza assim. Muito menos sair saltitando com dois prisioneiros na cola.

Eda ignorou a irritação. Era cedo demais para fatos deprimentes.

— Eu sei disso tudo. Sair é outro problema, e eu chegarei lá. Primeiro, preciso de um jeito de *entrar*. Lorde Cuzão mencionou aquele anel dele ontem. Pelo visto, foi você quem fez.

Robin contraiu a boca.

— Pelo que ouvi, ele mencionou muito mais coisas. Quanto falatório!

— Eu já me desculpei. A questão é que o anel esconde ele do… de outros demônios. Não sei como você fez, mas…

Ela não esperava usar a ajuda de Kit daquele modo, mas *usaria*.

— Sei aonde quer chegar, mas um Anel-Escudo não é simples de recriar. Levei semanas para fabricá-lo. Semanas que você não tem. Funciona para Kit'rath porque ele é um demônio; eles se identificam de longe, são como bichos, nesse sentido. Tudo que o anel faz é abafar o sinal demoníaco dele, para não ser percebido por outros. Não oferece proteção contra humanos.

Ela tomou outro gole de chá. Eda a olhou, impaciente, querendo que falasse logo. Pensou em questionar de onde Robin tirava tanto conhecimento esotérico, mas não era seguro olhar os dentes de um cavalo dado.

— Está pedindo por algo que disfarçaria você, humana, de outros humanos — continuou Robin. — Algo que a esconderia dos olhos, e não do pressentimento, o que é bem mais difícil.

— Mas você sabe fazer isso? — insistiu Eda. — É possível?

Robin remexeu no pingente dourado do colar.

— É possível.

— Quanto tempo levaria?

Ela lera um pouco sobre alquimia. Demônios podiam dobrar a gravidade e mudar de forma sem pensar duas vezes, mas, para mortais, o processo era mais trabalhoso. Magia só poderia ser usada da mesma forma como comida era preparada — a partir de ingredientes, e isso levava tempo, cuidado e dedicação.

— Não sei dizer quanto tempo levaria. Fabricar algo adequado à sua necessidade exigiria um trabalho intenso… e sangue — disse Robin, com um brilho estranho em seus olhos. — Está disposta a pagar o preço?

Eda se segurou na mesa. *Eu já paguei o mais alto dos preços*.

— Diga do que precisa.

Doze

ROBIN PASSOU OS TRÊS DIAS SEGUINTES trancada no quarto, saindo apenas para comer e cuidar do Velho Miserável. As mãos dela rapidamente ficaram inflamadas e vermelhas. Mais de uma vez, Eda perguntou o que ela estava fazendo; Robin mandou que não se metesse.

Enquanto isso, Eda foi colocada para trabalhar.

Erva-trepadeira, resmungou em pensamento, atravessando um arvoredo próximo. *Para que ela precisa de erva-trepadeira?* Eda não era do campo. Raramente saía de Blackbridge, e seu conhecimento da flora nativa de Wesland era, no mínimo, limitado. Mesmo assim, todos os dias era mandada para buscar plantas, plumas ou outras coisas comuns, definitivamente não mágicas.

Eda gostava do espaço aberto. Gostava do ar fresco, tão limpo em comparação com o vapor abafado da cidade. Gostava dos sons de pássaros nas árvores e da água lambendo o casco do *Oriana*. Porém *não* gostava de ser carregadora, decidiu, nem de chafurdar a terra que nem um porco atrás de trufas. Muito menos quando começava a ficar cada vez menos evidente por que ela fazia aquilo tudo.

Robin estava preparando *algo*, e Eda se sentia grata, mas não suportava a espera. Duvidava que fosse um anel. Alguma roupa, talvez? Ou uma poção da invisibilidade? Ela vira um demônio se transformar em uma variedade de animais; tudo era possível.

Eda encontrou as ervas-trepadeiras depois de uma hora de procura: caules escuros e borrachudos esmagando um freixo quase morto no centro do arvoredo. Ela tirou uma faca do bolso da saia que Robin lhe emprestara — enquanto suas roupas secavam após uma lavagem muito necessária — e cortou como lhe fora instruído, guardando cuidadosamente os caules enrolados e compridos na cesta de

vime. *Talvez fosse assim*, Eda pensou, curiosa. *Ser uma fazendeira da província, ou ribeirinha. Acordar, tomar o café da manhã, colher ervas e plantas para preparos…*

Se ela se esforçasse, quase poderia fingir que aquela era sua vida. Ela gostava de estar em meio à natureza, decidiu, mesmo que ainda não a compreendesse.

Eda voltou arrastando os pés até o rio e desceu a margem ligeiramente inclinada. Ali, quase tropeçou de tão surpresa que ficou, pois Kit estava esparramado na proa do *Oriana* como um gato lagarteando ao sol do meio-dia. Era um belo dia de outono, e ameno o suficiente para suar ao sol intenso. Talvez fosse por isso que a camisa dele estivesse aberta até o umbigo.

Eda sentiu um frio na barriga ao vê-lo assim, tão sossegado em seu esplendor. A beleza dele era inegável. Chegava a doer.

— Você podia *ajudar*, sabia? — disse ela, tentando, com todas as forças, não olhar demais.

Tomou impulso para pular a borda do barco e foi até a proa para ele sentir a potência total de sua irritação.

Nem valia o esforço. Kit arranjara sapatos adequados nos últimos dias e, aparentemente, um par de óculos escuros também. Apenas os mais ricos tinham dinheiro para um objeto daqueles, e os dele pareciam caros — lentes escuras como fumaça de óleo e perfeitamente redondas, com bordas grossas para proteger melhor os olhos. Ele os abaixou e levantou a sobrancelha.

— Notável mesmo esse seu cabelo. Parece ter ficado mais bagunçado desde a última vez que a vi.

— Porque estou me matando de trabalhar sozinha!

Ele cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Eu não fui feito para trabalho braçal.

— E eu fui? A reles mortal em seu devido lugar, chafurdando na lama de joelhos.

— Ninguém se ajoelha para mim se não quiser, meu bem, eu garanto. Talvez, se pedisse minha ajuda com *educação*…

Ela queria matá-lo. Traindo a si mesma, acabou analisando a topografia do corpo dele. Kit era esguio, mas seu corpo era firme, com músculos discretos. O sol iluminava a pele em tom de areia dourada, projetando sombras nas ondas de seu abdome.

Eda vira Ben e Lawrie nus inúmeras vezes quando mais nova. O corpo masculino não lhe era desconhecido. Porém Kit *não* era seu irmão — ela não se lembrava de jamais ter sentido uma consciência tão dolorosa do corpo alheio. Nem Wymond, seu primeiro e único amante, era assim.

Ela mordeu o lábio. Lembrou-se da sensação de se deitar com um homem. Beijos febris. Mãos quentes acariciando suas coxas e seus seios, um corpo rígido pressionando o dela. Risadas bobas, sem fôlego, compartilhadas no escuro. Seu romance com Wymond fora breve, mas precioso, e o coração de Eda ainda doía quando recordava os dedos carinhosos e as mãos amorosas dele.

Pelo amor dos santos, que saudade tinha de ser tocada.

Kit se apoiou no cotovelo. Eda conseguia sentir seu olhar observador mesmo através das lentes escuras, intrigado pelo silêncio. Era desconfortável. Ela mal o vira nos últimos dias. O demônio não se juntava a elas nas refeições e, quando aparecia, era apenas para receber notícias rápidas sobre o progresso de Robin. Eda não fazia ideia para onde ele ia quando não estava no *Oriana*.

— Você poderia fazer *alguma coisa* para ajudar, só isso — resmungou ela.

— Estou incentivando Robin a trabalhar mais rápido.

— Como?

— Disse que, se ela não terminasse esse projetinho mágico em uma semana, eu ia afogar o Velho Miserável no rio.

— Você está de brincadeira.

A boca dele tremeu.

— *Aathnur*.

Eda se distraiu imediatamente.

— Essa língua. Já ouvi você falar. É o idioma dos demônios?

— Infernal é a língua do meu mundo, sim.

— Mas você fala weslita. Eu nunca imaginei… quer dizer… todo demônio sabe falar as línguas humanas? E forisiano? Rakeshês? Galdínio? É tão óbvio, mas nunca pensei nisso! Quantos idiomas vocês devem saber para firmar Pactos mundo afora?

Achando graça do fascínio maldisfarçado dela, Kit se sentou e empurrou os óculos para cima da cabeça. Os olhos dele dançavam.

— Quantos forem necessários. Línguas mortais são ensinadas para todos os bem-nascidos. Weslita é tão comum neste mundo que é o idioma de preferência nas cortes de Infernus há gerações. Até nossos familiares e criados devem saber falá-lo. É considerado… cafona falar em infernal em boa companhia.

E aqui é considerado cafona usar qualquer coisa pior do que a lã forisiana mais fina, pensou, crítica, quanto às calças pretas dele. Wesland adorava pegar elementos emprestados — ou roubá-los — de outras culturas para indicar a própria fortuna e status social. Se os habitantes do Além viajavam para lá havia milênios, era surpreendente que fizessem o mesmo?

Créc!

Tripp surgiu com um estalido bem ao lado dos pés de Eda.

— Ah!

— Argh, escute só esse uivo! Machuca os ouvidos de Tripp!

O diabrete levou as mãos à cabeça de forma dramática.

— Crianças, por favor — zombou Kit —, sem briga antes do almoço.

— Mande ele parar de se materializar *embaixo da minha saia*, então.

— Tripp não veio para olhar para intimidades imundas de humanos! Trouxe notícias para Sua Senhoria.

Kit suspirou.

— Diga.

— Eu o encontrei, senhor… o clérigo humano. Florian Fane é o nome dele.

Um incômodo gélido revirou o estômago de Eda.

— E?

— Tripp não consegue chegar perto. O bispo vive nesses lugares *sagrados* humanos, ou cercado pelos guerreiros de espadas de prata. Mas hoje ele fez uma declaração pública. A cidade está em revolta, sim.

— Como assim? Por quê?

Kit não repreendeu Eda pela interrupção. Tripp ficou tão feliz por ser útil que se dignou a responder a ela diretamente:

— Aconteceram ataques. Cinco ou seis em todos os bairros da cidade. Sete humanos morreram.

Ele puxou um jornal amarrotado de sob a veste. Devia ter sido impresso poucas horas antes. Eda se mexeu para pegá-lo, mas Tripp o passou para Kit.

O demônio leu a página.

— O que foi?

— Os incidentes foram descritos aqui por múltiplas testemunhas. Histórias de criaturas atacando pessoas na rua, inicialmente confundidas com cães, mas… — disse ele, deixando a frase no ar. — Eu sei o que são. Mastins.

— Não me faça perguntar do que está falando *de novo* — disparou Eda.

— Mastins vêm da minha terra. As histórias antigas contam que eles eram uma subespécie de demônio, criaturas inteligentes, racionais. Mas foram expulsos para o subterrâneo, onde se tornaram perversos e ferozes. É só o que dizem, no geral — explicou Kit, apertando o pergaminho. — Se mastins estão vagando por uma cidade humana, é porque alguém abriu passagem. Eles *são* como cães, de certa forma. Minha gente já os subjugou e os comandou em outras ocasiões.

Eda sabia o que ele queria dizer.

— Seu irmão. Você acha que ele os trouxe para cá.

— Quem mais? Quanto ao motivo… — começou, e olhou para Tripp. — O que isso tem a ver com o bispo?

— O bispo convocou um pronunciamento na porta do Grande Templo, milorde. Ele alega que os ataques de mastins são resultado da impiedade deles. Castigo do tal *Senhor*. — Tripp contraiu a boca, desdenhoso, abaixo do nariz adunco. — Durante o discurso, outra criatura atacou. O bispo fez o bicho dar meia-volta e fugir com um simples gesto!

Eda ficou paralisada. Ela foi violentamente transportada de volta àquela noite no porão, onde se escondera no escuro e ouvira os planos de Fane.

Com sua ajuda, posso fazer a presença do demoníaco ser mais sentida do que nunca nesta cidade. Eles correrão à Ordem da Fé em busca de proteção, que eu oferecerei.

Aquilo era obra do sr. Night. Era *aquilo* que ele dera ao bispo em troca da promessa de tantos anos. O mastim não fugira por causa de um poder divino ou místico de Florian, mas porque o bispo usava o poder de um *demônio*. O povo de Blackbridge veria aquilo como um milagre e, sem saber, compraria a proteção dele em troca de anos preciosos de vida.

Ela ficou tonta.

Kit se levantou.

— É obra de Baelion, embora eu não entenda a participação do bispo nessa história.

A silhueta esguia e musculosa que momentos antes parecera tão atraente se tensionou como a de um gato. Ele fez uma expressão de desdém antes de notar alguma coisa no jornal. Então, ficou imóvel.

Eda esticou a mão.

— Posso ver?

Os olhos ardentes de Kit brilharam. Ela poderia ter estremecido, considerando a facilidade com que ele arrancaria seu braço, mas se manteve firme até ele entregar o jornal.

— Você não vai gostar — disse ele.

Eda leu a manchete — *SETE MORTOS EM ATAQUES DEMONÍACOS* — e olhou pela página até encontrar uma informação em letras menores, mas igualmente aterrorizante. *Procurada por suspeita de envolvimento: Eda Shaw, 20 anos.* Em seguida, havia uma descrição curta e seca de sua altura e aparência. Não havia menção à detenção dos irmãos dela, nem ao espelho. A conclusão dizia apenas: *Shaw deve ser considerada perigosa. Se entregue com vida, um valor de 50 marcos de ouro será Pago pela Ordem da Espada.*

Eda encarou as palavras, que pareciam dançar na página, incompreensíveis.

— Ele me culpou pelos ataques — sussurrou, ultrajada. E então, sem encontrar uma forma eloquente de se expressar: — Esse branquelo arrombado!

Tripp perguntou:

— O que é um arrombado, mortal? O que é?

Kit apenas a observou. O calor do olhar dele a atraiu: uma mariposa na chama acesa.

— Você conhece esse bispo — disse ele, frio.

Não adiantava negar.

— Foi ele quem prendeu meus irmãos. Eu consegui fugir antes de as Espadas me pegarem. Devo ser um bom bode expiatório, já que encontraram um Portal na nossa loja. Possível culpado por esses… tais *mastins*.

A voz dela falhou.

— Por que você não disse antes?

Eda se virou abruptamente para ele, indignada demais para tomar cuidado.

— Não pareceu relevante. Não que você escute uma palavra do que eu digo, afinal!

Tripp se irritou.

— Como ousa…

— E pode calar essa boca, seu bostinha feio — disse Eda, avançando um passo na direção dele com vontade de jogá-lo longe com um pontapé. Tripp recuou, alarmado. — Se me ofender mais *uma vez*, vou arrancar essas suas asas e enfiá-las na sua goela!

Eda não faria isso, mas Tripp não sabia. Ele a espreitou de trás da perna do senhor com uma expressão desconfiada. Curiosamente, era o olhar menos hostil que ele já lhe dirigira. *Talvez eu devesse fazer mais ameaças.*

— Cuidado, meu bem — advertiu Kit. — Está esquecendo do seu lugar.

— Você não pode mandar em mim como se eu fosse um diabrete, e também não pode me afogar no rio que nem um gato. Então pare de tentar me intimidar.

A expressão de Kit mudou de gelo para algo mais bem-humorado.

— Tentar?

Ele se aproximou, até roçar a roupa na dela. De repente, estendeu a mão e a levantou pela camisa.

O atrevimento de Eda desapareceu no mesmo instante. Ela largou a cesta, arranhando o braço dele.

— Me… me solte!

— Não posso machucá-la gravemente, isso é verdade. Mas *sempre* há brechas

— comentou ele, enquanto os pés de Eda balançavam na beira do barco. — Por isso é melhor não me dar essa tentação.

E então a empurrou no rio.

Eda olhou para ele com irritação do outro lado da clareira.

Kit limpava as unhas, o quadril inclinado. Estavam esperando Robin revelar sua criação em um círculo à luz de velas sob as árvores; a silhueta curva da mulher mais velha estava coberta de sombras enquanto ela abria o embrulho.

Eda sabia que deveria prestar mais atenção, mas ainda estava brava com o mergulho inesperado no Embel na véspera — o sorrisinho sarcástico e satisfeito de Kit, olhando de cima do barco para ela.

Seu filho da puta maldito!, esbravejou ao se arrastar até a margem, pingando. *E se eu não soubesse nadar?*

Então acho que eu teria que pescá-la, respondeu ele. *De qualquer forma, provei que estou certo*.

Se Kit sentia a intensidade da irritação dela, não reagiu.

Robin instruíra que eles a encontrassem ali entre as árvores quando a lua chegasse ao zênite. Eda ainda não fazia ideia do porquê.

— Meio exagerado, né, Robin? — disse Kit. — As velas, as palavras à luz do luar. Você diz que não é bruxa, mas está cumprindo direitinho o estereótipo.

— Silêncio — ordenou a senhora, ligeiramente ofegante ao se levantar. — As coisas devem ser feitas de certo modo, senão meu trabalho inteiro terá sido à toa.

Com isso, ela levantou uma capa curta e embolada.

Pelo menos, Eda *achava* que era uma capa. Na iluminação conflituosa de luar, fogo e sombra, era quase indistinta — uma roupa feita de elementos naturais. Ela reconhecia vários itens que havia coletado: folhas e plumas de aves costuradas em uma teia intricada de erva-trepadeira que seria pendurada mais ou menos na altura dos cotovelos, irregular. Para fechar no pescoço, fora costurado um pé de galinha seco, contorcido para se encaixar do outro lado.

Era macabro. Era bizarro. Era…

— Essa é a roupa mais feia que já vi — exclamou Kit, maravilhado. — Ela tem que *vestir* isso? Rá!

— Não foi feita para chamar atenção — retrucou Robin, séria. — Muito pelo contrário.

Eda engoliu em seco.

— Então… está pronto?

— Quase.

Robin chamou os dois para dentro do círculo. Eda se aproximou às pressas, e Kit, apenas depois de um profundo suspiro de contragosto. Ela ordenou que ficassem frente a frente, então puxou uma faca.

Eda empalideceu.

— O que…

— Robin, sua safadinha. Que delícia de ritual depravado é esse exatamente?

— Este é um Manto do Disfarce. É feito apenas de coisas ocultas. Folhas do fundo de uma pilha, penas de um ninho abandonado, trepadeiras que só crescem nas sombras — respondeu ela, e Eda ficou boquiaberta, entendendo, de repente, as instruções absurdamente pedantes que recebera. — Se tudo for costurado no escuro, sem testemunhas de sua criação, resta apenas o sangue.

Robin encarou Eda, atenta.

Eda cerrou os dentes.

— O que tenho que fazer?

— Estique a mão.

Hesitante, ela esticou.

— A outra.

Ela vacilou. A mão direita já estava machucada.

— Mas…

— Não vou cortar no mesmo lugar. Confie em mim, você não vai querer duas mãos machucadas ao mesmo tempo.

Eda obedeceu, tentando não tremer. Robin desembrulhou a atadura que protegia o corte recém-fechado na palma. Então, se virou para Kit.

— Agora você.

Ele pareceu ultrajado.

— Como é que é?

— É necessário o sangue do portador do manto, mas também o sangue de um usuário de magia. Sangue mágico dá o poder ao amuleto. O meu seria suficiente, mas o seu é mais forte. Se quiser cumprir esse Pacto com toda sua capacidade, é disso que precisamos.

Eda abriu um sorrisinho. Pensar no lorde Cuzão sofrendo, mesmo que uma fração de seu tormento, era satisfatório.

— Isso aí. É assim que vamos recuperar meus irmãos. Você *vai* ajudar, não vai?

Kit semicerrou os olhos. De repente, uma estranha névoa pareceu emanar de sua pele como vapor, tornando-o cinzento. Chifres compridos brotaram de sua

cabeça, em uma nuvem de fumaça preta. Orelhas afiadas despontaram do cabelo escuro. Quando ele se aproximou, abanando a cauda, Eda vislumbrou um canino pontudo.

— Já que pediu com tanto *carinho*.

Ele esticou a mão.

Eda tentou não encarar as garras pretas. Tentou não ver *nada* dele, mas não sabia para onde mais olhar. Ela não prestara atenção quando Kit se transformara na cidade, e a realidade não era menos impressionante. Ela quase se esquecera de seu verdadeiro rosto. Qualquer que fosse a expressão dela naquele momento, fez com que Kit sorrisse ainda mais.

Robin revirou os olhos.

— Ignorando essa pose desnecessária…

Ela esticou a faca.

Eda puxou a mão de volta, por instinto. Dedos afiados a seguraram.

— Calma, meu bem.

Kit apertou a mão dela com uma delicadeza surpreendente. Um calor ardente. Assim, de perto, Eda sentia o cheiro dele: vinho e petricor, o aroma primordial e bravio que anunciava uma tempestade. O raio ao atingir a terra.

Robin aproveitou o choque de Eda e passou a lâmina, rápida, no dorso de sua mão.

Ela arfou. Era um corte pequeno, mas dolorido, que levou um segundo para sangrar, o fluido rolando pelos dedos. Ardia muito. Eda não se considerava fresca, mas, sem a distração da adrenalina por estar fugindo das Espadas, era difícil ver o próprio sangue assim. Observou as gotas pingarem na capa que Robin estendia, desaparecendo entre penas pretas e caules. *Não desmaie. Seria uma vergonha horrível.*

— Sensível?

Ela ergueu o rosto e viu que Kit a observava com uma expressão bem-humorada, mas o tom dele era gentil.

— Fique olhando para mim.

Eda obedeceu. Ele mal estremeceu quando Robin cortou a mão que a segurava. Por instinto, Eda entrelaçou os dedos nos dele, procurando estabilidade.

Algo mudou na expressão dele.

Robin sussurrou palavras que poderiam ser weslita antigo, incompreensíveis. A mulher estava assustadoramente imóvel. Uma brisa suave fez bruxulear as velas e balançar o cabelo de Eda. O foco de Kit vacilou, seguindo a dança dos cachos. Então ele pareceu se recompor, voltando o olhar para a frente.

— Pronto — declarou Robin.

Kit a soltou. A ausência deixou Eda com frio. Ela flexionou os dedos; ao luar, o sangue parecia preto como icor.

— E agora? — perguntou ela.

— Agora você testa.

Treze

Eles seguiram o rio de volta a Blackbridge, cortando caminho pelas fazendas para evitar o fluxo regular de carroças na estrada. Eda não tinha certeza de que o público sabia que deveria procurar uma mulher montada em um cavalo preto — certamente não havia menção a isso no jornal —, mas as Espadas saberiam. Até se aproximarem da cidade, porém, foi acordado que a jornada mais rápida seria a cavalo.

Os oito quilômetros entre o ancoradouro de Robin e Blackbridge foram percorridos em uma hora graças ao trote largo de Kit. Alguns ribeirinhos os olharam com curiosidade, mas, fora isso, a viagem não teve interrupções.

Eles tinham passado pouco mais de uma semana fora. Parecia mais. O tempo se arrastava num ritmo de lesma no *Oriana*, tão distante do alvoroço da cidade. Cada hora que corria pesava em Eda como um lembrete das circunstâncias de Ben e Lawrie. Será que tinham algum grau de conforto onde estavam? Estariam recebendo cuidados básicos? Ou estavam acorrentados em um chão de pedra gelada, espancados, agredidos? Eda não tinha como saber. Ela nunca vira o forte Fell por dentro, nem a prisão. Queria acreditar que as Espadas tratavam os prisioneiros de forma justa, mas se lembrava de como tinham batido em Lawrie. Como tinham empurrado Ben ao chão como se fosse uma ovelha no curral.

Esperem por mim, implorou, em silêncio. *Só mais um pouquinho.*

O poder de Kit sobre a própria gravidade — e de tudo que ele tocava, aparentemente — era desnecessário no ritmo mais calmo. Ele não precisava grudá-la em seu dorso como fizera ao fugir das Espadas, mas Eda não era cavaleira. Mesmo trotando, ela ansiava veementemente por uma sela e estribeiras.

Ela apeou assim que se aproximaram da cidade.

— Obrigada pela carona.

Kit parecia mais animado do que da primeira vez que fizeram a jornada, provavelmente porque não gastara energia grudando Eda em seu corpo. Ele fez uma expressão lasciva.

— De nada. Aposto que nunca montou em nada melhor.

Eda não se dignou a responder.

Misturando-se ao fluxo de pessoas que entravam na cidade, seguida pelo gato demoníaco, ela sentiu a coragem se esvair. Ao passarem sob uma das passarelas maiores, logo foram cercados por pedra escura e vigas tortas, familiares a Eda como seu próprio reflexo. Pela primeira vez, contudo, Blackbridge lhe parecia estrangeira. Ameaçadora. Os beirais dos telhados eram como dentes afiados, e os muitos becos e vielas, bocarras sem fundo. Eda sempre pretendera deixar a cidade um dia. Pensou que não se incomodaria se o lugar lhe virasse estranho. Porém…

Fora os olhos ardentes, Kit parecia um gato qualquer. Não dirigiu a palavra a ela, então Eda supôs que não conseguisse falar. Era confortável tê-lo ao seu lado, de qualquer modo, enquanto abriam caminho na direção do centro da cidade.

Eda mantinha a cabeça coberta pelo capuz. Era difícil saber se o Manto do Disfarce tinha qualquer efeito, além de incomodá-la ao embolar por cima do gibão e bagunçar seu cabelo. Ninguém parecia olhá-la, mas isso não era raro. Na cidade, as pessoas viviam ocupadas, e Eda não era especialmente notável.

— Como sei que funcionou? — sibilou.

Até como gato, a expressão de Kit era de desprezo. *E eu lá sei?*, ela imaginou que ele diria. Ele avançou a trote, a cauda empinada. Eda foi obrigada a apertar o passo. O corpo esguio dele desviava habilidosamente dos pés apressados, das carroças sacolejantes e dos grupos de crianças aos gritos. Ela estava praticamente correndo quando esbarrou sem querer no ombro de um homem.

— Ei — ralhou uma voz grossa. — Olhe por onde anda…

Ela se virou, prestes a se desculpar, mas a expressão do homem mudou. O que ele estava prestes a dizer pelo visto lhe escapou. Eda ficou paralisada — *ele me reconheceu, vai gritar pelas Espadas* —, mas os olhos do homem perderam o foco, como se enxergasse através dela. Ele pestanejou e deu meia-volta, como se não houvesse ninguém ali.

Eda soltou um suspiro trêmulo. Então ela não era inteiramente invisível, mas talvez o manto dificultasse que as pessoas a notassem. Como uma miragem. Uma sombra que só se enxergava pelo rabo do olho. Mas quais seriam os limites?

— Ah. Achei você.

Eda se virou. Ela imediatamente reconheceu o homem bigodudo: era um dos

capangas de Lich. Ele passara semanas vigiando a Shaw Antiguidades, observando os irmãos do outro lado da rua. Por baixo da boina com pluma, seus olhos castanhos vacilaram, como se Eda fosse feita de névoa. Ela nunca o vira de perto — só o conhecia como a sombra ameaçadora que espreitava a loja de madrugada.

— Belo truque. Sabíamos que você estaria com o metamorfo, mas, a princípio, achei que ele estivesse sozinho. Sorte que você esbarrou naquele sujeito — disse o homem, e olhou para Kit, que se posicionou entre eles, os pelos arrepiados. — Calma aí, demônio. Só vim cumprimentar vocês. Vou informar ao lorde Lich que a nova parceira dele é cheia de *recursos*, pode ser?

Ele piscou para ela, levou uma cigarrilha à boca e foi embora.

Eda o observou partir. Os homens de Lich sabiam de sua fuga desesperada da cidade, então. Sabiam de Kit. Estavam de olho nela — *será que também estavam no interior?* — e aquele era um lembrete óbvio. Ela estava em dívida com Lich. Ele não a deixaria esquecer.

Como se ela pudesse. Qualquer vida que os Shaw ainda pudessem recuperar com unhas e dentes seria em vão se Lich não recebesse seu Portal. O criminoso não precisava de magia para expressar sua decepção. Quem ia contra ele acabava flutuando no canal, ou tinha sua casa incendiada. Eda ouvira falar de um homem de Crowgate que voltara de Alderport com dois tocos ensanguentados no lugar dos dedos. O pessoal de Lich cortara o resto, um para cada cem marcos de dívida. Arrancaram uma orelha dele também — juros por precisarem caçá-lo. Ninguém podia provar que tudo aquilo era obra de Severin Lich, mas todos sabiam.

Eda não tinha vontade de testar aquele homem, e a abordagem repentina do capanga a assustou. Pelo menos, porém, ela sabia que esbarrar ou falar com alguém ia além da capacidade de disfarce do manto.

Kit abanou o rabo, agitado.

— Parece que funciona, afinal — resmungou Eda. — Vamos.

Eles atravessaram o Canal pela ponte de São Leórico. Era a maior ponte de Blackbridge e, dali, o rio todo vibrava com o som de remos na água e mercadores gritando, imersos no cheiro de tabaco e fumaça de combustível. Uma construção projetava sua sombra em todo o rio, superada apenas pelo campanário elevado do Grande Templo.

Forte Fell. Era antigo, construído como uma fortaleza na era dos monarcas, muito antes que a cidade nascesse ao redor. O forte em si era um prédio quadrado impressionante, com quatro torreões ameados, um em cada canto, todos de silhar e adornos em prata. O emblema da Ordem da Espada encimava os torreões: uma espada branca e um sol acima de um campo vermelho.

A fortaleza era cercada em três lados por uma paliçada, e muralhas de mais de dois metros a separavam da cidade. Fora o portão de acesso, o único modo de olhar para dentro era através das seteiras espalhadas pelos muros. Eda subiu na ponta dos pés.

O pátio era vasto, e sua maior parte era dedicada a treinamentos. Lá dentro, construções menores estavam ativas, cheias de trabalho: um arsenal, uma forja, um estábulo. Ela fixou o olhar no rastrilho imenso que protegia a entrada do forte: uma grade de ferro cruzado incrustada de prata, reluzindo, chamativa em meio à alvenaria sombria. O Mosteiro dos Alquimistas tinha fabricado aquele portão, Ben certa vez lhe contara, assim como muitas das fortificações dali. Forte Fell era um edifício bem protegido de ataques mortais e demoníacos.

Diante dele, Eda se sentiu incrivelmente pequena. Forte Fell lhe era familiar. Ben *trabalhara* ali. Quantas vezes ela não caminhara por sua sombra? Entretanto, naquele momento, lhe parecia de todo hostil pelo desafio que representava.

Um toque leve em sua perna a tirou da lamúria. Kit olhou para ela antes de se afastar.

— Ei!

Ele a conduziu ao longo do muro da paliçada, seguindo a curva até pararem do lado oposto do pátio. Havia outro portão ali, menor do que o primeiro. Eda o conhecia bem. Era por onde Ben entrava e saía.

Espreitando entre as barras de prata, ela observou o estábulo. Cavalos estavam sendo limpos e selados. Eda se perguntou quem seria o chefe da estribaria, se alguém ali questionava o que acontecera com Ben, ou se já sabiam. Odiava imaginar os funcionários cochichando sobre ele, acreditando que era algum tipo de vilão.

O ar se agitou ao seu lado. Ela se virou e deu um pulo.

— *Cacete*.

Kit estava praticamente respirando em sua nuca.

— Que foi?

— Não se *transforme* assim. Vai me fazer perder anos de vida — brincou ela, mas dizer aquilo em voz alta apenas a deprimiu. — E se alguém visse?

— Não tem ninguém aqui.

Tecnicamente, ele estava certo. A rua ali era mais estreita, esmagada entre a paliçada e o muro do Jardim Botânico, do qual pendiam imensas ondas de hera. Não havia ninguém por perto.

— Mesmo assim. Existem lugares melhores para se transformar magicamente em plena luz do dia.

— Vamos deixar essa censura cansativa para lá. Foi *você* quem mencionou o portão ao leste, não foi?

Eda contraiu os lábios.

— Porque o portão da frente é chamativo demais, como eu já disse. Só abre para procissões oficiais ou visitas diplomáticas. É por aqui que acontece o movimento cotidiano e, com o manto, deve ser fácil entrar sem ser notada, entre outras pessoas. Cavalariços estão sempre indo e vindo. Ben trazia pessoalmente novas éguas e capões das criações. Você pode assumir a forma de um cavalo, então pensei…

A expressão fulminante de Kit a fez hesitar.

— Entendi. Você quer me apresentar como um garanhão de luxo.

— Se for para entrar no pátio, sim. Sobre a parte do "garanhão de luxo", tenho minhas dúvidas.

Ele não reagiu à ofensa.

— Eles perceberiam que não sou uma entrega esperada.

— Tudo bem. Só preciso do tempo para usar o manto e entrar — afirmou Eda, estudando o rastrilho alto. — Mas não adianta se a entrada estiver bloqueada. Temos que descobrir quando abre…

— E aquilo? — perguntou Kit, apontando as enormes tigelas de pedra dos dois lados do portão.

Eram vasos do tamanho de banheiras, enfileirados sobre a muralha, crepitando com fogo. Todos continham gaiolas que protegiam as chamas dos elementos.

Eda corou. *Nem acredito que me esqueci disso!*

Os fogos de alerta ficavam sempre acesos. Alimentados com madeira de freixo e prata em pó, eram abençoados todas as manhãs pelo Mosteiro. Fogosas chamas deveriam ficar azuis se poder demoníaco atravessasse o perímetro. Eda nunca vira isso acontecer. Demônios não costumavam tentar invadir uma fortaleza da Ordem.

Com ou sem disfarce equino, Kit não podia simplesmente entrar trotando no pátio sem revelar a todos sua verdadeira natureza.

— É. Sim. Pode… ser um problema.

Um brilho metálico refletiu a luz do sol.

Era uma mulher, resplandecente de meia armadura e gibão escarlate que batia nos joelhos. Diferentemente das Espadas que tinham atacado Eda e Kit, o peitoral tinha detalhes em ouro e ombreiras em formato de escamas. Ela estava amarrando avambraços enquanto caminhava. Um rapaz corado apertava o passo para acompanhá-la enquanto eles conversavam.

De pele marrom, cabelo raspado rente à cabeça e maxilar definido, ela era, ao mesmo tempo, impressionante e intimidadora. Eda a teria reconhecido apenas pela altura e pelos ombros largos — ela media mais de um metro e oitenta.

Eda encostou o rosto no portão, fascinada.

— É Martine Tenelle, comandante das Espadas. A única pessoa acima dela na hierarquia é o grão-comandante Tiernan.

Kit fez um ruído, pensativo.

— Ela me lembra das fêmeas da minha terra. Ainda é estranho para mim que vocês tenham tantos machos líderes aqui.

— Por quê? Suas mulheres são mais fortes?

— De certa forma. Historicamente, elas são melhores em manter o poder. Os machos que recebem autoridade tendem a se exaltar e começar a cortar cabeças ou instigar guerras civis, o que leva a reinados curtos e sangrentos. Minha mãe chamava isso de *pau cego* — disse ele, e seu sorriso desapareceu. — Dos seis arquiduques atualmente no poder, o único macho é meu irmão.

Eda observou seu perfil régio. O nariz reto, a testa fina, as maçãs do rosto delicadas, artísticas. Ela nunca tinha pensado, até então, como era incrível que ele viesse de outro mundo. Eda sentia uma voracidade inesperada para saber mais: Como era Infernus, o que eles comiam, que música tocavam? *Existia* música lá? Arte? Mais importante: *Como era a relação entre você e o sr. Night? Como você veio parar aqui?*

Ela se forçou a desviar o rosto. Tenelle tinha parado no estábulo, bem perto do rapaz a seu lado, como se estivesse confidenciando segredos.

— Do que será que estão falando?

— Ela está dizendo para o rapaz que a Ordem da Fé se intromete demais nos assuntos das Espadas. Que ele deve manter a proximidade do bispo.

Eda olhou para ele abruptamente.

— Você escuta daqui?

— Mais ou menos.

Ela ficou entusiasmada.

— Eles devem estar falando de Fane. O que mais disseram?

— O rapaz faz parte da comitiva do bispo — disse Kit, semicerrando os olhos, e se esticou para a frente, continuando em voz alta, ao pé do ouvido dela. — Está dizendo para ela que irá aonde o bispo for. Que não fracassará.

Eda estremeceu.

O jovem fez uma reverência profunda para Tenelle, levando o indicador à testa. A mulher retribuiu o gesto antes de ele atravessar o pátio de volta.

Os pensamentos de Eda estavam embaralhados.

— Tenelle não confia em Fane. Alguma coisa que ele fez deve ter levantado suspeitas.

Pelo menos, isso indicava que o homem não era infalível. As Ordens da Fé e da Espada deveriam trabalhar em conjunto, como uma unidade harmônica, mas uma não respondia à outra. Se Tenelle mandara alguém relatar para ela os movimentos de Florian, uma semente de desconfiança já tinha sido plantada. E, se ela descobrisse o que ele *realmente* estava fazendo…

Teria a autoridade para condená-lo.

A esperança se acendeu como uma fagulha no peito de Eda, mas ela não podia se distrair. A ideia de Florian ser exposto era emocionante, mas Eda precisava libertar seus irmãos — nem mais, nem menos. Limpar seu nome não estava entre suas prioridades.

— A não ser que prender o bispo *solte* seus irmãos, não adianta — comentou Kit.

Ela não sabia se gostava ou não do fato de que o raciocínio dele seguia o seu com tanta frequência. Ben e Lawrie ainda *eram* culpados de possuir um Portal e matar uma Espada, independentemente do que acontecesse com Florian. A culpa dele não expiaria a deles. Porém…

— Se o bispo for exposto por firmar um Pacto, todas as alegações dele serão questionadas. As acusações contra *mim* teriam que ser canceladas. Talvez até as que foram feitas contra Ben e Lawrie também.

— Otimismo seu.

— Você poderia tentar não ser tão…

Alguém berrou.

Eda deu um pulo. Kit saiu para o meio da rua como um cão alerta, empertigando as costas ao olhar para o caminho que tinham tomado.

Outro grito. E mais um.

Entre a paliçada e o Jardim Botânico, Eda tinha apenas um vislumbre da ação na entrada da rua. As pessoas passavam correndo em um fluxo constante, tropeçando na tentativa de fugir de algo. Pelos santos, o que estava acontecendo?

Gritos de terror cresciam, esganiçados. Algumas pessoas se jogaram na ruela onde Eda e Kit estavam, passando por eles às pressas.

— O que houve?

Kit estava quieto e imóvel. De cabeça inclinada, tentando escutar algo.

De repente, ele girou e a agarrou com força a ponto de machucá-la. Ele a empurrou contra a muralha. Assustada, Eda abriu a boca para protestar, mas as

palavras morreram na garganta.

No meio da multidão apressada no fim da rua, uma menina tropeçou e caiu. Uma mulher — mãe dela? — ouviu seu grito. Ela se virou para trás, mas já era tarde.

Uma criatura colossal de quatro patas surgiu como se tivesse saído de um pesadelo. Esmagou a criança com a pata, e o grito dela morreu abruptamente, sufocado pelo peso do monstro. Ela se debateu, aterrorizada. A mãe gritou.

O corpo inteiro de Eda gelou. *Senhor, me salve.*

A criatura era do tamanho de um homem. Maior até. Lembrava vagamente um cão faminto e gigantesco. O corpo era completamente repugnante: a coluna curva e nodosa, o tronco musculoso, as juntas viradas para trás. No entanto meros momentos de observação bastaram para constatar uma verdade ainda mais horrenda.

O bicho tinha *rosto humano*. Ou quase: um crânio redondo com olhos fundos, orelhas pontudas parecidas com as de Kit. Fora o punhado de pelos finos nas costas e nas nádegas, a criatura tinha a pele enrugada e cinzenta. A bocarra aberta estava úmida, os caninos enormes expostos. Quando puxou a menina com as garras, sangue brotou pelo vestidinho dela. Olhos cintilantes se esbugalharam de prazer.

Eda apertou o braço de Kit. Sem ele, tinha medo de cair. Suas pernas estavam rígidas de choque. *Monstro*, alertou uma voz primal. *Mastim*, explicou outra.

A mãe da menina correu na direção da filha, mas, enquanto tentava alcançá-la, o mastim fechou a boca ao redor da cabeça da criança. Sacudiu a menina como um cão roendo um osso, agitando os braços e as pernas dela como uma boneca de pano. Sangue, sangue por todo lado, e o *barulho*…

Kit segurou a cabeça de Eda e a apertou bruscamente contra o peito para que ela não visse. Ela ofegou junto ao gibão dele. *Não*, pensou, porque não havia mais o que pensar. *Não, não, não.*

Um pranto horrendo, desafinado, se ergueu acima dos outros. Era a mãe da menina.

— Vamos embora daqui — disse Kit, conduzindo Eda na direção oposta.

Ela conseguiu dizer:

— Pare.

— Como assim?

— Os fogos de alerta… teste eles.

— *Agora?*

— Agora — soltou ela, zonza —, enquanto as Espadas podem culpar o

mastim.

Kit ergueu as sobrancelhas. Ele olhou para a criatura voraz no fim da rua.

— Você é quem sabe, meu bem. Só não tire o manto. Aumente a distância entre você e esse bicho maldito.

Ele explodiu em uma bola de fumaça preta, subindo pelo ar na forma de um corvo grande.

Eda o observou, ansiosa, enquanto corria pela rua. Kit mergulhou sobre a paliçada, tão perto que as plumas da cauda agitaram as chamas — mas os fogos de alerta continuavam a brilhar tranquilamente em tons de laranja. Nada.

Ela olhou para trás. Sentiu um enjoo violento.

A mãe da menina estava ajoelhada, aos prantos, sobre um trapo sangrento e sem cabeça no chão. Ao redor dela, pessoas choravam, corriam, levavam o dedo à testa para afastar o mal. E o mastim se fora.

Aonde ele foi?

Kit voltou e pousou na muralha. No mesmo instante, o fogo mais próximo mudou de laranja para azul-gelo. Ao longo do muro, um após o outro, todos os fogos mudaram de cor em uma sequência perfeita. Em algum torreão do forte, uma buzina cortou o ar.

Então funciona.

O portão se abriu, rangendo. Uma revoada de Espadas saiu para a rua atrás de Eda em duas fileiras ordenadas, encabeçadas por Martine Tenelle. A comandante empunhava uma linda espada que cintilava perigosamente à luz do sol.

Ela parou de repente ao ver a cena sangrenta do outro lado da rua e gritou ordens para os homens, que se dispersaram em duas direções.

Eda sibilou, rangendo os dentes. Apertou o manto com as mãos suadas e deu meia-volta.

E quase trombou com o mastim.

O horror a fez derrapar, cambaleando no chão de pedra. A criatura havia rastejado pelo muro do Jardim Botânico na esquina e pulado diretamente na frente dela, como se estivesse ali para impedi-la. O olhar preto não vacilava ao mirá-la, aparentemente imune à magia do manto. O mastim se aproximou. Seus ombros ondulavam como um lince se preparando para o bote.

Todos os músculos de Eda se contraíram em uma sensação animalesca de pavor. A certeza da própria morte a inundou como chuva de inverno, e sua cabeça estava vazia. Ela não conseguia respirar.

Até que, rígido, o mastim se abaixou em uma reverência.

Eda o encarou.

Como é que é?

Quando o mastim não abandonou a postura deformada de devoção, uma urgência abafada finalmente irrompeu a superfície do medo. Eda reuniu forças para recuar — e imediatamente esbarrou em um peitoral duro.

Alguém enlaçou sua cintura.

— Você faz amigos em qualquer lugar — disse Kit ao pé de seu ouvido.

Ele a empurrou para trás de si. Dava para ver a magia ondulando em sua pele, um prelúdio de um ser se despindo da aparência humana. Ele firmou os pés e alongou o pescoço, preparado para lutar.

No entanto, o mastim apenas arreganhou os dentes.

— Ali!

Mesmo já distante na rua, era possível ver a fúria nos olhos de Tenelle ao encarar Eda. Se o manto a escondia, agora, com Kit a protegendo e a criatura prostrada à sua frente, Eda se destacava como uma estrela-guia.

O espanto se dissolveu em desgraça. De repente, ela compreendeu o que Tenelle enxergava: um monstro curvado em súplica aos pés de Eda, como se aguardasse seu comando.

Ah, pensou, atordoada, *fodeu*.

— É a moça Shaw! Apreendam-na e derrotem a fera!

Uma lufada de ar foi o único alerta que Eda recebeu — seu cabelo balançou quando o mastim passou por eles em um salto, investindo de cabeça contra as Espadas. Os soldados se dispersaram. Gritos de susto se misturavam aos frascos de prata enquanto eles adentravam o terror iminente.

Um frasco perdido estourou aos pés de Kit. Eda perdeu o fôlego. Com um rosnado de dor, Kit a puxou para longe do alcance das Espadas.

— *Agora* podemos ir embora?

O mastim era feroz, mas Tenelle era incansável. Os golpes da comandante eram ágeis e decididos. A espada cortava o ar com tanta força que se tornava um mero borrão, os passos da mulher firmes ao manter a criatura afastada. Tenelle acertou a lâmina na pata traseira do mastim. Ele rosnou e se virou contra ela, mas as Espadas o cercaram. Mesmo sitiado, o monstro ainda conseguiu derrubar um homem e rasgar o tronco dele antes de outro golpe poderoso abrir um corte em seu pescoço. A criatura urrou — um som terrivelmente humano. Sangue preto escorreu por seu peito.

— Vamos — disse Eda. — Por favor.

Eles abandonaram a luta enquanto ainda tinham alguma chance, se perdendo nas ruas sinuosas da cidade, rápidos e discretos como sombras. Porém Eda não

conseguia fugir da memória daquela criatura odiosa, curvada como um súdito diante de sua soberana.

Catorze

O SOL SE PÔS ANTES DE ELES VOLTAREM A FALAR.

Eda e Kit encontraram refúgio temporário no telhado de um edifício. Era o mais alto da rua, com vista excelente para a fuligem nos topos dos prédios e para a fumaça subindo das chaminés.

Eles se sentaram, lado a lado, na beira do telhado. O demônio arregaçou a barra da calça, chiando.

— Está doendo?

— *Não*, meu bem. São cócegas muito agradáveis.

— Você sabe escalar paredes e se transformar em animais. Alta tolerância à dor não me surpreenderia.

Mas ao notar o estado da pele dele, era impossível acreditar que *não* sentisse dor. Prata coloidal apenas mancharia de cinza-azulado a pele de um mortal. Em Kit, no entanto, carcomera metade de sua panturrilha, deixando rastros ensanguentados onde a carne derretera como cola quente.

— Prata é… diferente — disse ele, com uma careta. — Vai ficar com cicatriz, mas vai passar.

Eda já estava revirando o bolso da calça em busca do lenço amarrotado que Lawrie deixara lá.

Kit se sobressaltou quando ela se aproximou.

— O que você está fazendo?

— Limpando a ferida.

Olhos ardentes fitaram os dela. Se ele ainda fosse um gato, Eda imaginava que as orelhas estariam coladas à cabeça.

— Por quê?

Ela franziu a testa.

— Para não piorar. Não tenho água para lavar, mas posso limpar o resto de prata que talvez ainda esteja queimando.

Impaciente, Eda segurou a canela dele.

Kit sibilou e se desvencilhou.

— Deixe de criancice! Fique parado.

Eda secou as bordas sangrentas da ferida. Ela corou ao sentir a pele firme e quente sob suas mãos. *Não olhe para ele.*

Apesar da tensão que praticamente vibrava na pele dele, Kit deixou que Eda o ajudasse.

— Eu posso fazer isso sozinho — soltou ele.

— Eu sei. Mas você se feriu tentando me proteger. Me deixe ajudar, por favor.

Eles ficaram em silêncio. Kit, aos poucos, pareceu relaxar sob os dedos de Eda. Quando ela arriscou olhar para cima, ele estava admirando a vista com um ar melancólico.

— Fica linda assim.

O sol já estava mais baixo, ardendo em vermelho-sangue. O horizonte da cidade era um estudo de contrastes: espirais escuras no céu rosa e laranja. Salpicadas pela silhueta sombria da arquitetura de Blackbridge, lamparinas e lareiras ganhavam vida. Como estrelas no mar da meia-noite.

A melancolia na voz dele a surpreendeu. *Linda*. Eda nunca vira a cidade dessa forma. Na sujeira das ruas e na umidade dos canais, Blackbridge sempre parecera um grande covil da vulgaridade humana, e ela, apenas mais um rato se esgueirando pelos cantos. Mas dali de cima…

— Acho que sim.

Percebeu, para a própria surpresa, que estava sendo sincera.

Por mais glorioso que fosse o pôr do sol, o que chamava sua atenção era Kit. Ele mantinha a forma humana, embora não estivesse nítido o motivo — não havia ninguém mais ali para vê-lo. Eda observou a luz avermelhada derramada no rosto dele e se perguntou no que estaria pensando. Se sentia saudade do próprio mundo. Se o incomodava ter que ficar ali, com ou sem paisagens bonitas. O sr. Night se ressentiria.

Em Kit, ela não via o mesmo rancor.

Eda engoliu em seco, procurando um canto limpo do lenço que ainda não estivesse ensanguentado.

— Aquela menininha…

A imagem do mastim esmagando o crânio da criança com os dentes queimava seus olhos como fogo.

— Os mastins são assim.

— Mas ele se *curvou* para mim. Por que faria isso?

— Esse bispo não pode ser culpado por controlá-los se eles respeitarem publicamente outra pessoa. Desconfio que tenham recebido ordens de agir de modo subserviente na sua presença. Para sua sorte, a própria comandante das Espadas presenciou a cena.

Eda mordeu o interior da bochecha. Secou o pior do machucado na perna dele.

— Tudo que toco, eu estrago — sussurrou.

Ali estava ela, tentando consertar as coisas — uma ferida a tratar, irmãos a salvar —, mas parecia inevitável que acabasse causando novas dores. Como um cão correndo atrás do rabo, tentando alcançar seus erros e repará-los antes de cometer mais um.

— Errar é humano — murmurou Kit, de repente.

Ela o olhou.

— Poesia?

— Hm. Vocês, mortais, levam jeito para as palavras.

A culpa se esgueirou por dentro dela. A ajuda de Kit custara muito a Eda, mas, ainda assim, era *ajuda*. Sem ele, não teria conseguido o Manto do Disfarce. Não teria abrigo seguro para dormir à noite. Ninguém para defendê-la de mastins e Espadas, nem auxílio para entrar na fortaleza. Nem ousava considerar as chances dos irmãos sem ele. Porém, além disso tudo, Kit fora justo com ela — exceto pelo mergulho inesperado no Embel. Ele não precisava ter feito aquilo.

Eda olhou a ferida e fez uma careta. Ele corria grandes riscos em nome do acordo. Será que a desonestidade de Eda a respeito do sr. Night tornaria a situação ainda mais perigosa para Kit? O segredo fora fundamental para convencer Kit a ajudá-la, e ela temia demais sua reação para abrir o jogo depois. No entanto com esses *mastins* por aí, a verdade parecia tão inevitável quanto o nascer do sol. O sr. Night prometera a Fane uma dádiva em troca de matar Kit — o bispo o faria, se tivesse a oportunidade.

Eda criou coragem. *Tomara que me jogar desse prédio conte como "dano físico severo".*

— Eu não fui totalmente honesta com você em relação ao meu passado. Sobre como cheguei aqui.

— Chocante. Elabore.

— A Ordem da Espada *encontrou* um Portal na nossa loja e prendeu meus irmãos. Foi o bispo Florian quem deu a ordem. Porém… Eu nunca contei por que tínhamos o Portal.

— Eu nunca perguntei.

— Eu sei.

Uma brisa soprou sobre o telhado. Ela se arrepiou sob o manto.

— Quando eu era bebê, meu pai o encontrou. Usou para fazer um Pacto. Minha mãe morreu no meu parto, e ele queria trazê-la de volta. Desesperadamente. — Eda fez uma pausa, aguardando uma piada de mau gosto ou outra interrupção inadequada, mas Kit ficou em silêncio. — Ele conseguiu o que desejava, mas nossa mãe… não era mais nossa mãe. Eu não me lembro, mas Ben e Lawrie, sim. Ela era uma coisa vazia, assombrada. Não falava, não comia. Era um cadáver ambulante. Os meninos eram pequenos, mas até eles sabiam que não era Emmeline. Não chegavam perto dela. Nosso pai foi obrigado a trancá-la no porão de tanto medo que ela causava nos filhos. Certo dia, ele esqueceu de trancar a porta. Ben a encontrou debruçada no meu berço.

A ferida de Kit tinha parado de sangrar. Parecia o mais limpa que poderia ficar sem mais tratamento. Eda continuou esfregando, como desculpa para não encará-lo. Ela nunca compartilhara aquela história com ninguém.

— Emmeline não estava fazendo nada. Só olhando. Mas estava segurando uma faca. Ben a chamou. Ele se lembrava de como ela parecia *triste*. E então ela… bem. Ele diz que não se lembra direito do que ela fez. Talvez, tão novo, ele tenha bloqueado a memória. Porém quando Oswin voltou para casa, encontrou Emmeline morta, no chão, junto ao meu berço. Ela se matara com a faca.

Eda flexionou as mãos, tentando aquecê-las.

— É, *sim*, possível morrer duas vezes — acrescentou.

Ela finalmente recuou e olhou nos olhos de Kit. Era perigoso, até um pouco satisfatório, ser o único foco daquele olhar.

— Depois, Oswin ainda precisava cumprir o Pacto. Ele prometera trazer mil anos para o demônio, pelo menos cinquenta a cada colheita de outono. Mas ele faleceu de varíola quando eu tinha sete anos, e nós assumimos a dívida. Estou contando isso porque…

— Porque o demônio a quem vocês devem esses anos é Baelion — completou Kit, em tom neutro.

Eda se encolheu.

— Você sabia?

— Eu cogitei.

— Eu não sabia que ele era seu… Só descobri quando Tripp mencionou o acordo com Florian Fane. Eu o conhecia como sr. Night.

Kit pestanejou.

— Que apelido ridículo é esse?

— Éramos crianças. Ele só aparecia à noite. O nome pegou.

— Fico surpreso por ele não ter matado vocês só pela falta de originalidade.

Ainda contando piadas. Deve ser um bom sinal.

— Você não está bravo?

— Claro que estou. Você e sua família idiota me arrastaram bem para o meio das confusões do meu irmão, que é precisamente onde eu não queria estar. Mas — continuou, antes que Eda pudesse se defender — escolhi firmar um Pacto sem saber de todos os detalhes. Foi burrice da minha parte.

— Por que você fez isso?

— Honestamente? Acho que foi *tédio*. De repente aparece uma bonitinha doida invadindo minha casa e exigindo um Pacto, disposta a trocar tantos anos… — disse ele, dando de ombros. — Não resisti.

Eda tentou não se concentrar no fato de que ele a chamara de "bonitinha".

— Tripp falou para você recuperar o posto que é "seu por direito". Quer dizer que Baelion é um usurpador? Você é um dos arquiduques?

— Por que você quer saber?

— Talvez seja *tédio* — imitou ela.

Mentira, evidentemente. A curiosidade de Eda chegava a doer. No entanto, valeu a pena dizer aquilo, apenas para causar aquele tremor agradável no canto da boca dele. Ela o encarou e se questionou se aquela solidão, que a levava a compartilhar demais, existia também dentro dele.

Eda foi recompensada com uma explicação cautelosa:

— Eu e Baelion somos filhos da mesma mãe. Ela era arquiduquesa. Sem filhas para herdar o título, um de nós acabaria sendo o herdeiro. Baelion nasceu muito antes de mim, mas a idade não determina a sucessão em Infernus. A preferência é pelos mais fortes.

Eda pensou naquela informação. O sr. Night parecia tão jovial quanto Kit, porém não lhe faltavam anos humanos para estender sua vida.

— Baelion nasceu de um consorte de baixa posição. *Meu* pai, por outro lado, era querido por nossa mãe, um favorito da corte. Quando comecei a demonstrar proeza mágica, ainda jovem, todos cochichavam que eu era a opção mais óbvia para sucessor.

— Baelion não sabe se transformar? Nem andar no teto?

— Não. Poucos sabem. Meu irmão leva jeito com magia das sombras, e pouco mais que isso. É uma habilidade útil, mas que a maioria considera superficial. Sombras não podem ferir nem matar. Baelion passou a depender da proeza física para provar sua força. Ele é formidável em batalha.

— Mas… ele trouxe minha mãe de volta.

— Não trouxe. Deve ter pedido ajuda a outro demônio para revivê-la. Algum com o poder da reanimação, outro talento raro. É comum que demônios troquem favores ou riquezas para cumprir um Pacto.

Eda ficou em silêncio, surpresa. A ressurreição fracassada da mãe fizera o sr. Night parecer assustadoramente poderoso, assim como as inúmeras formas perversas com que dera aos acordeiros exatamente o que pediam. Ela pensou em pedras transformadas em moedas de ouro, em anéis encantados e homens cegos.

Nada daquilo fora obra dele.

— Magia é poder — continuou Kit. — Me tornou popular. Até minha mãe demonstrava claro favoritismo. Baelion não suportou.

Eda fez uma careta. Ela se lembrou do momento em que o sr. Night confrontou o bispo, aquela fúria fervente que contorcia suas feições pálidas. Ele sempre fora tão inabalável, mas os Shaw nunca o tinham ofendido. Ela imaginava facilmente a ira terrível que o demônio reservava para quem se atrevesse. *Meu povo sempre teve o dom da mágicka*, contara Kit, *mas nossa maestria já foi muito maior. Ao longo dos séculos, nós… enfraquecemos.* Parecia que o sr. Night não era exceção. Não surpreendia que ele tivesse rancor por ter um irmão tão admiravelmente talentoso.

— É comum que irmãos matem uns aos outros — falou Kit, como quem comentava sobre o clima. — Apenas um pode controlar o posto da família. Baelion sabia disso. Teria me matado no berço com tranquilidade, se não fosse por nossa mãe. Enquanto outros pais poderiam ter apoiado a disputa para garantir o sucessor mais forte, ela estava decidida a nos manter vivos, os dois. Sem poder me matar abertamente, Baelion encontrou… outros modos de extravasar seu ciúme.

As palavras saíam rápidas e fluidas, como se ele tivesse esperado anos para libertá-las.

— Ele e seus amiguinhos brincavam de me atormentar, tentavam me amedrontar a ponto de eu nunca ousar enfrentá-lo quando chegasse a hora. Eu cresci com medo. Disse a ele repetidas vezes que não o desafiaria em nome do posto de duque, que não tinha interesse em governar. Porém minha garantia não era suficiente. Eu tinha o favor da corte da nossa mãe, o que me tornava uma

pedra em seu sapato. Ele não descansaria até me expulsar.

O vento jogou seu cabelo preto para trás.

— Quando nossa mãe morreu, eu sabia o que aconteceria. Os sinos do luto ainda badalavam quando os capangas dele vieram me buscar — disse ele, rindo sem humor. — Baelion queria que eu fosse levado para me matar em público, fazer um espetáculo. Foi esse seu equívoco. Ele deveria tê-los mandado guardar o espelho dos Ansellis primeiro.

— O Portal — sussurrou Eda, entendendo. — Você fugiu pelo *nosso* Portal.

— Pelo Portal de Baelion — corrigiu ele —, mas sim. Eu escapei, fui parar em um porão humano. Devo ter matado de medo o pobre coitado que encontrei lá. — Kit olhou para Eda. — Só agora entendi que provavelmente era seu pai.

Kit estivera *lá*. No porão deles, na casa deles, provavelmente enquanto ela dormia no berço. Por um breve momento, o destino dos dois se esbarrara, e então se desembolara por vinte anos. *E aqui estamos outra vez, reunidos como um fio puxado pelo tecido*.

— Aí você encontrou Robin para encantar o anel e, desde então, vive escondido de Baelion.

— Assim como você vive junto a ele — respondeu Kit, fechando a cara. — Fiquei impressionado por você estar tão tranquila quando me procurou. Agora, suponho que seja óbvio. Eu é que não vou assustá-la, se você sempre viveu sob o jugo de meu irmão.

— Eu não… não é assim. Ele nunca foi cruel com a gente.

Eda pensou no dedo pálido em seu rosto, no sorriso carinhoso reservado apenas para ela.

— Que sorte a sua — respondeu Kit. — Aquela menina esmigalhada nos paralelepípedos teve menos sorte, infelizmente.

O modo frio com que ele falou aquilo a deixou enjoada. Ela se lembrou da preocupante familiaridade dele com a brutalidade, embora alegasse não sentir prazer naquilo.

— *Florian* matou ela. É o bispo quem comanda os mastins.

— Com o poder que Baelion ofereceu. Você acha que meu irmão se importa com o que acontece com as pessoas dessa cidade, se a vida delas prolongar a dele?

Não. Ele não se importaria. Egoísta, Eda simplesmente esperava que ele se importasse com *ela*.

— É Florian Fane quem cria este espetáculo. O sr. Night faz apenas o que fazem os demônios.

— Você não entende *nada* de demônios.

Com um tremor nebuloso, a pele dele se tingiu de cinza. Ele arreganhou as presas.

— Você não sabe nada do mundo de onde eu vim. É um mundo violento e impiedoso, admito, mas Baelion está em outro nível. Você acha que o conhece? Pois não conhece — continuou, apontando para o chifre quebrado com uma garra. — Eu não perdi isso por acidente. Eu era pequeno. Eles me seguraram. Baelion *riu*.

Eda observou as fraturas finas percorrendo o toco. Não tinha sido cortado, percebeu, mas arrancado à força.

— Só estou dizendo que são as *pessoas* que procuram os Pactos, que usam o novo poder e a influência para o mal. Humanos são tão ruins quanto demônios. Piores, às vezes.

— Que pouca estima você tem pela sua espécie.

— Até parece que você não nos vê da mesma forma.

— Os humanos? Por que eu os veria assim?

Foi a vez dela de ficar confusa. Ela pensou na voz do sr. Night no escuro da sala, a luz do fogo em seu rosto branco como mármore. *Você vê a avareza e o egoísmo dos homens como eu vejo, Eda Shaw.*

— Mas… para vocês, devemos parecer animais chafurdando na lama. Com todos os seus poderes, a sua vida longa. O que somos nós, mortais, se comparados com isso?

É fácil fazer uma autocrítica quando se acredita no que está sendo dito, mas a expressão de Kit era gélida. Ele não respondeu. Então, Eda entendeu.

— Você gosta daqui — afirmou ela.

Um músculo tremeu na bochecha dele. Kit desviou os olhos ardentes, voltando à paisagem crepuscular.

— Eu cresci vindo escondido para o seu mundo sempre que podia. Quando Baelion me seguia pelos cantos e a pressão de ser criado para governar me sufocava, eu conseguia escapar para cá. Não me importava com Pactos. Eu caminhava pelas ruas sujas dos humanos e fingia que…

Ele deixou a frase no ar.

A complexidade de Kit'rath Ansellis se desenhou em algo quase compreensível. Um demônio que não firmava Pactos. Que se escondia em um apartamento humano, colecionava arte humana, bebia vinho humano, usava roupas humanas. Imitava suas expressões e seu modo de falar. Não apenas por necessidade, mas pelo desejo de *pertencer*.

Era chocante. O sr. Night teria desdenhado de coisas humanas, enojado.

Tudo estava abaixo dele, o que fazia muito sentido, pois o que uma criatura de tamanho poder e graça poderia invejar na humanidade? Eda nunca admitiria em voz alta para Ben ou Lawrie, mas ela preferiria ser a criatura que mandava a ser aquela que servia. Ah, ter todo aquele *poder*!

No entanto, ali estava um demônio que rejeitava aquilo tudo.

Eda se sentiu desconectada de si de repente, como se velhas amarras tivessem sido soltas. Finalmente, estava livre para se virar para um lado ou para o outro, para ver as coisas por novos ângulos — porém não tinha certeza se gostava do que via. Kit falava da humanidade com mais empatia do que ela jamais tivera. Seria um defeito dele, ou dela?

Uma pontada de vergonha a fez pigarrear.

— Você não quer voltar a ser duque?

— Eu nunca fui.

— Poderia ser.

— Está parecendo o Tripp.

— Imagino que você teria que…

Matar seu irmão.

Eda se permitiu imaginar o sr. Night, morto. A colheita passaria sem problemas. O bispo perderia o poder indevido sobre os mastins. Os Shaw finalmente estariam livres. Pactos morriam com o demônio que os forjara, e eles não tinham dado anos de sua vida para o sr. Night — não precisavam ser eles a matá-lo. De todo modo, a tentativa seria ridícula. Mas se *Kit* conseguisse…

Uma ideia perigosamente inebriante.

— Baelion tem o mesmo direito que eu ao título. Pode ficar com ele.

— Mesmo que seu povo queira seguir você?

O tom de Kit gelou:

— Você gosta de opinar em assuntos que não entende.

Ele puxou a barra da calça para baixo.

E você está com medo. Ela observou o perfil dele, na contraluz do céu ao entardecer. Por baixo da pele cinzenta, dos chifres curvos e das presas cruéis, havia medo. Kit *temia* o sr. Night. Ela também. *Eu não ficaria livre por muito tempo, mesmo que Baelion morresse. Minha vida foi entregue, aconteça o que acontecer.*

Um pavor gélido cresceu dentro dela, como acontecia sempre que se permitia considerar o Pacto. O que ela estava fazendo, conversando com aquele demônio como se fizesse alguma diferença? Ela vendera cinquenta anos da própria vida, e Kit aceitara de bom grado. Ele não era seu amigo nem seu confidente. Ela não podia se esquecer disso.

Eda se levantou.

— É verdade. Eu sei pouco de você, e você, de mim. Quando recuperarmos meus irmãos e encontrarmos o espelho, nos despediremos.

Ele também se levantou.

— E o bispo? Vai deixar o povo daqui à mercê dele?

— Como você deixa seu povo à mercê de Baelion, imagino.

Kit rangeu os dentes.

Fique à vontade, pensou ela, agitada, *diga que sou egoísta.*

Porém Kit, sábio, não disse nada. Eda ficou aliviada. Sua pouca preocupação era reservada para a família. Ela já pagara um preço alto por isso. O destino de Blackbridge não era problema seu.

De repente, ela se lembrou de sangue nos paralelepípedos. Dos gritos interrompidos de uma menina. Mordeu a língua para conter a onda de náusea.

Desesperada para mudar de assunto, Eda soltou:

— Qual foi aquela palavra que você usou? Quando as Espadas invadiram seu apartamento?

— Qual?

— Parecia algum palavrão. Vepak, sei lá. Vanash. Vek…

A gargalhada dele foi tão súbita que a assustou.

— Foi *vhesak*?

— Isso mesmo. O que significa?

— A tradução mais adequada seria "fodeu", eu diria.

— E como se diz "vai se foder"?

Ele pareceu maravilhado com o questionamento.

— *Vhesak'din*, por quê?

— Tenho a impressão de que terei a oportunidade para usá-la durante nosso trato.

Kit sorriu.

— Entendido. De volta ao *Oriana*, então. Preciso convencer Robin a cuidar dessa perna — disse ele, e olhou para o lenço ensanguentado largado no chão, com uma expressão mais suave. — Agradeço. Por… isso.

Com o rosto ardendo por algum motivo, Eda apenas assentiu.

— Não podemos perder tempo. Ainda não chegamos mais perto de entender como tirar meus irmãos de lá.

— É aí que você se engana, meu bem. Agora, sabemos que esses fogos de alerta funcionam como previsto. Sabemos que o bispo colocou a culpa dos mastins na *sua* conta. E sabemos que a Ordem da Espada a reconhece, então esse

manto será necessário.

Eda ficou séria.

— Essas notícias deveriam ser *boas*?

— Entender uma situação é o método garantido para desenredá-la. Agora, só precisamos saber o que nos aguarda do outro lado daquele rastrilho. Quando soubermos, podemos planejar como entrar e sair.

— E você deve ter uma planta baixa bem conveniente do forte por aí, né?

— Eu, não — respondeu Kit, arrastando a voz —, mas tenho um amigo de muito prestígio.

Quinze

QUANDO EDA ACORDOU PELA MANHÃ, encontrou dois olhinhos pretos a espreitando.

— Eita, o que… *ai!*

Ela bateu a cabeça no casco ao pular de susto. Tripp chiou e voltou para cima da mesa.

— Calma. Vão assustar o Velho Miserável.

Robin estava na copa, fritando pão em banha. O gato em questão tinha escapado para a prateleira e olhava feio para Tripp, balançando o rabo violentamente.

— O diabrete estava me olhando como se fosse me devorar!

— Tripp nunca macularia a língua com carne humana imunda. Que coisa mais nojenta e borrachuda.

— E como, exatamente, você saberia disso?

O diabrete sorriu, revelando dentes afiados.

— Chega — disse Robin, enxotando Tripp da mesa como se ele fosse uma mosca, o que lhe rendeu um rosnado. Nada que era demoníaco parecia perturbá-la. — Cadê seu mestre perdido hoje? Não o vejo desde que limpei a perna dele.

— Meu patrão cuida da própria vida, mocreia.

— Ah. Então você também não sabe.

— Tripp é o vassalo mais fiel do lorde Kit! O senhor sempre confia nele.

— Achei que ele tivesse dispensado você — comentou Eda, achando graça da fúria dele.

— Tripp protege milorde desde o berço, e morrerá a seu lado! Quando ele recuperar o trono da família, Tripp também estará lá.

Eda o observou. Havia uma ferocidade na expressão da criatura, e ela interpretou aquilo como carinho genuíno. Era estranho ver aquilo em uma carinha tão monstruosa.

— Você *morreria* por ele?

— Tripp é o familiar de Kit'rath Ansellis.

Como se isso explicasse tudo.

— Você ama ele.

Tripp abriu a boca, então a fechou. Estufou o peito.

— Uma mera mortal não compreenderia.

É quase fofo.

Robin perguntou:

— E você, cordeirinha? Depois de ontem, me parece que precisa dar um jeito nesse bispo. A não ser que queira passar o resto da vida fugindo da Fé…

— Esse é o menor dos meus problemas. Quando eu libertar Ben e Lawrie, temos que arranjar aquele Portal maldito para Severin Lich. Se não conseguirmos, vamos ter *mesmo* que ir embora de Wesland. Fugir para Forisia, talvez. Ou para as Ilhas.

— Criminosos indigentes perseguidos por clérigos e assassinos não costumam durar muito tempo.

— Eu não tenho muito tempo de vida, de qualquer modo — soltou Eda, e as palavras pairaram, amargas, no silêncio que se seguiu. — Perdão. Eu só… não quero pensar no que vai acontecer depois. Eu e meus irmãos ainda precisamos encontrar os últimos dez anos do sr. Night, isso se eu conseguir resgatá-los. Depois… Não sei. Pelo menos estaremos livres.

— Talvez. Mas por quanto tempo?

Eda não gostava daquele tom de voz — um tom baixo, de pena. Gostava ainda menos de não ter uma boa resposta. Qualquer futuro além de recuperar os irmãos era indistinto como fumaça. Pensar que seus últimos anos preciosos seriam passados fugindo das garras da Ordem da Fé, ou de Severin Lich, como uma raposa na toca… Robin estava certa. Seria apenas questão de tempo até que fossem capturados ou assassinados, ou morressem de inanição como pedintes em alguma rua estrangeira. Qual seria o destino de Ben e Lawrie depois de tudo que ela fizera para salvá-los?

O rosto de Florian Fane surgiu em sua mente. Ela cerrou o punho, repuxando o tecido da calça. *Quero que ele se arrependa de ter aparecido na nossa porta.* Mais do que isso, queria que Ben e Lawrie sobrevivessem. Mesmo que não estivesse lá para ver. Mesmo que ela não tivesse vida também.

O bispo, exposto. Seria suficiente para limpar o nome deles e recobrar sua liberdade?

Uma brisa soprou na cabine. Kit apareceu na porta e se recostou no batente.

— Pronta para outra viagem, meu bem?

— Será que você não pode se transformar em uma mula? Um animal menos alto… e não tão rápido?

— Aprender a adotar qualquer forma exige anos de estudo e treino. Eu só sei cinco. Tenho cara de quem ia perder meu tempo com a porcaria de uma *mula*?

Eda contou nos dedos.

— Gato. Camundongo. Cavalo. Pássaro. Qual é a quinta, então?

Ela hesitou em contar a aparência humana de Kit, tão semelhante à verdadeira. Se o sr. Night era capaz do mesmo, não poderia ser uma ilusão exclusiva dos metamorfos.

— Pare de ser enxerida.

— Você ainda não me contou quem é esse seu "amigo de muito prestígio". — E então, por desdém: — Nem sabia que você *tinha* amigos.

— É uma palavra forte, admito. Eu e ele temos um Pacto.

Eda engasgou com o chá.

— Espera aí. Está falando do Abelard Wolfram? Do *alto-governador* Abelard Wolfram?

Ela quase se esquecera completamente daquele detalhe. A suspeita de Severin Lich de que Wolfram era o acordeiro que a levara a Kit.

— A não ser que tenha outro por aí e ninguém me avisou. O único Pacto que firmei desde que cheguei aqui, além do seu, foi com ele.

— Ele paga pelo seu apartamento — comentou Eda. *E pela extravagância da sua vida, sem dúvida.* — Você o ajudou mesmo a se tornar alto-governador? Como?

— Espionagem, investigação, chantagem. Plantei provas para controlar seus rivais. Em um caso específico, pendurei um homem pelo tornozelo na janela do terceiro andar.

— Parece trabalho de um mercenário comum.

Eda se perguntou se demônios tendiam a cumprir Pactos de formas banais. Agora, sabendo dos limites da magia, a ideia não a surpreendia tanto — embora a maioria dos acordeiros certamente não tivesse essa noção. Um demônio nunca admitiria tal falha.

— Agradeço se não me comparar a um capanga bruto e contratado, sua descrente. Você já se meteu entre as dobradiças de um cofre? Não, porque não

consegue se transformar em camundongo, e, mesmo assim, tive que me espremer bastante. Está pronta para sair ou não?

Eda tomou um gole apressado de chá e se levantou, ignorando o olhar irritado de Tripp e o sorrisinho de Robin.

— Estou.

Kit fez uma careta ao ver o manto horroroso e a calça mal ajustada de Eda.

— Vamos arranjar uma roupa melhor para você antes de encontrá-lo. Você não pode parecer uma criminosa indigente.

— Eu *sou* uma criminosa indigente.

— O governador tolerará melhor nossa visita espontânea se não achar que você é uma bruxa louca do pântano. Há limites para o que minha beleza pode distrair.

— Certamente não distrai da sua personalidade insuportável.

Ele estendeu a mão.

Eda aceitou, refletindo sobre como uma pessoa tão grosseira também conseguia ser tão elegante. Também se perguntou os motivos de ter sentido um arrepio no braço quando a pele dele tocou a sua.

A viagem para Blackbridge foi, felizmente, tranquila, até Kit levá-la a um beco estreito nos arredores da rua do comércio de Bellmoor Heath. Depois de Cannington, era o bairro mais rico da cidade. As lojas exibiam fachadas altas e vigas esculpidas, vitrines de vidro e figuras de gesso. Faziam a Shaw Antiguidades parecer decadente.

— O que estamos fazendo aqui?

— Compras, como eu disse.

— Você vai só entrar desfilando em uma loja qualquer?

— Eu não *desfilo* — retrucou ele, olhando para trás. — Minha cauda não está aparecendo, né?

— Não…

— Então deixe de besteira. Você não pode entrar, Senhora Cruel dos Mastins, mas é improvável que me reconheçam.

Eda ainda estava gaguejando quando Kit a contornou tranquilamente, ajeitando os óculos escuros.

— Mas… você tem dinheiro?

— Eu pago fiado.

— É o *quê*?

Ele atravessou a rua a passos largos. A cidade parecia mais quieta do que o normal. Abafada. A vida não parava nem por conta de monstros à espreita, não quando havia trabalho a cumprir, mas o ar parecia vibrar. Eda se perguntou se o pessoal de Lich ainda a estaria vigiando. Supunha que sim. O manto podia até esconder *Eda*, mas Kit chamava a atenção de quem soubesse procurá-lo. *E, se Lich está de olho em Kit, também está de olho em mim.*

Eda se encolheu nas sombras do beco e esperou. Imaginou que algum estardalhaço ocorreria. Gritos, cadeiras jogadas pela vitrine, esse tipo de coisa. Porém, depois de quinze minutos angustiantes, Kit saiu pela porta do alfaiate, carregando um grande embrulho de papel. Ele quase tropeçou em duas damas, se desculpando com uma reverência exagerada em seguida. As mulheres coraram e o olharam com admiração ao passarem. Uma cochichou ao pé do ouvido da amiga. Elas riram baixinho.

Eda não podia culpá-las. Kit usava um novo gibão com colete, em brocado preto com detalhes dourados: o auge da riqueza discreta. Os óculos escuros que cobriam seus olhos lhe conferiam um ar rebelde de mistério. Se antes ele era bonito, agora estava devastador. *Até parece que esse desvio foi apenas por mim.*

Ele empurrou o pacote para ela.

Eda o desembrulhou.

Kit escolhera um colete justo, verde-musgo, para acompanhar uma camisa creme, bordada com desenhos florais amplos na barra. Havia também uma calça de couro macia, para montaria, da cor das árvores de outono. No fundo do embrulho, estava uma capa de lã. Mais escura e grossa do que a que Eda possuía, com um botão de marfim se destacando no pescoço, na forma de uma ninfeia. Ela olhou para o detalhe. *Logo esta flor.*

Eram roupas melhores do que tudo que ela já vestira antes. Lindas, na verdade. Práticas e bonitas, combinavam com ela. Será que ele havia pensado nisso? Parecia improvável que ele escolhesse as cores mais adequadas apenas por coincidência.

— Que… bonitas.

— Estava esperando o quê, uma fantasia de palhaço? — perguntou ele, abaixando os óculos no nariz. — Ou uma peça decotada, sem a menor substância?

— Cairia bem em mim, de qualquer modo.

A confiança dela era puro fingimento. Ela não sabia se Kit estava ciente, pois ele arregalou os olhos no mesmo instante.

— Não discordo, meu bem.

A voz aveludada dele fez o coração de Eda acelerar. Ela se apressou para se

recompor.

— Guarde suas perversões para si.

— Se você continuar me dando ordens, será impossível.

O rubor dela devia estar visível a cem passos dali; ela deu meia-volta. *Se recomponha.* Retribuir o flerte de um demônio que roubara cinquenta anos de sua vida era uma situação trágica demais.

Eda se escondeu atrás de uma carroça abandonada no fundo do beco para se trocar, e Kit ficou de vigia. Ela estava preparada para jogar um sapato na cara dele, mas ele não espreitou.

As roupas couberam perfeitamente. Como uma segunda pele, celebrando a silhueta em vez de escondê-la, e seu peito se encheu com uma sensação de bem-estar. Ela se sentia… confiante. Eda passou as mãos pelo colete; a ideia de ele saber suas medidas só de olhar *não era* lisonjeira, ela tentou se convencer. Se Kit tinha prestado tanta atenção assim, era por ser um degenerado. Ela pensou em xingá-lo quando saiu de trás da carroça, deixando as roupas velhas para trás.

A expressão dele a deteve.

Foi breve, e passou em um instante. Mas Eda percebeu. O queixo caído. Uma suavidade calorosa nos olhos. Kit pigarreou e ajeitou os óculos outra vez.

— Vamos?

Eles continuaram por Bellmoor Heath. Kit a conduziu ao portão recuado de um pátio sofisticado, protegido por muros altos. Do outro lado, um chafariz ornamentado gorgolejava entre plantas podadas e canteiros de flores, diante da construção que cercava o jardim por três lados. Era todo de pedra escura e caixilhos destacados, e tinha três andares. Estruturado em vigas, com tijolos em vez de gesso e salgueiro. Exatamente o que ela esperaria da moradia do alto-governador.

— E agora?

A única resposta foi uma piscadela lenta de olhos felinos antes de Kit se esgueirar pelo portão. Eda hesitou, olhando ao redor. Ela usava o manto por cima da nova capa, o capuz o mais erguido possível, mas ainda era preocupante ficar sozinha na rua.

Kit desapareceu entre roseiras podadas sob uma janela aberta. Um segundo depois, um ratinho preto corria pelo peitoril.

Ela esperou. Flexionou e relaxou os dedos, como se pudesse expulsar o nervosismo. Era hora do almoço, não? Eda imaginou Kit se transformando em uma explosão de fumaça preta à mesa do governador, fazendo a esposa e os filhos dele caírem duros de medo.

Tal caos não ocorreu. Em vez disso, a porta da frente se abriu. Um porteiro atravessou o pátio às pressas. Eda se preparou para fugir, mas o rapaz apenas destrancou o portão e olhou ao redor, confuso. Seu olhar vacilou ao passar por ela, e se afastou de imediato.

— Senhorita…?

Ela pigarreou.

— Olá…

— *Santos me acudam!* De onde… — exclamou ele, corado, e arregalou os olhos para ela em espanto. — Hã, quer dizer… entre, senhorita. O senhor aguarda sua chegada.

Ela agradeceu, ciente de que ele mantinha uma boa distância ao levá-la à porta. Atrapalhada, Eda soltou o pé de galinha e tirou o manto. Kit insistira bastante naquilo. Ela carregou a peça embrulhada junto ao peito enquanto o funcionário a conduzia até um saguão de ladrilhos luxuosos, e, depois, por uma escada dupla bifurcada.

Eles pararam diante de uma porta com dois unicórnios empinados esculpidos no belo batente de cerejeira. O funcionário a chamou para entrar. O cômodo, por dentro, era todo mobiliado em cores quentes e convidativas. Ela mal reparou.

Abelard Wolfram a olhava diretamente.

— É ela?

Eda levou um momento para entender que ele estava falando com Kit. O demônio estava recostado, lânguido, em uma janela à esquerda. A luz leitosa do dia brilhava em seu cabelo e ombros. Grãos de poeira dançavam. Se não fosse pelos olhos ardentes, ele poderia ser um santo de um afresco dos templos.

— Abelard, apresento Eda Shaw.

O alto-governador estava de pé atrás da escrivaninha, com os braços cruzados. Ele olhou para Eda com firmeza, depois para Kit, e então de volta para ela.

A aparência de Wolfram era discreta. Eda já vira o homem de longe, pois ele frequentemente participava de eventos públicos, mas, de perto, não era o que ela imaginava. De estatura média e cabelo grisalho, o governador era bonito — embora um pouco abatido. Rugas ao redor da boca e dos olhos sugeriam noites em claro, mas seus olhos azuis eram perspicazes ao analisá-la. Espertos.

— É uma honra, senhor — disse Eda.

Ela segurava o manto como um escudo. Era uma mulher procurada, e se alguém tinha o poder de mandá-la diretamente para a forca, era ele. *Preciso confiar em Kit. Ele não me traria aqui se achasse que eu correria perigo.*

Wolfram a ignorou. Serviu um copo de bebida âmbar de um decantador.

— Já não basta você vir à minha casa quando eu especificamente pedi para não aparecer aqui, Kit'rath. Agora ainda me traz uma mulher acusada de assassinato. — A voz dele era neutra, naquele tom diplomático de todos os políticos, embora houvesse algo mais grave por baixo. — Meus filhos brincam logo ali.

Kit olhou pela janela.

— Os mais novos, não? Hyacinth e Faron.

Wolfram apertou o copo.

— Você pediu que eu permitisse a entrada da moça. Eu permiti. Agora, me faça a cortesia de explicar do que se trata isso tudo. — Ele notou o belo gibão de Kit. — Você já aproveitou bastante dos meus recursos ultimamente.

Isso explicava quem pagava o alfaiate.

— Cuidado, *alto-governador*. Sua posição pode lhe dar autoridade sobre a maior parte da cidade, mas não sobre mim. Ou esqueceu quem foi que lhe arranjou esta casa tão grandiosa? — retrucou Kit, com um sorriso antipático. — Tudo que você tem é por *minha* causa.

Wolfram se tensionou.

Eda olhou de um para o outro. Wolfram e Kit tinham firmado um Pacto, mas, até então, ela mal conseguia acreditar naquilo. O alto-governador era o líder da cidade, representante eleito e administrador de todos ali. Ele *tinha* que ser impecável. Fazia sentido, Eda pensou, que o líder de Blackbridge fosse corrupto. E os altos-governadores das outras grandes cidades — Alderport, Dawnmouth, Netherton? Será que tinham chegado ao cargo de forma honesta, ou também fizeram acordos nefastos para conquistar os votos da nobreza?

— Como poderia esquecer? — comentou Wolfram, olhando para Eda. — Eu paguei e ainda pago minha dívida.

— Não se preocupe com ela. Eda Shaw está ciente de nossos combinados.

Wolfram virou a cabeça de repente.

— Você não pode discutir os termos de nosso acordo com ninguém!

— Eu não discuti… diretamente. A srta. Shaw me procurou ciente da situação. Eu apenas não a corrigi.

Wolfram a olhou, mais desconfiado ainda.

— Você firmou outro Pacto.

Eda não gostava quando falavam dela como se não estivesse presente. Ela tentou disfarçar o desprezo na voz ao dizer:

— Peço perdão pela impertinência, *senhor*. Não vim para… para chantageá-lo, nem ameaçá-lo de modo algum. Só preciso da sua ajuda.

— Ah, é? Como, então, você encontrou Kit'rath? Que conhecimento tinha de nossa conexão, e como o adquiriu?

Eda hesitou. Provavelmente não era a melhor hora para mencionar sua parceria com Severin Lich.

— É… complicado.

Ele fez uma careta.

— Imagino que seja.

— Não vamos mudar de assunto. Você só sabe das mentiras contadas sobre Eda Shaw. Pode ter certeza de que ela não é a vilã que você busca.

Kit se movia pelas extremidades do cômodo, passando os dedos por pinturas e castiçais de bronze.

— Ela firmou um Pacto com *você* — afirmou Wolfram. — Aposto que isso diz o bastante de seu caráter para justificar minha suspeita.

— O sujo falando do mal lavado…

— Eu não me considero exceção. Porém a questão continua: se não ela, quem deve responder por soltar feras monstruosas pela cidade?

Eda olhou para Kit. Ele levantou uma sobrancelha. *Acho que é minha vez*.

— Não foi culpa minha, governador. O homem responsável se chama Florian Fane.

Abelard arregalou os olhos.

— Você está acusando um clérigo da Fé?

Ela respirou fundo e explicou do modo mais conciso possível. Falou do Pacto do pai e da obrigação da dívida. Da noite em que o bispo surgiu, da barganha desesperada com Kit. Só não mencionou Lich e a busca dele pelo espelho. Então, concluiu:

— Agora preciso resgatá-los, senhor. Meus irmãos.

— Ainda mais pertinente — acrescentou Kit —, *eu* preciso resgatá-los. Para cumprir este Pacto, os irmãos Shaw devem ser libertados do forte Fell.

— Misericórdia. Eu não tenho controle sobre a Ordem da Fé, nem sobre as Espadas. Você sabe disso.

— Eu sei. Entretanto nossa tarefa será mais viável se entendermos o que nos espera no forte, ao entrar e sair. Você pode nos ajudar com isso.

Wolfram bufou.

— E por que eu ajudaria? Sabe a confusão que causou, Kit'rath, quando as Espadas o descobriram na estrada Harecourt? Paguei por aquele apartamento por *vinte anos*, mantendo você no conforto mais particular, e tudo foi por água abaixo em uma tarde. Tenelle não larga o osso. Eu destruí todas as minhas conexões com

aquele prédio, mas temo que nem isso seja suficiente. As Espadas são…

— Achei que você tivesse controle sobre elas — comentou Kit, seco, inspecionando as unhas.

— Algumas, sim, mas Martine Tenelle não se vende. Ela nunca deveria ter chegado àquele posto.

— Porque tem honra? — perguntou Eda, antes que pudesse se conter.

E porque chegou lá sem nenhum acordo ilícito, imagino. Não havia dúvidas de que Tenelle era uma pessoa melhor do que todos os três naquela sala. A mulher podia até querer a cabeça de Eda, mas ainda assim era admirável.

Wolfram semicerrou os olhos.

— Eu cortaria essa sua língua afiada, mocinha. A forca está sendo preparada agora mesmo para as execuções do mês. Seus irmãos estão na lista, que eu saiba. No dia após a colheita de outono.

Eda empalideceu. *Dali a menos de uma quinzena.* Fane não mataria os irmãos dela antes da colheita — pois jurara ao sr. Night —, porém, se o demônio não os matasse após o fim do prazo, Fane os mataria. Parecia que ele não queria perder tempo.

Kit olhou para ela.

— Mais motivo ainda para resolver *logo* essas questões tediosas, Abelard. Não estou pedindo.

— E se eu recusar? Meu dinheiro ainda é seu. Você não pode me machucar enquanto durar nosso Pacto.

— Não posso mesmo — concordou Kit, e arranhou a superfície da mesa. — Já seus filhos…

Eda ficou enjoada.

Wolfram largou o copo.

— Não brinque comigo, Kit'rath.

— Quem está brincando?

— Eu o conheço há vinte anos. Conversamos pouco nesse tempo, mas você não é um estranho para mim. Sabe o nome dos meus filhos. Conheceu eles no berço. Como *ousa*…

— E posso conhecê-los no túmulo, se eu decidir colocá-los lá.

— Você está blefando.

— Quer pagar para ver?

Wolfram hesitou. Em um piscar de olhos, Kit estava com as garras à mostra. A janela foi escancarada…

— Pare! — gritou Wolfram.

Kit se deteve, agachado no peitoril como um felino. O som de risadas de uma brincadeira de meninas chegou até eles pela brisa.

Eda percebeu que também tinha avançado para impedi-lo, a mão esticada.

— Kit — sibilou.

Ele a encarou, rosto cinzento e olhos ardentes, calmos e calculistas. O medo a invadiu como uma maré. O que ela poderia fazer se ele realmente quisesse machucar aquelas crianças? O que qualquer um poderia fazer? *Ele não faria isso*, pensou. *Não faria.*

Eda odiava não ter certeza.

— Já entendi — disse Wolfram, se segurando na mesa. — Eu ajudarei vocês.

— Como? — perguntou Kit, imóvel.

— Eu tenho… Posso arranjar plantas baixas do forte. Um mapa. Posso pedir que tragam em menos de uma hora. Tenho um infiltrado na Ordem que poderia consegui-las sem um pedido formal. O forte é antigo, e os esquemas originais mostram passagens esquecidas que não existem oficialmente. A Ordem tem motivos para guardar tais documentos.

— Será suficiente? — perguntou Eda.

O desprezo que sentia pelo homem diminuiu um pouco por vê-lo tão preocupado com os filhos.

— É o melhor que posso fazer sem me comprometer. Eu me preocupo com esta cidade, srta. Shaw. *Minha* cidade. Não posso protegê-la de dentro da cadeia.

Embora a ambição de Abelard Wolfram o tivesse levado a fazer um acordo com um demônio, sua dedicação a Blackbridge parecia genuína. Os pensamentos de Eda aceleraram.

— Tenelle desconfia do bispo. Se quiser escapar da atenção dela e ajudar o povo, há ideias piores do que ajudá-la a revelar o papel de Florian nisso tudo. O Portal… Ele ainda deve ter acesso. Talvez seja suficiente para comprovar sua traição.

Todos na sala ficaram em silêncio. Wolfram bufou.

— Para uma moça que tomou decisões muito questionáveis — começou, olhando de relance para Kit —, você não é nenhuma idiota. Vejo, enfim, por que Kit'rath a escolheu para quebrar sua abstinência.

Eda rangeu os dentes.

— *Eu* o escolhi, na verdade.

Kit riu baixinho. Um pouco da tensão insuportável se esvaiu, mas Eda permaneceu imóvel, fixada pelo olhar de Wolfram. Ela se perguntou se o que ele via era a bruxa ou a mulher.

Temeu que fossem as duas.

Dezesseis

ELES SAÍRAM POR UM PORTÃO COBERTO de hera no quintal dos fundos, Kit trotando a seu lado com agilidade. Eda fechou o manto, tomando cuidado com as plantas baixas dobradas e encadernadas em couro guardadas no bolso da capa. Ela tagarelava enquanto avançavam, sabendo que ele não poderia interrompê-la.

— Talvez dê certo mesmo. Quer dizer, são documentos históricos genuínos. Têm mais de duzentos anos! O governador também mencionou os protocolos de segurança, que devem ajudar muito. Só o fato de ele nos entregar isso…

Ela hesitou. Na sombra sob uma passarela, olhou para o companheiro felino, desconfiada. Eda quase se esquecera do *motivo* pelo qual o governador tinha permitido que eles levassem documentos tão valiosos.

— Você estava mentindo, não estava? Quando ameaçou os filhos dele.

Kit se transformou em um turbilhão de fumaça.

— Funcionou.

Eda se agitou, indignada.

— Você não me respondeu.

— *Abelard* acreditou que eu machucaria eles se sentisse necessidade.

— E você machucaria?

A expressão dele era indecifrável.

— Se sentisse necessidade.

— Não acredito. Não acredito que você seja tão… tão *insensível*, tão brutal…

— O mundo é um lugar brutal para crianças. O seu e o meu.

Eda sentiu o estômago embrulhar ao pensar na menininha dilacerada na rua.

— Mais motivo ainda para não ser cruel. Entre eles, o alto-governador e Tenelle devem ser capazes de expor o bispo. Essa loucura vai acabar.

— Vai mesmo? Florian Fane é apenas um espinho no caule dos vilões da história. Meu irmão sempre pode fazer mais acordos. Enquanto demônios como ele tiverem a liberdade de vagar pelo mundo mortal, vidas serão destruídas.

— Eu sei. Só quis dizer que *alguém* deveria enfrentar gente como o bispo. Pelo menos ele é mortal. Pode ser impedido.

— E quem seria esse alguém, meu bem? Você se acha uma heroína popular, por acaso? — desdenhou Kit. — Que interesse repentino no bispo. Adquiriu uma bússola moral do nada?

Ela se irritou.

— Isso não… Eu não diria que querer ver o fim de Fane é hipocrisia minha, se é isso que está tentando dizer. Também seria vantajoso para mim.

— Mortais sofrem todos os dias, seja uma criança massacrada na rua ou passando fome em silêncio em uma casa gelada com bocas demais para alimentar. A única diferença é que você teve que *ver* a primeira, e isso a infectou como uma febre presunçosa — disse ele, com amargura palpável. — Pessoas poderosas como meu irmão e o bispo, e até Abelard Wolfram, só fazem as coisas certas se isso os beneficia. A justiça que você busca é administrada pelos poderosos, e os poderosos chegaram onde estão pensando apenas em si. Quer entrar na briga com eles? Esqueça honra e misericórdia, pois eles não oferecerão nada disso.

— E isso isenta *você*, por acaso? Ameaçar crianças, em vez de salvá-las, não é grave, já que todo mundo faz?

— Por que não? — sibilou ele. — Ninguém *me* salvou. Ninguém tentou *me* resgatar.

As palavras de Eda morreram. Ao vê-lo assim, com os punhos cerrados, ela entendeu de repente. Os ideais heroicos que ela defendia tinham cutucado uma ferida muito antiga. A raiva dela desapareceu.

— Eu… sinto muito por isso. Pelo que Baelion fez com você na juventude. Por ninguém tê-lo protegido. Porque deveriam.

Kit parou de repente, com uma expressão sutil de choque. Eda sentiu um aperto no peito. Seria um mundo gentil realmente tão estranho para ele?

Kit se recompôs.

— Não importa. Faz muito tempo.

Para você, não, pensou ela, triste.

— E você? — perguntou, olhando para ela. — Sua notável falta de ódio por meu irmão é bastante equivocada. Você não sente raiva por sua infância perdida?

— Foi meu pai que nos meteu nessa confusão.

— Ah. Então o vilão é *ele*.

Eda percebeu que ele estava sendo irônico.

— Depois do que ele fez com minha mãe, com a *gente*…

— Não foi culpa dele. Você acha que seu pai, em luto, sabia onde estava se metendo quando fez um acordo com Baelion? Você disse que ele pediu a esposa de volta. Baelion sabia que era impossível revivê-la de verdade, mas aceitou o Pacto mesmo assim. Mentir por omissão ainda é mentir — disse, contraindo os lábios. — Me parece que o único crime do seu pai foi amar tanto a esposa que perdeu o bom senso. Que se esqueceu de *vocês*. Pode culpá-lo por isso, mas não pelo que sua mãe se tornou. Essa crueldade específica é toda do meu irmão.

Eda olhou para baixo e engoliu em seco. Ela sempre vira a cobiça e a fraqueza de seus semelhantes, mas quantos, como ela, faziam acordos por puro desespero? A mãe da menina morta pelo mastim — Eda culparia *ela* caso implorasse para qualquer poder que a escutasse trazer sua filha de volta?

Eda refletiu sobre o pai. Ele poderia ser uma vítima, assim como todos eles. Lawrie dizia que Oswin agira por amor; e ela não negociara com Kit exatamente pelo mesmo motivo? O sr. Night a teria repreendido por aquilo — e, pouco antes, ela também desdenharia. A ideia a envergonhou.

Eda apertou o nariz. O constrangimento subiu pela sua garganta.

— É culpa minha, de qualquer forma. Isso tudo. Às vezes, acho que meu nascimento foi um mau agouro. Eu matei minha mãe no parto. Fiz Ben e Lawrie serem capturados — disse, e riu, seca. — Se o sr. Night tem culpa, eu também tenho.

Kit puxou a mão dela sem aviso. Eda se sobressaltou.

Ele a olhou com irritação.

— Nunca — disparou — se compare com ele. Você vale mil daquele bosta.

Ela o encarou. A mão dele era muito morna, macia, sem calos. *Nunca viu um dia de trabalho braçal nessa vida, né?*, poderia ter brincado, mas sua língua não se mexia. Dedos compridos envolveram os dela. Kit passou o polegar na palma de sua mão, explorando os relevos.

Eda não se lembrava de já ter ficado tão abalada pela presença de outra pessoa. O cheiro dele, as roupas roçando nas dela. Os olhos dele, que a fulminavam até os ossos. Ela se sentia *vista*.

Kit olhou para a boca de Eda. O movimento a chocou. O calor se acumulou em seu ventre.

Chega.

Eda pigarreou.

— É… muita gentileza sua dizer isso. Nunca me disseram que eu valho mil

bostas.

Era para ser uma brincadeira. Ela temeu que soasse apenas como um sapo assustado.

De qualquer modo, o feitiço se desfez. Kit pestanejou e a soltou. Recuou meio passo. Não havia nada de *gentil* na proximidade que ele mantivera, e ele provavelmente sabia. Kit teve a delicadeza de parecer envergonhado.

— Bem, certo. Não vá se acostumando.

Eda sorriu sem saber o porquê. Isso apenas pareceu perturbá-lo mais ainda.

— Deixando de lado a bússola moral, ainda não sei se concordo com você quanto aos méritos do gosto humano. Muito menos aqui. A maioria das pessoas considera Blackbridge um chiqueiro, a não ser que se more em Cannington ou Bellmoor Heath.

— Não finja que você não moraria nas partes mais bonitas da cidade se pudesse, meu bem. Eu não vou pedir desculpas por aproveitar meu dinheiro.

— O dinheiro do alto-governador, no caso.

— Semântica. Enfim, há prazeres a encontrar em todos os cantos de Blackbridge para quem souber procurar. Está por todos os lados, na arte, na música, na literatura. Maravilhas sem fim, bem na sua frente.

Uma expressão quase infantil atravessou o rosto dele, um entusiasmo sincero que Eda não sabia que ele era capaz de sentir.

— Certamente Alderport tem mais a oferecer.

— Eu visitava a capital com frequência quando era mais jovem. Era lá que o espelho dos Ansellis me cuspia por certo tempo: um depósito enorme, de alguns contrabandistas. Pessoas bacanas. Um me ensinou a jogar cartas, embora eu ache que ele tinha medo de eu matá-lo se não jogasse comigo — disse Kit, abrindo um sorrisinho ao ver a expressão de espanto dela. — O espelho circulou bastante antes de seu pai adquiri-lo. Eu vi muitas cidades weslitas. Mas a minha preferida era Blackbridge. Algo na arquitetura, no ar geral de baderna…

— E por isso você escolheu se instalar aqui — disse Eda, atordoada. — Não existe arte na sua casa?

— Infernus não é minha casa. E não, não desse jeito. Se esculturas não forem criadas em homenagem à força de um duque, ou se a caligrafia não for aprendida para transmitir ordens, não há valor. A música, por exemplo, quase não mudou ao longo dos séculos. São poucos os que se dão ao trabalho de estudá-la. É um luxo reservado para entreter a nobreza.

— Nada de marionetes ou malabaristas, então.

A risada dele soou quase como um latido. Ela não pôde evitar um arrepio por

tê-la causado.

— Encenações de grandes batalhas são o mais perto que chegam disso.

— Então são bons? Os teatros daqui?

— Você nunca foi?

— Não tínhamos dinheiro para desperdiçar com essas coisas.

Kit balançou a cabeça, desesperado.

— Enriquecer a *alma* não é desperdício. Fico até ofendido por sua falta de apreço pela arte.

Ela conteve uma risada. Ele falava exatamente como Lawrie.

— Você acredita em almas?

— Foi apenas uma expressão, sua descrente. Mas está decidido. Vamos.

Eda apertou o passo atrás dele.

— Aonde?

— Melhorar sua educação cultural. Seria crueldade não fazê-lo, visto que logo você será uma criminosa destituída.

— Não achei graça.

Considerando a risada, ele achava.

Eles seguiram para o sudeste, adentrando Pitchford. Foi só após passarem por várias casas de espetáculo, guildas e trabalhadores que Eda percebeu que estavam na Geral: uma avenida conhecida como a versão refinada da cidade baixa. Todo tipo de entretenimento era encontrado ali, embora menos polido do que o que se via ao norte do Canal. Havia barracas variadas de artesãos e comerciantes, músicos tocando por moedas e crianças aglomeradas ao redor de um estande de madeira onde marionetes pintadas dançavam, penduradas.

O que mais chamava a atenção eram os camelôs que anunciavam frascos de suposta prata coloidal. Mais do que Eda já vira antes. Se as Espadas descobrissem, eles poderiam ser multados, mas isso nunca os impedira. Ela imaginava que os ataques recentes deviam ser ótimos para os negócios.

Crowgate ficava a menos de um quilômetro ao oeste dali. Sua *casa*. Será que a loja estaria trancada, vigiada dia e noite pelas Espadas, fonte de fofocas na rua? Uma casca vazia, saqueada dos muitos tesouros acumulados com tanta dedicação ao longo dos anos?

A loja tinha sido o sonho de sua mãe. E o que aconteceria com ela?

— Tem gente *demais* por aqui — resmungou Eda, tentando acompanhar os passos largos de Kit.

— Melhor ainda para nos perdermos.

— Pegamos os mapas. Deveríamos planejar como libertar Ben e Lawrie. Wolfram disse que falta pouco mais de uma semana até eles…

Eda não conseguiu terminar a frase.

— Não acredite em tudo que sai da boca de Wolfram. Ele é político, o que é sinônimo de *babaca*. E você por acaso pretende invadir o forte hoje?

— Não, mas…

— Então pare de ser chata. Mais uma hora na cidade não fará mal a ninguém.

Ela não conseguia acreditar naquela atitude despreocupada.

— Eles podem estar sendo maltratados agora mesmo. Espancados. Torturados até!

— Que depravada essa sua cabeça. — Kit se acotovelou pela muvuca. — O bispo pode ter tratado seus irmãos com grosseria, mas agora eles estão sob o olhar de águia de Martine Tenelle. Pelo que dizem, ela até mija com honra, não é? Uma mulher dessas não aceitará brutalidade desnecessária na prisão.

— Mesmo que achasse que forçá-los a revelar informação fosse proteger pessoas inocentes?

Ele se virou e seguiu andando de costas.

— Por isso eu falei "desnecessária". Seus irmãos não têm nenhuma informação que seja do interesse de Tenelle. Ela logo perceberá — garantiu Kit, com uma expressão mais afoita. — Vamos. Estamos chegando.

Kit a levou a um dos edifícios mais largos da rua, alto e cedendo sob o próprio peso, mas sólido. A fachada se curvava para fora como a proa arredondada de um navio, repleta de vigas entrecruzadas. As portas estavam abertas. Uma multidão estava se formando na entrada, e um jovem liberava a entrada das pessoas, recebendo seus cobres. Acima deles, uma placa pintada dizia CASA DE ESPETÁCULOS LIRA DA DONZELA.

Era familiar. Eda provavelmente já tinha passado por ali sem prestar atenção.

— Uma peça?

O tom incrédulo dela não o dissuadiu.

— Você disse que nunca tinha visto. Não quer ver?

Nunca tinha visto. E queria. Eda mordeu o lábio.

— E se alguém me reconhecer?

— Você está de manto. E, de qualquer forma, não vamos sentar com a ralé.

Kit esticou a mão.

Segurar a mão dele, na frente de todos, lhe parecia mais pesado do que as outras vezes. Kit sacudiu os dedos.

Não é para isso que você veio aqui, sussurrou aquela voz sedosa. *Você não pode se entregar a prazeres tão egoístas, Eda. Você é melhor do que isso.*

Porém Eda desconfiava de que não era, não. A voz que ouvia, quando pensava em desdém e ressentimento, era a do sr. Night — havia muito tempo que era ele quem os alimentava. Quanto ela não vira, não fizera, não se permitira sentir, apenas em busca dos sussurros elogiosos dele? Ela se afastara de seus semelhantes por orgulho bobo. E o resultado? O sr. Night a usara para seus próprios fins, como faria com qualquer outro mortal.

E ali estava Kit. Eda via compreensão nos olhos dele — *carinho*, se ousasse descrevê-lo assim. Ela ficara à beira das lágrimas debaixo daquela ponte, e Kit notara. Ao distraí-la, ele estava tentando evitar aquilo. Eda não queria que ele sentisse pena, mas também percebia sua avidez. Um entusiasmo raro e sincero em compartilhar algo importante com ela. Ela se perguntou se ele já tinha levado alguém ao teatro antes. Ou se seria a primeira.

Se ele se sentia tão solitário quanto ela.

Eda queria muito ver este mundo como ele o via.

Ela aceitou a mão dele. *Uma hora, eu posso aproveitar uma hora.*

Kit a conduziu pela lateral da casa de espetáculos, então se transformou em um pequeno camundongo preto e passou por uma porta dos fundos. Um homem de pó de arroz e figurino vibrante estava sentado ali, fumando um cachimbo. Ele não notou Kit, e seus olhos passaram por Eda como se ela fosse apenas um sopro de brisa.

Um calafrio percorreu sua pele. Tantas vezes ela se lamentara por andar invisível pelo mundo, mas não podia negar o poder de ser ignorada e deixada em paz. Talvez fosse por isso que Severin Lich fizesse negócios no subterrâneo.

Por dentro, o teatro era barulhento, cheio de movimento e atores fantasiados murmurando falas. Estavam nas coxias, ela entendeu. A mistura pungente de cheiro de suor, pó de arroz e roupas de pele de animal era enjoativa. Um palco comprido, coberto por cortinas fechadas, escondia a plateia do outro lado. A atmosfera vibrava como um raio engarrafado. *Que emoção!*

Eda mal sabia para onde olhar, mas não podia correr o risco de se perder de Kit. Ela subiu uma escada em caracol, correndo atrás dele.

Um garoto de vestido rosa-claro esbarrou no ombro dela e se sobressaltou, como se ela tivesse surgido do nada.

— Ei, você é uma das costureiras? Viu minha peruca por aí?

— Não, perdão.

— Merda.

Ele desceu correndo, deixando cair um folheto, que esvoaçou. Eda o pegou.

Viola e o visconde.

Ela olhou para Kit no degrau acima.

— Uma comédia? Achei que seu gosto fosse mais refinado.

Ele mostrou os dentes minúsculos — e estranhamente afiados — e seguiu às pressas. No fim da escada, uma passarela estreita se estendia, suspensa sobre o palco. Kit correu por ela e virou para a esquerda, atravessando uma viga de madeira ainda mais estreita, que cruzava o meio do anfiteatro… bem acima da plateia.

Eda sentiu um nó no estômago.

— *Não*. Volte aqui!

Porém seus sussurros de desespero foram ignorados.

Aposto que ele está se divertindo. Sem opção além de segui-lo, ela pisou na viga, engolindo um xingamento. Eda tentou não olhar para baixo. A cada passo, seus joelhos bambeavam. Lá embaixo, a plateia estava quase lotada. O anfiteatro ecoava o burburinho de conversas animadas e o farfalhar de panfletos. Ela duvidava que alguém fosse olhar para cima e notá-la, mesmo sem o manto, mas certamente perceberiam se ela caísse por cima deles.

— Se me deixar cair, nosso contrato perde a validade — resmungou ela.

Este pensamento lhe deu a confiança para seguir em frente. Acima de tudo, ela confiava nos interesses próprios de Kit.

Ele a esperava, de forma mortal, em um parapeito no fundo do salão. O telhado da galeria, Eda percebeu. Camarotes eram reservados para quem tinha cobres de sobra, como mercadores ou alguns nobres. Na galeria, ela viu movimento: o farfalhar de uma saia elegante de lã quando uma dama se sentou.

Kit havia arranjado os melhores lugares da casa para eles, de graça.

Ela deixou o corpo tombar ao lado dele, ofegando. Kit segurou seu braço para equilibrá-la, mas ela estava irritada demais para agradecer pela preocupação.

— Você poderia ter me avisado dessa parte.

— Você não teria aceitado.

Era verdade. Ela balançou as pernas no ar. Bem acima das velas de sebo nas paredes, Eda e Kit ficavam nas sombras. Nem os atores os veriam, mas eles tinham uma visão nítida do palco. O nervosismo dela se dissipou, virando uma animação fervilhante.

— Admito que a vista é uma maravilha.

— Esperava algo pior?

— Considerando a generosidade da carteira do alto-governador, eu supus que

você costumava pagar pelo camarote. Você combina bem com os outros convidados.

— Verdade. Mas prefiro ficar aqui com você.

Eda gaguejou. Ela se sentiu aliviada quando as luzes diminuíram de repente, escondendo o rubor em seu rosto. A plateia começou a murmurar animadamente, falando cada vez mais baixo.

— Vai começar?

— Vai, então *silêncio*, senão vai perder.

Ela se remexeu, ansiosa. Kit sorriu.

Com a plateia mergulhada na escuridão, apenas o palco continuava iluminado. Um homem corpulento, usando um gibão vibrante e uma boina com pluma, surgiu de entre as cortinas. Ele abriu os braços.

— Agora vejam a história de uma paixão improvável, nesta cena em terra estrangeira, onde uma bela moça lamenta um destino cruel e faz um acordo na sujeira. — A voz nítida ecoou pelo anfiteatro, e um silêncio enfeitiçado se instalou. — Adentra um malandro de má reputação, um visconde dos mais ambiciosos, para poupar a donzela de indesejada atenção, garantindo o fim dos inimigos perniciosos. Juntos, planejam e tramam com sagaz esperteza, mas cuidado! Pois a vontade humana tem seus limites, e o amor verdadeiro não é moleza.

Com uma reverência dramática, ele desapareceu por trás das cortinas, seguido por aplausos.

Eda bateu palmas, distraída. *Onde uma bela moça lamenta um destino cruel e faz um acordo na sujeira*. Ela franziu a testa para Kit. A peça era novíssima, ou pelo menos era o que anunciavam. Ele não teria visto aquele texto antes, certo? Ela acreditaria se ele a tivesse levado apenas por causa daquela fala. Provavelmente achava graça.

Dois atores diferentes entraram em cena. Um era o rapaz que ela vira antes, de vestido rosa — com a tal peruca perdida —, e o outro, um homem fantasiado de aia. Este último declarou, em um tom ridiculamente esganiçado:

— Minha dama, seu pretendente a aguarda, e o senhor seu pai a levará à força se não fores de bom grado!

— Se ao menos meus pés me levassem até lá, ama, em vez de tremerem. Caso meu pai estivesse em meu lugar, certamente fugiria daqui com celeridade.

— Impossível, milady. O lorde senhor nunca caberia em suas vestes de seda.

A plateia riu. Eda também gargalhou, surpresa. Ela cobriu a boca e olhou para o lado. Kit desviou o olhar. Ele talvez estivesse engolindo em seco, mas era difícil

confirmar no escuro.

A história prosseguiu. A jovem Viola era uma dama de boa posição, que corria o risco de ser prometida ao bruto barão de Greaves. Quando o sedutor visconde, Crispin, voltara do estrangeiro, a antiga rivalidade que tinha com Viola fora reavivada. Entretanto, apesar de não se gostarem, os dois decidiram forjar uma aliança e fingir que se cortejavam, a fim de poupar Viola do casamento indesejado e ajudar Crispin a se aproximar do barão, seu inimigo de longa data.

Eda acabou rindo das peripécias da ama, que era comicamente grosseira. Perdeu o fôlego quando Crispin e o barão quase saíram no soco. E até mesmo suspirou, espontaneamente, quando Viola e Crispin se provocaram em flertes maldisfarçados. Perto do fim da produção, quando Viola estava prestes a se casar com o barão apesar de todos seus esforços, Eda levou as mãos ao rosto, horrorizada.

Os apaixonados se encontraram na praia na noite anterior ao casamento. Eles se aproximaram. Crispin agarrou a mão de Viola e se ajoelhou diante dela, e sua angústia era convincente até de longe.

— Há quanto tempo me perturbas, Viola, como ninguém mais me perturbou! És o espinho desdenhoso e a flor fina, o veneno amargo e o doce néctar. És a origem de todo meu sofrimento… e de todo meu desejo.

A plateia suspirou. Estava tão escuro que daria para se convencer de que o mundo lá fora não existia. Ali dentro, era noite na costa forisiana, e estrelas giravam no céu como pó de fada. Eda quase escutava as ondas quebrando na praia de verão.

O coração dela acelerou. O que eles fariam? Como Viola escaparia do casamento? Ela precisava fugir — não podia se *casar* com aquele brutamontes!

— Espero que eles fiquem juntos — sussurrou Eda. — Odeio finais tristes.

Kit não respondeu. O silêncio se prolongou tanto que ela desviou o olhar do palco, então engoliu em seco.

Ele não estava olhando para os atores. Estava olhando para *ela*. Eda teve a estranha impressão de que Kit a encarava já havia algum tempo.

Em voz baixa, ele disse:

— Preferiria não ter vindo, caso o final deixe você triste?

Lá embaixo, Viola se afastava de Crispin e, em prantos, proclamava que seu tempo juntos chegava ao fim.

— Não. É maravilhoso. Fico feliz por você ter me trazido aqui.

Ela não pretendia ser tão sincera.

Os olhos de Kit eram como fogo líquido. Ele se aproximou, encostando o

ombro no dela. Aquele cheiro! Como ela amava — vinho, chuva, raios.

— Eu posso mostrar muito mais do que isso para você — sussurrou ele ao pé de seu ouvido. — Há casas de espetáculos mais grandiosas do que a Lira da Donzela. Peças mil vezes mais extravagantes. Comédias, romances, aventuras, tragédias…

— Nada de tragédias.

— Nada de tragédias — corrigiu ele. — Concertos também. Sinfonias de fazer o corpo tremer. E *poesia*. Poesia que poderia fazer o coração mais gélido chorar de tanta beleza.

O corpo dele estava próximo o bastante para aquecê-la.

— Você gosta de poesia? — perguntou, como se realmente quisesse saber.

Ela cerrou os punhos no colo. De repente, Eda não sabia mais o que os atores estavam dizendo.

— Eu… não conheço nada de poesia.

— Talvez você seja mais musa do que poeta.

— Musa?

— Aquela que inspira as palavras.

Eda riu baixinho.

— Não combina comigo.

— Combina, sim — declarou ele, de imediato.

Ela se virou. O rosto deles estava a poucos centímetros de distância. Eda nunca tinha visto seus olhos tão escuros — as íris fogosas quase engolidas pelas pupilas pretas. Pouco tempo antes, aquele olhar a aterrorizaria. Certamente ainda deveria aterrorizá-la.

O fato de isso não acontecer era o mais preocupante.

Abaixo deles, a música crescia enquanto os atores mudavam de cena. A plateia aplaudiu. Kit desceu o olhar para a boca de Eda. Ele entreabriu os próprios lábios, como se estivesse prestes a dizer algo que se recusava a sair.

Uma onda de calor a fez tremer por dentro. Pensar que uma criatura daquelas a acharia *atraente* era tão absurdo quanto excitante. Ele aproveitara a atenção de amantes mortais, Eda não tinha dúvida. Sem dúvida apenas de grandes belezas — altas e esguias e de feições finas. Nobres, como ele. Eda não era nada daquilo.

Seria uma brincadeira? Uma forma inteligente de humilhação? Talvez ele gostasse da ideia de levá-la para a cama, apenas para usar isso contra ela depois. Mais uma coisa para se gabar de ter arrancado dela de bom grado. O que ela poderia representar, afinal, além de uma distração temporária?

Eda se forçou a respirar fundo e desviar o rosto. *Lembre-se de onde está. De*

quem é ele.

— Eu nunca serei musa, nem poeta, lorde Ansellis. Não vou viver o suficiente para nada disso.

Eda sentiu a tensão dele, ouviu sua respiração suspensa. Kit recuou um pouco. Que bom, pensou ela. Se Eda não se esquecesse das próprias circunstâncias, ele também não esqueceria.

Alguém gritou.

Eda se sobressaltou. Olhou para o palco, se perguntando o que teria perdido para que um personagem soltasse um berro tão terrível, mas os atores estavam paralisados. Ela e Kit se entreolharam, atordoados. A plateia murmurava, confusa.

Outro grito. Muitos, na verdade, crescendo como uma onda. Vinham de fora do anfiteatro, abafados pelas paredes. Alguém na plateia se levantou e olhou ao redor, apavorado.

Um homem subiu no palco aos tropeços e, de tanta pressa, quase caiu.

— Tranquem as portas! — gritou. — É um demônio! Um demônio!

Então, o caos se instaurou.

Dezessete

O sangue de Eda gelou.

A plateia se levantou em um impulso. Os espectadores gritavam, se atropelando em todas as direções. Uma luz forte invadiu o espaço quando as portas foram escancaradas. Pessoas tentavam sair do meio da rua, e um tumulto começou quando as que estavam do lado de dentro as empurraram de volta.

Kit ficou de pé, sério.

Eda permitiu que ele a erguesse.

— É outro mastim?

— É — respondeu, e ela não sabia de onde vinha tanta certeza. — Não podemos ficar encurralados aqui em cima.

Ele a abraçou e pulou do parapeito. Eda sentiu um frio na barriga. Kit agarrou a beirada e balançou para entrar no camarote de forma habilidosa. Uma mulher gritou de susto, caindo da cadeira, mas o restante dos espectadores já tinha fugido. Às pressas, Eda confirmou que as plantas baixas não tinham caído do bolso.

— Vamos.

Kit a puxou escada abaixo sem soltá-la. Sozinho, ele poderia simplesmente se transformar e sair voando, mas, em vez disso, abriu caminho para ela em meio à multidão, afastando as outras pessoas com empurrões violentos. Ele era implacável como um aríete.

Um homem tentou dar uma cotovelada em Eda. Kit se virou, rosnando, e arrancou o homem de cima dela com tanta força que ela escutou um *créc*. O homem urrou, caindo sob a enchente de corpos em pânico.

Eles cortaram caminho até a porta e saíram à luz do dia. Eda pestanejou, desorientada. Levou um segundo para entender que não estava enxergando mal.

Eram *dois*.

Os mastins eram tão monstruosos quanto ela se lembrava. Um estava debruçado sobre o corpo ensanguentado de um homem, com a boca melada. O outro andava em círculos pelo chão de paralelepípedos, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse perdido.

Kit a empurrou para o lado oposto.

— Não pode ser coincidência — disse ela — os mastins estarem *exatamente* onde estamos, que nem da última vez… Será que estão nos seguindo?

Será que estão me seguindo?

A resposta de Kit foi interrompida por um chiado quando um terceiro mastim surgiu de trás da casa de espetáculos. A boca dele estava ensanguentada, e ele mapeava, com os olhos arregalados, a maré de pessoas em fuga até encontrar Eda. Seu olhar a atravessou. Kit ficou tenso, mas o mastim logo se distraiu por uma infeliz mulher que passou correndo e a perseguiu.

Eda puxou a manga da roupa de Kit.

— Ajude elas.

— Quê?

— *Ajude elas*. Essas pessoas. Proteja elas como me protegeria.

Ele bufou.

— Elas *não são* você. Não são problema meu.

— Por favor.

— Não.

Eda o empurrou, tomada por uma fúria súbita.

— Então você gosta da arte, da música, da moda humana, mas rejeita as pessoas que criaram isso tudo? — exclamou ela, e o empurrou outra vez, de forma violenta. — Seu…

Kit segurou os pulsos dela.

— Pode me xingar do que quiser, meu bem. Você *me* procurou. Você firmou o Pacto. Você sabia o que eu era e aceitou minha ajuda de bom grado. Não fique brava agora que decidiu se preocupar com seus semelhantes. Não é para isso que estou aqui.

Eda odiava que ele estivesse certo.

— Você pode ter razão quanto aos horrores que o sr. Night cometeu, mas pelo menos *ele* nunca fingiu ser o que não é. Você desempenha muito bem o papel de humano, mas todo ator tem que tirar o figurino no fim do dia, não é? Eu me permiti esquecer.

Eda se desvencilhou das mãos dele, imitando sua expressão de desdém.

— Obrigada, demônio, por me lembrar — declarou.

Erguido diante dela, o encanto dos olhos de Kit se esvaiu; poças gêmeas de magma a queimaram até os ossos.

— Cuidado com o jeito como fala comigo.

— Por quê? Vai fazer o quê? Me jogar em outro rio? Eu posso ser egoísta, mas pelo menos não sou *hipócrita*.

No fundo, Eda reconheceu a mentira. A crueldade dela errara de alvo: era *ela* quem declarara que o destino de Blackbridge não lhe importava. Ela que desejava apenas a segurança dos irmãos, sem querer saber do resto. Porém ver o desprezo de Kit por aqueles horrores era como se olhar no espelho, e ela não gostava do que via. Se ele era hipócrita, então o que ela seria?

Kit se eriçou, mostrando as presas brancas…

— Afastem-se!

Marchando pela rua, um contingente de Espadas se aproximava, resplandecentes de vermelho e prata. E, encabeçando o grupo…

Eda ficou enjoada.

O bispo Florian Fane avançava a passos largos, passando pelas pessoas que espreitavam pelas janelas, que se agarravam às portas trancadas. Todas ficaram imóveis ao vê-lo.

— Afastem-se, todos! Este mal conhecerá a ira do Senhor.

Ele ergueu os braços; o anel dourado cintilava à luz pálida.

De uma só vez, os mastins se viraram. Uma mulher se arrastou para longe deles, com as pernas ensanguentadas. Eles a deixaram partir. Os três cercaram o bispo como lobos encurralando a presa.

Kit sibilou:

— Temos que ir *agora*.

— Saiam! — vociferou o bispo, com a autoridade de um rei. — Deixem estas pessoas em paz, criaturas do pecado!

Os mastins estremeceram e tropeçaram. Balançaram a cabeça. E enfim recuaram como cachorros acuados.

— Eu me coloco diante de vocês como um serviçal do Senhor. Vocês deixarão este lugar e retornarão ao poço de onde vieram. Eu *ordeno*.

Rosnando, as criaturas deram meia-volta e fugiram. Espantadas, as pessoas começaram a se afastar às pressas quando os mastins passaram saltando. Florian se virou para as Espadas.

— Sigam as criaturas! Derrubem-nas!

Os soldados avançaram, brandindo espadas.

Kit puxou Eda.

— Eda.

— Espere.

Fane olhou ao redor da rua, como se procurasse algo. Quando seu olhar passou por Eda e Kit, na sombra da porta, ela perdeu o ar. No entanto, ele não conhecia Kit e não notou Eda. O manto era feio e desconfortável, mas, naquele momento, ela sentiu vontade de dar um beijo na boca de Robin.

A aglomeração se reuniu ao redor do bispo. Choravam de gratidão, beijavam as mãos dele, puxavam sua batina. Ele não os impediu.

— Minha boa gente! O Senhor falou comigo. Revelou que é minha missão sagrada livrar esta cidade da praga que a assola. A Infidelidade que há tanto devasta Blackbridge trouxe essas criaturas até aqui, mas não temam. Daqui a dois dias eu pregarei um grande sermão e, a partir de então, o farei todas as noites. Caso desejem compartilhar da proteção que me foi outorgada pelo Senhor, devem se provar serviçais Fiéis da vontade Dele. Venham ao Grande Templo e jurem sua devoção a Ele. Pelo bem de seus filhos, devem vir. Senão, estas criaturas apenas crescerão em número. Que o Senhor os abençoe e guarde.

A multidão avançava como mariposas atraídas pela chama. O bispo se ajoelhou diante de uma mulher ferida e a ajudou a se levantar, ignorando a admiração que o cercava.

A raiva de Eda cresceu, como magma cristalizado na obsidiana mais escura. O que quer que fosse a verdade do Senhor, ele era real para muitos. A fé deles era um conforto que para ela nunca fora, e Fane a distorcera em nome de seu próprio objetivo egoísta. Ele fazia todos de *tolos*.

Kit não precisou afastá-la outra vez. Eda deu meia-volta e seguiu na contramão do fluxo de pessoas, ignorando-o.

— Cansei de perder tempo — declarou ela. — O sermão, que será daqui a dois dias… É quando vamos recuperar Ben e Lawrie.

Sem se preocupar com educação, ela empurrava as pessoas no caminho.

Kit a seguia como uma sombra ameaçadora. Ao vê-lo se aproximar, as pessoas rapidamente se afastavam.

— E o bispo?

Eda fez uma careta.

— Vou fazer ele se arrepender de ter entrado por nossa porta.

— Eu nunca aceitei ajudá-la com isso.

— Não estou pedindo sua ajuda. Quando eu resgatar meus irmãos e o espelho, nosso Pacto estará cumprido. Então nós nunca mais precisaremos nos

ver.

Eda se recusava a olhar para Kit. Esperava que ele dissesse algo desdenhoso, que zombasse, que risse, que a chamasse de louca. Ela não se sentia louca. Nunca estivera tão lúcida.

Talvez Kit percebesse o mesmo, pois, no fim, tudo que disse foi:

— Como quiser, meu bem.

Dezoito

EDA FICOU AGRADECIDA POR KIT NÃO TER como falar no caminho de volta da cidade. De qualquer forma, ela duvidava que teriam muito que conversar. Ao apear à sombra do carvalho, ela não conseguia olhar nos olhos dele, e rapidamente voltou para a relativa segurança do *Oriana*. Não tinha interesse em discutir nada que não estivesse diretamente relacionado ao resgate dos irmãos, muito menos com ele.

A colheita se aproximava. E, com ela, o fim de Ben e Lawrie.

O dia seguinte não foi muito melhor. A ilusão de alívio rapidamente se desfez quando Kit decidiu agraciá-las com sua presença após o almoço. *Me faça a gentileza de ir catar coquinho*, era o que Eda queria dizer, mas isso significaria admitir a existência do demônio.

Robin parecia ter notado o clima desagradável. Ela ouvira o relato que Eda forneceu sobre o dia anterior sem fazer perguntas — a viagem fora exaustiva.

— Como anda o planejamento? — perguntou ela, apontando para as plantas baixas na mesa.

A luz fraca do sol entrava pelas escotilhas do *Oriana*. Água batia no casco. Eda tentou deixar o ritmo acalmá-la enquanto estudava os documentos noite adentro.

— O sermão que Fane mencionou exigirá que muitas Espadas guardem o Grande Templo. Com isso aqui, sei exatamente onde estarão postados os que ficarem para trás.

Ela olhou de relance para Kit, que estava descansando nos degraus abaixo da porta da cabine. Ele girava uma moeda de cobre entre os dedos, sem oferecer sugestões ou críticas. Seu silêncio deveria ser bem-vindo; no entanto, a deixava desconfortável. Eda tinha *mesmo* sido um pouco agressiva com sua censura na rua,

mas não acreditava que seu argumento fosse inválido. Nem sequer pensou em se desculpar.

Robin olhou para ela e murmurou, sem som:

— Emburrado.

Eda quase sorriu. Por mais que fosse um lorde demoníaco poderoso, Kit ainda era homem. Ela sabia muito bem como os homens se comportavam quando estavam de mau humor. Ben e Lawrie eram exemplos disso. *E ainda dizem que as mulheres são mais emotivas.*

Robin se aproximou para olhar.

— As celas ficam no subterrâneo.

— Sim. É um caminho bastante direto da entrada principal para os andares inferiores, que, de acordo com esses projetos, estão sempre protegidos. O manto deve ajudar.

— Não servirá se você chamar atenção deliberadamente — alertou Robin. — O manto é uma ilusão útil, mas não dá invisibilidade total.

— Eu sei. Não posso entrar à força, ainda preciso de uma distração. — Eda olhou para Kit.

Ele não desviou o olhar da moeda com que brincava.

— Vai pedir com jeitinho, meu bem?

Emburrado, com certeza.

— E preciso? O motivo do Pacto é receber sua ajuda.

— Bons modos são de graça.

— Então eu *educadamente* sugiro que você seja a distração necessária.

— Causar um escarcéu na rua é ótimo, mas provavelmente não atrairá os guardas internos.

— Então imagino que você precise causar um escarcéu lá dentro.

Ele parou de girar a moeda.

— Isso ativará os fogos de alerta. Eles saberão que tem um demônio na área.

— E o que procuram é exatamente um demônio. Mas você é metamorfo, e um bem talentoso, não? — perguntou Eda, olhando para ele atentamente, pois, àquela altura, tinha certeza de que ele gostava de elogios. — Duvido que as Espadas pensem em procurar um camundongo ou um gato correndo por ali. Além do mais, agora sabemos que a proteção não é do perímetro do Forte e, sim, da *própria pedra* — acrescentou, batendo o dedo no papel. — Viu? Por isso os fogos não se acenderam quando você passou voando por cima deles. Desde que não toque a pedra, eles não serão ativados.

Kit franziu a testa.

— Eu não consigo manter uma forma eternamente.

— Estou detectando relutância, lorde Ansellis?

Kit finalmente a olhou, irritado.

— Eu farei o que for necessário, como combinado. Mas isso não significa que vou dar cambalhotas de alegria ao pensar em me jogar no ninho das víboras. Tantos deles de uma vez…

Eda sabia o que ele queria dizer. Por mais poderoso que fosse, estaria em desvantagem diante de tantos mortais com armas suficientes para destruí-lo.

— Por isso *não ser pego* é uma parte bastante importante do plano.

— Que estrategista genial você é! E seus irmãos? A não ser que Robin tenha mais dois mantos desses escondidos na gaveta de calcinhas, vai ser difícil passarem despercebidos.

Robin resmungou e fez carinho no Velho Miserável, que se acomodou em seu colo.

— Primeiro, ela precisa entrar na cela.

Eda mordeu o lábio.

— Você consegue fazer algo parecido com o manto? Uma chave-mestra ou… ou um feitiço para abrir fechaduras…

— Não sou sua alquimista particular, menina. Chifre de demônio tem valor limitado. Além disso, o que você está pedindo seria difícil de fazer em um prazo tão apertado. Eu nunca nem tentei.

Kit se endireitou.

— Não precisamos dos truques de mágica de Robin. Já que vou entrar nesse antro, pode contar comigo. *Eu* liberto eles.

Eda não conseguiu disfarçar sua surpresa.

— É quase gentil da sua parte.

— Eu sei ser galante quando quero.

Não havia *nada* de galante em sua expressão rebelde de desdém. Era uma expressão perigosa, assim como sua aparência. Sem camadas sobre a camisa cor de vinho, aberta nas clavículas, Kit parecia mais um vilão do que um herói. Eda imaginava que o resquício de raiva diminuiria sua reação à beleza dele, mas seu corpo discordava. Ela passou a prestar atenção em um arranhão extremamente interessante na mesa e cruzou as pernas.

Robin brincava com o pingente do colar — pelo visto, um hábito de quando estava refletindo.

— Você precisará se comportar bem esta noite, Kit'rath. Vamos descer o rio. Haverá muita gente por perto, então nada de se transformar. Nem de outras

palhaçadas demoníacas.

Kit cerrou os dentes.

Eda se empertigou.

— Vamos nos deslocar?

— *Eu* vou — afirmou Robin. — Se não lhes convir, fiquem à vontade para encontrar outra hospedagem. Os ribeirinhos se reúnem nas Petras de Embel todo ano quando se aproxima a colheita de outono. Há sempre muito negócio a fazer, e preciso encher minha caixinha.

— Que distância vamos percorrer? Teremos que voltar a Blackbridge depois.

— Não se preocupe, cordeirinha. Fica a menos de dois quilômetros daqui. Mas não se esqueça — disse, apontando para o rosto de Eda —: nada de falar de Pactos ou de fuga da prisão.

— Até parece que eu falaria disso.

Robin apontou para Kit.

— E nem pensar em…

— Palhaçadas demoníacas. Eu escutei, mocreia.

— Isso inclui correr por baixo das saias das mulheres na forma de um camundongo.

— Não prometo nada.

— Então você *é* tarado — acusou Eda.

— Estou brincando, meu bem. De onde venho, um macho corre o risco de ter a cabeça arrancada do pescoço por tamanho desrespeito. Não corro por baixo da saia de ninguém — garantiu ele, e a olhou, piscando. — Só se for convidado, é claro.

Kit nitidamente gostava de provocá-la. Porém Eda estava decidida: deixaria claro que ele não estava tratando com uma virgenzinha ingênua que se derreteria como manteiga.

— Duvido que você receba tantos convites. Você é tão cheio de opiniões que me surpreenderia se ficasse quieto por tempo suficiente para usar essa sua boca para algo melhor.

O silêncio pairou no ar. Robin segurou o riso. A reação de Kit, porém, foi muito mais interessante: uma imobilidade repentina e excessiva. Eda se impressionou com sua própria ousadia ao provocá-lo assim.

— Eu garanto, Eda Shaw: quando quero ficar quieto, sei ficar quieto por *muito* tempo. — Ele se inclinou para a frente. Eda teve a impressão absurda de que ele estava prestes a atacá-la. — E quando eu uso minha boca para algo melhor — acrescentou —, não sou eu que acabo gritando…

— Chega! — exclamou Robin, e se levantou, parecendo enjoada e fazendo Velho Miserável pular, aos resmungos. — Acho que é hora de ir.

Eda mordeu o lábio para não dizer nenhuma besteira para ele, como *Esses chifres não atrapalham?*, até porque lhe ocorreu que, tecnicamente, os chifres seriam um lugar bem conveniente para segurar.

Kit a encarou como se quisesse abocanhá-la.

Eda desviou o olhar.

— Posso ajudar. Esse tipo de barco precisa de várias pessoas para entrar em movimento, não?

Robin levantou as sobrancelhas.

— Como você acha que eu me deslocava antes de vocês tontos aparecerem?

— Hã…

Ela sacudiu os dedos na frente de Eda.

— Encantos não servem só para ganhar dinheiro, sabia?

Eles avançaram em um ritmo regular pelo Embel conforme o sol se punha. O *Oriana* era ágil para uma barca daquele tamanho, o casco duplo cortando a água que ondulava como uma cascata de vidro sob o crepúsculo.

O ar estava fresco. Ainda assim, Eda se sentou do lado de fora, observando a alavanca que controlava as rodas-d'água se mover sozinha, como se fosse girada por uma força invisível.

Bruxaria, sussurrariam alguns.

Alquimia, diriam outros.

Ela vira seu efeito de inúmeras maneiras. As armas de prata das Espadas, os sinos dos templos que badalavam sozinhos ao marcar a hora. Coisas menores, mais secretas, também: um cavalo de brinquedo que relinchava de verdade, vendido por um artesão viajante. A senhora idosa na rua deles que curava todo tipo de mal. A magia era viva em Blackbridge, mas, fora do Mosteiro dos Alquimistas, tinha sido relegada às margens da sociedade havia muito tempo. Como uma pedinte, vista e ignorada enquanto o mundo seguia ao redor.

Magia era poder. Será que era por isso que ela admirava o sr. Night? Eda controlava tão pouco da própria vida, mas, para ele, o destino era o que quisesse. Uma criatura para quem espelhos eram portas entre mundos e sombras lhe vestiam tão bem quanto capas.

Até que ela conhecera Kit. Poderoso, sim, mas falível. *Se não for pela magia… mortais e demônios são mesmo tão diferentes?*

Vozes ondulavam sobre o fluxo da água. Eda se levantou, rígida de frio.

O Embel se abrira em uma área especialmente larga. *Dezenas* de barcos

estavam atracados em ambas as margens. Alguns estavam ancorados lado a lado, em fileiras de até quatro embarcações. Na grama da beira do rio, várias tochas tinham sido espetadas. O próprio céu parecia brilhar acima do mar de fogo. Fumaça gordurosa subia de uma fogueira, enquanto estrelas tímidas espreitavam na noite como joias distantes. Pessoas se reuniam, rindo e carregando mantimentos.

O *Oriana* atracou logo abaixo da luz da última tocha. Árvores enchiam a margem. Os galhos amarronzados não escondiam as estruturas que se erguiam na parte de trás: um imenso agrupamento de rochas monolíticas do tamanho de casas inteiras. Nelas estavam gravados símbolos estranhos, perdidos no tempo pela erosão. Trepadeiras tinham feito o possível para estrangular a formação vagamente circular, mas seria preciso mais do que vegetação silvestre para derrubar as Petras de Embel.

Eda ouvira falar daquele monumento. Era surpreendente que a Ordem da Fé não o tivesse demolido. Eram resquícios de uma era muito antiga, quando o povo weslita adorava um panteão de deuses, em vez de apenas o Senhor. Um panteão de *demônios*, se acreditasse no que Kit alegara.

Parecia que os ribeirinhos mantinham a antiga tradição. Ou talvez simplesmente achassem aquele ponto de encontro conveniente para celebrar a colheita. A data já fora um feriado pagão, mas a Ordem da Fé ainda a comemorava com banquetes e preces. *Acho que dá para escolher que partes do paganismo seguir, se for para encher a cara.*

— Se ficar carrancuda assim, vai acabar com rugas — disse Robin, se aproximando.

— Não vou viver o suficiente para ter rugas.

Ela estava brincando, mas Robin ficou séria.

— Há sempre brechas, cordeirinha. Você sabe disso.

— Quais, por exemplo? Por favor, se eu tiver um jeito de me livrar dos *dois* Pactos em que me meti, adoraria saber.

— Você sabe muito bem. Mas tem que ser você a agir.

Eda engoliu em seco. Ela sabia, sim. *Matar o sr. Night. Matar Kit.*

— Mais fácil falar do que fazer, né?

— De fato, não é fácil. Mas é possível.

Como Eda não respondeu, Robin continuou, em voz baixa:

— Pensar em matar ele incomoda você? Mesmo que fosse para se salvar?

Eda a encarou.

— Não é… Não vale nem a pena considerar. O sr. Night é poderoso

demais…

— Estou falando de Kit'rath — interrompeu Robin, com uma expressão enganosamente serena, de uma tranquilidade quase perturbadora. — Ele gosta de você. E você, dele. Dá para notar.

Eda ficou boquiaberta.

— Um conselho de uma senhora, cordeirinha. Demônios e humanos têm mais em comum do que admitiriam, mas nossas diferenças são tremendas. Superar tais obstáculos exige… sacrifício — disse Robin, e se virou para o rio, uma expressão melancólica e estranha suavizando as rugas ao redor dos olhos. — Um coração é mais valioso do que qualquer quantidade de anos, e ainda mais difícil de recuperar. Saiba bem para quem dará o seu.

Eda estava chocada. *Você presume demais*, queria retrucar. *Meu coração não corre perigo, muito menos nas mãos de Kit'rath Ansellis*. Mas as palavras ficaram entaladas em sua garganta, e um leve pânico borbulhou em seu peito. Por que, de repente, ela se sentia como um bicho encurralado?

A mulher mais velha a encarou sem julgamento nem desprezo, os olhos escuros cintilando. Eda se perguntou qual era a extensão do poder de Robin. A profundidade de sua reserva de magia. A presença dela era potente e indecifrável, de um jeito que Eda nunca sentira em outro mortal — mas talvez aquilo fosse comum entre alquimistas. Ela não conhecia mais nenhum, e a magia e seus mecanismos eram, de modo geral, misteriosos para ela. Antes considerada heresia, a Ordem da Fé renomeara a magia de *alquimia* ao perceber como poderia ser útil. Desde então, o Mosteiro se tornara uma guilda ao mesmo tempo reverenciada e cuidadosamente controlada em Wesland: uma arma misteriosa, sempre embainhada. Lawrie amava discursar sobre esses assuntos, com base em sua coleção de livros de sociologia proibidos.

Eda sentiu o estômago revirar. *Amanhã*. Ela iria resgatá-los no dia seguinte.

— Vou me deitar logo — anunciou, ansiosa para fingir que aquela estranha conversa nunca ocorrera. — Partiremos para a cidade pela manhã.

O nervosismo dela devia estar evidente. O olhar de Robin se suavizou.

— A noite é uma criança. Ficar sozinha, remoendo seus pensamentos, não é bom. Pelo menos venha comer e beber um pouco.

— Acho que não…

— Sou uma mulher idosa. Sem ajuda, posso cair do barco.

— Robin.

— Ai, meus ossos, rangendo como mastros! Preciso de uma moça forte e jovem para me apoiar.

— Que mentirosa.

No entanto, Robin já estava dando o braço para Eda e a puxando para o bombordo com uma força surpreendente.

— Mas é *verdade* que estou sentindo cheiro de castanhas assadas e porco no fogo, e vou jogar uma praga em você se me impedir de comer isso tudo.

Eda gostava demais de Robin para decepcioná-la. Elas atravessaram a grama pisada e se juntaram ao grupo reunido perto das árvores. Eda nunca falara com os ribeirinhos, mas não pareceu fazer diferença. Robin a apresentou como filha de uma amiga antiga, que viera visitar, e foi suficiente. Ela recebeu um copo de sidra quente e um prato de carne de pato com ervas, castanhas assadas e legumes.

Sentada em um tronco diante de uma fogueira crepitante, o frio em seus ossos finalmente se dissipou. O céu noturno tinha escurecido completamente, cintilando com mais estrelas do que Eda jamais vira. *Quanto espaço aberto por aqui.*

Ela se acomodou no calor da fogueira e no som das gargalhadas. Até o ar era refrescante, diferente da brisa oleosa da cidade. Como ela queria que Ben e Lawrie estivessem ali! Eda fechou os olhos e imaginou os dois sentados ao seu lado, rindo com as outras pessoas. Ela não os decepcionaria. Não podia.

— Que lugar estranho para cochilar.

Eda se sobressaltou. Kit estava sentado bem ao seu lado. Como ele fazia aquilo?

— Eu *estava* aproveitando a fogueira.

A boca dele estremeceu. Era injusto, pensou Eda, que ele ficasse tão absurdamente lindo ao brilho do fogo. Ali, mais do que nunca, parecia uma criatura feita de sombras e segredos. Os olhos dele estavam castanhos, cor de chocolate. Eda percebeu que os preferia como eram de verdade.

— Você está nervosa por causa de amanhã.

Ela não tinha motivo para mentir.

— Apavorada.

— Não vou deixar nada de ruim acontecer com você.

— Eu sei. Meu medo não é por mim.

— Vamos resgatar seus irmãos. De um jeito ou de outro.

Era fácil acreditar em Kit quando ele falava com tanta certeza. Um pouco da hostilidade entre eles se dissipara. Talvez nenhum dos dois tivesse o zelo para mantê-la.

— Na verdade, tenho mais medo do que vai acontecer depois. Preciso arranjar o espelho para Severin Lich, ou um líder criminoso virá atrás de mim, além de todo o resto. Não que nada faça diferença, se eu não conseguir os últimos

dez anos para pagar o sr. Night — disse ela, cutucando a cutícula. — Ele vai nos matar quando a colheita chegar.

Dali a pouco mais de uma semana.

A mão de Kit estremeceu na coxa, como se ele pretendesse esticá-la para perto de Eda. Em vez disso, ele cerrou o punho. Eda agradeceu o silêncio. Ela não queria consolos vazios ou palavras superficiais de conforto. Sua realidade era uma merda, e Kit sabia muito bem. Não era da conta dele o que aconteceria depois de livrar Ben e Lawrie e encontrar o espelho.

Isso não a impedia de desejar que as coisas fossem diferentes.

Apesar dos pesares, Robin estava certa. Eda gostava dele. Gostava de como ele prestava atenção no que ela dizia, como se suas opiniões e seus sentimentos realmente merecessem ser ouvidos. Da forma como ele segurava sua mão, como se a entendesse. *Eu a vejo. Você não é uma pessoa ruim. Você é importante.*

Talvez isso não tivesse muito valor, vindo de um demônio; mas tinha. Eda era mais sombra do que pessoa, afastada do mundo e na companhia apenas dos irmãos. Era um fantasma. O manto de Robin podia muito bem ter passado a vida toda costurado em sua pele.

Entretanto, Kit a fazia se sentir real de uma forma tão animadora.

Eda imaginou Kit a levando para ver mais peças, como sugerira no escuro. Imaginou beijá-lo. Tocá-lo. O calor da pele dele sob a sua, a pressão do músculo firme contra sua pele macia. Os olhos como chamas gêmeas, escuros e desejosos. Pensamentos perigosos — mas que mal um pensamento faria? Fazia tanto tempo que Eda não experimentava aquela intimidade com alguém. Provavelmente nunca teria outra chance. Era tão errado assim querer *viver*? Ser acalentada por alguém que não fugiria de medo? Que conhecia seus segredos mais sombrios?

Ele é um dos seus segredos mais sombrios, lembrou a voz sibilante.

Alguém dedilhava um alaúde. Outra pessoa batucava o ritmo em um tímpano. Uma música alegre e animada tomou conta da clareira. A bebida corria livremente, e logo as pessoas começaram a dançar ao redor da fogueira. Uma mulher de saias volumosas soltou um gritinho, rodopiando de braços dados com uma amiga, descalças na terra. Eda ansiava por aquela despreocupação.

Kit roubou o copo dela.

— Ei!

— Esse seu clima fúnebre me deprime.

— Vou ser fúnebre sozinha, então.

Ele a puxou de pé, segurando o cotovelo de Eda.

— Tarde demais, meu bem. Sua melancolia já me contaminou. Não temos

opção além de corrigi-la imediatamente.

— Ah, é?

Sem desviar o olhar dela, Kit recuou um passo e se curvou em uma reverência profunda. Eda engoliu em seco. Um arrepio a percorreu.

— Dança comigo?

Ela buscou desesperadamente todos os motivos para *não* querer dançar com ele. Abriu a boca. Fechou. Ele se manteve perfeitamente imóvel. Havia algo de ilícito em um lorde demoníaco curvado a seus pés como um pretendente comum. Olhando para ela com um foco tão… intenso. Como se ela fosse uma bússola na escuridão vasta e labiríntica.

— Eu… eu não sei dançar — gaguejou, enfim.

Ao redor deles, um pequeno grupo saltava e rodopiava enquanto um flautista tocava siringe, se juntando à melodia acelerada e jovial.

Kit contraiu a boca.

— Não precisa saber. Não com a música e a companhia certas.

Um desafio. Um flerte. Se Eda fosse sensata, voltaria ao *Oriana* e o deixaria ali. Dançar ao redor da fogueira de mãos dadas com um demônio sob o luar a transformaria em uma verdadeira bruxa. Porém ela era mais mesquinha do que sensata.

Eda pegou o copo de volta, tomou dois goles longos e trocou a bebida pela mão dele.

— Está bem, então, *milorde* — respondeu. — Mostre como você dança bem.

A expressão de Kit vacilou um pouco quando ela o chamou de *milorde*, o que Eda registrou para futuras referências. Então ele franziu as sobrancelhas e a puxou.

Ela soltou um gritinho surpreso quando ele a abraçou. Eda não entendia muito de dança, mas não fazia diferença. Kit a conduziu habilidosamente entre os outros corpos em movimento, sem seguir um padrão específico, mas, ainda assim, acompanhando o ritmo da música. Eles chegavam perigosamente perto de trombar com outros dançarinos antes de Kit desviar, fluido como água. Eles giraram. Rodopiaram. Não havia esforço, como se mal tocassem o chão. Talvez não tocassem mesmo. Talvez estivessem dançando no ar.

A cerveja, o fogo e a música vibrante preenchiam Eda como se ela fosse um poço seco e sedento. Ela se deleitou com aquele prazer efêmero e percebeu que estava sorrindo. Conforme a música crescia e as pessoas aplaudiam, Kit de repente a ergueu pela cintura. Um grito de prazer escapou de seus lábios enquanto ele a girava, com as mãos dela nos ombros. A festa passava ao redor deles em lampejos — borrões de cor e luz. Eda desceu, deslizando, colada ao peito dele, e se

encontrou envolta em seu abraço. Os pés dela mal roçavam a terra. O coração dele martelava junto ao dela. Eda não esperava aquilo. Por que uma simples dança o agitaria daquela forma?

Kit parecia ter se esquecido de que estavam em meio a uma multidão. Simplesmente a abraçou, com a boca entreaberta. Os olhos dele, de lava pura, estavam fixos nos dela.

O sorriso de Eda desapareceu.

— Seus olhos. Alguém vai ver.

Aparentemente, ele não se importava. Kit a abraçou com mais força como uma cobra faminta.

— Você fica diferente quando ri — disse ele, grave e rouco.

Eles se encararam. Kit acariciou a curva das costas dela, talvez sem perceber. *Se você ficar mais um momento aqui*, alertou uma voz distante, *vai beijá-lo, e então não parará nunca mais*.

Eda empurrou o peito dele, com o coração acelerado. Kit a soltou após hesitar por um momento.

— Eu… Obrigada. Pela dança. É melhor eu ir descansar.

Eda fugiu. Não, não estava *fugindo*. Simplesmente já era tarde, e quanto mais cedo se deitasse debaixo da coberta, melhor.

O alerta de Robin ecoava em seus ouvidos mesmo assim. *Um coração é mais valioso do que qualquer quantidade de anos, e ainda mais difícil de recuperar.*

Ela precisou de todas as forças para não olhar para a silhueta de Kit na contraluz da fogueira. Talvez devesse. Talvez a vista a ajudasse a lembrar do que ele era. Em vez disso, Eda adormeceu aninhada apenas pelo fantasma de seus braços e o desejo culpado de que o amanhã nunca chegasse.

Dezenove

ELES SE DESPEDIRAM DE ROBIN, que murmurou uma bênção em weslita antigo e apertou as mãos de Eda antes de soltá-la. *Boa sorte àqueles que fazem o bem.*

Conforme se aproximavam da cidade, Eda pensava que poderia estar a caminho de seu próprio fim. Uma parte covarde dela ansiava para voltar às sombras da noite anterior, quando não existia nada além do círculo de luz da fogueira.

Ela gostaria que Kit pudesse falar estando naquela forma. *Você está realmente tão confiante quanto parece?*, teria perguntado. *Acha mesmo que vamos tirá-los de lá? Aonde você vai quando nosso Pacto acabar? O que fará com os cinquenta anos que lhe dei? Você vai sentir saudades de mim?*

Eda, porém, só podia observar a crina escura de Kit e suas orelhas macias enquanto trotavam rapidamente à beira do rio. Desde que aparecera pela manhã, ele mostrava apenas profissionalismo, mal olhando para ela. Algo havia mudado depois de Eda o deixar junto à fogueira. Ou talvez fosse o contrário: uma peça finalmente se encaixara no quebra-cabeça.

Em Blackbridge, havia poucas pessoas na rua. Era um dia frio e úmido, com uma névoa cobrindo a margem dos canais. O medo pairava no ar como a promessa de chuva. No entanto, Eda ouvia sussurros enquanto cortava caminho para o centro da cidade: murmúrios afoitos, de esperança. Parecia que a notícia do sermão tinha se espalhado.

Eles seguiram até os muros altos do Jardim Botânico. Uma estátua coberta de pátina de algum santo notável protegia cada ponto cardeal. Kit se transformou aos pés de Santa Aurélia, bem de frente para o Grande Templo e o forte Fell. Sem aviso, pegou Eda no colo e deu um pulo impossivelmente alto para montar nos

ombros arredondados da santa. Eda sentiu frio na barriga — culpa do salto, pensou, e não do abraço dele.

A estátua ficava em uma alcova que a protegia do pior do clima severo de Wesland. As trepadeiras volumosas do muro eram grossas o suficiente para escondê-los. Através do emaranhado verde, poderiam ver quando o povo chegasse para o sermão. Eda se segurou no cabelo comprido de Aurélia, enquanto Kit se agachava em seu outro ombro.

— Não deve demorar — disse ele.

Se o bispo Florian tivesse semeado corretamente o medo e a promessa de salvação, haveria uma grande aglomeração em breve.

Eda mordeu o lábio.

— Como Fane deve coletar tantos anos?

— Isso eu não sei. Ele vai precisar de sangue. Não é inédito que um contrato seja assinado por várias pessoas, em vez de uma só. Desde que o bispo consiga disfarçar o verdadeiro propósito do documento… — Kit deu de ombros.

— Sangrias não são comuns em templos, que eu saiba.

— Mas alquimia é. Talvez ele finja que a oferenda de sangue faz parte do feitiço de proteção.

O desprezo era nítido na voz de Kit. Ele podia desdenhar como quisesse daquela enganação; nem por isso deixaria de funcionar. Afinal, o bispo Florian tinha um demônio ao seu lado.

Eda olhou com irritação para o topo das torres do templo, contrastando com as nuvens cinzentas. *Mas eu também tenho.*

Um leve estalo soou no ar.

— Ainda não precisamos de você, Tripp.

Tripp se curvou para o patrão, empoleirado na mão aberta de Santa Aurélia.

— Tripp sabe, milorde, mas prefiro estar pronto!

— Você se lembra do que tem que fazer? — perguntou Eda.

— Claro que lembro!

— E não tem medo de se meter entre as Espadas?

Ele estufou o peito estreito.

— Tripp morreria por seu lorde! Está questionando minha bravura?

Eda conteve uma risada. Santos nos acudam, mas o jeito dele era ranzinza e áspero o suficiente para ser quase simpático.

— Nunca, senhor. Eu questionaria vários aspectos seus, mas nunca sua coragem.

Tripp a encarou como se tentasse decifrar o misto de elogio e ofensa.

— Hm. — Ele coçou o nariz adunco. Se a pele não fosse tão grossa, talvez chegasse a corar. — Você tem *alguma* esperteza. Para uma mortal.

Eda sorriu e olhou para Kit. Ele desviou o rosto como se antes a observasse, e o sorriso dela sumiu.

Ele estava sendo excessivamente cuidadoso. Nenhuma piada sedutora, nenhuma provocação amigável. E ela não deveria ficar feliz? Aquela dança boba ao redor da fogueira tinha sido um erro. Kit finalmente respeitava os limites que sempre deveriam existir entre eles, e ela estava mesmo triste?

Parece que sou mesmo uma hipócrita.

Eles esperaram o sol baixar atrás das nuvens, derramando luz de lavanda pelo chão. As sombras ficaram mais escuras, mais longas. Os habitantes de Blackbridge começaram a chegar, se aglomerando nos portões do templo como um grupo de corças assustadas, olhando para todos os cantos, abraçando bem as crianças. O medo era ofuscado apenas pela promessa de salvação.

A Ordem da Espada também estava presente. Guardas vigiavam as portas altas de prata, a rua, os muros. Eda se perguntou se o bispo já estaria lá dentro.

— É agora ou nunca — declarou Kit.

Quando a porta ao leste do forte Fell se abriu, Eda estava preparada.

Ela entrou arrastando os pés, atrás de um grupo de carregadores de feno e forragem, e esperou a carroça ser verificada. De cabeça baixa, evitando olhar para as pessoas, ela passou de fininho. O manto arranhava seu pescoço. Ela o segurava com mãos trêmulas, receosa de que alguém a detivesse, mas ninguém o fez. Eda olhava para todos os lados, e, mais de uma vez, para os fogos de alerta, que crepitavam intocados e alaranjados.

Aquela era a parte fácil. Ali no pátio, havia todos os tipos de operários — cavalariços, ferreiros, carteiros, entregadores. Eles não usavam uniforme, então Eda não chamaria atenção, nem se tirasse o manto. Dentro do forte em si, seria diferente. *Calma, se atenha ao plano*, pensou. Eles tinham passado boa parte da manhã revisando-o, mas muitas coisas ainda poderiam dar errado.

Eda entraria com Kit. Depois, dependeria principalmente dele e de Tripp. Ela precisava do poder do demônio para resgatar Ben e Lawrie, e confiava que ele conseguiria. Porém *sair* envolvia confiar nos documentos que Wolfram lhes dera. *Os esquemas originais mostram passagens esquecidas que não existem oficialmente*, ele dissera, e era verdade. Eda não queria que Kit enfrentasse uma fortaleza repleta de Espadas, mas, se a passagem que encontraram não existisse de verdade…

Algo subiu correndo pelas costas dela.

— Volte para o capuz — chiou Eda para o camundongo preto empoleirado em seu ombro.

Ele pestanejou, balançando as orelhas, antes de obedecer.

As plantas baixas tinham revelado que a própria base do forte Fell fora projetada para afastar demônios. As pedras tinham sido abençoadas, das fundações aos muros. Kit não ativaria os fogos de alerta… desde que não encostasse em *nada*.

Eda rapidamente se aproximou do rastrilho, tomando cuidado para não esbarrar em ninguém. Era uma sombra, um sopro de brisa. O manto funcionaria desde que não chamasse atenção indevida.

Ela estava quase chegando quando um barulho grave e áspero reverberou pela pedra. O rastrilho… *merda!*

Estava descendo.

Eda apertou o passo. *Não, não, não.* Não era para fechar tão cedo, antes de anoitecer.

Ela quase começou a correr. Um homem corpulento de avental impermeável cruzou seu caminho; Eda precisou desviar para o lado, derrapando.

Ele olhou duas vezes.

— Que… ei!

Eda se esgueirou por baixo do rastrilho, virou a esquina e pressionou o corpo contra a parede, ofegando. O portão se fechou atrás dela com um baque retumbante. O homem não chamou outra vez, mas era melhor não demorar.

Por um momento, Eda não ousou nem se mexer, com medo de chamar atenção. Kit se remexeu no capuz, então subiu pelo ombro dela e se escondeu em seu cabelo.

Estavam em um corredor largo e imponente. Tapeçarias e armaduras de batalhas passadas decoravam as paredes, se estendendo até sumirem de vista dos dois lados. Não havia janelas. Braseiros pesados de ferro já estavam acesos. A pedra às costas dela era fria, subindo até os beirais do teto alto. Do outro lado da entrada principal, uma dupla de portas antigas estava escancarada; lá dentro, havia um salão com mesas compridas e uma lareira ampla. Um pequeno grupo de Espadas comia e ria sentado ali.

Eda conhecia o desenho do forte Fell de cor, de tantas horas que passara debruçada sobre as plantas. Aquele corredor formava uma borda quadrada ao redor do salão central. Outros cômodos eram acessíveis pelos andares superiores, por meio de escadas em espiral nos torreões dos cantos, mas não era o que Eda procurava — precisavam *descer*.

Ela criou coragem suficiente para se esgueirar pela parede, contornando estacas e escudos. Vozes distantes ecoavam pela pedra. O forte sussurrava por todos os lados com o baixo murmúrio de vida, mas era oco; muitas Espadas estavam postadas no Grande Templo naquele dia.

O corpinho quente de Kit fazia pressão em seu pescoço, e ela agradeceu, pois assim se sentia menos sozinha.

Eles passaram por poucas pessoas: duas Espadas discutindo acaloradamente enquanto andavam, desarmadas; um sacerdote da Fé folheando um livro. Um sentimento cauteloso de otimismo criou raízes e floresceu dentro dela. Ninguém a deteve. Ninguém nem sequer a olhou. *Ben, Lawrie, lá vou eu.*

Ao virar a esquina seguinte, Eda parou de repente. Uma alcova ampla estava esculpida na pedra, saindo do centro do corredor, ao redor de uma abertura no chão: uma escada para descer. Duas Espadas protegiam o acesso.

Masmorras. Pelo menos os documentos não tinham mentido sobre aquilo. Ela esperava encontrar dois guardas, e era exatamente de dois que precisavam. Eda cerrou os punhos. Os bigodes de Kit estremeceram em seu pulso. Ele sem dúvida ouvia os batimentos acelerados de seu coração.

— Rápido — sussurrou ela. — Não temos muito tempo.

Eda esticou a mão. Kit desceu pelo seu braço às pressas. Prendendo a respiração, ela o colocou no chão.

Os braseiros nas pontas do corredor mudaram de laranja para azul. Quando o primeiro guarda notou o brilho gélido refletido nas pedras, Kit já tinha passado entre suas pernas sem ser visto.

— Pelos santos — sibilou, se virando para o parceiro —, será que está certo?

Fumaça preta subiu atrás deles.

— N… não. Aqui, não. Não pode ter um…

— Demônio — disse Kit, quase em tom de desculpas, e bateu a cabeça de um guarda contra a do outro.

Um dos homens desabou ao chão. O outro cambaleou, consciente o suficiente para tentar pegar a espada; Kit o arremessou contra a parede, deixando uma mancha de sangue onde o crânio da Espada havia se chocado contra a pedra. O guarda revirou os olhos e caiu em cima do amigo, formando um monte inerte.

— Eles morreram? — perguntou Eda, se aproximando a passos rápidos.

— Ainda não.

Kit se abaixou como se fosse terminar o serviço.

Ela o segurou pelo pulso.

— Não.

Eda só conseguia pensar em Ben. Em outra vida, se ele conseguisse o que queria, poderia ter sido Espada. Poderia ser *Ben* ali, simplesmente no lugar errado, na hora errada.

Kit ficou sério e estalou os dedos.

— Tripp.

O diabrete se materializou de imediato.

— Sim, senhor.

— Você sabe o que fazer.

Como se estivesse aguardando o comando, um berrante soou de dentro do forte. Os fogos de alerta tinham acendido, e todos ficariam sabendo.

— Tripp vive para servir, milorde.

O diabrete saiu correndo em quatro apoios e subiu pela parede como uma aranha gigante, desaparecendo na esquina.

Embora as Espadas fossem treinadas em assuntos demoníacos, muitas passavam a vida inteira sem de fato ver uma criatura do Além. Encontrar Tripp correndo por aí, com seus olhos pretos cintilantes e dentes pontudos como agulhas, lhes daria um susto horrível.

— Tem certeza de que ele vai ficar bem?

Kit arrastou os guardas escada abaixo como se fossem sacos de farinha.

— Ele vai distraí-los o quanto puder, mas não é bobo. Quando voltar, saberemos que nosso tempo acabou.

Eles desceram para o subterrâneo às pressas. Deram voltas e mais voltas pelos degraus de pedra gasta no centro, marcada pelos séculos de pessoas passando por ali. O corpo inteiro de Eda era como um nervo exposto, ardendo de adrenalina. A respiração dela era rápida e curta. *Tão perto*. Ela esperava que Tripp fosse uma distração eficaz. Que as Espadas acreditariam que o diabrete era o único responsável pelos fogos, pelo menos por um tempo.

Eles chegaram a um portão de ferro em outra arcada. Havia um cômodo comprido na parte de trás, esculpido no basalto sob o forte. A luz do fogo refletia nas barras da cela. Quantas almas miseráveis tinham definhado ali no escuro, à espera da forca? Era difícil aceitar que seus irmãos estavam entre elas.

Kit se transformou em uma nuvem preta e atravessou o portão em patinhas minúsculas, antes de voltar à forma inicial.

— Eles têm chaves?

Eda revirou as fardas vermelhas dos guardas, com as mãos suadas.

— Não… não achei nada.

Não entre em pânico. Fique calma.

— Dane-se.

Kit apertou a grade com as duas mãos. Fazendo uma careta, ele firmou os pés e *puxou*. As barras se afastaram aos poucos. Ele contorcia o rosto pelo esforço, as presas à mostra.

Eda sabia que ele era forte, mas não assim. O coração dela acelerou, bobo, diante daquela violência crua.

Quando Kit abriu espaço suficiente, Eda se esgueirou, mas uma voz a deteve.

— Você aí… Quem é?

Um guarda surgiu do fundo do espaço, desembainhando uma espada curta.

Eda só percebeu que Kit havia se transformado quando algo passou sibilando por seus pés. Uma forma escura disparou à frente, uma figura que ela não vira antes.

Uma serpente.

Da grossura de seus dois braços juntos e comprimento muito maior, a criatura iridescente, preta como petróleo, rastejou pelo piso de pedra com velocidade impressionante. *A quinta forma.*

O guarda empalideceu.

— Mas que ca…

Kit deu o bote. A Espada foi rápida, se esquivando bem a tempo, e girou, atacando com força. Eda perdeu o fôlego, mas Kit escapou, emitindo um terrível som de fúria. Presas agarraram o braço que o homem usava para empunhar a arma. Ele gritou, apertando o corpo ondulante da serpente, e tentou arrancá-la. Kit aproveitou a distração para se enroscar no tronco do homem e prender seus braços. Apertou até ele se debater e cair de joelhos, ofegando. Kit deslocou a mandíbula enorme e mordeu novamente: dessa vez, no pescoço do homem. A Espada engasgou, em espasmos, abrindo e fechando a boca como um peixe fora d'água.

Eda virou as costas e fez uma careta, sentindo a culpa como veneno em seu estômago. Kit buscava beleza e refinamento, mas lidava tão facilmente com sangue. Aquela era a essência dele: um demônio tão confortável com a violência quanto com danças alegres ao redor da fogueira. Como era fácil esquecer.

Ela tentou se desligar do som de ossos partidos e carne rasgada e correu diante das celas.

— Ben! Lawrie!

— Eda?

A voz foi tão fraca que, a princípio, ela a confundiu com a própria respiração ruidosa. Do escuro, um rosto macilento se aproximou, manchado por dias de

sujeira.

Os joelhos de Eda quase cederam.

— *Lawrie*.

Ela correu até a cela, aos tropeços. Estendeu a mão. Lawrie encostou o rosto na grade, e ela não resistiu a acariciar sua bochecha para confirmar que era verdade. Os olhos cor de mel dele estavam avermelhados. Quando a expressão do irmão oscilou, Eda percebeu que ela estava chorando.

— Eda, como… o que você está *fazendo* aqui?

Ele estava ali. Bem na frente dela.

— Vim salvar você.

Uma silhueta se mexeu atrás de Lawrie. Ela ficou sem ar.

O cabelo de Ben estava oleoso, e um de seus olhos, inchado.

Eda estremeceu.

— Ben.

Então ele esticou os braços e a abraçou através da grade, dando um beijo em sua testa.

— Menina boba — disse ele, sem raiva. A voz de Ben oscilava de um jeito que ela não escutava havia anos. — O que você fez?

— Não temos tempo. Temos que ir.

— Que caralho está…

Ben deixou a frase no ar, e Eda soube, sem olhar, que Kit surgira atrás dela.

— Quem é você? — perguntou Lawrie.

— O salvador dos seus sonhos, imagino. Meu nome é Kit'rath.

O demônio balançou um molho de chaves na ponta do dedo. Tinha sangue nas mãos e no queixo.

Ben reparou.

— *O que* é você? — perguntou, imóvel, mesmo quando a porta se abriu com um rangido.

— Acho que você já sabe.

Ben repuxou a boca, os lábios formando uma linha fina.

— Não temos tempo — repetiu Eda.

Ela abraçou Lawrie, se permitindo um momento para sentir seu cheiro familiar sob o suor azedo: tinta, pergaminho e verniz.

— Vamos logo — insistiu ela. — Por favor.

O tom de urgência foi suficiente. Kit arrastou os dois guardas para o outro lado da porta retorcida e os despiu. Com enorme desgosto, os irmãos dela vestiram as fardas amarrotadas; não cabiam direito, mas dariam para o gasto. Ben

ficou pálido ao ver o corpo destruído no canto, esmagado e mordido, mas pegou a espada do pobre homem sem dizer nada. Lawrie estava calçando a bota quando Tripp surgiu de repente.

— Misericórdia!

— Tudo bem, ele está comigo. Com a gente. Veio ajudar.

Ben fez uma expressão de desagrado.

— Eda, *o que* está acontecendo?

— Não temos tempo para blá-blá-blá humano! — exclamou Tripp. — Espadas demais. Iam me pegar, milorde.

O diabrete fez uma reverência de desculpas. Uma das orelhas pontudas estava sangrando, como se tivesse sido atingida por uma flecha. Tripp dissera que só conseguia se transportar entre Infernus e onde seu patrão estivesse. Por enquanto, estava preso a eles.

— Você fez muito bem — elogiou Kit. — Fique aqui e nos avise quando eles chegarem.

Eda conhecia a estrutura das masmorras. Ela os conduziu até um depósito lotado de engradados e itens confiscados. Apenas uma arandela estava acesa. Ela tateou a parede, ofegante, com medo crescente.

— Deveria estar aqui!

— O quê?

Ela encontrou uma reentrância na pedra.

— Uma passagem… muito antiga. Tinha uma porta externa aqui quando o forte foi construído, antes de acrescentarem o Grande Templo ao lado. Agora serve de passagem entre os dois, mas…

Não havia porta alguma. Apenas um rebaixamento na pedra preenchendo os limites do que antes tinha sido um batente retangular. Restava apenas o rejunte.

A voz de Ben soou mais fina:

— Foi preenchida.

— Não tinha nenhuma menção a isso nas plantas. Deveria estar aqui!

Os olhos de Kit brilhavam como velas na escuridão.

— Talvez esteja.

— Como assim?

Ele passou por Eda e tateou a beirada.

— Essa *é* a porta. Você disse que o sujeito que construiu este lugar era um malandro, não era?

— Teoricamente…

— Uma passagem secreta — opinou Lawrie, de repente, entusiasmado, e

estremeceu quando Kit o olhou. — Lor… lorde Merein. Foi o primeiro comandante das Espadas, e proclamou que o forte Fell nunca seria derrubado. Dizem que ele construiu caminhos ocultos para as pessoas entrarem e saírem.

— Você deve ser o irmão inteligente — comentou Kit.

Eda franziu a testa.

— Então abra logo, se entende tanto do assunto.

Tripp apareceu nas sombras.

— Estão vindo, milorde!

O ar pareceu sumir da sala. Passos reverberavam pelos degraus da prisão, vibrando nas paredes. O pavor deixou Eda congelada.

— Procure um jeito de abrir essa porta — ordenou Kit, cerrando os dentes. — Eu distraio eles.

Ela o agarrou pelo pulso.

— Não… não morra.

A expressão dele se suavizou.

— Já que pediu com jeitinho, meu bem.

Então ele se foi.

— Rápido — disse Lawrie, empurrando engradados e tateando a parede. — Tem que ter alguma coisa aqui, uma alavanca, algo assim.

Eles procuraram desesperadamente. Se não conseguissem abrir aquela porta, estariam encurralados. Eda não estava convencida de que nem mesmo Kit conseguiria salvá-los de um bando de Espadas em um espaço tão apertado. Será que seriam mortos na hora, ou simplesmente presos outra vez? Do outro lado da porta, ela ouviu gritos. O ruído de metal raspando contra pedra. Berros abafados.

Merda. Merda.

A sala estava lotada de tralhas e cacarecos. Eles nem sabiam o que procurar.

Eda quase tropeçou em Tripp.

— Cuidado com…

— Aqui, humanos!

O diabrete puxou uma estante comprida de armas encostada na parede. Eda o ajudou. A estante inteira caiu, espalhando lanças e flechas pelo chão.

E, logo atrás, uma pedra pequena e protuberante. Eda bateu nela com a palma da mão.

Toc.

Atrás do basalto, Eda ouviu o som abafado de correntes de ferro velhas rangendo e balançando. A porta de pedra se arrastou para o lado, raspando os trilhos de metal, e desapareceu em uma câmara oculta na parede.

— Tripp, seu diabrete magnífico! Como sabia que ficava ali?

— A visão mortal é péssima. Como vocês não viram?

Bichinho horrendo. Ela queria tascar um beijo nele.

— Rápido — chamou Ben, entrando na passagem escura.

Um grito de dor distante deteve Eda.

Kit.

Ela se virou.

— Eda!

— Já vou. Eu só… preciso…

Não havia tempo para explicar. Ela pegou uma besta caída e uma única flecha. O resmungo contrariado de Ben a seguiu porta afora. Eda se atrapalhou para carregar a flecha, pois só vira aquela arma sendo usada brevemente, e se esgueirou pelo corredor. Olhou pelo canto. Seus joelhos ameaçaram ceder.

Sangue. Muito sangue. Uma mulher morrera ainda agarrada à espada, a barriga arrebentada, as entranhas espalhadas pelo chão. Estava com a boca aberta, olhos vidrados. Outro homem tinha caído, o crânio aberto e enfiado em uma barra da grade. Não havia tempo para absorver a pura atrocidade da cena, pois foi nesse momento que Eda notou Kit.

Ele era uma mancha escura sob a bota de Tenelle Martine. A figura humana havia desaparecido; restavam apenas presas expostas, pele cinzenta e chifres compridos. De início, Eda não conseguiu entender a cena — por que ele estava jogado sob a comandante —, até ver a espada reluzente de Tenelle enterrada em seu antebraço, prendendo Kit na pedra. A ferida chiava e soltava fumaça.

Eda já vira Kit sentir dor, mas não assim. Os olhos dele brilhavam com lágrimas contidas. Ele fazia uma careta de dor, com as presas à mostra, enquanto chicoteava o chão com a cauda. Mais cinco Espadas tinham se reunido ali. Uma pisava no outro braço de Kit. Outra puxava a lâmina, prestes a mirar no coração.

Eda disparou a besta.

Sua mira era ruim, então a flecha passou de raspão no ombro da Espada e na couraça de Tenelle. Porém foi suficiente. Kit aproveitou o choque da comandante para enrolar a cauda no pé dela e puxá-la para o chão. O homem que prendia o outro braço do demônio foi jogado para longe. Talvez Kit não conseguisse se transformar com uma espada de prata cravada no braço, porque a arrancou com um grunhido de dor, e golpeou os guardas, forçando uma retirada.

— *Vai!* — gritou Kit.

Eda entendeu que ele se referia a ela, e saiu correndo, rapidamente ultrapassada por um gato preto ensanguentado a caminho do depósito. Ben se

sobressaltou ao vê-los chegar. Todos se amontoaram na passagem escura e estreita.

Atrás deles, uma mulher rugia de indignação. Tenelle entrou na sala com uma fúria perigosa.

— Fechem! — gritou Lawrie.

Foi mais fácil encontrar o mecanismo do outro lado. A porta deslizou com um rangido rouco. Tenelle se jogou contra a barreira, enfiando a espada na fresta cada vez menor. Alguém tirou Eda de seu alcance.

Ofegante, ela encarou o olhar venenoso de Martine Tenelle, que desaparecia atrás das sombras da pedra.

Vinte

A ESCURIDÃO ERA ABSOLUTA. A memória de Eda vacilava na passagem estreita, e todo seu senso de direção se perdeu. Sabia que estavam presos entre as paredes do forte e do templo, sabia que o corredor virava à direita e levava a uma escada, mas eles só a descobriram quando Eda tropeçou no primeiro degrau.

— Achei — brincou, com a voz fraca.

Kit tomou a dianteira a partir daquele momento. Tripp tinha desaparecido após cumprir sua missão, então Eda ocupou o lugar dele, indo atrás do demônio. Kit pediu que ela segurasse sua roupa para subir. Ele enxergava bem no escuro, ou pelo menos assim dizia. Certamente não tropeçava como os Shaw.

Era *óbvio* que ele estava com dor. Seu braço tinha sido praticamente atravessado. Eda notou a pele formando bolhas ao redor da ferida ensanguentada. Será que estava quebrado? Tenelle poderia aparecer a qualquer momento, abrir a porta e persegui-los para concluir o serviço.

O julgamento silencioso de Ben ardia nas costas de Eda. Sem dúvida, ele mal podia esperar para interrogá-la. Ela fora atrás dele e de Lawrie — uma empreitada tola, por si só —, e ainda por cima com um demônio a tiracolo? Era um milagre ele ainda não ter começado o sermão.

Uma luz cinzenta surgiu mais adiante, escapando pelas frestas de uma porta.

Reconheceu que Kit estava se transformando pelo som: um suspiro chiado, como vapor se espalhando pela pedra. Em sua forma diminuta, ele se esgueirou por baixo da porta. Um momento depois, a maçaneta girou, rangendo.

Eles saíram em um torreão circular e coberto, no canto do templo. Era pequeno e aparentemente caíra em desuso, coberto de poeira e teias de aranha do tamanho de lençóis. Pelas seteiras, Eda viu a beira das telhas esmaltadas e a rua

mais abaixo. Heras úmidas de orvalho engoliam o Jardim Botânico, e a névoa cobria os paralelepípedos.

Blackbridge era *mesmo* linda. E terrível. Talvez ambas as coisas pudessem ser verdade.

Kit testou a única outra porta, que rangeu, mas se abriu sem resistência. Muito abaixo deles, uma voz ecoou.

— Para onde isso leva?

— Para a galeria.

Lawrie engoliu em seco.

— Tem gente lá.

— Então é bom torcer para essas fardas servirem de disfarce.

Kit pressionou o corpo contra uma parede, com o braço esquerdo dobrado como uma asa quebrada. A manga pesava, molhada e cheia de sangue, que escorria pela mão e pelos dedos, em contraste com a pele acinzentada. Ben e Lawrie se mantiveram afastados. Nunca tinham visto a verdadeira face de um demônio.

Eda se aproximou.

— Seu braço.

— Tudo bem. Poderia ter sido pior, mas… — disse Kit, aparentando estar igualmente perplexo e encantado. — Você voltou.

A intensidade do olhar dele a intimidou. Ben se eriçou como se estivesse prestes a se meter entre os dois.

Eda pigarreou.

— Vamos embora daqui antes que Tenelle alerte a congregação.

— Então saiam agora — ordenou Kit —, e não corram. Mantenham a calma.

— Aonde *você* vai? — perguntou Ben.

— Não posso entrar no templo sem ativar outros encantos. Sigam sua irmã. Atravessem a galeria e desçam pela escada que leva à entrada. Encontro vocês no portão.

— Vamos sair pela porta, sem mais nem menos?

— Vocês são Espadas, esqueceram? O que tem de tão estranho nisso?

Kit olhou novamente para Eda — para o temor que deveria estar exposto em seu rosto. Ele deu um passo à frente. Parou. Rangeu os dentes e deu meia-volta.

Ele precisou se esforçar por um momento para se transformar. Eda ignorou a preocupação enquanto ele pulava na janela, desajeitado, com suas asas escuras; Kit não conseguiria voar para muito longe. Ela criou coragem antes de conduzir Ben e Lawrie para o vestíbulo.

Mais adiante, na galeria, o majestoso Grande Templo se abriu diante deles como uma caverna cintilante. O teto era formado por abóbadas de cruzaria, pálidas e adornadas por cornijas douradas. Janelas de vitral colorido se destacavam nas paredes de pedra cinza. O balcão da galeria percorria três lados do templo, oferecendo uma vista clara para a nave abaixo. A área era reservada para dignatários estrangeiros e patrocinadores, mas naquele dia fora liberada para o povo.

Eda hesitou diante da multidão aos cochichos. Todos conversavam em voz baixa, olhando com atenção fixa para o altar.

Ela sabia que o manto funcionava, mas isso não lhe deu muito conforto enquanto lutava para atravessar a turba. A preocupação era desnecessária: todos olhavam apenas para Ben e Lawrie. Ben desviou o rosto, como se tentasse esconder o olho roxo.

Mais adiante, uma porta de madeira antiga estava aberta. A escada. O coração de Eda estremeceu com uma leve esperança. *Só mais um pouquinho.*

—… agora, na hora de nossa maior necessidade, nossas preces foram ouvidas. Ao derramar sangue aqui, neste grande santuário, todos nós assinamos um compromisso. Uma promessa de eterna devoção.

Eda parou.

De pé no púlpito de ouro maciço, o bispo Fane pronunciava um sermão que ecoava pela nave. Uma fileira de Espadas atrás dele mantinha postura de atenção. Sua batina cor de creme estava passada e engomada.

— Eu consultei o Conselho de Clérigos. Acredito que o mesmo poder que detenho pode ser compartilhado por todos vocês. Sua Santidade, o Patriarca, reconheceu as bênçãos que me foram outorgadas e, em sua sabedoria, permitiu que este ritual sagrado fosse oferecido a qualquer Fiel que busque proteção.

A voz de Fane era vibrante e autoritária. Ele falava com a entonação deliberada de um político, cada palavra soando dolorosamente genuína. Se não soubesse de tudo, Eda acreditaria nele.

Raiva a revirou como bile. Como era fácil para ele esconder sua verdadeira natureza. Como era simples.

— Eda.

Ben a cutucou. As pessoas os olhavam com irritação, pois eles impediam a vista.

Abaixo deles, uma bacia enorme de latão, do tamanho de uma roda de carruagem, tinha sido posta no altar. Uma fila se formava entre os bancos. O primeiro homem se ajoelhou no degrau. Fane puxou uma pequena faca.

Ela fixou o olhar na cena, que a fisgava como um anzol. O que Kit dissera mesmo? *Não é inédito que um contrato seja assinado por várias pessoas, em vez de uma só.*

Então era assim que ele faria. Uma sangria vasta, disfarçada como uma promessa sagrada de devoção. Um misto do sangue de inúmeras pessoas, pronto para ser incluído em um Pacto. Ela observou Fane falar em voz baixa com o homem, que não parava de concordar com a cabeça. Os termos, ela imaginou. Não era permitido tirar o livre-arbítrio de um acordeiro. O que ele diria? Que linguagem perversa usaria? *Oferece os anos de sua vida mortal em nome da salvação? Dará de bom grado tudo que o detentor deste poder exigir?*

A mão do homem foi cortada. Sangue pingou na bacia dourada bem quando Martine Tenelle entrou no templo.

Santos amados.

Ben a empurrou. Ao redor deles, a galeria se remexeu de curiosidade enquanto Fane escutava Tenelle cochichar em seu ouvido. Ele olhou para cima. Eda não sabia se a via, ou se enxergava apenas seus irmãos. Não fazia diferença. Ela começou a correr.

Eles desceram a escada em espiral aos tropeços. O corpo todo de Eda estava gelado, vibrando como quando tinham fugido para o porão na noite da chegada das Espadas. *Eles não podem levá-los outra vez. Não vou deixar.* Ela dera cinquenta anos de vida por aquilo. Precisariam matá-la antes que ela visse Ben e Lawrie serem arrastados de volta às masmorras.

Os três saíram para o saguão. Os fiéis se viraram para olhar. Soldados da Ordem vieram correndo pelas laterais da nave, comandadas por Tenelle.

— Fiquem calmos — pediu Florian, levantando os braços, a faca reluzindo em vermelho. — Aqui, todos estão protegidos.

Tenelle puxou a espada.

— Corram — cochichou Eda.

Eles dispararam pela porta, saindo para a luz violeta do crepúsculo. Três Espadas estavam na base da escadaria de entrada e se viraram, surpresas.

Ben empunhou a espada roubada. Em teoria, sabia usá-la, mas estava fraco e desnutrido. Eda tinha apenas uma faca, e Lawrie não estava armado. Onde estaria Kit?

As Espadas os cercaram. Ben resistiu ao primeiro ataque com um golpe violento, fazendo prata colidir contra prata.

Eles não me viram! Com o coração acelerado, Eda se esquivou da segunda Espada, que avançava contra Lawrie, e cortou seu tronco com a faca. A Espada

vociferou, revidando de forma descontrolada e quase a derrubando. Sangue quente se espalhou pelo piso. Ela pensou em Gregory, e seu estômago se revirou como uma onda de calor.

Então, a terceira Espada a enxergou. Alto e largo, ele poderia derrubá-la com um só golpe, mas não era preciso; ele ergueu a besta. Lawrie gritou em alerta.

Uma nuvem de penas pretas colidiu contra a cabeça da Espada, guinchando e atacando com garras afiadas. O homem largou a arma e afastou Kit com tapas furiosos, bem quando Martine Tenelle surgiu no topo da escada de entrada do templo.

Ben se afastou do oponente aos tropeços. Estava na defensiva — não era páreo para um soldado treinado.

— Corram, os dois!

Eda puxou Lawrie pela farda roubada e o arrastou pela rua. A esperança era que Kit conseguisse tirar os irmãos dela da cidade a cavalo antes que alguém pensasse em persegui-los. Já não havia mais chance. O melhor que poderiam fazer era tentar escapar das Espadas antes de…

Algo a jogou no chão. O impacto foi pior no ombro. A dor atravessou seu tronco, e Eda arfou, desnorteada. Tentou se ajoelhar. Lutou para se equilibrar nos paralelepípedos molhados e escorregadios. Uma voz berrou, desesperada como um animal encurralado. A dor dela se tornou um mero eco.

Lawrie. *Lawrie* estava gritando. Eda se virou para olhar.

O irmão dela se contorcia, arrastado pelo chão, os olhos arregalados de pavor.

Um mastim havia cravado as presas na panturrilha dele.

Horror a inundou como uma enchente. Eda ficou momentaneamente paralisada sob o peso esmagador do medo. Sangue escorria entre os dentes do mastim.

— Lawrie!

Eda se jogou na direção dele, mas Lawrie continuava a ser arrastado. Pelo canto do olho, viu Ben e as Espadas paralisados de choque. Até Tenelle estava atordoada de horror.

Eda se lançou de novo na direção de Lawrie e o agarrou pelos ombros, urrando na cara da criatura:

— *Solte ele!*

O focinho enrugado do mastim relaxou ao abrir a boca. Ela viu seu reflexo nos olhos pretos e esbugalhados. A criatura rosnou, exalando um hálito podre e metálico.

A espada de Ben desceu, silvando. O mastim ganiu. Garras raspavam a pedra

quando o bicho se contorceu para atacá-lo.

— Saiam! — Nos portões do templo, Fane empunhava o frasco de prata coloidal. Sua voz ecoou pela rua como um estrondo de trovão. — Saiam, criaturas fétidas das trevas, em nome do Senhor! Eu ordeno!

Eda tentou puxar Lawrie para levantá-lo, mas Ben chegou antes. Juntos, eles o ergueram. A perna da calça de seu irmão estava encharcada de sangue.

O mastim rosnou. Visivelmente relutante, se virou e fugiu a passos largos, as patas pálidas ondulando ao escalar o edifício mais próximo e escapar pelo telhado.

Cascos esmurravam a rua. Kit parou, derrapando, entre eles e o templo. Ben e Eda ajudaram Lawrie a subir.

— Ordens, comandante! — gritou uma Espada.

Os guardas hesitavam no portão do templo, observando as presas expostas de Kit — sobrenaturais e aterrorizantes. Tenelle permanecia imóvel, os olhos escuros passando rapidamente entre os membros daquele estranho grupo. Ela flexionou a mão ao redor do punho da espada.

Tenelle olhou para Fane.

O bispo estava pálido ao encará-los, e, de repente, Eda entendeu.

Fane se equivocara. Talvez tivesse esquecido a aparência de Ben e Lawrie, ou simplesmente não os reconhecera. De qualquer modo, Fane mandara um mastim para impedi-los de fugir. Se Eda realmente controlasse aquelas criaturas vis, nunca atacaria a família que tentava salvar. Tenelle sabia daquilo muito bem.

Com ou sem manto, Fane *finalmente* enxergava Eda. Ela quase sorriu para ele.

Ben pulou no dorso de Kit e estendeu a mão.

— Rápido, Eda!

Não havia espaço para três. Ela disse para Kit:

— Leve meus irmãos até Robin. Não me procure até estarem em segurança.

— O que você… — começou Ben, mas precisou de todas as forças para se segurar em Lawrie quando Kit disparou em uma velocidade inimaginável.

Ben chamou seu nome, mas o corcel não parou. Eles galoparam pela rua em um borrão preto e vermelho.

Tenelle despertou do estupor.

— Chamem a cavalaria, agora! Impeçam eles! — ordenou, apontando a espada para Eda. — *Não* me faça persegui-la outra vez, mocinha.

O coração de Eda batia como um tambor.

— Vai ter que me encontrar primeiro.

Eda se escondera à vista de todos a vida inteira. Apertando o manto ao redor dos ombros, ela correu na direção que Kit havia seguido, rezando para a sorte

durar mais um pouco.

Vinte e um

EDA JÁ ESTAVA A MEIO CAMINHO pelo Embel quando Kit a encontrou.

Estava congelada e exausta quando ele pousou em uma espiral de fumaça preta. Muito após o anoitecer, a estrada rural estava escura, quase deserta. Uma bruma espectral umedecia a grama, rodopiando ao redor de seus pés doloridos. O único guia que lhe restava era o luar enevoado.

O peito dela ardia. Sua boca estava seca como areia. Porém os olhos luminosos de Kit na escuridão atingiram Eda como um raio, acendendo a fagulha de vida dentro dela.

— Lawrie — ofegou, antes de cumprimentá-lo —, como ele…

— Robin está cuidando dele.

— Ele está bem? Perdeu tanto sangue.

— Não sei. Ele foi mordido por um mastim. Não é um ferimento comum.

O tom seco de Kit a perturbou. Ele estava imóvel, um espectro preto nas sombras. Os poucos metros entre os dois pareciam quilômetros.

— Mas… eles escaparam. Conseguimos. Resgatamos eles.

— Sim.

Eles se encararam. *Nosso Pacto está quase cumprido*. Ela não falou nada; se falasse, seria verdade. Resgatar os irmãos era a primeira parte do acordo. Quando conseguissem o espelho, o trato estaria encerrado. Nada mais os uniria. Talvez, se Eda não admitisse aquilo, Kit também não admitiria. Ela não queria que ele o fizesse.

— Voltei assim que pude — disse ele. — Achei… achei que talvez a tivessem capturado.

— Este manto é um tesouro. Eu me escondi atrás de um açougue e passaram

direto por mim. Tenho certeza de que, sem isso, teriam me encontrado, mas…

Ela parou de falar. Respirou fundo.

— Seu *braço*.

A manga da camisa de Kit não existia mais; ele a rasgara e amarrara ao redor do antebraço, pesada de sangue. Eda pensou que o luar era o responsável pela palidez de Kit.

— Está tudo bem.

— Não está sarando!

Todos os outros ferimentos dele tinham cicatrizado em um dia, no máximo.

— Espada de prata.

— Você parece prestes a desmaiar.

— Nunca desmaiei nesta vida. Não pretendo começar agora.

— Kit, é sério. Você deveria ter pedido para Robin cuidar disso imediatamente…

— Eu tinha que voltar para buscar você — retrucou ele.

Eda fechou a boca. *O Pacto*, lembrou. *Ele está se referindo ao Pacto*. Mas, pela expressão intensa de Kit, ela não tinha tanta certeza.

— Podemos voltar a pé, se seu braço estiver doendo. Não devemos estar tão longe — disse ela, apontando para as botas empoeiradas. — Meus pés ainda não vão cair.

— Você vai a cavalo.

— Você está *ferido*. E a forma de cavalo é a mais cansativa, não é?

— Nós dois seremos tratados mais rápido se chegarmos logo — disse ele, e sua expressão vacilou. — Carregá-la não é nenhum sacrifício.

Ele estendeu a mão.

Um calor tomou conta de Eda naquele momento. Ali, naquela estrada ao luar, a aurora parecia muito distante. As sombras eram sua herança, e ela sempre sonhara em escapar. Por que ali, com Kit, ela desejava que a noite pudesse durar para sempre? A luz do dia iluminava todas as verdades sobre o que ela fizera. Os inimigos à espreita.

Não me leve de volta ao Oriana, parte dela queria suplicar. *Me leve para alguma terra estrangeira. Tão distante que nem o poder do sr. Night nos alcançaria. Para o lugar onde Viola e Crispin se encontraram sob as estrelas do verão.*

No entanto, os irmãos dela os aguardavam, então eles cavalgaram.

O ritmo de Kit oscilava — um ritmo lento, dolorido —, mas as patas compridas avançavam mais do que pernas humanas. Eda enroscou os dedos na crina sedosa dele e abraçou seu pescoço. Um afeto insuportável apertou sua

garganta. Que criatura fascinante, terrível e maravilhosa ele era. Será que se lembraria de Eda quando ela fosse apenas pó e osso? Será que ele pensaria na mulher mortal com quem dançara certa vez, que carregara noite adentro?

O *Oriana* não estava como eles o deixaram. Ainda ancorado no limite da flotilha dos ribeirinhos, pouco lhe era familiar. Um vaso de planta estava caído no convés. Por dentro, a cabine estava bagunçada. Lawrie estava deitado, gemendo, no banco onde Eda costumava dormir. Robin estava sentada ao lado dele, enfaixando sua perna.

Ben, sentado do outro lado, apoiava a cabeça nas mãos. Ele se levantou rapidamente assim que Eda entrou.

— Eda.

Ele a abraçou. Forte. Familiar. Ela se permitiu um momento para sentir seu cheiro. Era um odor diferente do de Lawrie — animal e quente. Talvez fosse feno. Ele trabalhara no estábulo por tanto tempo que o aroma penetrara sua pele.

— Eu queria voltar para buscar você, mas o demônio jurou que a encontraria mais rápido — comentou.

— Você fez bem em ficar. Aqui é mais seguro — disse ela, olhando para Lawrie. — Ele vai ficar bem?

Robin contraiu os lábios.

— A mordida foi funda. Eu limpei e tratei o ferimento como pude, mas não sou curandeira. Mesmo que fosse…

Lawrie arfou, com dificuldade. Os olhos dele estavam vermelhos, e o rosto, pálido. Uma garrafa de bebida âmbar e uma pilha de trapos ensanguentados cobriam a mesa. Eda notou uma agulha comprida, de ponta vermelha. Ficou enjoada.

— Lawrie?

Ela se ajoelhou e apertou a mão do irmão.

— Ela está tentando dizer que talvez eu perca a perna — disse ele, rouco, e virou os olhos avermelhados para Robin. — Ou algo pior. Certo?

— Nada é garantido. Talvez você ainda se recupere plenamente.

A declaração pareceu ecoar pela cabine, uma garantia vazia. Eda beijou a testa de Lawrie antes de se permitir alguns minutos para se limpar no banheiro de Robin, desesperada para lavar o suor e a sujeira. Vestiu a camisa limpa que Kit comprara e voltou. Robin a olhou e apontou para a porta. Ben e Eda saíram com ela.

Kit estava sentado na borda, em forma humana, exceto pelos olhos. O calor na expressão de Ben poderia ter derretido metal, mas o demônio não se abalou.

Apenas os observava enquanto Robin explicava:

— O rapaz perdeu muito sangue. Cobri a ferida com unguentos poderosos e costurei bem, então ele não necessariamente ficará com sequelas duradouras, a não ser que ocorra uma infecção.

Eda mordeu o lábio.

— E você acha que vai infeccionar?

— Entendo pouco de mágicka de cura. Temo que seria necessário muito mais do que meu leve esforço para desfazer os efeitos de uma mordida de mastim. São criaturas imundas, e mortais não têm defesas naturais contra sua bile.

Ben esfregou o rosto.

— E sanguessugas? O médico da nossa rua usa para limpar os humores do sangue.

— Não adiantam de nada, embora eu imagine que *minha* opinião seja desprezada pelas tais sociedades médicas de Wesland.

— Então, fazemos o quê? Só esperamos para ver se piora?

— No momento, é tudo que podemos fazer.

Um silêncio pesado se instalou. Fogueiras crepitavam ao longe, e vozes chamavam de barco em barco. A água ondulava delicadamente contra o casco do *Oriana*.

Mesmo em meio ao perigo, Eda sentira leveza ao rever os irmãos. Ao saber que realmente os libertara. Porém, de repente, foi sufocada pelo mesmo pavor de quando o mastim enfiara as presas em Lawrie. Seria sempre assim? Cada vitória que conquistava a duras penas seria diminuída por um novo obstáculo ainda pior? Ela suportaria a própria morte se soubesse que os irmãos ficariam bem. Mas se Lawrie… se ele…

— É minha culpa — afirmou Eda, olhando para o outro lado do rio com a expressão vazia. — Deveria ter tentado expor o bispo desde o início, provar nossa inocência. Libertar vocês do jeito *certo*. Mas tinha medo de não conseguir, de demorar demais. Eu só… Eu queria salvar vocês da forca, e agora Lawrie…

— Você não precisa se desculpar — retrucou Kit, e a voz dele a pegou de surpresa. Eda se virou e o encontrou a observando, com uma expressão intensa. — Você já sacrificou demais pelos outros. Não some esta culpa ao resto.

Ben se tensionou.

— Está falando de sacrifício? Quanto ela deu a *você* em troca da sua ajuda? Quantos anos?

— Ben.

— Me conte. Agora — exigiu ele, se virando para a irmã. — Você firmou

um Pacto com ele. Não adianta negar. Por que mais um demônio a ajudaria?

Eda murchou sob o peso de sua decepção, como sempre. No entanto ela chegara *tão perto* de perdê-lo para sempre. Não se desculparia pelo Pacto com Kit. Salvar sua família valia a pena.

— Eu fiz o que precisei fazer. E faria de novo.

Ben suspirou.

— Quantos anos, Eda?

Ela sentiu um aperto na garganta. Vergonha e medo arderam em seus olhos.

Kit respondeu por ela:

— Cinquenta.

Ben ficou boquiaberto. Olhou de um para o outro, seus olhos cor de mel tão úmidos quanto os dela.

— Cinquenta? Porra. *Caralho*, Eda…

— Eu precisava de ajuda — sussurrou ela. — Não sabia mais o que fazer para salvar vocês. Não me arrependo.

— Pois deveria!

Ele estava vermelho de raiva, mas ela percebeu que o desespero alimentava aquela emoção. Ele estava em pânico. Devastado. Nem por isso era mais fácil suportar aquela ira.

— Você acha que queríamos que você pagasse por nossas vidas com a sua? — insistiu ele. — Tudo que você fez foi botar seu próprio pescoço na forca, sua idiota!

— Você não teria feito o mesmo por mim?

— A questão não é essa!

— Claro que é! Foi uma burrice insensata e horrível, mas por *amor*. Eu te amo, Ben. Eu amo Lawrie. Como eu viveria sabendo que poderia ter salvado vocês sem nem tentar?

— E como você acha que eu e Lawrie sobreviveremos quando você se for? Já pensou nisso? Você é minha irmãzinha. Não deveria morrer antes de mim. Não é para eu visitar a porcaria do seu *túmulo*…

A voz de Ben falhou. Furioso, ele se virou para Kit.

— Devolva os anos dela.

— Mesmo que quisesse, não posso.

— Dê um jeito. Imediatamente.

— Ben…

— Não posso — repetiu Kit, e se esticou. — Se houver um jeito de devolver o que foi dado de bom grado, eu não o conheço.

— Ah, é? Pois eu conheço.

Ben pegou a espada que estava ali.

— Ben!

Ele a empurrou para trás, apontando a espada para Kit em desafio.

— Ela vai recuperar os anos se eu arrancar sua cabeça imunda.

— Não. Tem que ser Eda a fazer isso.

Ondulando como uma miragem no deserto, o verdadeiro rosto de Kit emergiu — pele cinzenta, chifre quebrado, cauda em movimento. O braço machucado não diminuía em nada sua presença imponente.

— Mas fique à vontade para tentar — acrescentou.

Ben investiu, rugindo.

— Parem!

Kit se esquivou. Ben o seguiu, o rosto contorcido de ódio.

Robin se escondeu atrás da porta.

— Saiam do meu barco com essa briga! *Agora!*

Ben atacou, com raiva demais para ser estratégico, mas com força suficiente para obrigar Kit a recuar. O demônio estava brincando com ele. Mesmo ferido e debilitado, se Kit realmente quisesse machucar Ben, bastava fazê-lo.

Isso ficou claro quando Ben levantou a espada com as duas mãos, expondo o tronco. Kit desviou do ataque facilmente e agarrou Ben pelo pescoço. Com a outra mão, segurou seu braço e o girou, com força suficiente para fazê-lo gritar. A arma caiu fazendo um ruído no chão.

— Você está desperdiçando o esforço de sua irmã ao provocar o destino assim, moleque — rosnou Kit, espetando o pescoço de Ben com as garras e fazendo sangue brotar como rubis. — Eu poderia estripá-lo como um porco por esse desrespeito.

Eda agarrou o braço de Kit e o puxou furiosamente, mesmo que de nada adiantasse. Ele estava imóvel como uma pedra.

— Largue ele. Kit! Solte ele *agora*.

Ele não a olhou. Depois de um momento, relaxou o aperto.

Ben caiu para trás, esfregando o pescoço ensanguentado com um olhar furioso.

Eda se posicionou entre eles.

— Nem *ouse* — advertiu ao demônio.

— Ele precisa aprender a ter bom senso à força.

— Você vai ter que passar por mim primeiro.

Os olhos de Kit brilharam. Com um redemoinho de fumaça preta, ele se

transformou em ave e deliberadamente deu uma volta em torno da cabeça de Ben, bicando sua orelha antes de disparar em direção à floresta.

Eda suspirou.

— Entre, Ben. Já volto.

— Imbecil… Ele foi embora de vez?

— Não. Com certeza está aqui por perto.

— Não vou deixar você sozinha enquanto ele estiver à espreita.

— Kit não vai me machucar.

— Por causa do Pacto?

— Em parte. Mas também acho que ele gosta de mim o suficiente para não *me* estripar, pelo menos.

A piada não teve efeito. Ben poderia ter discutido mais, mas Robin tocou seu braço.

— Entre, rapaz. Seu irmão está chamando por você. Vou ferver mais chá.

Ele parecia dividido, mas enfim se permitiu ser levado para dentro. Assim que a porta se fechou, Eda pulou do *Oriana* a caminho das árvores altas e escuras, além do alcance da luz do fogo.

Não acabou por aqui, lorde Cuzão.

Vinte e dois

As fogueiras estavam acesas outra vez, mas os ribeirinhos pareciam mais tranquilos naquela noite. Vários já tinham voltado para os barcos. Os que ainda estavam acordados cumprimentaram Eda ao passarem por ela.

As Petras de Embel ficavam perto dali, seguindo por entre a mata. Os monumentos antigos eram quase tão altos quanto as árvores: sentinelas silenciosos protegendo a floresta em um semicírculo. Havia muito debate sobre como aquelas estruturas tão colossais tinham sido erguidas em uma época tão primitiva, e com que objetivo. Eda gostava do mistério de não ter certeza.

Ela não tinha motivos para acreditar que Kit estaria ali — apenas uma intuição. Deveria voltar. Nas fábulas, mulheres não viviam por muito tempo se vagassem sozinhas pela mata escura à noite. No entanto, isso não importava.

— Kit?

A lua pálida espreitava entre as nuvens, derramando luz perolada pela clareira. O som da melodia da natureza ainda era novo para ela: a brisa fazendo os galhos farfalharem, o canto do rouxinol, pequenos animais correndo pela grama. Eda dava passos cautelosos pelo emaranhado de raízes protuberantes e trepadeiras revoltas da clareira. A vegetação era tão densa que engolia seus pés até os tornozelos.

— Kit?

As sombras não revelavam nada. Se ele a ouvia, a ignorava. *Uma última vez*.

— Lorde Cuzão!

Uma risada baixa a fez olhar ao redor.

— Aqui em cima.

Ela enfim o encontrou, agachado daquele jeito engraçado na pedra central.

Com os chifres e a cauda, parecia uma gárgula ranzinza erguida ali. Eda tinha certeza de que ele não estava ali antes. Ou talvez estivesse em outra forma, prestando atenção nela.

Eda botou as mãos na cintura.

— Gostaria de conversar sobre sua tentativa de estrangular meu irmão.

— O que tem?

— Não acredito que você me perguntou isso.

— Foi ele quem começou.

— Ben só está preocupado comigo. Você não precisa antagonizá-lo.

Os olhos de Kit eram como pontos gêmeos de fogo.

— E *você* não precisa pisar em ovos com ele, que nem uma panela prestes a transbordar. Ele deve a vida a você. Deveria se prostrar aos seus pés.

— Sua opinião sobre mim mudou porque eu não repreendi meu irmão?

Kit virou o rosto, emburrado.

— Quem disse que tenho qualquer opinião sobre você?

A resposta a feriu como um espinho, breve e superficial. Ela imaginou que fosse apenas o modo de Kit afastá-la. Ele atacara Ben — aquela facilidade para a violência que tanto a assustava —, mas parara quando ela pedira. Apesar da arrogância, ele não era cruel. Não era insensível. Seu fardo, pelo que Eda desconfiava, era carregar um coração que sentia até demais.

Eda se aproximou da pedra imensa. Passou as mãos pelos nós de hera que a envolviam como uma segunda pele.

— Pode descer?

— Para quê?

— Para termos uma conversa civilizada.

— Não.

— Certo.

Ela agarrou um emaranhado de trepadeiras e tomou impulso.

— O que está fazendo?

A surpresa dele apenas a incentivou.

— Você pode ter sido criado como lorde, mas eu não vou ficar aqui, tão abaixo do seu grandioso trono de pedra. Se você não descer, eu subo.

— Deixe de tolice, sua teimosa… Pare!

— Para quê? — imitou ela.

Ele soltou um ruído como se fosse uma serpente furiosa. No instante seguinte, estava de pé ao lado dela, perpendicular na face vertical do monólito, como um galho brotando de uma árvore. Ele se curvou e segurou o braço dela.

O ar pareceu mudar. Os cachos de Eda caíram para a frente.

De repente, ela se viu ajoelhada na face da rocha, em vez de tentando escalá-la, como se fosse o chão. Eda pisou onde antes suas mãos tinham tentado se segurar. A gravidade mudara ao seu redor apenas com o toque dele. Ela abriu os braços para se equilibrar, com medo de cair, mas a mão de Kit era firme, e seu poder, forte.

Ela se perguntou o que alguém pensaria daquilo ao chegar à clareira. Provavelmente consideraria uma besteira demoníaca — e era verdade.

— Você podia ter caído e quebrado a cabeça.

Eda olhou para o chão, e, então, para o vasto céu noturno. Estava tudo inclinado. Ela se imaginou escorregando da pedra e caindo eternamente pela floresta.

— *Você* podia simplesmente descer.

— Não estou acostumado a seguir ordens.

— Nem eu.

— Percebi.

Ele deslizou os dedos pelo braço de Eda e os entrelaçou em sua mão. Ela estremeceu. Então, subiram pela pedra e, quando chegaram ao topo, a terra se endireitou, até estarem no topo da rocha enorme sob a lua, como deveria ser.

— Não sei se gostei desse truque.

— Você acha que mudar a atração gravitacional é um mero *truque*?

Ela não resistiu a provocar.

— Não pode ser tão difícil assim.

— É uma habilidade difícil de dominar até entre os meus.

Ele virou as mãos para fora e deu uma voltinha boba, gesticulando para os arredores. As estrelas o cercaram como mil fagulhas.

— O que *você* sabe fazer, meu bem? — perguntou.

— Faço um belo ponto-cruz.

Ele contraiu a boca.

Eda sentou, observando as fogueiras bruxuleando do outro lado das árvores.

— Eu quero deter ele. O bispo.

Kit se abaixou ao lado dela. Não aparentou sentir dor no braço enfaixado; talvez já estivesse melhorando.

— É exatamente isso que *Baelion* quer, sabia? Que você e o bispo se enfrentem, briguem que nem cães. Como marionetes nas mãos dele. Ele vai adorar ver quem de vocês vai sair vitorioso.

— Aposto que ele preferiria os três mil anos do bispo aos dez que nos restam.

Mas ainda não interferiu, então talvez você esteja certo. Talvez só esteja fazendo isso para se divertir. Não sei, nem me importa. Vou expor Florian Fane e, quando ele estiver trancafiado e não puder cumprir sua promessa, o sr. Night o matará.

— Você e seus irmãos ainda devem dez anos.

— Darei os meus, se necessário. O que restar.

Kit contraiu a boca.

— Você não tem tudo isso.

Ah. Claro que ele sabia quantos anos lhe restavam. Qualquer demônio pressentia aquilo ao firmar um Pacto. Não adiantava negociar com um mortal que não pudesse pagar sua parte.

— Quanto… quanto tempo tenho?

— Você quer mesmo saber?

Não, Eda decidiu. Saber seria pior. Daria para adivinhar: Kit tomara cinquenta anos, e Eda já vivera vinte. Em Blackbridge, era raro que as pessoas chegassem aos oitenta. O tempo que lhe restava provavelmente era de um dígito só.

Eda cutucou as unhas. A brisa noturna brincava com seu cabelo, e, com ela, o cheiro dele — algo estranho e inebriante, como o ar após uma tempestade.

Kit continuou:

— Antes, você não estava interessada em derrubar o bispo. Só queria resgatar seus irmãos. Agora você os salvou. Dê o espelho para Lich e os anos para Baelion, então fuja com eles para terras estrangeiras. O plano não era esse?

Ele falou tranquilamente, em perfeita neutralidade. Falso. Apenas alguém muito interessado na resposta perguntaria de modo tão desinteressado.

— Era. Mas agora, toda vez que fecho os olhos, vejo aquela menina, ou meus irmãos na cela, ou a perna de Lawrie…

Ela se interrompeu. Respirou fundo. Prosseguiu:

— Eu queria não me importar com o que ele faz com Blackbridge. Passei a maior parte da vida odiando este lugar. Fane chamou a cidade de pústula purulenta, e provavelmente está certo, mas aqui é meu lar. É *minha* pústula purulenta.

— Que analogia criativa.

— Quero que Ben e Lawrie tenham vidas longas e felizes. Que sejam livres. Senão, por que sacrifiquei a *minha* vida? Do que adianta viver, se não fizer nada de bom?

Eda se virou para ele. Kit a observava com atenção, com olhos abertos e pacientes, e Eda deixou as palavras saírem como um desabamento:

— Tentei não me importar, porque é o que sempre fizemos… Ben, Lawrie e

eu. Afastamos todo mundo. Não podíamos pensar no que fazíamos ao levar todas aquelas pessoas para o espelho. Eu me convenci de que as odiava. Que eram tolas, patéticas, gananciosas. Que mereciam aquilo. Talvez ainda seja verdade, mas, assim que o desespero bateu, eu procurei *você*. Eu o chamei de hipócrita, Kit, mas… eu também sou. Eu cometi tantos erros. Se puder fazer esse bispo prepotente de merda se arrepender de ter vindo à minha cidade, talvez eu consiga finalmente me perdoar.

Eda ficou sem fôlego.

— Você disse que os poderosos chegam aonde estão pensando apenas em si — acrescentou. — Porém talvez exista poder em valorizar algo além. Vou dar aquele espelho para Severin Lich e usá-lo para provar que Florian Fane não tem nada de sagrado. Não deixarei Blackbridge um segundo antes disso.

Ela não percebera que queria aquilo. Não até dizer em voz alta.

Eda estava olhando para Kit sem realmente vê-lo, perdida nos próprios pensamentos acelerados, e ele não dissera uma palavra. Ela pestanejou. Se concentrou.

As pupilas pretas dele estavam dilatadas, engolindo tudo, deixando apenas um aro de fogo. Exatamente como nas sombras da Lira da Donzela. Dessa vez, não havia disfarce escondendo sua pele cinzenta e suas orelhas pontudas.

Kit disse, devagar:

— Bem quando acho que seria impossível, eu me surpreendo outra vez.

— Com a tolice dos mortais?

— Com a *sua* coragem.

Eda encarou Kit, procurando por sinais de que ele estava brincando.

— Eu não sou corajosa.

— É, sim.

Ele parecia quase furioso. Percorreu o rosto dela com o olhar.

— O que você vai fazer quando nosso Pacto terminar? — perguntou ela, engolindo em seco. — Eu… vou ver você de novo?

Ele ficou imóvel.

— Você *gostaria* de me ver?

— Acho que sim.

Ele baixou o olhar, distante, perdido em pensamentos além de sua compreensão.

— Eu poderia dizer que não sei. Seria mentira.

Hesitante, Kit roçou os dedos nos dela — um toque proposital. Uma pergunta. Um convite. Eda parou de respirar.

— Quando nosso Pacto for cumprido — continuou ele —, nada me une a você. Mesmo assim…

Ele abriu os dedos com uma súbita avidez, enlaçando o pulso dela. As garras a espetaram sem machucar quando ele puxou sua mão. Kit a virou de um lado para o outro, se demorando na cicatriz rosa e fina na palma. Semicerrou os olhos, pesados. Devagar, como se temesse que ela fosse se desvencilhar, Kit se curvou e deu um levíssimo beijo ali.

Um rompante de calor vibrante a atravessou. Eda mal ousava respirar, com medo de romper aquele estranho encanto.

— Então me diga a verdade — sussurrou ela.

Estou tremendo?

— A verdade?

Ela assentiu.

Kit fechou os olhos. Encostou os lábios na cicatriz dela outra vez.

— A verdade é que, desde o momento em que você invadiu minha casa, eu só consigo pensar em você.

Eda talvez tivesse emitido um som; não sabia. Kit apertou sua mão e falou mais rápido, como se uma represa tivesse arrebentado. Como se nunca fosse ter outra chance.

— Posso dizer também que, quando você me dá a mão, eu imediatamente temo o momento em que soltará. Que quero ouvir tudo que você tem a dizer, mesmo quando tagarela sobre as besteiras mais irrelevantes. Que anseio por sua risada. Que quero apresentá-la a peças, música e arte, se for para vê-la sorrir como naquele espetáculo — disse ele, e a olhou com seriedade. — Me mande parar de falar.

O coração de Eda saltava, frenético. O cabelo preto dele caíra sobre a testa, e ela sentia vontade de afastá-lo.

— Tem mais?

— Muito mais. E eu não tenho o direito de lhe dizer nada. Tomei seus anos. Você deveria me detestar. Talvez deteste. Porém, às vezes, sinto que você não me odeia de verdade. E isso me enlouquece.

Ele enroscou a cauda na panturrilha dela e beijou os nós de seus dedos.

— Você… me devolveria meus anos? Se pudesse?

— Sim — respondeu ele, sem hesitar. — Sou um péssimo demônio por isso, mas eu lhe daria muitas coisas. Se pudesse.

Ele beijou delicadamente a parte interna do pulso dela. Depois beijou com mais intensidade. E beijou de novo, subindo o antebraço.

— Kit — arfou Eda, esperando que ele olhasse para ela. — Continue.

Ele ficou paralisado. Eda sempre o mandava calar a boca.

De repente, ele a puxou para perto, até quase estar em seu colo.

— O que mais quer que eu confesse? — murmurou. — Que odeio cada momento em que não me olha? O quanto eu me prostraria a seus pés por um mísero farelo de atenção?

Ele deslizou o nariz pela bochecha dela, pelo queixo. Quando deu um beijo hesitante logo abaixo de sua orelha, Eda parou de respirar. Kit interpretou o silêncio dela como consentimento, então repetiu o beijo, agora de boca aberta. Um calor úmido se espalhou entre as pernas de Eda, e ela apertou o ombro dele.

— Eu aceito tudo que você me der — disse ele, entre os beijos fervorosos. — Sua raiva, seu nojo, seu desdém. Tudo, menos apatia. Esse é o problema dos demônios. Essa nossa *cobiça*.

Ela passou a mão pelo cabelo dele e puxou de leve. Kit inclinou a cabeça para trás, obediente. Ele arfava, embora ela mal tivesse feito nada, e seus olhos queimavam em brasas.

Hesitante, Eda passou o nariz gelado pelo queixo dele — um toque exploratório. O ruído que ele soltou definitivamente não tinha nada de protesto.

— Aceitaria meu afeto? — sussurrou ela.

Sem conseguir resistir, ela beijou o pescoço quente dele e sorriu ao sentir sua pulsação acelerar.

Então, a boca de Kit encontrou a dela.

A surpresa a fez arfar de início. A pressão ávida dos lábios dele logo se transformou em um deslizar lento e quente. Era inexplicável — raro, delicioso e sufocante de tão agradável. Ele estava tão perto. E não o suficiente. O ângulo era meio atrapalhado, mas ela mal teve tempo de notar antes de ser puxada para o colo de Kit. Eda montou nele e entrelaçou os braços atrás de seu pescoço. Ele ronronou de prazer.

Presas mordiscaram seu lábio. Ela mordeu de volta. Ele rosnou, e a vibração a fez gemer de prazer. Garras se enroscaram em seus cachos enquanto, com a outra mão, ele a segurava pela lombar, mantendo a proximidade. Como se ela pudesse desistir e se afastar.

Eda não tinha intenção alguma de sair dali. Sua pele queimava onde ele a tocava, e ainda assim queria mais. O toque dos lábios dele nos seus era tão dolorosamente excitante que ela achou que morreria ali mesmo. Eda abandonou aquela boca ávida para beijar a ponta de sua orelha, o que fez Kit estremecer. Ela repetiu o gesto, roçando os dentes. Ele mordeu o queixo dela em repreensão,

antes de acariciar o mesmo ponto com a língua. Eda ofegou. Kit empurrou o queixo dela com o nariz, dando beijos molhados e quentes por seu pescoço.

— Nunca… — disse ela, lutando para organizar os pensamentos. — Nunca vi você quieto por tanto tempo.

— Prefere que eu continue falando?

Ele arranhou a clavícula dela com as presas de forma suave, sem intenção de machucar.

— Depende do que você diria.

— Hm. Onde eu estava, então?

Kit passou as mãos pela bunda dela e a puxou contra seu volume duro e distinto.

— Quer saber quantas vezes imaginei você nua? — continuou, traçando beijos até a orelha dela. — Quantas noites passei em claro, sem conseguir pregar o olho, porque estava duro pensando em coisas tão simples quanto a curva da sua cintura?

— Tarado — sussurrou ela.

— Parece que sou mesmo — respondeu ele em um sussurro, e a beijou de novo.

O cérebro de Eda parecia ter sido desligado do corpo. Ela não conseguia evitar o movimento do quadril, desesperada por mais contato. Kit soltou um gemido delicioso, e passou a mão por baixo da camisa de Eda, subindo pela coluna. A sensação da palma dele em sua pele nua não se assemelhava a nada que ela conhecia. Como um toque tão simples poderia fazê-la se sentir tão próxima das estrelas?

Nunca tinha sido assim com Wymond.

Mãos trêmulas puxaram o gibão dele. *Mais*, implorava Eda a cada beijo, e Kit obedecia vigorosamente. Ele pressionava os lábios contra os dela, repetidamente, evitando se afastar. Por fim, se esticou para trás, sem interromper o beijo, e a puxou consigo. As garras dele espetavam o quadril de Eda.

Quando finalmente se afastaram, ele estava deitado na pedra, admirando Eda com olhos perigosamente escuros. Como se *ela* fosse poderosa.

Eda quase o beijou outra vez, mas uma coruja piou alto na escuridão. De repente, ela viu os galhos balançarem nas árvores e a luz das fogueiras e se lembrou de onde estavam.

O que estamos fazendo? Ela hesitou, com as mãos apoiadas no peito dele.

Kit se sentou no mesmo instante. Retomou a forma mortal com um tremor, como se quisesse agradá-la.

— O que houve?

A voz rouca dele causava calafrios. Ele deve ter percebido; deu um beijo de súplica na bochecha dela. *Fique*, sussurrava o toque. *Fique, fique, fique.*

— Eu preciso saber — murmurou ela. — Você pretende me ajudar, depois de recuperarmos o espelho? Até acabarmos com o bispo? Você vai…

Ficar?

Ela não ousava pedir por mais. Que futuro poderia aguardá-los? Restavam poucos anos a ela, se é que chegaria a tanto. E a responsabilidade era dele.

Você sempre gostou de cometer erros horríveis, desdenhou a voz obscura e nojenta. *Este talvez seja o mais desastroso.*

Uma sombra passou pelo rosto de Kit, e ele franziu a testa. A boca e as bochechas dele estavam coradas. Ela achou que ele fosse dispensá-la, dizer que só queria uma distração momentânea, até que o Pacto terminasse e ele partisse. Porém ele a abraçou com mais força. Beijou seu rosto outra vez.

— Ficarei se você desejar, meu bem. Você me diverte demais.

Ela pensou que o fato de *diverti-lo* não poderia ser o único motivo, mas ainda assim conteve um suspiro de alívio.

— Divirto mais do que um convento de Sorores Sagradas? Você mencionou explorar as calcinhas delas…

— Safadinha — respondeu ele, mordiscando seu queixo. — Eu deveria jogar você dessa pedra enorme.

— Que nem me jogou no rio.

— Falando nisso, suas roupas grudaram no seu corpo de um jeito bem delicioso…

Ela cobriu a boca de Kit com os dedos, e ele os mordeu.

— Devemos voltar antes que meus irmãos me procurem.

Kit a ajudou com visível relutância, tentando, sem sucesso, esconder um biquinho. Quando chegaram à margem, um pouco afastados da luz das escotilhas do *Oriana*, Eda decidiu beijá-lo mesmo assim.

Ele a abraçou, mas ela o empurrou, sorrindo.

— Agora é a hora de você, muito galante, me permitir voltar aos meus aposentos.

— Achei que fosse a hora de você me deixar devorá-la na margem do rio.

Eda mordeu o lábio.

— Boa noite, Kit'rath.

Ela se forçou a não olhar para trás quando entrou na cabine. Ainda assim, sentiu os olhos dele a acompanharem.

Vinte e três

— Você está com raiva?

O olhar incrédulo de Ben à mesa naquela manhã era pior do que ela imaginara. Lawrie tinha ficado no quarto de Robin para descansar — uma gentileza inesperada que fez Eda querer abraçar a mulher bem apertado. Como Robin tinha saído para colher hortelã para o chá e Lawrie estava no quarto, parecia a hora certa para conversar.

O silêncio de Ben não a encorajava.

— Eu sei que é difícil entender, mas eu preciso fazer isso — disse ela.

— Por quê? *Por que*, exatamente, você precisa? Esqueça Fane, esqueça Lich, esqueça isso tudo. Podemos pegar um barco rumo ao Golfo Modorrento ainda hoje, se partirmos agora…

— E o sr. Night? Ainda devemos dez anos a ele.

Ele fechou a boca.

— Darei dez anos meus. Só temos que encontrá-lo e resolver isso.

— Você não pode fazer isso, Ben.

— E você pode? — perguntou ele, e seus olhos cor de mel brilharam. — Nem ouse, Eda. Não depois do que você perdeu.

Ele olhou para a porta da cabine, além da qual Kit espreitava em algum lugar. Pelo menos ele lhes fornecera a ilusão da privacidade.

— Escute. Severin Lich tem contatos que vão daqui até o continente. Se eu não cumprir o prometido, ele me caçará como um cão atrás da lebre. Essa ira pode se estender a você e Lawrie mesmo depois de eu partir. O mais sensato é arranjar o espelho para ele. Quando o recuperarmos, poderemos usá-lo para discutir nossa dívida com o sr. Night.

— E expor o bispo por ser um salafrário que faz acordos com demônios, assim como nós. Claro — disse ele, cerrando os punhos ao redor do bule pintado de Robin. — Isso é *sensato*, por acaso?

— É arriscado, mas temos que cumprir nosso Pacto. Precisamos do espelho. Se pudermos conectá-lo a Fane, melhor ainda.

A expressão de Ben vacilou.

— Ainda podemos ir embora. O sr. Night não nos convocou desde nossa captura. Ele não tem esse poder; o Pacto era do nosso pai. Nosso sangue nunca foi derramado. Não tem como ele nos encontrar.

— Se Lich consegue nos localizar à moda antiga, você acha mesmo que um demônio como o sr. Night *não* consegue? — perguntou Eda, e o olhar rabugento do irmão foi resposta suficiente. — Por favor, Ben. Não estamos seguros até cumprirmos todos os nossos acordos. Se, enquanto isso, pudermos fazer Fane pagar por tudo… temos que tentar.

Ele balançou a cabeça.

— Você não aprendeu nada? Quando não ficamos quietos, cuidando das nossas coisas, tudo dá errado. Ou se esqueceu tão rápido da nossa captura?

Eda cerrou os dentes.

— Parece que salvar vocês nunca vai compensar isso, né?

— Não estou tentando humilhar você, Eda. Você errou. Isso, eu perdoo, desde que você tenha aprendido sua lição. E não sei se aprendeu.

Menos de um dia de volta em sua companhia, Ben já a fazia se sentir como sempre: a irmãzinha que precisava ser protegida. O controle dele a irritava tanto que Eda se tornara combativa e descuidada, desesperada para agir como bem entendesse, e pagara caro por isso. Porém Eda não estava sendo tola. Ela nunca planejara nada com tamanho cuidado. Era assim que se salvariam. Por que ele não enxergava?

— Você não vai me deter. Estou fazendo isso por todos nós, com ou sem sua bênção. Eu e Kit vamos voltar à cidade.

— Você vai confiar *nele*? Seu Pacto é o único motivo para ele oferecer ajuda. Demônios não fazem nada sem ganhar algo em troca.

— E, até agora, nós também nunca fizemos — retrucou, se levantando e pegando a nova capa. — Ele não é o sr. Night. Isso eu já aprendi.

Ben segurou o pulso dela.

— Vou com você.

— Não. Eu tenho o manto, e Kit pode se disfarçar. Se você for, vai ser difícil circularmos sem sermos notados.

— Não vou deixar você a sós com ele.

— Estou a sós com ele há semanas. Continuo muito viva — afirmou Eda, desvencilhando a mão. — Não sou criança, Ben.

— Então eu fico aqui, que tal? Para cuidar de Lawrie. *Alguém* precisa fazer isso.

Eda bateu a porta da cabine ao sair com mais força do que o necessário. Ben estava com raiva do Pacto que ela firmara. Isso, ela entendia. Mas nunca imaginou que isso poderia fazê-lo perder a *razão*.

Ela foi até a borda do *Oriana* pisando duro.

— Aonde vamos, meu bem?

A raiva desapareceu ao ver a silhueta escura e impressionante de Kit à espera. Eda deu a mão para ele, sentindo um arrepio ao tocar sua pele enquanto ele a ajudava a desembarcar. Havia algo de diferente naquele toque. Antes, era um mistério, uma pergunta provocante. Naquela manhã, porém, não havia mistério algum no calor de sua mão, nos dedos que envolviam os dela. A pergunta se tornara promessa.

— Vai fingir que não estava escutando? — perguntou Eda.

— Prefere que eu finja?

Eles seguiram pela margem, evitando olhares curiosos. Eda tentou soltar a mão dele, como ditava o hábito, mas Kit não deixou. Ele a segurou com mais força. O coração dela acelerou enquanto caminhavam. O braço ferido de Kit estava devidamente enfaixado sob o gibão preto, enfim, e ele garantiu que não doía tanto.

A arrogância de Ben ainda a irritava. Eda foi tomada por um súbito impulso de fazer alguma coisa — *qualquer coisa* — para irritá-lo.

— Você está bem para cavalgar?

Ele a olhou com interesse repentino.

— Vou precisar que você seja *muito* mais específica.

Eda bufou.

— Tire essa cabeça da sarjeta.

— Impossível. Mas posso carregar você, sim.

— Consegue cavalgar *rápido*?

— Estamos com tanta pressa?

— Não. Mas eu só montei em você fugindo desesperadamente. Não tive a chance de curtir — disse Eda, e abaixou a voz. — Que tal me impressionar?

Os olhos de Kit brilharam como chamas dançantes.

O grito de Eda assustou uma revoada de melros — uma explosão escura no céu fechado da manhã. Ela sentiria inveja, mas agora também sabia como era voar.

— Mais rápido! — gritou.

Embaixo dela, Kit balançou a cabeça equina. Bateu os cascos no chão, levantando torrões de terra. O corpo dele ondulava como um mar preto e furioso, mas Eda mal estremecia. Ela apertava a crina dele até empalidecer os dedos, e não ousava soltá-la nem relaxar as coxas ao redor dele, mas imaginava que poderia. Se quisesse.

Não vou deixar você cair, dissera ele.

Eu sei, ela respondera.

Eles desceram as margens do Embel como o vento. A água ondulante passava por um borrão e, no reflexo distorcido, Eda viu o que os outros veriam: um corcel fantasma com cascos que mal tocavam o chão, montado por uma criatura de cabelo dourado. O que pensariam ter visto? Uma menina inocente, raptada pelo *metamorfo* para ser sua noiva? Uma guerreira a caminho da batalha? Talvez houvesse um pouco de verdade nas duas versões.

Os pássaros os perseguiam pelo céu, mergulhando e pairando. O vento assobiava em seus ouvidos. Eda sentiu o peito transbordar. Ela se empertigou e gritou de prazer. *Aconteça o que acontecer, eu sempre terei isso.*

Kit diminuiu o ritmo quando o horizonte escarpado de Blackbridge cresceu diante deles. Prédios se erguiam entre a terra marrom das fazendas. As últimas plantações de trigo estavam sendo colhidas com foices, carregadas em fardos nas carroças para os depósitos de inverno. Eles pararam na beira de um desses arados, atrás de uma sebe, próxima da estrada.

— Devo considerar que a impressionei? — perguntou Kit, espanando o gibão.

O rosto ruborizado dela certamente entregava a resposta.

— Com certeza.

— Hm — murmurou ele, se aproximando. — Então quero minha recompensa.

Eu não prometi recompensa alguma. Eda ficou em silêncio. Em vez de responder, esperou que ele se inclinasse para beijá-la como fizera na véspera, fervilhando de expectativa. Entretanto Kit apenas levou a mão dela a seus lábios e a olhou por baixo dos cílios.

O coração de Eda disparou.

Eu aceito tudo seu, dissera ele. *Sua raiva, seu nojo, seu desdém. Odeio cada momento em que não me olha.*

A paixão dele provavelmente era efêmera e intensa. Kit podia ser sincero, mas

Eda não era boba: quantas vezes uma beleza mortal não chamara sua atenção? Quantas vezes ele não sussurrara palavras de afeto em ouvidos desconhecidos, apenas para que a chama se apagasse assim que crescesse? Se ela não estivesse à mercê de uma vida curta e perigosa, talvez tomasse mais cuidado. Talvez resistisse aos sentimentos crescentes por uma criatura que nunca poderia ser sua de verdade. Era uma tragédia prestes a acontecer. Se Viola e Crispin tinham encontrado seu final feliz, Eda não sabia, mas *ela* não poderia passar a vida junto a um grande amor.

Entretanto, ali, com Kit, que a olhava assim… era algo dolorosamente perto disso.

— Vamos.

Eda apertou o manto ao redor do pescoço ao entrar na cidade. As Espadas estavam nas ruas em grande número. Havia três quartéis em Blackbridge — todos deviam estar vazios, considerando a quantidade de patrulhas espalhadas. Depois de dois prisioneiros terem fugido, ela duvidava que o forte Fell ficasse tão desprotegido outra vez.

As mãos dela suavam a cada lampejo de prata e vermelho, a cada baque de botas pesadas. O caminho a pé era lento, mas Kit não era tolo de adotar a forma de cavalo. Àquela altura, o imenso corcel preto seria óbvio demais. Ele a seguia de perto na forma de gato, que parecia ser sua preferida.

Apesar do medo azedo no ar, ainda era preciso trabalhar. Criados e lavadeiras, cozinheiros, tintureiros e operários. Um menino pedia esmola na esquina, esticando uma boina puída para recolher moedas. Gente comum enfrentando as ruas hostis enquanto os nobres se trancafiavam.

Barrigas famintas não paravam de doer só porque monstros espreitavam das sombras.

Talvez fosse por isso que Eda estivesse irritada e ranzinza quando chegaram à casa do alto-governador. Ela foi conduzida pelos portões elegantes muito mais rápido do que da última vez. Carrancuda, entrou no escritório de Abelard Wolfram, deixando as portas se fecharem. O cômodo era tão bonito e arrumado quanto lembrava, cheio de tapetes trançados e castiçais polidos. As janelas estavam devidamente fechadas.

Wolfram arregalou os olhos ao vê-la. Ela não se dera ao trabalho de tirar o manto. Sua trança estava bagunçada por conta da viagem. *Que ele veja uma bruxa, se isso o ajudar a me levar a sério.*

— Você pretende não fazer nada enquanto os monstros de Florian Fane percorrem suas ruas, alto-governador?

Wolfram fez uma careta.

— Vá com calma, mocinha. Eu corro riscos só de deixá-la entrar aqui.

— Você pretende desistir de mim?

— Depende inteiramente de Kit'rath. *Ele* ainda pretende ameaçar meus filhos?

Kit bufou.

— Nem preciso. Honestamente, Abelard. Você não pode me dizer que não quer resolver esse probleminha dos mastins. Você se importa com Blackbridge. Florian Fane é uma afronta à moralidade e à posição que você tem.

Wolfram não negou. Ele alisou o gibão dourado e vinho — uma cor que só o empalidecia, pensou Eda — e se levantou, dando uma volta na mesa.

— E a *sua* motivação, Kit'rath? Por que procura a queda do bispo? — perguntou, então olhou para Eda. — E a dela?

— A natureza de nosso acordo não tem relação alguma com você. Eu não estaria aqui se não precisasse, esteja certo disso.

A expressão de Kit era tão seca, o sarcasmo tão desdenhoso em sua voz, que era difícil duvidar. *Eu não estaria aqui se não precisasse*. Era verdade, mas Eda se lembrou da firmeza na voz e no calor nos olhos dele quando jurara permanecer a seu lado — porque ela pedira.

As palavras de Ben ecoaram mais altas. *Demônios não fazem nada sem ganhar algo em troca.*

Wolfram levantou a mão.

— Certo. Suas maquinações não me interessam.

— O bispo, sim.

— Exatamente. Por isso investiguei.

Wolfram descobrira que havia pessoas na Ordem da Fé que questionavam o suposto *poder divino* de Fane, além de críticas àquele ritual de proteção. Entretanto o bispo era um favorito do próprio Patriarca, e fora visto afastando os mastins em público diversas vezes. Poderia até ser um truque, mas era dos bons. Quem o acusaria publicamente de más intenções sem provas concretas? Nada aquém disso impediria Blackbridge de segui-lo.

— O bispo Florian é esperto — comentou Wolfram. — Ele conquistou rapidamente o afeto do povo, e o verdadeiro poder está exatamente na opinião pública. Ele seria um ótimo político.

Kit bufou.

— Conversei com Martine Tenelle. Ela tentou, sem muita *sutileza*, averiguar minha opinião. Nós dois estamos de acordo de que Fane é suspeito, mas Tenelle não agirá contra um clérigo da Fé sem provas. — O governador olhou de Kit

para Eda. — Se estiverem aqui para oferecê-las… Sou todo ouvidos.

Abelard Wolfram poderia ser um homem ardiloso, de moral questionável, mas era inteligente. Se não fosse um mero filho de operário, talvez não tivesse precisado da ajuda de Kit para alcançar seu posto.

— O espelho — disse Eda. — O Portal que um dia pertenceu a mim e a meus irmãos. Fane não deixaria que as Espadas o destruíssem, pois precisa disso para se comunicar com o sr. Night.

— Sr. Night?

Ela corou.

— É… o nome do demônio com quem ele negocia. O verdadeiro poder por trás dos mastins.

Wolfram a encarou, atento. Eda esperou que ele perguntasse como ela sabia daquilo, mas o alto-governador apenas ergueu o queixo.

— Então por que não atrair e matar este demônio? Parece um método muito mais direto para acabar com esta loucura de uma vez.

Kit ficou tenso.

— Você não ganhará esta luta.

— Certamente, com Tenelle e todo o poder da Ordem da Espada…

— Não ganhará.

— Certo… Então, sobre o Portal. Tem certeza de que o bispo o esconde?

Eda assentiu.

— Deve estar escondido em algum lugar seguro. Se o encontrarmos, podemos provar que ele o guardou para si.

— Hm. De acordo com o que Tenelle diz, o objeto nunca foi recuperado da loja da sua família — disse Wolfram, notando a surpresa de Eda. — Florian alega que, enquanto aguardava reforços, um demônio atravessou e atacou seus homens, que foram obrigados a recuar. Quando voltaram, o Portal já não estava lá. As Espadas que o acompanhavam corroboraram a história. Tenelle foi obrigada a aceitar, mas acredito que isso tenha dado início a suas suspeitas.

Fogo ardeu no peito de Eda.

— Que mentirada. Esses homens estão mancomunados com ele!

— Pode até ser. É tudo conjectura. Os fatos são os seguintes: o espelho está perdido, e encontrá-lo não é suficiente. Fane deve ser conectado a ele, e Tenelle deve descobri-lo.

Ele estava certo. Se o Portal fosse localizado e o bispo estivesse com ele, a comandante testemunharia a culpa de Fane com seus próprios olhos. Nem o Patriarca poderia ignorar tamanha condenação.

Eda conteve uma careta. Se Tenelle apreendesse o espelho, Lich consideraria que Eda não tinha cumprido sua parte do acordo. E como ela entraria em contato com o sr. Night para concluir o Pacto?

Dívidas e mais dívidas.

Ela olhou para Wolfram.

— O plano envolve convencer a comandante Tenelle a trabalhar com a gente.

— Com *você*, que acabou de permitir a fuga de dois prisioneiros bem debaixo do nariz dela e está se relacionando abertamente com um demônio. Sim — disse ele, com um sorriso irônico. — Um desafio e tanto.

— Conseguimos convencê-la?

— Desconfio que o desejo dela de revelar o culpado seja maior que seu orgulho, mas devo abordar a ideia com cautela. Seu plano é válido: encontrar o espelho e informar a comandante. As Espadas podem ficar a postos para capturar Fane em flagrante. Nos ajude a impedir o massacre do bispo, e eu farei o possível para anular as acusações contra você e sua família, srta. Shaw. Você seria uma mulher livre.

Eda engoliu em seco. *Se eu deixar Tenelle ficar com o espelho, Ben e Laurie estarão livres. Porém teria que trair Lich.*

Seus pensamentos estavam acelerados. Não via saída simples, mas o mais urgente era concluir seu acordo com o sr. Night de vez.

— Certo — concordou. — Tenelle deve ter *alguma* ideia de onde Fane escondeu o espelho.

— Todos os ataques ocorreram dentro dos limites da cidade — comentou Kit. — Se o bispo controla os mastins, para onde eles vão quando terminam de semear o terror? A origem deles é o espelho. Deve estar em algum lugar de Blackbridge, escondido de olhares curiosos. E não em solo sagrado, eu diria.

Wolfram assentiu.

— Templos têm fogos de alerta e encantos para revelar atividade demoníaca. Entretanto… Florian é previsível. Tenelle me disse que ele só circula entre o forte Fell, o Grande Templo e sua paróquia em Crowgate.

Eda mordeu o interior da bochecha.

— Então nosso Portal pode estar em algum lugar entre esses três pontos.

— Provavelmente. Os guardas da comandante não podem segui-lo por toda parte. Não sem alertá-lo da vigilância. Talvez um demônio metamorfo e uma moça com capa mágica se saiam melhor.

Ela ignorou o tom de desprezo.

— Vamos encontrá-lo.
Temos que encontrar.
A expressão do alto-governador era indecifrável.
— Para seu próprio bem, srta. Shaw… Rezo que sim.

Vinte e quatro

LICH NÃO DISSERA A EDA COMO ENTRAR EM CONTATO COM ELE, apenas indicara que estaria esperando notícias; ela imaginou, então, que teria que procurá-lo.

— No esgoto? Jura? Meio exagerado para um chefão do crime do submundo. E de onde ele tirou isso de ser chamado de *lorde*, ainda por cima?

A indignação de Kit era quase cômica. Eda desceu cuidadosamente pelo bueiro que ele havia arrancado do chão sem o menor esforço.

— É só um título bobo que o pessoal dele usa para alimentar o ego. Hã. Não mencione que eu comentei isso.

Quando tivessem o Portal, os Shaw poderiam convocar o sr. Night e quitar a dívida — com os anos de Ben, ou de outra pessoa, Eda ainda não tinha certeza. Ela não se importava com o que aconteceria com o espelho depois de se livrar dele, mas Tenelle iria querer destruí-lo. Lich o desejava para si. *Se eu entregá-lo a Tenelle, comprarei nossa liberdade. Se entregá-lo a Lich, evitarei a ira de um criminoso. Ao agradar um, incomodarei o outro.*

Eda percebeu que havia uma terceira opção. No entanto, teria que fazer papel de marionetista, enquanto até ali sempre fora a marionete.

Ela desceu pela escada frágil, fazendo uma careta para o metal molhado que escorregava em suas mãos. Ali embaixo estava frio e escuro como breu. Hillock a levara à superfície por aquele caminho, mas Eda imaginava que existissem outros trajetos, menos sujos. Ela duvidava que Severin Lich se arrastasse por bueiros imundos com aquelas roupas elegantes.

Kit desceu voando, na forma de pássaro. Eda esperava que ele oferecesse a mão quando se transformasse no fundo; em vez disso, o demônio a enlaçou pela cintura. Ela soltou um gritinho quando ele a pousou na passarela estreita, mais

perto do que era necessário.

— Que intimidade a sua — disse ela, ofegante.

— Posso ser ainda *mais* íntimo, se você quiser.

Ele apertou o abraço. Seus olhos brilhavam como faróis no escuro.

— Tentador… mas o ambiente atual não é lá muito romântico.

O protesto era fraco, no mínimo.

— Parei de escutar depois de *tentador* — murmurou Kit, se inclinando…

— Temos que ir!

Ele suspirou, encostado na testa de Eda.

— *Dir lhaesan van mir'hisak ek mir'tarez*.

Era um idioma gutural e seco, mas, na boca de Kit, soava quase sensual.

— O que isso quer dizer?

Ela não esperava uma resposta direta, então corou quando ele sussurrou ao pé de seu ouvido:

— *Seu desejo é meu prazer e minha tortura*.

— Ah.

Eda vacilou. Não estava acostumada a ser alvo de admiração tão explícita. Wymond era quase tímido, e de *tímido* Kit não tinha nada.

— Temos que… — começou ela. — Por aqui.

Ela tomou a dianteira, abrindo caminho pelo canal. Estava tudo igual. O quartel-general de Lich ficava sob as ruas de Crowgate, Eda sabia, e no momento eles se encontravam debaixo de Pitchford. Havia uma boa distância entre as duas áreas. Se ela virasse alguma esquina errada, acabariam andando em círculos eternamente, como ratos perdidos.

Ela conseguia ouvir: ratos. Guinchos e patinhas correndo pela pedra. Sob os fracos feixes de luz de uma grade de bueiro, dois deles apareceram, mas imediatamente deram meia-volta. Os roedores de Blackbridge eram mais dados a morder do que a fugir, na experiência de Eda, mas talvez sentissem a presença do demônio.

— Devem saber que você pode virar gato — brincou ela, tateando a parede. — Obviamente…

Kit a interrompeu.

— Temos companhia.

A princípio, ela não entendeu do que ele estava falando. Não havia nada além do murmúrio da água e do ruído dos ratos. Até que, enfim, ela escutou: passos ecoando, lânguidos, no escuro. Um momento depois, uma luz surgiu em uma passagem perpendicular mais à frente.

Um rosto familiar os encarou, fantasmagórico sob a luz amarelada de uma lamparina a óleo. Ele teve dificuldade de se concentrar nela.

— Ah. Bom te ver de novo, srta. Shaw.

— Hillock? — perguntou, se aproximando com cautela. — Você sabia que viríamos?

Kit estava tão perto dela que daria para usá-lo como um casaco.

— Lorde Lich tem um acordo com você, mocinha. Já que está aqui, imagino que não tenha esquecido.

— Não sei como poderia esquecer. Você estava me vigiando.

— Hm — murmurou o homem corpulento, olhando de relance para Kit. — Você estava ocupada.

— Quero conversar com o sr. Lich sobre nosso acordo.

Hillock apontou para o túnel.

— Venham comigo.

Ele os conduziu por vários corredores até finalmente chegarem à vasta caverna com seu fosso de água limpa. O salão de Lich continuava igual: homens apostando, crianças de rua correndo de um lado para o outro. Desta vez, Eda não evitou o olhar daquelas pessoas. Ela não sentia tanto medo ao lado de Kit. Ele insistira em acompanhá-la, e ela estava agradecida.

No escritório na varanda, Hillock afastou a cortina e os convidou a entrar.

— Srta. Shaw.

Severin Lich não se levantou.

Eda se sentou. Não havia lugar para Kit, mas ele parecia satisfeito em segui-la como uma sombra ameaçadora. Quando Hillock fechou a cortina, outra tapeçaria, que decorava a parede atrás de Lich, ondulou com a brisa causada pelo movimento. Retratava um unicórnio em uma floresta verde. Não estava presa como as outras. Talvez não fosse nada, mas capturou a atenção de Eda como um ímã, e ela teve a estranha certeza de que significava alguma coisa. Então, desviou o olhar.

O criminoso soltou uma baforada do cachimbo. O ambiente foi inundado por um aroma doce e amadeirado, sufocante.

— O misterioso residente da estrada Harecourt, imagino. Wolfram firmou mesmo um Pacto, afinal.

Lich olhava fixamente para Kit de um jeito que fazia Eda se sentir invisível. Se ele estava preocupado com a presença de um demônio ali, não demonstrou.

— Fascinante, honestamente — continuou Lich. — Nunca vi alguém da sua espécie ter interesse no nosso mundo para além dos anos que pode acumular. Mas

aqui está você, residente há vinte anos. Senhor…?

— Kit'rath.

— Não tem sobrenome?

Kit mostrou os dentes.

— Não que eu vá revelar para você.

Lich não se abalou.

— Certo. Meu assunto não é com você — disse ele, se virando para Eda. — Parece que encontrou a ajuda necessária para libertar seus irmãos, srta. Shaw. Parabéns. Mas não é por isso que veio aqui.

— Estou prestes a encontrar o Portal. Está aqui, na cidade mesmo — afirmou Eda. — Quando eu localizá-lo, precisamos combinar um modo de eu alertá-lo para buscar antes que o bispo fique sabendo.

— Alguém pode estar a seu dispor no Cavaleiro e Calaceiro, na rua Farthing. Estarão aguardando notícias da localização do espelho. Mas você precisa ser rápida.

— Não se preocupe — murmurou Kit. — Serei eu o mensageiro, e consigo ser *muito* eficiente.

— Hm. — Os olhos escuros de Lich pareciam prender Eda na cadeira. — Espero que *você* esteja presente quando recuperarmos o Portal, mocinha. Não quero que você nos faça correr em círculos enquanto foge na calada da noite com sua família — acrescentou, abrindo um sorriso antipático. — Não que você seja tão boba assim.

Algo perigoso e intenso tomou conta de Kit quando ele se curvou por trás dela, encarando Lich com um foco diferente.

— Que frase interessante. Parece até uma ameaça — declarou, os olhos brilhando. — *Não que você seja tão bobo assim*.

Perto da parede, a mão de Hillock tremeu.

Lich parou de sorrir, mas não retirou o que dissera.

— Eu entendo — disse Eda. — Onde quer que esteja o espelho, ficarei com ele quando o encontrar, até seu pessoal aparecer. O Portal será seu — declarou, a promessa como terra na boca. — Podemos confirmar que, então, nosso acordo estará cumprido?

Lich inclinou a cabeça e sorriu, de boca fechada.

— Não vejo por que não.

Não era uma confirmação, nem uma recusa.

Hillock os acompanhou de volta pelos túneis escuros e os deixou onde os tinha encontrado. A lamparina se afastou, balançando até ser engolida de vez pelas

sombras.

— Só para esclarecer — murmurou Kit —, você ainda pretende chamar as Espadas quando encontrar o Portal?

— É assim que condenaremos Fane, então sim. Quando encontrarmos o espelho, é só questão de tempo até ele voltar. Tenelle só precisa estar pronta para capturá-lo.

— E você *também* pretende chamar Lich, como prometeu.

— Se Tenelle estiver à espreita e *por acaso* capturar o pessoal de Lich junto com Fane… bom, acho que ela terá que abrir espaço nas masmorras.

Estava escuro demais para ver a expressão dele, mas Eda ouviu o risinho baixo de Kit. Ele roçou o nariz no cabelo dela.

— Todos pegos de uma vez só. Sua sem-vergonha. Que falta de escrúpulos.

— Foi você quem disse que eu deveria esquecer honra e misericórdia ao lidar com pessoas poderosas.

— E eu estava certo. Não me entenda mal, meu bem — disse ele, a respiração fazendo cócegas na nuca de Eda. — Eu *adoro* quando você trama essas coisas.

Eles esperaram a escuridão cobrir a cidade como uma mortalha. A lua estava minguante, mas ainda brilhava o suficiente para dourar os contrafortes do Grande Templo e refletir nas janelas como placa de gelo. Entre os muros altos do Jardim Botânico, a mata estava escura e bravia. Laguinhos e canteiros floridos se escondiam sob as madeixas de salgueiros pálidos. Folhas cobriam o chão em uma camada de marrom-dourado. Os galhos retorcidos das árvores brilhavam secos como ossos.

O jardim era das áreas mais bem cuidadas de Blackbridge, frequentado pelos cidadãos mais ricos. No escuro, porém, parecia mais uma floresta silvestre do que um jardim murado, onde qualquer tipo de criatura poderia se esgueirar pelo mato.

Eda não se assustaria. Ela estava com Kit.

— Fique por perto — sussurrou ele, antes de se transformar em um sopro de fumaça.

O gato preto percorria os riachos e as flores murchas em silêncio. Eda o seguia, estremecendo a cada estalo ou ruído de passos. Não via motivo para adiar a busca pelo espelho, visto que já estavam na cidade. Mas agora que finalmente estavam ali, a possibilidade de fracasso apertava sua garganta como uma forca, ameaçando esganá-la. Eles *precisavam* encontrar o Portal e informar Tenelle. O tempo para cumprir seu Pacto com o sr. Night estava acabando, e ela nunca se

veria livre de Lich ou Fane a não ser que pudesse usar o espelho para provar que eram culpados. Apenas o bispo poderia levá-la ao espelho.

Mais adiante, o sacerdote em questão caminhava pela trilha do jardim. Ele era um espectro pálido na noite, conversando amigavelmente com o jardineiro.

O homem baixo e idoso estava fechando o portão sul quando Fane apareceu. Ele deixara o bispo entrar antes de trancar a grade. Eda e Kit observaram do alto do muro, depois de terem esperado Fane sair do Grande Templo. Ele deveria voltar para Crowgate após o sermão do dia, mas Eda não esperava que fosse cortar caminho pelo Jardim Botânico. Não era o trajeto mais direto.

— E por que será? — refletira Kit, irônico.

Pelas aparências, o bispo não tinha muita pressa. Eles o seguiram por vários minutos até chegarem ao portão norte. Fane se virou para o jardineiro, e os dois conversaram em voz baixa; então, o bispo seguiu sozinho. O jardineiro fechou o portão.

— Ele já vai embora? — perguntou Eda, balançando a cabeça, confusa. — O que eles conversaram?

Kit se transformou e endireitou os ombros.

— Fane pediu para o jardineiro ficar especialmente vigilante ao verificar o jardim nas noites seguintes. Disse que está pagando bem. O homem garantiu que tomaria cuidado.

O coração de Eda acelerou.

— Ele escondeu aqui.

— Pode ser.

— Mas a comandante Tenelle *deve* ter notado Fane voltando para cá tarde da noite. Ela mandou alguém vigiá-lo.

— E o que isso prova? Que ele gosta de caminhar na natureza? — perguntou Kit, pegando a mão de Eda com segurança, puxando-a para seguir o jardineiro. — Ele entra por um lado e sai pelo outro. Os espiões de Tenelle não podem segui-lo tão de perto sem serem pegos.

A expectativa revirava as entranhas dela.

— Mas *nós* podemos.

As Espadas já poderiam ter descartado o jardim como pista, mas Fane era esperto demais para enganá-las. Restava saber se um manto mágico e um demônio metamorfo poderiam passar despercebidos.

Kit passou o polegar pelo ponto de encontro de suas mãos dadas.

— Se encontrarmos o Portal, devemos comemorar.

Eda se perguntou aonde ele queria chegar.

— Acho que sim…

— Posso fazer coisas impronunciáveis com você no meio dos canteiros?

Ela quase tropeçou.

— Você… você não pode sair falando essas coisas!

— Verdade — disse ele, e a puxou para mais perto enquanto andavam, com um olhar malicioso. — Posso fazer coisas impronunciáveis com você no meio dos canteiros, *por favor*?

— Não é hora para isso — retrucou Eda, automaticamente, embora estivesse atordoada com visões incandescentes.

Ela descobriu um novo grau de ressentimento por suas circunstâncias, sem as quais ela própria o arrastaria para o meio dos crisântemos.

Kit suspirou, dramático.

O jardineiro, um homem corcunda e de idade avançada, caminhava a passos lentos. Ele não chegou muito longe. Seguindo uma trilha menor entre teixos altos, ele se aproximou de um mausoléu aninhado contra o muro.

Era como um templo em miniatura, do tamanho de uma casa de um quarto. Os séculos o tinham deixado sujo entre as pedras. O telhado era inclinado, coberto por telhas verdes sobrepostas como escamas de peixe, e a porta terminava em uma arcada pontuda. Acima dela, havia um relevo elaborado esculpido na pedra: uma figura pequena, de vestes. Um santo. Eda não sabia qual. Havia quatro mausoléus no jardim, um para cada padroeiro da cidade.

O jardineiro parou, puxando o cadeado de ferro pendurado em uma corrente que travava a maçaneta. O metal tilintou, mas não cedeu. Claramente satisfeito, ele seguiu pela trilha e desapareceu em meio às árvores.

Eda e Kit se entreolharam debaixo de um bordo, então correram para a porta. Se o espelho estivesse ali, era um lugar seguro. Era audacioso, contudo, esconder um Portal bem debaixo do nariz das Espadas. Guardá-lo na sepultura de um santo padroeiro… era difícil imaginar qualquer serviçal da Fé se rebaixando a métodos tão vulgares. Talvez a ideia nem tivesse passado pela cabeça de Tenelle.

Eda puxou o cadeado velho e pegou a faca.

— Sei que a chave seria melhor, mas talvez você possa usar isso…

Kit pegou a faca da mão dela. Certificando-se de que o jardineiro tinha mesmo ido embora, ele rapidamente bateu com a base da faca no cadeado, que arrebentou de uma só vez, amassado por pura força bruta. Aquela demonstração casual de poder era excitante, os músculos contraídos sob a manga dele, os tendões saltando no pescoço. Eda o admirou.

Ela havia beijado aquele pescoço. Sentido aquelas veias quentes na boca,

enquanto mãos fortes acariciavam sua pele como um pintor esboçando uma obra-prima. O lampejo repentino de desejo que a atravessou quase chegou a doer.

Kit pigarreou. Estava esperando que ela pegasse a faca.

Eda desviou o olhar e entrou em ação.

— Acho que isso resolve.

Ela empurrou a porta, que se escancarou, cedendo ao próprio peso. Eles foram recebidos por uma arcada impenetrável de sombras.

Não tem mais espaço para medo. Você chegou até aqui.

Ela fez sinal para entrar, mas um aperto urgente a conteve.

— O que houve?

— Está aqui — sussurrou Kit.

O coração dela gelou.

— Não me diga que o grande lorde Ansellis tem medo de um espelho qualquer?

A tentativa de brincadeira de Eda não foi nem sequer ouvida. Kit fez uma careta de náusea, como se o confronto com o Portal o abalasse — um pesadelo esquecido havia tempo, que voltara para perturbar sua paz. Fazia vinte anos que ele não o via. *Desde que o usara para fugir do sr. Night.*

Eda delicadamente afastou os dedos de Kit de seu braço.

— Procure Wolfram. Ele alertará Tenelle. Depois, encontre o contato de Lich no Cavaleiro e Calaceiro. Com sorte, quando os homens dele chegarem, Tenelle e as Espadas estarão à espera. Faltará apenas Fane.

Kit voltou para ela um olhar *daqueles*, indecifrável e penetrante. Ela entendeu o motivo como uma chibatada gelada.

Nosso Pacto.

Eda pedira sua ajuda para encontrar o Portal; ali estava. Significava que tinha acabado. O acordo estava cumprido. Talvez o ar adoentado de Kit tivesse mais a ver com isso do que com o restante.

Os anos dela agora pertenciam a ele.

Os dois se encararam. Nenhum deles diria a verdade em voz alta.

— Vou ficar bem até você voltar — disse Eda, fraca. — Estou com o manto.

Kit aceitou a mudança de assunto.

— Você pretende entrar em contato com Baelion. Hoje.

— Eu… sim. Talvez não tenha outra oportunidade. Você sabe.

Sem anos suficientes para oferecer, e com a colheita se aproximando, Eda esperava que o sr. Night aceitasse reencontrar os Shaw nos dias seguintes. Para aceitar a última parcela. Aquela era sua única chance de perguntar. Quando as

Espadas chegassem, o espelho estaria perdido para sempre.

Kit ficou sério.

— Você ainda não me explicou como pretende arranjar esses últimos anos para ele.

— Ben está disposto a oferecer dez anos da própria vida. Espero darmos outro jeito antes, mas, se não…

Ele se aproximou, os olhos brilhando.

— Então o tolo do seu irmão deveria estar aqui no seu lugar. Seu acordo com Baelion poderia terminar hoje mesmo.

— Ben *não* está aqui — respondeu Eda —, mas eu estou. O sr. Night claramente não pretende nos ajudar a cumprir nosso Pacto, mas também não pode nos impedir. Se eu desejar organizar o pagamento da última dívida, ele honrará o combinado.

— Você não pode confiar na palavra dele.

— Eu confio na ambição dele. Todo demônio é ambicioso, não foi o que você disse? Conheço ele o suficiente para saber que prefere receber esses dez anos a perdê-los. Ele não ganha nada ao me negar isso.

Kit não tinha argumentos para refutá-la.

— Vai. Você não precisa estar aqui quando eu chamá-lo.

O anel de rubi dele estava frio na mão que ela apertava. Esconderia a presença de Kit do sr. Night, e parte dela queria que ele o usasse — que insistisse em ficar ali perto. Será que ele ficaria? Se ela pedisse?

Mas Kit apenas endireitou os ombros e assentiu em silêncio. Ele se afastou. Atordoada, Eda o observou partir. *Nosso Pacto terminou. Ele não precisa voltar.*

Depois de três passos, ele parou. Seus ombros murcharam. De repente, Kit deu meia-volta e se aproximou de Eda a passos largos, o rosto contorcido pela tortura da entrega.

O beijo foi feroz. Faminto. Eda não podia fazer nada além de se erguer para encarar o ataque. Não era nada como os toques delicados e ávidos de antes. Aqueles eram como súplicas, beijos doces e inebriantes para convencê-la de algo. Ali, a boca de Kit na sua era um gesto desesperado. *Exigente*. Garras percorreram seu cabelo. Ele se aproximava a cada beijo, como se quisesse, de algum modo, chegar mais perto do que a pele permitia. Eda fechou os punhos na túnica dele, temendo se perder. A brisa, as folhas caídas e o luar atento desapareceram. Por um momento, não existia nada além dos pontos em que eles se tocavam.

Ela recuou, ofegante. Kit a seguiu, as pálpebras semicerradas, hipnotizado, capturando sua boca outra vez. Ele se transformara sem ela notar — talvez nem

ele mesmo notasse. Pele cinza, chifres compridos. Olhos ferozes e brilhantes como magma. Vê-lo despertava em Eda uma vontade de derrubá-lo ali mesmo, mas seu bom senso venceu.

Eda acariciou o rosto dele.

— O que foi isso? — sussurrou, confusa.

Ele a encarou como se nunca a tivesse visto antes.

— Nada — murmurou. — Tudo.

Com esforço visível, Kit se afastou dela, claramente tentando recobrar algum grau de autocontrole.

— Eu voltarei, *mir'han* — declarou.

Ele se foi em uma revoada de plumas, antes que ela pudesse perguntar o que significava *mir'han*.

Sozinha, de costas para o mausoléu que se abria como uma bocarra sombria, Eda reuniu coragem.

Ela levou um momento para se ajustar à escuridão do lado de dentro. As janelas minúsculas do clerestório deixavam entrar pouca luz, suficiente apenas para destacar os traços mais básicos do ambiente. Não havia muito a enxergar no lugar. Um chão pavimentado, paredes caiadas. Inscrições em weslita antigo percorrendo a cornija descascada, incompreensíveis na penumbra.

Não havia nada ali, exceto por uma grande sepultura de pedra destacada no centro do espaço. A efígie reclinada de São Leórico fora esculpida na pedra pálida da tampa. Eda se aproximou, notando a barba bifurcada distinta e a mortalha ondulante. Ele tinha uma das mãos espalmadas no peito, e a outra estava virada para fora em sinal de tranquilidade.

Distraída com os pigmentos rosados e azuis, ela quase não notou que a tampa estava ligeiramente torta. Restava uma fresta estreita e inclinada entre a cobertura do sarcófago e seu conteúdo, do tamanho necessário para enfiar os dedos.

Eda prendeu o fôlego, pois a pedra estava riscada, como se tivesse sido arranhada. Ela pensou nas garras afiadas dos mastins. *Então é aqui que ele o guarda.*

Eda passou a mão pelas marcas frias e ásperas. Firmando os pés, tentou acalmar o coração acelerado. Então, empurrou.

A tampa se deslocou, mas devagar, com dificuldade. Ela grunhiu de esforço. *Deveria ter obrigado Kit a fazer isso para mim.* Ela precisou parar para descansar duas vezes, mas, finalmente, chegou ao ponto de não conseguir mais empurrar sem derrubar a efígie no chão. Ofegante, Eda se levantou para olhar.

Onde deveriam repousar eternamente os ossos do padroeiro, um espelho preto e insondável se escancarava como um buraco diante dela. O

reconhecimento a fez estremecer. Eda se segurou nas beiras da sepultura, como se corresse o risco de cair ali dentro. O luar translúcido mal revelava as serpentes sibilantes e as flores espinhentas que adornavam a moldura do espelho, mas o cavalo de presas afiadas chamou sua atenção no mesmo instante. Sempre fora um dos relevos mais perturbadores; no entanto, tinha passado a lembrá-la de Kit.

Eda se sentiu enjoada, com o estômago embrulhado. Estava ali. Ela o encontrara.

Mas será que ele virá?

Cautelosa, ela esticou a mão e tocou a obsidiana lisa. Estava morna como sempre, como se tivesse sido deixada sob o sol do meio-dia.

— Sr. Night. Eu o invoco.

Depois de uma breve hesitação, acrescentou:

— *Por favor.*

Temia que o espelho não fosse reconhecê-la. Que o tempo de distância e a interferência de Florian os tivesse transformado em desconhecidos. Porém a superfície ondulou de imediato sob seus dedos, na textura familiar de piche.

Eda suspirou de alívio, então se tensionou.

Vozes.

Ela se virou para a porta. *Não. Agora, não!*

O pânico fez seu coração acelerar violentamente. Ela deu a volta no sarcófago e se encolheu atrás dele, abraçando os joelhos. Um segundo depois, a porta se escancarou com um baque. Eda cobriu a boca com a mão. O sangue pulsava em seus ouvidos. *Merda.* Era óbvio que alguém tinha estado ali — ou ainda estava. E ela não tinha para onde fugir.

Silêncio. Então, uma voz que ela detestava mais do que qualquer outra:

— Não me obrigue a *arrastá-la*, srta. Shaw. Seria humilhante apenas para você.

Ele saiu do jardim. Eu vi quando ele foi embora. Eda fechou os olhos com força. O manto. O manto a esconderia. Talvez só olhassem rapidamente pelo espaço. Se ela ficasse imóvel, quieta…

Fane suspirou.

— Capturem ela.

Eda perdeu o fôlego. Passos ecoaram pela câmara apertada. Ela puxou a faca bem quando sombras a cobriram: vestes brancas e marrons, o reflexo de uma espada, mãos esticadas.

Ela saltou.

Eda acertou a mão mais próxima com a faca e recebeu um palavrão em troca. Quatro homens a cercavam, todos vestidos como clérigos. Todos armados. Ela

nunca vira homens da Fé empunhando armas como soldados, mas talvez eles não fossem sacerdotes.

Ela atacou os rostos ao redor outra vez. Um soco na barriga a fez se encolher de dor e tossir de choque.

Eles a levantaram com um puxão, um homem para cada braço. Outro ergueu uma besta, que manteve mirada nela enquanto a arrastavam de trás do sarcófago para largá-la aos pés de Fane como um cordeiro ao sacrifício. De joelhos, Eda praguejou, aos prantos, enquanto engasgava, segurando a barriga dolorida. Ela se forçou a olhar para ele com ódio.

Fane levou um momento para fixar o olhar nela. Ele pestanejou.

— Truque esperto. Foi você quem fez essa capa? Talvez você seja mesmo uma bruxa.

Ele fez um gesto e os homens arrancaram o manto de seus ombros. Dois deles se postaram à porta atrás de Fane, segurando as facas ocultas.

— Você é ainda mais herege do que eu imaginava — chiou Eda. — Perturbar um padroeiro e disfarçar mercenários de Fiéis? Se já não estivesse soltando monstros em cima de crianças inocentes, eu ficaria chocada.

O sorriso de Fane ficou tenso. Ele tocou o anel dourado.

— Que ratinha enxerida você é. Atrevida também. Pensou mesmo em fazer acordos com homens como Severin Lich para me passar a perna? Isso é uma ofensa, na minha opinião, mas ele pareceu achar graça.

O sangue de Eda gelou. Lich… e Fane?

Não. Não faz o menor sentido. Lich quer o espelho!

— Ele contou para você que eu estava procurando o espelho?

— Bem a tempo, ao que parece. Você é rápida.

Eda ficou zonza. Então Lich não tinha intenção de buscar o Portal, e provavelmente não haveria ninguém esperando por Kit no Cavaleiro e Calaceiro. Lich optara por alertar Fane do plano de Eda, dando ao bispo a chance de proteger o Portal. Mas por quê?

— Não tem por que ficar tão confusa, srta. Shaw. Você não é tão esperta quanto imagina.

Ele se agachou e segurou o queixo dela, agressivo. Eda resmungou, chocada, e tentou se desvencilhar, mas o homem com a besta a cutucou em alerta.

— Quando seu demônio voltar para você, sua puta, estaremos à espera.

Eda sentiu um aperto no peito. Ela lembrou, enfim, que o sr. Night oferecera vantagens a Fane se ele matasse Kit. *Pense, Eda, pense!* Lich podia ser uma causa perdida, mas se ela mantivesse Fane ali por mais tempo, Tenelle poderia prendê-

lo.

— Você não conseguiria matá-lo nem se tentasse — sibilou ela.

— Ah, discordo. Até demônios têm medo de mastins, que eu saiba, e esses bichos respondem às minhas ordens.

— Com poder que não é seu — retrucou Eda, cerrando os dentes. — Você *me* chamou de puta, mas aposto que você empinaria a bunda assim que o sr. Night pedisse…

O tapa arrancou o ar de seu peito. A bochecha dela ardia de dor, mas Eda gargalhou dele. *Parece que cutuquei a ferida.*

Os olhos azuis de Fane estavam arregalados de ódio. Ele levantou a mão outra vez.

Garras o seguraram pelo pulso. Fane se sobressaltou, chocado.

Os olhos do sr. Night eram exatamente como ela se lembrava, frios e brilhantes como mercúrio.

— Olá — murmurou o demônio —, querida Eda.

Vinte e cinco

ELA QUERIA DIZER TANTAS COISAS — *como você pôde fazer isso, por quê, você não sente nada por mim?* —, mas as palavras lhe escaparam assim que o sr. Night se agachou e secou suas lágrimas. Os dedos dele eram quentes, apesar dos tons invernais de sua aparência.

Ela foi jogada violentamente de volta ao passado. Um quarto escuro, um sorriso misterioso.

Vai ficar tudo bem.

Promete?

Tenho certeza.

— A garota fez um Pacto com o mesmo demônio que você busca — disse Fane. — Ele voltará para o lado dela, entendeu? Eu *encontrei* ele.

— Quem me convocou, no entanto, foi ela — retrucou o sr. Night, com um olhar de esguelha. — Não você.

O bispo cerrou os dentes. Atrás dele, os guardas recuaram para além da porta, arregalando os olhos.

— Que diferença fazem as intenções dela? Talvez ela o tenha convocado para implorar por sua vida miserável.

— Creio que não. — O sr. Night olhou para o rosto corado de Eda. — Soltem ela.

Os dois homens que a seguravam obedeceram. Eda massageou o pescoço, de onde o manto fora arrancado. As palavras subiram por sua garganta como um vento gélido:

— Como você pôde nos trair assim?

O mausoléu ecoou com seu rancor. Todos pareceram surpresos pela acusação,

exceto o próprio acusado.

O sr. Night permaneceu impassível.

— Não traí.

— As Espadas capturaram Ben e Lawrie, e quase me levaram também. Você nem tentou impedir!

— Eu nunca interferi.

— Você me revelou no porão!

— Você própria se revelou.

Ela cerrou os punhos no colo, querendo bater nele.

— Passamos *anos* protegendo o espelho, trazendo suas vítimas. Em troca, deveríamos ter sua proteção.

— Vocês *estão* protegidos… de mim — respondeu o sr. Night, ajeitando um cacho atrás da orelha dela. — Eu não levantarei um dedo contra vocês enquanto estiverem a meu serviço. Florian Fane tampouco tem permissão para matar você ou seus irmãos.

— Ele soltou os *seus* mastins em cima de Lawrie.

O sr. Night contraiu a boca.

— Soltou?

— Foi um acidente — explicou Fane, apressado. — Resultou em uma mera ferida superficial.

— Ele está doente — retrucou Eda. — Corre o risco de perder a perna!

— Reze para seu falso deus para que Lawrence Shaw se recupere, bispo. Se ele morrer, nosso acordo será invalidado.

Fane empalideceu. O sr. Night o ignorou e passou um dedo pelo queixo de Eda. Com aqueles olhos prateados e a cascata de cabelo branco como neve, era fácil achá-lo completamente diferente de Kit. Porém, sabendo onde procurar, havia *certas* características que os marcavam como irmãos: a curva dos lábios, as sobrancelhas finas, o maxilar definido. A verdadeira cor de seus olhos.

— Eda — disse ele, com uma expressão mais suave, solene. — Você não entendeu. Não fui sempre honesto? Não compartilhamos sempre nossas verdades? Eu sou assim, e você sempre soube disso. Minha natureza exige que eu alimente minha ambição sem fim. Florian Fane causou sua dor, não eu.

Ele inclinou a cabeça e acrescentou:

— Eu não temi por você. Você é diferente dos outros: não é covarde, impulsiva, imprudente de tanta ganância. Se alguém poderia enfrentar probabilidades impossíveis, seria você, doçura. E veja só! Aqui está. Tão perto de vencer o bispo em seu próprio jogo.

Uma veia saltou na testa de Fane.

Eda parou de respirar quando o sr. Night se curvou, encostando o nariz em seu cabelo.

— Mesmo que tenha precisado da ajuda de meu parente — disse, apertando o queixo dela. — Eu *sinto o cheiro dele em você*.

Eda permaneceu imóvel.

— Kit… Kit'rath concordou em me ajudar a libertar Ben e Lawrie. Nosso Pacto terminou.

Ela não mencionou o espelho.

— É mesmo? Meu irmão finge admirar a humanidade para além dos anos que oferece, mas ele aceitou os seus sem reclamar, não foi? — murmurou ele, roçando a boca na orelha de Eda. — Ele sorriu para você? Fez você rir? Ele sempre foi um *charme*.

Eda engoliu em seco.

— Kit'rath pode até ter concluído o Pacto, mas não se cansou de *você*. Será que virá? Me enfrentará em seu nome? — Ele se levantou, sorrindo. — Duvido.

Não venha, implorou Eda em silêncio, ignorando a dor interna que a fazia esperar que Kit viesse.

— Sr. Night, eu o convoquei pois desejo pagar nossa dívida…

Nesse momento, houve uma comoção na porta. Um dos guardas de Fane entrou.

— As Espadas estão chegando, senhor. Um contingente entrou no jardim.

— Como assim? Quantos são?

— Uma dúzia, no mínimo.

O bispo voltou o olhar furioso contra ela, com manchas vermelhas nas bochechas.

— Sua filha da puta — disse ele, avançando, mas o sr. Night o deteve com a mão esticada. — Ela… ela os trouxe aqui! Se me encontrarem com o Portal, eu estarei condenado, e você nunca receberá os anos que prometi…

— Que problema, realmente — disse o demônio, cruzando os braços atrás das costas. — Como você pretende virar o jogo a seu favor?

Fane hesitou.

— Não há tempo para mudar o Portal de lugar.

— É o que parece.

Fane seria pego em flagrante. Parecia inevitável. Entretanto, ao olhar novamente para Eda, uma expressão astuta atravessou seu rosto, dando a ele um ar vulpino na penumbra. Ele hesitou antes de girar o anel dourado no dedo.

O ar estremeceu. Um barulho veio do caixão de São Leórico, de arranhões e de algo farejando. Momentos depois, uma pata retorcida com garras afiadas surgiu acima da beirada.

O coração de Eda parou quando um mastim se ergueu do sarcófago, observando os arredores com os olhos pretos; a efígie da tampa tombou. As vértebras do monstro ondulavam sob a pele como um verme rastejante quando ele se jogou no chão. Então, outro mastim surgiu. E um terceiro.

O sr. Night apenas levantou a sobrancelha ao ver as criaturas monstruosas se arrastando ao redor.

— Entendi. Pretende botar a culpa nela, então?

Eda se encolheu contra a parede, aterrorizada.

— A culpa de quê?

Fane fez uma careta.

— Disso.

Com um simples gesto da mão, os olhares famintos dos mastins se voltaram para os homens de Fane, que sabiamente recuaram na direção da porta. Então, os monstros avançaram.

Eda cobriu a cabeça quando eles passaram às pressas. Sentiu a brisa do movimento, o tremor na pedra e o fedor de carniça. Os mastins dispararam pela porta como cães de caça, rosnando e babando de ânsia. Os homens gritaram. Eda tentou se proteger do som — do tilintar de lâminas e dos ruídos molhados de carne sendo rasgada. Do estalido de ossos se quebrando. Algo de enjoativo e metálico inundou o ar.

Ele está matando os próprios homens.

O sr. Night estava imóvel como mármore. O massacre se refletia em seu rosto em uma dança de sombras e luar revoltos enquanto ele observava a cena, fascinado.

Logo, os gritos cessaram. Os rosnados se transformaram em respirações guturais e barulhos grotescos de mastigação molhada. Foi então que Eda ouviu o tilintar de cota de malha. *Ordem da Espada.*

O sr. Night contraiu a boca.

— Se meu espelho for destruído, Florian Fane, você deverá encontrar outro. Eu não viverei sem uma passagem para sair deste mundo miserável.

Fane olhava para os monstros famintos do outro lado da porta. Ele assentiu.

O sr. Night olhou diretamente para Eda.

— Não tema, minha cara. Quando chegar a colheita de outono, quitaremos sua dívida.

Ela só pôde olhar, boquiaberta, enquanto ele adentrava as sombras no fundo do mausoléu e desaparecia. Tinha partido, mas para onde? Ele abandonara o espelho, mas não podia deixar aquele mundo sem o Portal.

Por quê? Por que ficar deste lado?

Fane era uma sentinela sombria na porta. Do outro lado, tochas acesas bruxuleavam como vagalumes. Ele puxou uma adaga fina, o mesmo punho de marfim que tinha visto no ritual no Grande Templo. Eda ficou tensa, mas ele apenas usou a faca para cortar a própria bochecha, chiando. Sangue brotou.

Pretende colocar a culpa nela, dissera o sr. Night.

— Por que você está fazendo *isso*?! — gritou ela. — Se você acredita mesmo no Senhor, não pode cometer tais atrocidades!

— Mas eu acredito, *sim*. Ouvi a voz Dele quando era menino. O padre Sturnmoss me batia, dizia que era presunção minha, mas eu O *ouvi*. Ele me amava, mesmo que ninguém mais me amasse — respondeu Fane, olhando para o próprio sangue na faca que jogou para longe. — Este país transborda de pecadores. Ele *me* escolheu para guiá-los, e é isso que eu devo fazer. O fim justificará os meios.

Eda se esticou para pegar a faca, mas Fane foi mais rápido; ele a chutou para o lado, rosnando, e a puxou pelo cabelo. Ela chiou como um gato de rua e agarrou o colarinho dele, puxando o bispo até ele perder o equilíbrio e cair de joelhos. Em seu terror animalesco, ela se transformou em uma fera irracional — e mordeu a orelha dele.

Fane urrou. A boca de Eda se encheu de sangue. Ele a empurrou para longe, e ela cuspiu o sangue no chão enquanto ele se levantava, tropeçando e ofegando.

— *Puta*.

— Olha só quem fala.

Eda só entendeu o plano de Fane quando ele partiu de repente. Ela se ajoelhou e o viu sair correndo para além dos mastins e dos corpos espalhados na trilha de cascalho. Quando ele tropeçou, era difícil saber se era de propósito.

Ele caiu aos pés de Martine Tenelle.

— Coman… comandante! — gritou, agarrado na barra da farda dela. — Comandante, ela está aqui! A menina Shaw! Ela tem um Portal… e massacrou meus homens! — Ele apontou para o mausoléu com a mão trêmula. — Olhe!

Simultaneamente, os três mastins abriram as bocas ensanguentadas. Eles encararam a muralha de Espadas que protegia a retaguarda de Tenelle, e arranharam o cascalho, ansiosos. Como se o banquete de carne já devorada não fosse nada.

As criaturas saltaram, rosnando, para enfrentar as lâminas de prata.

A briga foi breve, mas sangrenta. Por mais temíveis que fossem os mastins, as Espadas eram simplesmente numerosas demais, e os dominaram. A própria Martine Tenelle enfiou sua arma entre as escápulas do terceiro mastim com um grito, os dentes à mostra. O bicho se debateu e tentou arranhá-la, mas ela apenas girou a lâmina até ele parar de se mexer.

Tenelle não parou para respirar. Ela arrancou a espada, cintilando com icor preto, do dorso da criatura e a apontou para Eda.

— Saia daí com as mãos para o alto.

Dois guardas apontaram as bestas para a porta do mausoléu.

Não havia o que fazer além de obedecer. Eda saiu, então viu a escala da carnificina dos mastins: cartilagem esmagada, cérebro despedaçado, um pedaço comprido de intestino parcialmente digerido largado como uma cobra sangrando no chão. Um dos corpos tremeu, e foi possível ouvir som esganiçado e sôfrego de agonia — o rosto do homem tinha sido esmagado, e ele mais parecia um amontoado de vísceras do que uma pessoa. Porém ainda estava vivo.

Eda ficou enjoada.

— Eu não fiz isso.

Tenelle a ignorou. Com um movimento ágil e preciso, ela abaixou a espada pela segunda vez, atravessando o coração do homem. Ele se calou.

— Eu *não* fiz isso — repetiu Eda. — Foi obra do bispo Fane. Tudo isso foi obra dele. O Portal, as criaturas…

— Que os santos nos acudam! — gritou Fane, fazendo uma pose teatral enquanto se segurava em uma Espada como se estivesse prestes a desmaiar. — A menina tem língua de serpente. Meus próprios homens foram massacrados, e ela ousa *me* acusar? — questionou, apontando para o próprio rosto machucado. — Ela mesma tentou me atacar!

— E o senhor, bispo Florian? Por que estava aqui com seus Fiéis, na calada da noite… — questionou Tenelle, cutucando a espada de um dos sacerdotes mortos. — Armados?

— Eu a vi — respondeu Fane, sem hesitar. — Estes bons clérigos insistiram em me acompanhar para confrontar a bruxa, e eu pedi que trouxessem proteção. Não adiantou.

Era impressionante que a voz dele oscilasse assim. Como se aquelas mortes realmente o abalassem.

Tenelle ficou em silêncio.

— Comandante — sussurrou Eda, quebrando o silêncio —, por favor, me

ouça. Você *sabe* que fui eu que mandei notícias para Wolfram. Eu a trouxe para cá.

Tenelle se aproximou. A mulher era realmente muito alta, uma presença digna de seu título, elevada como sua posição. Estava segurando a espada no cascalho como um cetro.

— O alto-governador me informou de sua intenção de provar sua inocência — disse em tom baixo, para que apenas Eda a ouvisse. — No entanto, não foi Wolfram que me enviou aqui esta noite. Seu recado nunca chegou a mim.

Os pensamentos de Eda se dissiparam como folhas ao vento.

— Como assim? Mas… quem foi?

— Severin Lich — respondeu Tenelle, contraindo a boca. — Uma estratégia para ganhar prestígio com a Ordem, sem dúvida. Ele tem influência sobre muitas figuras poderosas na cidade, e este último gesto de *bom cidadão* tornará ainda mais difícil fazê-lo enfrentar a Justiça.

Eda a encarou.

Lich alertara Tenelle e as Espadas. Contudo, também alertara Fane. Ele mandara os dois para lá. A única pessoa que ele não avisara…

Sou eu, percebeu ela, atordoada. *Ele queria que me prendessem*. Eda tentara colocar Lich contra Tenelle, mas Lich enxergara sua estratégia. O homem usara contra ela sua própria trama, e ali estava seu castigo: pega em flagrante na cena do crime. Entretanto, isso ainda não respondia por que ele estava disposto a deixar as Espadas descobrirem o espelho. Lich o queria para *si*. Ele não sabia que iam destruir o Portal? A captura de Eda e o respeito de Fane não podiam valer tanto assim.

Ela sentiu os pulmões apertados e encolhidos. *Cadê Kit?*

— Vasculhem o mausoléu — ordenou Tenelle.

Os soldados dela invadiram o ambiente escuro.

— Está aqui! — gritou um deles. — O Portal!

Tenelle começou a amarrar os pulsos de Eda.

— Comandante…

— Você pode ter firmado um Pacto com um demônio, mas alega que o mal mais grave foi causado pelo bispo, assim como Wolfram. Eu tendo a acreditar nisso.

Eda sentiu um alívio no peito, mas Tenelle continuou:

— O problema, *srta. Shaw*, é que você não deu notícias a Wolfram hoje, como prometeu. Lich me alertou primeiro. Agora, encontro o bispo e quase todos os homens massacrados, e você é a única ilesa.

Ela terminou de amarrar Eda e puxou a corda até doer.

— Não tenho opção além de apreendê-la, na falta de um culpado mais evidente — concluiu, dando a volta.

Eda respirou fundo, trêmula.

— Peço para que confie em mim.

— Não confio.

— Imagino que pedir para que tenha *fé* seria óbvio demais.

Uma risada irônica.

— Então confie em sua intuição, comandante — insistiu Eda.

— Intuição não basta para condenar ninguém.

— O bispo está armando contra mim — sibilou Eda. *Preciso fazer com que ela enxergue*. — Quando soube que você viria, percebeu que seria pego, então ordenou que os mastins atacassem seus próprios homens.

— Eu não duvido mais da capacidade dele — admitiu Tenelle, voltando os olhos escuros para o homem em questão. — No entanto não tenho provas e, evidentemente, você também não. Você é uma mulher procurada, culpada de negociar com demônios. Isso é inegável.

Se Tenelle fosse jogá-la nas masmorras, que assim fosse, mas, *pelo amor dos santos*, Florian Fane deveria ir também!

— Você não vai fazer nada? Esses ataques não cessarão enquanto Fane continuar impune.

Tenelle contraiu a boca.

— O Conclave dos Clérigos ocorrerá no Grande Templo daqui a três dias. O Patriarca nomeará um novo clérigo-chefe, que herdará a liderança quando ele falecer. Ouvi dizer que, em resposta às *grandes obras* do bispo Fane aqui em Blackbridge, é ele o favorito.

Ela puxou Eda pelo colarinho da camisa e a arrastou na direção dos outros guardas, e Fane as observava com atenção.

— Se tiver alguma ideia esperta para condenar um homem desses — continuou Tenelle —, sou toda ouvidos.

O pavor enregelou Eda como os galhos de uma árvore nevada. Era claro. *Claro* que era aquela a ambição de Fane: se tornar clérigo-chefe. Ele dera a entender aquilo ao falar do Conclave quando chegara em Blackbridge. Kit também a alertara. *Os poderosos chegaram onde estão pensando apenas em si.*

Tanto horror, tanta morte… por quê? No porão dos Shaw, Fane falara apenas sobre seu desejo de guiar os Infiéis, de buscar o bem maior. Mas ele nutria aspirações mais mesquinhas. Se estivesse mesmo iludido, acreditando em uma

fantasia zelosa que dizia que ele era o guerreiro digno do Senhor, era apenas para justificar sua própria ganância mortal. Que ironia que um homem que exaltasse misericórdia e honra pudesse ter tão pouco de ambas as virtudes.

Se os outros clérigos votassem nele, o caminho de Fane ao poder estaria garantido. Dali a meros três dias.

Na colheita de outono.

Kit, cadê você? Ela estava prestes a desmaiar com a ideia de que algo terrível havia acontecido com ele, ou, igualmente doloroso, *Ele me deixou*, quando um lampejo claro como o luar brilhou na escuridão.

Sr. Night. Ele se mantinha ligeiramente afastado, na sombra de uma árvore inclinada, e imóvel, exceto pelo cabelo tremulando na brisa. Ninguém mais o notou. Ele dirigiu a Eda um sorriso discreto, quase carinhoso, enquanto ela era arrastada como um cachorro malcriado.

Maldito.

De repente, ela entendeu. O sr. Night esperava para ver se Kit realmente voltaria para ajudá-la. Porém Kit não era tolo de se revelar assim. Eda procurou sinais dele, mas era impossível identificar um metamorfo na escuridão. Se ele estivesse ali, mantinha distância. Será que simplesmente observaria caso decidissem matá-la?

Eda sentiu um aperto no peito, vazio como uma concha na praia.

Enquanto olhava para a provocação atrevida do sr. Night, tão calmo diante da possibilidade de perder seu querido Portal, os pensamentos dela vacilaram, empacados como uma roda na lama. O sr. Night disse a Fane que se o espelho fosse destruído, esperava que encontrasse outro. Ele não estava preocupado… porque *existia* outro Portal em Blackbridge.

Lich tem um.

Era por isso que Lich tinha enviado Tenelle para lá. Ele nunca quisera ter o espelho — apenas garantir que mais *ninguém* o tivesse. Caso a Ordem da Espada o destruísse, ele teria o único Portal em Blackbridge. Talvez em toda Wesland. E Fane seria forçado a usar o de Lich. O bispo teria que pagar a Lich sempre que quisesse usá-lo.

Os pensamentos de Eda aceleraram.

— Comandante — disse ela, pelo canto da boca —, preciso falar com você. Em particular.

— Não há nada a dizer.

— *Por favor.* Se tiver qualquer interesse em deter esses ataques, me dê um momento antes de me jogar em alguma cela escura. Um só.

Tenelle a olhou de soslaio. Elas pararam diante de Fane.

— Bispo Florian — disse a comandante —, o senhor passou por uma imensa provação. Mas deve recuperar as forças que lhe restam e permitir que meus homens o escoltem até o forte Fell. Todos os envolvidos nesta situação devem ser interrogados.

Fane abaixou a cabeça.

— É claro. E o Portal?

— Será levado sob nossa custódia.

Tenelle observou o rosto dele, mas a breve carranca do bispo desapareceu como sombras passageiras.

— Fico feliz. Tais artefatos profanos podem nos arruinar. Agradeço muito por seu serviço, comandante. Salvou minha vida.

Eda não via motivo para se conter.

— Você é um monstro covarde e, mais cedo ou mais tarde, todos saberão disso.

— Um agouro futuro, será? — perguntou Fane, semicerrando os olhos. — Como uma *bruxa* diria.

— Já chega. Guildford, William: escoltem o bispo até o forte. O restante de vocês, proteja o Portal. A garota disse que precisa mijar. Vou levá-la.

Eda olhou para Tenelle.

— Alguém deveria acompanhá-la, comandante. Outras criaturas podem vir ajudá-la.

— Não irei longe, Guildford. Prefiro que a srta. Shaw não esteja fedendo a penico quando eu prendê-la.

O tom dela não dava margem para discussões, e nenhuma ocorreu. Tenelle embainhou a espada, pegou a tocha com uma das mãos e a camisa de Eda com a outra, arrastando-a pela trilha lateral, protegida pelas árvores. Eda estava quase sufocada de alívio. *Ela me escutou.*

Quando as Espadas sumiram de vista, Eda foi puxada para longe do cascalho, passando por canteiros e indo até uma fileira de bétulas prateadas.

— Passamos por vários lugares para mijar com privacidade — comentou Eda.

Tenelle a virou de frente.

— Você tem um momento. Seja rápida.

Eda lambeu os lábios.

— Florian Fane é o responsável pelos mastins, comandante. Ele usa o ritual sagrado como disfarce para recolher anos. Sei que a Ordem da Espada é a mão direita armada da Ordem da Fé, mas você deixará que isso a impeça de olhar para

dentro? Monstros também podem se disfarçar com batinas.

— É o que dizem você e o alto-governador.

— É seu dever jurado, não é? Proteger as pessoas desta cidade?

Os olhos de Tenelle brilharam.

— É, e eu as protegerei. Reconheço o cheiro de ameaça, e o bispo *fede*, mas acusá-lo agora é inútil. Se não tiver nada de útil a sugerir…

— Você está certa. A culpa dele deve ser provada sem deixar dúvidas. Podemos fazer isso se me deixar ajudar.

— Como?

— O Conclave dos Clérigos que você mencionou. Vamos expor ele lá, diante do próprio Patriarca.

Dali a três dias.

Tenelle a olhou, fria.

— Fale mais.

O coração de Eda acelerou.

— Você sabe que Severin Lich tem um Portal, não sabe? Se destruir o que encontrou hoje, o dele será o último em Blackbridge, talvez até em toda Wesland. Fane será obrigado a usar o espelho de Lich. No mausoléu, o senhor… o *demônio* com quem Fane negocia disse que espera que ele encontre outro Portal. Fane *precisa* do Portal — disse ela, respirando fundo para organizar os pensamentos. — Mas e se o espelho de Lich também fosse destruído?

Tenelle semicerrou os olhos, aguçados como os de um gavião.

— Florian teria que enfrentar a ira do demônio.

— *Isso*. Elimine primeiro o espelho de Lich, e poderemos ameaçar Fane com a destruição do outro. Talvez ele tema a raiva do demônio o suficiente para confessar diante de qualquer acusação, bem no meio do Conclave.

— E se ele não confessar?

— Então… o demônio, *Baelion*, virá proteger o que lhe pertence. Tenho certeza. Será muito mais difícil para Fane explicar sua presença.

Tenelle recuou um pouco, analisando o rosto de Eda.

— Se fosse fácil assim apreender o espelho de Lich, eu já teria feito isso. O subterrâneo é difícil de navegar, e os sócios mais *influentes* dele nos impedem de investigar dentro dos limites da lei. Não temos provas de que ele tem um Portal, embora seja do conhecimento de todos.

Eda se preparou. Tentou não pensar em mais uma barganha enlaçando seu pescoço como uma coleira.

— Eu conheço caminhos subterrâneos. E acho que sei onde Lich esconde o

espelho — afirmou, pensando na tapeçaria que balançava ao vento: um unicórnio atravessando a floresta verde. — Eu mesma o encontrarei. Tenho um demônio para me ajudar.

— O demônio que *massacrou meus homens*, provavelmente? — perguntou Tenelle, contraindo a boca. — Eu destruiria essa criatura maldita, com todos seus semelhantes cruéis.

Eda fez uma careta.

— Seus homens o atacaram primeiro.

O silêncio de Tenelle era pesado.

— E, em troca dessa ajuda, suponho que queira sua liberdade.

— Para ajudar, *preciso* da minha liberdade.

Elas trocaram um olhar carregado, uma medindo a outra.

Algo se mexeu nos galhos de uma bétula. Eda olhou, sobressaltada. Um enorme corvo preto estava empoleirado ali, seus olhos cintilando como pérolas alaranjadas à luz da tocha da comandante.

O coração dela disparou. Ela se forçou a desviar o olhar.

Tenelle respondeu:

— Certo. Os termos são esses: você me encontrará aqui, daqui a dois dias, na véspera do Conclave dos Clérigos. Ao pôr do sol. Eu trarei o necessário para destruir o Portal de Lich. — Ela puxou as amarras de Eda. — E, no Conclave, prepararemos nossa armadilha. — A corda caiu. — Não me faça me arrepender.

Eda massageou os pulsos doloridos.

— Vai me deixar partir? Agora?

— Direi que seu demônio me pegou de surpresa. Ele a levou, e eu tive sorte de escapar com vida. Uma admissão vergonhosa, mas mais plausível do que você milagrosamente fugir do Forte daqui a dois dias. Tirá-la de lá seria muito mais complexo.

—… Obrigada.

— Estou fazendo isso por Blackbridge, menina. Cumpra sua parte da barganha, e eu garantirei a retirada das acusações contra você. Caso contrário, você morrerá na ponta da minha espada. Isso, eu prometo — disse Tenelle, recuando um passo. — O portão sul ainda deve estar aberto. Siga por ali até encontrá-lo e saia de perto deste lugar. Agora, *corra*.

Tenelle se virou e puxou a espada, correndo de volta pelo caminho que elas tinham seguido, e gritou:

— Homens, aqui! Aqui!

Eda correu.

Vinte e seis

QUANDO EDA FINALMENTE OUSOU PARAR em um beco escuro entre prédios, Kit desceu do céu e se transformou. Ela reconheceu o sussurro delicado que anunciava a mudança sem precisar olhar.

— Eda.

Ela não se virou. Em vez disso, observava a taberna do outro lado da rua. Homens riam alto e se empurravam à luz das tochas. Uma copeira de aparência abatida carregava dois canecos largos, ignorando os assobios com a tranquilidade da experiência. Eda sempre olhara para aquele tipo de cena com desdém. Gastar seu dinheiro suado em cervejarias lhe parecia uma tolice, e vagamente triste. Naquele momento, porém, ela entendia o motivo. A vida era difícil. Para quem não tinha como pagar por diversões melhores, a bebedeira era uma imitação razoável de felicidade.

Cerveja, pelo menos, era barata.

— Demônios ficam bêbados?

— Eda.

— Imagino que vocês bebam coisa melhor do que cerveja aguada. Você…

Ele a puxou pelo pulso e a girou. Kit não passava de um par de olhos brilhando no escuro, mas como eles *queimavam*. Acariciou o rosto dela.

Eda sentiu a boca secar.

— Quem bateu em você?

A voz de Kit era profunda e fria como um lago no inverno. Com o polegar, tocou a bochecha vermelha de Eda, contraindo a boca como se quisesse morder alguma coisa. Ela achou que já o tinha visto enfurecido, mas percebeu, ali, que talvez nunca tivesse testemunhado tanta raiva antes. Ele estava fatalmente quieto.

— Adivinha?

Os dedos dele tremeram em seu rosto.

— Me conte o que aconteceu — pediu ele, após um breve momento de hesitação. — Quando voltei, vi mastins dilacerando os guardas do bispo. O que ele disse para você? O que *Baelion* disse?

Eda ficou séria.

— Você *estava* lá.

— Você está brava.

— Por que estaria?

— Porque eu não a salvei.

— Eu não precisava ser salva.

— É o que parece. Foi um golpe de mestre, realmente, escapar das garras de Tenelle com seus argumentos.

— E se não tivesse funcionado?

Você teria me salvado?

O silêncio dele era ensurdecedor. Eda se esforçou para conter uma onda de vergonha. Ele sentia pena dela? Pensava nela como uma donzela indefesa chorando por seu cavaleiro? Nenhum dos dois combinava com esse papel, e ela se recusaria a dar importância a isso caso Kit não desse.

Eda não podia esperar que ele valorizasse a vida dela acima da própria. Mas isso não diminuía sua dor.

— Eu entendo. Você não enfrentará seu irmão, e por que enfrentaria? Não tem obrigação de me defender — disse ela, desviando o olhar. — Eu nem sabia se você voltaria.

Ele ficou em silêncio por uma breve eternidade. Enfim, hesitante, respondeu:

— Eu procurei Abelard, como planejado. Ele mandou um mensageiro alertar Tenelle. Eu o segui para garantir que o recado chegaria, mas o rapaz não pôde passar nem do portão. A comandante já tinha partido com um contingente da Ordem. Eu voei para o jardim na mesma hora, mas os mastins e as Espadas já estavam em batalha. Baelion estava lá. Eu achei melhor…

Ele se calou. Passou o nó do dedo na capa de Eda, como alguém que estende a mão para um cão arisco.

— Eu não a abandonei — concluiu. — Não a abandonaria.

Não havia mais Pacto que os unisse, e a promessa de Kit só tinha a força de sua vontade. Mas talvez não importasse. *O fato de que ele está aqui já é mais do que eu poderia esperar.*

Eda forçou um sorriso fraco.

— Esse seu anel parece funcionar bem. Ninguém sabia que você estava lá. Só queria que você tivesse outro. Eu perdi meu manto.

Kit se aproximou até ser tudo que ela via.

— Me conte o que aconteceu.

Eda relatou como o bispo a encontrara, zombara dela e a agredira. A expressão de Kit se transformou em um olhar feroz de ameaça que a deixou arrepiada. Ela descreveu como o sr. Night se revelara e prometera lhe dar a oportunidade de quitar a dívida.

— Ele disse que sentia seu *cheiro* em mim. Todo demônio tem sentidos tão apurados?

Em resposta, Kit resmungou. O ar ao redor dele parecia vibrar, ameaçador.

— De modo geral.

— Ele é mesmo forte assim? É por isso que você não o enfrenta?

— Eu nunca consegui derrotá-lo quando era mais novo — disse Kit, contraindo os lábios.

— Mas *agora* você já cresceu.

— E devo arriscar minha vida? Para quê? Não me importo com o ducado.

Eda mordeu o interior da bochecha.

— Acho que você está certo. Não há motivo, a menos que tenha pelo que lutar.

Ele a encarou.

Eda olhou para baixo, remexendo a barra da capa. Ela estava *exausta*.

— É melhor voltarmos. O caminho é longo, e sua forma de cavalo chama atenção demais.

Kit se recompôs.

— Nem que a vaca tussa. Você parece prestes a desmaiar. Vamos descansar aqui por hoje.

Ela piscou, olhando ao redor.

— Aqui?

— É, bem aqui, na sarjeta! Claro que *não*, sua descrente. Vou encontrar um lugar. Já passou da hora de termos aposentos mais confortáveis. Meu cabelo não fica tão bonito se eu não dormir em fronhas de seda.

— Como você tem sido guerreiro.

— Pois é. Vamos lá, namorar as vitrines.

Quando Kit falava de *namorar as vitrines*, era mais literal do que ela imaginava.

Eda esperava na calçada enquanto seu companheiro demoníaco escalava paredes e saltava entre telhados, espiando as janelas sem a menor vergonha. Ela

não sabia como ele conseguia enxergar através do vidro opaco e das camadas de papel engordurado, porém, quando Kit disse, entusiasmado, que tinha um jovem casal transando em certo quarto, Eda teve que supor que ele via o suficiente.

Ela não tinha energia para protestar. Seu corpo pesava como um casaco ensopado. Seus joelhos doíam, resultado de ter sido jogada no chão pelos guardas do bispo. Seu rosto e seu couro cabeludo ardiam. Se Kit pretendia que ocupassem uma casa vazia qualquer, ela já não se importava mais. Invasão de propriedade seria apenas mais uma gota no balde de seus crimes.

Ele parou ao lado dela, convencido.

— Aqui está bom.

Eda recuou para analisar a casa de dois andares com telhado triangular e janelas de mainel. Ali na divisa entre Cannington e Millstead, as ruas eram cheias de moradias bem cuidadas de comerciantes e de lojas voltadas para clientes ricos. Uma área próspera, mas não tão ampla quanto o bairro mais abastado.

Kit escolhera a casa mais elegante da rua, o que não a surpreendia. Tinha um jardinzinho na frente, com madressilvas subindo pela varanda de madeira. Eda permitiu que ele a pegasse no colo e pulasse no balcão, onde já arrombara a porta dupla.

Lá dentro, o ambiente era tão luxuoso quanto o antigo apartamento de Kit. *Certamente menos bagunçado*, pensou ela, seca. Tapetes rakesheses e pinturas nas paredes. Uma lareira com fundo de ferro sob uma cabeça de javali empalhada. Uma besta ornamental ficava em destaque ao lado da porta.

Eles tinham entrado no quarto de alguém, Eda percebeu. Considerando a fina camada de pó nas cadeiras estofadas e no aparador de nogueira, aquele lugar estava vazio havia tempo.

— Não tem ninguém aqui mesmo?

— Não. Eu teria escutado. Talvez o senhor da casa tenha ido com os criados para o interior. É temporada de caça ao veado, afinal.

As coisas que Kit sabia sobre o mundo dela nunca deixavam de surpreendê-la. Eda não entendia nada da vida no interior, nem do que os nobres faziam em seu tempo livre.

Ela passou a mão pela cama. Era um móvel belo, decorado com colunas de carvalho em espiral nas beiradas. Uma colcha ornamentada adornava a cama macia em tons de verde e bronze: cães caçando uma raposa por um prado vasto, com as bocas abertas e famintas.

Ela estremeceu.

— Só tem essa cama?

— Não se preocupe. Não tenho planos de me aconchegar em você de madrugada. — Kit fez uma pausa. — A não ser que você queira.

O que ele faria, pensou Eda, *se eu dissesse que sim?*

— Mas onde você…

— Deve ter um quarto de empregada em uma casa destas, a não ser que façam os criados dormirem no porão ou na despensa. Neste caso, serei obrigado a desafiar você a um duelo pelo direito à cama. Meu cabelo já sofreu o suficiente.

Eda massageou o pulso. Ainda sentia o aperto da corda.

— Você pode… Tudo bem se você ficar aqui?

Ela fez uma careta e fingiu estudar a colcha. Todas as noites desde que sua vida fora virada de cabeça para baixo, ela pelo menos pudera descansar no *Oriana*: um lugar aconchegante e pequeno, com Robin e Velho Miserável por perto. Eda não queria ficar sozinha na casa espaçosa e escura de um desconhecido.

— Não precisa… — acrescentou ela.

— Fico sim.

Eda se virou e, surpresa, o encontrou logo atrás dela.

— Ah. Certo. Você pode… Podemos dividir a cama. *Se* — continuou, ao ver a expressão subitamente animada dele — você ficar por cima da colcha.

— Chata.

Eda se preparou para dormir enquanto Kit acendia a lareira. As chamas subiram, e a luz quente oscilou. Ela estava suja, com o cabelo embaraçado, mas não se incomodava. O cansaço pesava sobre ela como uma âncora. Eda apenas tirou as botas e a capa — a capa que Kit comprara — e a ofereceu para ele, puxando a colcha empoeirada.

— Caso você fique com frio.

Ele observou a capa com uma surpresa silenciosa. Uma expressão carinhosa fez o canto de seus olhos enrugarem.

— *Demônio*, meu bem — respondeu. — Meu sangue é quente.

— Ah. Certo.

Eda deitou debaixo da colcha e se cobriu até o nariz, envergonhada. Kit pegou a capa e a esticou sobre os pés dela, em um gesto estranhamente afetuoso. Então pulou na cama, fazendo Eda quicar.

— Cuidado!

— Que foi?

— Vai quebrar!

— Tenho certeza de que essa cama aguenta movimentos bem mais vigorosos.

Talvez fosse a exaustão. Talvez suas provocações lascivas deixassem Eda mais à

vontade. Qualquer que fosse o motivo, ela riu baixo, e então caiu na gargalhada. Ela cobriu o rosto com a colcha, os ombros tremendo de tanto rir.

— Gostou, foi? — perguntou ele, se esticando e puxando a colcha para olhar, sorrindo ao ver o rosto corado de Eda. — Que tal o seguinte: você já pensou em quantos atos libidinosos esse pobre javali já deve ter testemunhado? Imagine só! Você está chafurdando na terra, cuidando da sua vida, quando de repente alguém atira em você e pendura sua cabeça na parede, e agora você tem que assistir a um caçador branquelo, de pau pequeno, que não consegue dar prazer à amante…

Eda guinchou e cobriu o rosto de novo, às gargalhadas.

— Pare com isso! Você… por que você acha que é pequeno…

— Honestamente, meu bem. Viu o tamanho daquela besta? — sussurrou ele, sério. — O homem tem que estar *compensando* alguma coisa.

Eda gargalhou até chorar. Kit riu baixinho. Finalmente, ela se acalmou, e os dois ficaram deitados, lado a lado, um silêncio tranquilo caindo sobre eles com a leveza da neve. Ela olhou para as vigas do teto. O crepitar do fogo e o cheiro de chuva de Kit rapidamente a levaram à sonolência.

Tateando, Eda procurou a mão de Kit. Escutou sua rápida exclamação de surpresa.

Ele entrelaçou os dedos nos dela, apertando com desejo.

— Durma um pouco.

Ela tentou. Por dois minutos inteiros.

— Kit — sussurrou.

— Eda.

— Me conte o que significa *mir'han*.

Ele parou de respirar. Eda achou que o demônio não fosse responder, até que disse:

— É um… apelido carinhoso.

— Para parentes e amigos?

Cuidado.

— Não. É… — Ele se interrompeu. Engoliu em seco. — Não se preocupe. Durma, meu bem.

Com a mão dele aquecendo a sua, adormecer foi fácil como respirar.

Vinte e sete

EDA NÃO SE LEMBRAVA DA ÚLTIMA VEZ que tivera o luxo de despertar tão naturalmente. Ela estava aquecida e confortável. A luz fraca era tão semelhante com a de seu quarto em casa que ela imaginou ainda estar lá. A qualquer momento, Ben a chamaria para tomar o café da manhã, ou os passos desajeitados de Lawrie fariam sua porta balançar.

Mas, quando ela abriu os olhos, despertando, um javali enorme e peludo a encarava de cima da lareira em brasa. Tudo voltou de uma vez: a ira do bispo, os mastins com seus olhos horríveis e esbugalhados. O cabelo do sr. Night em seu nariz.

Eu sinto o cheiro dele em você.

Kit.

Eda entendeu de onde vinha o calor: um braço forte a envolvera durante a noite, separado de seu corpo apenas pela colcha fina. Ela estava encaixada em seu corpo quente, de costas para o peito dele.

Ela se ajeitou. Kit resmungou, enterrando o nariz atrás da orelha dela, enquanto a puxava para mais perto. Arrepios passaram pelos braços de Eda. *Ele ainda está dormindo*. Ela nunca o vira adormecido.

Com cuidado, ela se virou para olhar.

Kit franziu as sobrancelhas ao notar o movimento dela, mas não despertou. Estava com o chifre pressionado contra o travesseiro, seu cabelo preto e sedoso, amassado pelo sono, e a boca, curvada e entreaberta. Ela notou a ponta de uma presa branca escapando entre os lábios. Os cílios dele tremularam, longos e escuros.

Kit era lindo em repouso, livre de qualquer artifício. Sem sorrisos arrogantes

ou sagazes para se esquivar, o que restava era um rapaz — tão jovial que era quase possível ver o menino que ele fora um dia. As garras e a cauda não disfarçavam isso.

Kit devia estar tão cansado quanto ela, embora não dissesse. Eda duvidava que ele tivesse o hábito de dormir na presença de outros, mas ali estava, dormindo.

— Pare de me olhar assim, sua cretina — resmungou Kit, de repente.

Eda se sobressaltou.

— Eu não estava olhando!

— Estava sim.

Ela bufou e tentou se desvencilhar. Ele não deixou.

Estavam cara a cara quando ele abriu um olho em brasas, a pupila dilatada.

— Pessoas vão para a forca por espiar os outros assim. Depravados, em geral.

A voz rouca de sono dele fez um calor úmido se espalhar pelo ventre de Eda. Ela pigarreou.

— Olha só quem fala. O que você diria que é isso aqui?

Ela cutucou o braço de Kit, que a segurava com firmeza.

— Você exigiu que eu ficasse por cima da coberta. Os termos do acordo permanecem intactos.

— Só um demônio mesmo.

— Hm — murmurou ele, piscando devagar. — Você se opõe?

— A essa intimidade toda? Deveria.

— Só uma humana mesmo.

Ele roçou o nariz no de Eda, e ela estremeceu.

De repente, pensou em como aquela cena era doméstica. Com a luz do dia entrando pelas janelas e os pássaros cantando lá fora, era fácil fingir. Ela se permitiu mergulhar na fantasia: imaginou que aquela casa elegante era sua, que estava deitada na própria cama, com um homem que a amava. Seu marido, talvez.

Eda nunca pensara muito em casamento. Por bastante tempo, considerou o matrimônio inalcançável, isso se sequer o quisesse. Não era, afinal, apenas outro Pacto, um acordo a firmar? Uma oferta de proteção em troca de lar e filhos, uma união de famílias e renda. Ela não gostava da ideia de se amarrar a algo ou alguém novamente.

Era estranho que ali, onde tudo era suave e sonolento como o amanhecer, a ideia finalmente tivesse algum apelo. Ela encarou os olhos brilhantes de Kit. *Não seria tão ruim. Ligar-se a algo por amor, em vez de medo.*

Ela observou o chifre partido dele.

As espécies dos dois eram suficientemente semelhantes, mas suas diferenças

não deveriam ser ignoradas. Robin já a alertara. Seriam os demônios capazes de amar como os mortais? Não apenas por prazer, malícia ou ambição pessoal, mas simplesmente porque o coração assim exigia. Amar algo contrário à razão e acima do sentido certamente seria a maior fraqueza de todas.

Kit relaxou o braço e a soltou. Entre um instante e outro, suas feições mudaram, e ele voltou à aparência mortal — até nos olhos. Ele se sentou na cama e passou a mão pelo cabelo.

Eda franziu a testa. Sua observação explícita o ofendera? Ela já vira o verdadeiro rosto de Kit diversas vezes, o conhecia o bastante para não sentir medo.

A não ser que não seja de mim que ele esteja se escondendo.

De repente, aquela ideia lhe pareceu extremamente óbvia. O entusiasmo dele para levá-la ao teatro, o apartamento repleto de arte, roupas e coisas bonitas. A expressão dele ao admirar o pôr do sol sobre Blackbridge. Eda voltou a pensar naquela conversa, quando tinham chegado à cidade juntos pela primeira vez. Kit mencionara que o mundo humano fora um conforto para ele ao crescer. *Eu caminhava pelas ruas sujas dos humanos e fingia.* O significado ficou mais nítido do que nunca.

Kit desejava ser humano, quer o admitisse ou não.

Estava se escondendo de si mesmo.

— Acho que é hora de comer. — Kit se levantou, o ar pensativo desaparecendo. — Vocês, mortais, têm que comer *constantemente*, não é?

Eda o encarou. Toda aquela beleza sobrenatural, todo aquele poder… realmente lhe importava tão pouco?

— Acho que sim. Que horas são?

— Já passou do almoço.

— Ah. Estou *mesmo* com fome.

— Claro que está, coitadinha.

Kit foi procurar comida enquanto ela explorava o quarto, na esperança de encontrar uma escova ou pente para o cabelo. A cômoda estava vazia, exceto por um saco de lavanda e um frasco que cheirava a óleo de alecrim. Havia, porém, uma tina redonda atrás de um biombo de filigranas, e ela quase deu pulinhos de alegria. Eda estava desesperada por um bom banho. Nunca tinha usado uma banheira de verdade; só sabia se lavar com bacia e pano. Mas aquela casa tinha uma tina de madeira de verdade, com toalhas ao lado.

Ela atravessou o corredor largo entre os quartos, entusiasmada. Encontrou dois baldes fundos nos aposentos dos criados, além de um pente simples. Emocionada

com os achados, Eda se dedicou a acender a lareira. Era um alívio se ocupar com uma tarefa tão comum. Ela não queria pensar no mundo lá fora. Ali, quase podia fingir que nada mais existia.

Quando Kit voltou com uma bolsa improvisada repleta de comida, o fogo crepitava lindamente. Ele pestanejou ao vê-la pegar os baldes.

— É algum teatrinho de camareira?

— Shh — advertiu ela. — Vou tomar um banho. E *não*, você não está convidado.

— Nem depois de trazer isso tudo?

Ele desembrulhou o pano sobre o tapete. Tinha encontrado uma seleção de pães, queijo, figos — e até duas maçãs. Para completar, trouxera uma garrafinha de vinho.

Eda ficou boquiaberta.

— De onde você tirou isso? Tenho certeza de que não tinha comida fresca na despensa.

— Na casa do vizinho. A porta da cozinha estava aberta.

— Você *roubou*? Alguém poderia vê-lo!

— Viram um gato. Me enxotaram de casa. Eu dei meia-volta e peguei umas coisinhas, só isso. Não é como se esses ricaços fossem dar falta.

Eda percebeu que talvez tivesse culpa pela arrogância dele. Precisava parar de se admirar com todas as façanhas de Kit. *O que mais ele faria por mim?*

Tímida, ela levantou os baldes com esforço, um em cada mão.

— Muita esperteza sua. Tem um poço lá fora, certo? Tenho que encher esses baldes para meu banho. Talvez demore, já que são tão pesados…

— Por favor. Não sou um lacaio demoníaco prestes a me prostrar para poupar seus bracinhos fracotes.

— Vai mesmo me fazer encher isso sozinha? — perguntou ela, falando baixinho. — Quanto mais rápido encher, mais rápido entrarei no banho.

Ele a olhou com irritação, apoiando as mãos na cintura. De repente, resmungou e pegou os baldes.

— Vou encher porque eu *quero*, entendeu? Seria um sofrimento ver você tropeçar e derramar água nesse assoalho tão bonito de madeira.

Eda assentiu, e Kit se afastou, resmungando. Ele rapidamente encheu os baldes, e até encontrou um terceiro perto do poço. Eles deixaram os três junto ao fogo, para aquecer a água, e se sentaram juntos no tapete para comer. Ele se contentou em mastigar uma maçã enquanto Eda devorava o restante. Um calor cresceu no peito dela ao observá-lo, apoiado no cotovelo como um príncipe

entre sedas. Kit era leviano como sempre, comentando sobre os modos terríveis de Eda à mesa e sua arrogância chocante por usá-lo como serviçal particular, mas suas provocações não eram sérias. Ele falava de um jeito carinhoso.

Kit empurrou para ela os últimos figos.

O calor se espalhou dentro de Eda.

Apesar do alívio muito necessário da realidade, Eda acabou voltando a pensar em Tenelle e no Conclave dos Clérigos.

— Sem o espelho de Lich, sr. Night ficaria preso aqui, não ficaria? — comentou.

— Pelo menos por um tempo. Há rumores de que ainda existem Portais além das fronteiras de nossas terras, que não foram assumidos por nenhum arquiduque. Mas são apenas boatos. Se fosse tão fácil encontrar Portais, eu diria que meus semelhantes já os teriam localizado — respondeu Kit, girando o talo da maçã. — Talvez Baelion se encarregue dessa busca. Se falhar, é provável que tente usar um ponto de passagem.

— Ponto de passagem?

— Lugares de formação natural onde o véu entre os nossos mundos é mais fino. Dizem que é possível atravessar, se eles assim desejarem.

Eda mordeu o lábio.

— Como nas montanhas ao norte de Dawnmouth. Era de lá que retiravam a obsidiana para os Portais, mas as minas estão todas vazias.

— Essas áreas são conhecidas pelo meu povo. Os detalhes dos rituais necessários para despertar a mágicka antiga já são menos claros. Se perderam com seus ancestrais pagãos. — Os olhos de Kit brilhavam. — Isso gera certo ressentimento entre minha gente, o fato de que os humanos nos tenham ultrapassado nesse sentido.

Ele não parecia nada ressentido. Provavelmente achava graça. Eda pensou que o sr. Night não acharia o mesmo.

— E se *realmente* destruirmos o espelho de Lich? Caso o de Baelion também seja destruído, e ele fique preso aqui, isso seria bom? Mantê-lo entre nós como uma raposa no galinheiro?

A expressão de Kit ficou mais sombria.

— Ele ficará furioso, com certeza. Eu sentiria pena de qualquer um que cruzasse seu caminho. Mas, quanto menos Portais restarem, menos poder ele poderá puxar de Infernus. Um demônio completamente separado da magia de suas terras fica mais fraco. Seria mais fácil enfrentá-lo.

Eda se empertigou.

— Isso quer dizer que *você* também seria afetado.

Kit deu de ombros.

— Você não se incomodaria em ficar preso aqui, com menos poder do que antes?

— Eu ainda seria mais impressionante do que todos vocês — desdenhou ele.

Eda limpou os farelos dos dedos e o encarou.

— Você vai ficar para me ajudar? Não sei como conseguirei me esgueirar debaixo do nariz de Lich sem o manto.

As sobrancelhas dele estremeceram. Quando falou, sua voz estava exageradamente leve.

— Você *quer* que eu fique?

Eda engoliu em seco.

— Quero.

— Então ficarei.

Antes que ela pudesse ruminar sobre a facilidade de seu consentimento — como se a vontade dela fosse motivo suficiente —, Kit inclinou o rosto na direção de Eda.

— Você não precisa fazer nada disso, sabia? Deixe seu irmão oferecer dez anos. Deixe Baelion e Fane para lá. Você pode ir para o estrangeiro, como disse. — Ele se endireitou, de repente mais animado. — Você gostou de *Viola e o visconde*, não foi? O Órbita, o maior teatro do mundo, fica em Forisia. Apenas os melhores atores se apresentam lá, com os cenários mais luxuosos. No continente, tem um circo viajante em que animais dançam como homens, e, nos desertos de Rakesh, existem bazares que se estendem por mais de quinze quilômetros. Ouvi dizer que lá é possível comprar aves que põem ovos de rubi e cantam por horas sem se cansar. Podemos ver tudo isso, Eda. O que você quiser.

Os olhos dele voltaram a brilhar, talvez sem perceber — como magma derramado na terra seca. Em seu rosto lindo e devastador, Eda viu o que ele via: um futuro encantador em que o mundo todo era deles, dourado e cintilante.

Era uma fábula.

— Um belo sonho, com certeza.

Ela não conseguia dizer mais nada.

Talvez você ficasse suficientemente feliz de passar alguns anos despreocupados ao meu lado. Imagino que, para você, isso seja como uma gota no oceano. Mas você ainda vai estar aqui quando meu tempo acabar? Ficaria comigo até o fim? Ou partiria antes de ter que enfrentar a verdade do que seu Pacto causou?

A expressão dele mudou diante da hesitação de Eda. Ela desviou o olhar e

pegou um balde, satisfeita ao ver que a água estava suficientemente morna. O silêncio era insuportável. Na pressa de encher a banheira, ela carregou o primeiro balde fazendo barulho até a tina de madeira. Arrumou a toalha, encheu de água.

Kit esquecia facilmente a fragilidade das vidas mortais, inclusive a dela. *Não sou um brinquedinho humano para diverti-lo até ele se cansar de mim*. Era melhor não deixá-lo se levar por fantasias. Melhor se desiludir de uma vez e partir antes que a perda a estragasse irreversivelmente.

Antes que ela se apaixonasse por um sonho impossível.

Eda espalhou as pétalas do saco de lavanda. Organizou o sabonete, o pente e o óleo de alecrim, deixando todos ao seu alcance, e entrou na água perfumada. Estava apenas morna e só batia na parte inferior dos seios, mas ainda assim era um luxo. Ela mergulhou o máximo que pôde para aproveitar aquele simples conforto.

Os passos de Kit atravessaram o quarto, quase leves demais para serem ouvidos.

— Não espie.

O biombo protegia quase toda a visão da banheira, mas o alerta saiu como um reflexo.

Os passos pararam.

— Você sabe que não sou tarado *de verdade*, não sabe?

Simples assim, a tensão se esvaiu. Eda suspirou. Todos os argumentos lógicos se dissiparam no aroma de vinho e relâmpago de Kit, sob o calor de seu olhar. Seria melhor se ele se afastasse. Mas não era o que Eda queria.

Ele gemeu como se estivesse se espreguiçando — um ruído grave, satisfeito.

Calma, ordenou Eda ao coração traiçoeiro, com as mãos molhadas junto ao peito. *Você não pode tremer assim sempre que ele estiver por perto*.

Ela sabia que Kit ouvia seus movimentos — cada som e suspiro —, mas ele respeitou o pedido de privacidade. Era estranho estar nua no mesmo ambiente que ele.

Excitante também.

O tempo passou de forma tranquila: a fogueira crepitando, as rodas de carroça sacolejando ao longe lá fora, a água balançando na banheira. Ela passou o pente pelo cabelo cem vezes, como já ouvira mulheres recomendarem. Eda descobrira, por tentativa e erro, que seu cabelo cacheado só deveria ser penteado quando molhado, e seco com cuidado, ou ela pareceria uma nuvem ambulante. Ela deixou o calor do ambiente cumprir sua função e passou o óleo de alecrim pelas mechas douradas.

Quem sabe quando terei outro descanso assim.

A ideia grudou nela como carrapicho. No dia seguinte, ela se jogaria outra vez na cova dos leões. Lich, Fane, sr. Night.

O fim se aproximava como uma tempestade revolta, e Eda não sabia se sobreviveria. De qualquer modo, chegaria. Eda desejava que aquele momento de calma roubada pudesse ser eterno. Queria voltar à cama de plumas e sonhar mais um pouco com criaturas dançando em praias estrangeiras.

Queria que Kit se juntasse a ela ali.

Eda o imaginou do outro lado do biombo: os olhos quentes, o sorriso secreto que parecia compartilhar apenas com ela. A voz carinhosa e arrastada ao chamá-la de *meu bem*.

Ela segurou as beiradas da tina. Fechou os olhos, relembrando lampejos de memória: o toque febril da boca, garras arranhando suas costas, palavras sussurradas em uma língua que ela desconhecia, mas cujo sentido acreditava saber.

Um calor a preencheu. Eda esfregou as coxas, tentando aliviar a aflição. Por mais que a provocasse, Kit nunca ultrapassara os limites dela. E, apesar de suas objeções morais, Eda frequentemente desejava que ele fosse mais longe. Ela se agarrava a um vago pudor como uma guerreira atrás do escudo. Mas, afinal, do que estava se protegendo? Da mácula da intimidade fora do leito matrimonial? Seu desespero por proximidade já a jogara nos braços de Wymond. Da corrupção de um demônio? Ela pecava aos olhos da Ordem da Fé desde que herdara a dívida do pai.

Não. Na verdade, Eda queria largar o escudo. No entanto, temia o que aquele demônio que atiçava seu coração faria quando ela o abrisse, vulnerável e sangrento. *Um coração é mais valioso do que qualquer quantidade de anos, e ainda mais difícil de recuperar. Saiba bem para quem dará o seu.*

— Você vai ficar enrugada que nem uma uva-passa se demorar muito mais.

A voz dele era lenta e arrastada. Parecia que tinha cochilado.

Eda engoliu em seco. Tinha esquecido as roupas na beira da cama.

— É verdade.

Atrás dela, uma toalha de pano dobrada estava um pouco além de seu alcance. Ela poderia pegá-la caso se levantasse.

Mas o mundo lá fora era sombrio e cheio de perigos, prontos para separá-los. Eda queria desesperadamente afastá-los mais um pouco. Queria guardar aquele sentimento precioso na palma da mão e alimentá-lo, saboreá-lo, antes que fosse apagado de vez.

Ela lambeu os lábios.

— Pode me passar aquela toalha, por favor? Preciso me secar.

Silêncio. Eda ouvia apenas o crepitar do fogo e o próprio sangue vibrando.

Um movimento de pano. Ele estava na cama, então.

— Achei que eu tinha sido proibido de ficar do seu lado do biombo.

Ela o imaginou sentado, imóvel como pedra, desconfiado de algum truque. Olhos fulminando os painéis de couro gravado do biombo.

O calor se intensificou.

— Isso é um "não"?

Mais silêncio. Então, passos felinos se aproximando. O coração dela parou. Era a abordagem de um predador, cauteloso para não assustar a presa.

Ele parou.

Eda se virou de costas.

— Ali, atrás de mim.

Depois de uma longa pausa, ele contornou o biombo de madeira. Eda olhou para a frente, levemente ofegante. Ele estava tão próximo que ela parecia sentir seu calor. O silêncio preenchia cada canto do quarto, e o olhar de Kit era quase como um toque.

O pano roçou seu ombro. Eda esticou a mão para pegar — e encostou na mão dele. Kit ficou imóvel. Tocou a nuca de Eda com o polegar.

Todo o corpo dela estremeceu, e algo brotou de suas profundezas, mais ousado do que antes. Ela jurara fazer *alguma coisa* com a pouca vida que lhe restava. Prometera agir. E não queria morrer sem nunca ter seguido um desejo tão precioso.

Eda se levantou com um murmúrio de água. Ela se virou e pegou a toalha, que mal cobria a parte inferior do corpo.

E Kit a observou.

Ele estava em sua forma mortal, mas ela nunca tinha visto aquela sua expressão: choque absoluto.

Eda pensou, com um horror repentino, que talvez aquela reação fosse negativa. E se ele não a achasse bonita? Os seios dela não eram impecavelmente redondos. As curvas suaves de seu quadril não formavam uma silhueta perfeitamente contínua. No sopro de ar frio e sob o olhar atento de Kit, a ousadia de Eda se dissipou.

Ela quase se enrolou na toalha, mas então ele soltou um ruído de protesto. Kit se inclinou para a frente, estendendo a mão como se quisesse impedi-la. Ele a encarou, as pupilas pretas e arregaladas.

Parecia querer devorá-la viva.

Como o silêncio se prolongou, Eda conseguiu dizer:

— Sem dúvida, você já viu mulheres mais belas.

— Não sei dizer — respondeu ele, sua voz intensa como rocha e mar revolto, seus músculos retesados. — No momento, não me lembro de nenhuma.

Ela suspirou diante do elogio.

— Me diga o que significa *mir'han*. De verdade.

Ele a encarou por trás dos cílios pretos. Então, engoliu em seco, levando um momento para formar as palavras.

— É… como chamamos os amantes. Literalmente, significa *meu coração*.

Eda sorriu e largou a toalha.

Kit fechou a boca. Mesmo assim, não se mexeu.

Ela sussurrou seu nome.

Ele fez outro movimento hesitante em sua direção.

— Não posso… Eu já tomei muito de você.

Eda piscou. De todas as reações possíveis, não esperava aquela.

— Você não está *tomando* nada. Prazer deve ser compartilhado, não? — E então, de forma provocadora: — Ou talvez você não seja tão capaz quanto diz. Você disse que sabia usar bem essa boca, mas talvez seja só…

Kit avançou.

Eda soltou uma exclamação de surpresa quando ele a puxou para si. As mãos de Kit eram como brasas em sua lombar, no pescoço, na curva de sua bunda. Ele sussurrou algo em infernal, em um tom febril, então a beijou.

Como era típico, pensou Eda, achando graça, que fosse um *desafio* a fazê-lo agir.

Como ela estava de pé na banheira, a altura dos dois se igualara, e Kit imediatamente aproveitou a oportunidade. Ele estava em todos os lugares ao mesmo tempo. Beijava a boca de Eda incessantemente. Mordeu seu lábio, chupou até ela gemer. Entrelaçou os dedos nos cachos molhados dela, na base de seu crânio. Com a outra mão, acariciou a lateral de seu seio. Para não ficar para trás, Eda retribuiu o beijo com fervor, passando as mãos pelas clavículas dele, por baixo da camisa, se deleitando com seus arrepios.

Os tremores de prazer de Kit eram uma revelação. Ela interrompeu o beijo para arfar, mas ele era faminto. Seguia a boca de Eda, avançando…

Ela perdeu o equilíbrio. Gritou e caiu na banheira, agarrada na camisa de Kit. Atordoado, ele foi arrastado junto. A água se espalhou. Eles se contorceram, chocados e entrelaçados.

Kit piscou, atordoado e encharcado.

— Merda.

Eda gargalhou. Tentou se levantar, mas ele já a enlaçava como uma serpente gigantesca. Kit a puxou e a beijou outra vez, ignorando as roupas e o cabelo ensopados. A boca dele encontrou seu queixo, sua orelha. Mordeu de leve. Ela ofegou. Ele provocava a pele com beijos molhados, de boca aberta, descendo pelo pescoço. Mais baixo. Mais baixo ainda.

Quando a boca dele encontrou seu seio, Eda parou de pensar. Ele acariciou a pele macia ali, explorando os arredores do bico sensível com a boca, sem nunca tocar seu cume, repetidamente. Levantou a mão para submeter o outro seio à mesma tortura. Ela achou que iria enlouquecer. Luxúria era uma nuvem inebriante, agonizante e maravilhosa.

— Kit — implorou ela —, *por favor…*

No mesmo instante, a boca dele encontrou seu mamilo. Com os dedos, beliscou o outro. Eda gemeu alto, o que lhe envergonharia se não fosse o desespero para que ele continuasse. Era como brasas irrompendo em uma torre de labaredas, se deflagrando — um oceano transbordando em rios e córregos, queimando cada centímetro. Era uma delícia incandescente ser egoísta assim. Ter algo que era apenas seu. Ter *ele*.

Eda passou os dedos pelo cabelo molhado de Kit, que gemeu. Ela apertou o punho, e ele chiou. A banheira fria era apertada, e o quadril de Eda doía pela queda. Porém, não tinha outro lugar em que ela preferisse estar. Exceto por…

— A cama — ofegou ela, tentando, sem força, afastar a cabeça dele de seu peito.

Kit grunhiu, contrariado, e se desvencilhou.

— Estou bem confortável aqui.

Ele passou a língua no mamilo dela, e as pálpebras de Eda tremularam.

— Bom, eu poderia ficar *mais* confortável.

Ela o puxou de novo. Mesmo que sua voz e mão estivessem fracas, ele a obedeceu. Em um só movimento, ela foi erguida, os dois pingando água. Kit atravessou o quarto tão rápido que deixou Eda sem fôlego. Ela foi jogada na cama, ainda quicando quando ele subiu por cima dela.

— Vamos… vamos molhar a cama.

— Que se foda a cama.

Ele se inclinou para beijá-la de novo.

Ela o deteve. Puxou a camisa molhada.

— Tire.

Ele se despiu com uma pressa cômica. Primeiro a camisa, depois a calça, até ficar tão nu quanto ela, resplandecente à luz fraca. Ele a puxou para debaixo de

seu corpo e a beijou mais devagar: o pescoço, o ombro, o espaço entre os seios. Todo toque era febril, mas comedido, como se ele fizesse um esforço palpável para desacelerar. Para ir com calma, como se ela fosse algo precioso. Algo que ele talvez não voltasse a ter.

Eda acariciou o rosto dele.

Kit se deteve, ofegando.

— Eu quero você.

Os olhos dele estavam escuros, pesados.

— Eu sou seu.

— Não. Quero *você*, como você realmente é.

A expressão dele mudou. Emoções surgiam e desapareciam tão rapidamente que ela não conseguia discerni-las. Finalmente, ele ficou pensativo.

— Achei… que você preferiria esta forma.

— É uma forma muito bonita, sem dúvida — murmurou ela, acariciando sua boca. — Mas prefiro olhar nos olhos do *demônio* com quem me deito.

Kit fez uma careta ao ouvir a palavra. Então, a encarou.

Eda respondeu à dúvida silenciosa com uma calma decidida.

— Você não é humano, nem deveria fingir ser. Você é perfeito.

Então, algo perigosamente próximo de assombro o transformou. Ele se curvou e roçou a boca na dela.

Foi um beijo mais delicado, mais caloroso e mais demorado do que os anteriores. Tinha gosto de confissão. Um sacramento precioso demais para ser pronunciado. Um arrepio percorreu a pele dela sob seu toque. Quando Eda abriu os olhos, o mortal se fora. Traços cinzentos escureciam com um belo rubor, que se espalhava até as pontas das orelhas pontudas.

Eda não conteve um sorriso diante da aparência dele. *A coisa mais linda que eu já vi.*

Ele a beijou novamente. Em seguida, desceu por seu corpo com mais determinação. As palmas quentes deslizavam por seu tronco, sua barriga. A boca seguia o mesmo caminho. Suas garras fizeram cócegas quando Kit afastou as pernas dela, mantendo o olhar fixo no seu.

O coração de Eda disparou, e ela precisou jogar a cabeça para trás, incapaz de suportar o poço aterrorizante de fome nos olhos dele.

Presas arranharam sua coxa, e Eda suspirou. Ele beijou a outra perna. Ela bufou, impaciente. Finalmente, a boca quente a cobriu em seu ponto mais molhado e desejoso. Em choque, Eda segurou o chifre inteiriço, áspero e duro como osso. Isso só pareceu incentivar Kit, e ela logo se perdeu.

Não demorou. Eda também poderia se envergonhar, mas o prazer era imenso demais, seu desejo por ele voraz demais. Quando ela chegou ao clímax, explodindo como uma onda, Eda gritou, tremendo, mas Kit apenas diminuiu a intensidade da boca, sem parar. Ela precisou empurrá-lo antes de se tornar insuportável. Ainda estava ofegante quando ele cobriu seu corpo de beijos.

Ele roçou o nariz na bochecha dela.

— Eda. *Va kesh din.*

As palavras pareciam uma súplica. O coração dela se preencheu de tal forma que Eda temeu que se partisse.

— O que isso quer dizer? — sussurrou.

Kit beijou a têmpora dela, e ficou ali, arfando. Eda percebeu que ele não estava pronto para explicar. Ou simplesmente não sabia como fazê-lo. Não importava, decidiu. Não naquele momento.

Ela abaixou a mão e o guiou para se juntar a seu corpo. Quando ele avançou, ofegante e trêmulo em seus braços, ela entendeu que a sensação não era de largar um escudo. Era de sair para o sol, sem armadura, aço, roupa alguma.

E que delícia era se queimar.

Vinte e oito

ACORDAR COM O CANTO DOS PÁSSAROS E UM ABRAÇO QUENTE, Eda pensou, era um raro prazer — mas acordar com beijos era mais ainda.

Na primeira vez, as janelas ainda estavam azul-escuras, nas horas antes do amanhecer. Cedo demais. Porém, qualquer protesto que ela poderia ter pronunciado contra a boca que a despertou morreu rapidamente. Beijos percorriam seu pescoço, lentos e preguiçosos. A mão morna repousada na curva da barriga subiu, acariciando a parte inferior dos seios. Mesmo parcialmente adormecida, Eda achou que poderia estar dentro de um sonho extremamente prazeroso. O arranhão suave de garras em sua pele, no entanto, era uma lembrança clara de quem, exatamente, lhe dava aquele abraço possessivo. Ela se sentia como um tesouro protegido por um dragão voraz.

Kit mordiscou sua orelha. A sensação dos caninos dele — tão afiados, mas tão cuidadosos — fez faíscas de excitação se espalharem pelo seu corpo. Ela murmurava de prazer, se esfregando nele. Pelo toque, parecia que já fazia um tempo que ele estava acordado e desejoso.

— Acordei você?

— Você sabe que acordou — reclamou ela, nem um pouco irritada.

Ele acariciou seu seio, e Eda arqueou o corpo em direção ao toque, inteiramente aquecida de repente.

— Devo deixar você descansar?

Kit beijou seu ombro. Eda respondeu pegando a mão dele e a puxando para baixo da coberta. Ambos estavam sem fôlego, com os olhos pesados, quando ele a penetrou outra vez, exatamente na posição em que tinham acordado, com as presas no pescoço dela e o braço de Eda jogado para trás, segurando com força no

chifre.

Na segunda vez, amanhecera de vez. A luz do sol inundava o quarto, e a poeira dançava no brilho amanteigado do ar enquanto Eda empurrava Kit no colchão. Ele era forte demais para ser empurrado assim contra a própria vontade, mas aparentemente ele queria, pois caiu sem protesto. Os olhos dele eram fogueiras acesas quando Eda montou em seu colo, o cabelo parecendo uma nuvem de tinta ao redor de sua cabeça.

Ele tentou puxá-la para onde queria, e Eda afastou suas mãos.

— Paciência é uma virtude, lorde Ansellis.

Ela não tinha se esquecido da expressão dele na primeira vez que o chamara de *lorde*, naquela noite em que dançaram ao redor da fogueira.

Como ela esperava, Kit, mais uma vez, parecia levemente inebriado. Suas pupilas estavam dilatadas, pretas e sem fim. Ela pensou que poderia mergulhar nelas se as encarasse o suficiente.

Kit subiu as mãos pelas coxas dela.

— *Vem cá.*

Aquele som grave e perigoso lembrava a primeira vez que ela vira sua verdadeira forma, quando ele se transformara diante das Espadas e dissera "Seu deus não está aqui". Aquilo a fez estremecer da cabeça aos pés.

Eda se apoiou no peito do demônio e esticou a outra mão para baixo, agarrando-o. Kit sibilou. Ela o acariciou, e, como recompensa, recebeu uma série de palavras acaloradas em infernal. Ele poderia mesmo ser perigoso, mas o maior perigo era a onda inebriante de poder que ela sentia por ter uma criatura tão fatal sob seu controle.

Os olhos pesados de Kit vagavam do ponto onde ela o tocava para a curva de seus seios, para seu rosto; famintos e menos humanos do que ela jamais os vira.

— Eda.

— Kit'rath — brincou ela. — O gato comeu sua língua?

O olhar dele ficou mais aguçado. Eda foi puxada para cima na cama com uma facilidade surpreendente — ela gritou e se agarrou à cabeceira para se equilibrar. Kit já estava escorregando para baixo no colchão.

Ela sentiu a boca secar.

— O que você…?

O demônio a puxou até ela sentir sua respiração quente no centro de seu corpo.

— Vou mostrar onde foi parar minha língua.

Então ele mostrou, escrevendo frases incompreensíveis nela com a língua até

Eda se despedaçar como tantas estrelas em explosão.

Eles não voltaram a dormir, mas também não saíram da cama. Zonza de prazer, Eda se divertiu brincando com as garras dele, testando as pontas afiadas. Kit beijou as costas dela como se contasse cada vértebra. Em algum momento, ele enroscou a cauda no tornozelo dela, e Eda nem sabia se ele se dera conta.

Os dois compartilharam o que sobrara do pão da véspera. Ela pediu que ele lhe ensinasse mais palavrões em infernal, e ele encostou o rosto em seu pescoço, às gargalhadas, quando ela os recitava com a pronúncia errada. O preferido de Eda ainda era *vhesak'din*, "vai se foder" — era tão versátil! Kit tentou distraí-la mordendo sua orelha. Ela o comparou a um mulherengo desonesto de um romance de aventura que lera certa vez, e ele, fascinado, perguntou por outras histórias, pois não havia ficção daquele tipo em Infernus, e ele explorara mais poesia do que prosa no mundo humano.

Eda tentou, mas só lia os romances que iam parar na loja, e eram poucos. Ocorreu a ela como sua vida era *pequena*. Não sabia colher ervas, nem quando era a temporada de caça, nem o nome de um poeta sequer. Ela se sentiu envergonhada.

Eda acariciou a cicatriz rosada no braço dele, causada pelo ataque de Tenelle, tentando pensar em outro assunto.

Kit percebeu.

— O que houve?

— É besteira.

— Diga mesmo assim — pediu ele, beijando a palma de sua mão.

Desviando o rosto, ela reuniu coragem.

— Você viveu neste mundo tantos anos quanto eu, mas sabe muito mais. Entende de peças, livros e feiras em outros países… E eu não sei de *nada*. Minha vida inteira foi a loja e o espelho. Às vezes, eu… eu não sei quem sou além disso.

Kit ficou em silêncio por um momento. Então a pegou no colo como se ela não pesasse nada. A pele quente e nua dele era um bálsamo junto à sua.

— Eu sei quem você é — sussurrou. — Você é gentil. — Ele beijou sua bochecha. — Você é corajosa. — Ele beijou sua testa. — Você tem péssimo gosto para roupas. — Isso a fez rir, e ele acariciou seu pescoço com o nariz, sorrindo. — Você gosta de mel demais no mingau, e secretamente é vaidosa com o cabelo. Como deveria ser. — Ele passou a mão por seu cabelo, reverente. — Você gosta de teatro e de histórias com finais felizes, e tem uma mente curiosa que *brilha* quando encontra uma novidade.

Ele se afastou para olhá-la. A expressão em seu rosto era insuportavelmente

carinhosa.

— Falta de experiência ou educação não é sinônimo de falta de habilidade — concluiu. — Você pode ser o que quiser, Eda. O mundo é seu. Basta decidir procurá-lo.

O coração de Eda se encheu de um afeto que ela nunca sentira. O desejo faminto por conexão também vivia dentro dele; ela o sentia em seu abraço. *Dois fios soltos, amarrados.*

Quando ela capturou os lábios de Kit outra vez, um som baixo e satisfeito escapou das profundezas do peito dele. Eda passou um bom tempo tentando fazer com que o demônio soltasse aquele barulho outra vez.

— Seus chifres atrapalham? — perguntou ela, passando os dedos pelas ranhuras da curva.

— Muito pelo contrário. Fiquei sabendo que são ótimos para segurar.

— Quis dizer para *dormir*.

— Hm, não. Uma vez, quando eu era mais novo, ficaram agarrados em um galho.

Ela riu.

— Talvez seja melhor as fronhas não serem de seda. E se você tivesse rasgado?

Ele soltou um murmúrio, distraído pelo seio dela.

— Eu gostaria que você sentisse o toque de seda na pele. Se estivéssemos em Infernus, eu a cortejaria adequadamente. Com joias, roupas… tudo que você quisesse.

Cortejaria adequadamente. O coração de Eda acelerou. Ele dizia aquilo com tanta tranquilidade.

— Você… faria a corte? Isso se faz em Infernus?

— Sim. Os machos precisam se provar de diversas formas — disse ele, com a voz mais grave, acariciando a coxa de Eda com a cauda. — Ao que parece, não fiz o suficiente para deixar claras minhas intenções.

Eda deu um empurrãozinho nele.

— *Neste* mundo, a corte idealmente começa quando se tem carinho profundo por alguém. Eu não aceitaria nada menos do que isso.

Ela buscou o olhar dele. *Você não chegou a dizer o que sente.*

Kit recuou, cauteloso. Ele tinha motivos para desconfiar. O que de bom viria de admitir algo além de luxúria? A corte deles não teria um final feliz.

Mas, pelos *santos*, como ela queria saber que não estava sozinha naquela avidez. Kit dera indícios da profundidade de seu apreço naquela noite sobre os monumentos — *Quero ouvir tudo que você tem a dizer, anseio por suas risadas, odeio*

cada momento em que não me olha —, mas não era suficiente. Não era suficiente e, ao mesmo tempo, era demais.

Um estalo alto quebrou o impasse.

Eda reconhecia o som. Ela puxou a coberta, constrangida.

Tripp estava sentado aos pés deles, de olhos esbugalhados.

— *Chispa* daqui! — gritou ela, jogando um travesseiro nele.

O diabrete não teve a rapidez de se esquivar, e foi arremessado para fora da cama.

— Meus olhos! — uivou ele do chão. — Meus pobres olhos! Ela capturou meu lorde Ansellis! — Ele espreitou da beira da cama, com um olhar furioso e choroso. — A feiticeira cabeluda deve pagar por sua ousadia…

Ele desviou do segundo travesseiro que foi jogado, dessa vez com muito mais força. Kit endireitou os ombros.

— Silêncio, Tripp, ou arrancarei sua língua.

— M… mas…

O olhar de Kit em resposta ardia com um poder sombrio.

Tripp se arrastou de volta para a cama, prostrado.

— Perdão, milorde.

— A partir de agora, você tratará Eda Shaw com o mesmo respeito que dedica a mim.

Daria na mesma se Kit tivesse cuspido no rosto de Tripp. Mesmo assim, o diabrete se curvou em reverência, tenso.

— Perdão, *milady*.

Eda desconfiava que ele tivesse apelidos muito mais criativos para ela em mente. *E estávamos começando a nos entender.*

Ela perguntou para Kit:

— O que o impede de aparecer bem no meio de… você sabe!

— Ele tem instruções para vir apenas quando eu o chamo, mas *aparentemente* esqueceu seus modos.

— Nada disso, milorde! O senhor também estipulou que Tripp poderia buscá-lo em situações de grande urgência! De vida ou morte!

— E quem exatamente corre risco de morte agora?

O diabrete voltou os olhos saltados e pretos para Eda.

O pavor a inundou como uma maré.

— O que aconteceu?

— Seu irmão veio à cidade procurá-la… milady. A bruxa do barco desceu o rio. Ela ameaçou amaldiçoar Tripp se ele não ajudasse o rapaz a encontrá-la.

— Ben? Veio para cá?

— Sim.

— Por quê? O que houve?

Tripp olhou para Kit, e, em seguida, para ela.

— Melhor perguntar a ele.

Eda se vestiu às pressas.

Todo o calor, o conforto, a alegria frágil e leve alimentados naquele quarto foram expulsos pela aparição agourenta de Tripp, como um vento gelado. Os trovões da tempestade finalmente ressoavam.

Ela trançou o cabelo. Com os dedos atrapalhados, sem jeito, amarrou com um barbante que havia roubado de Robin. Na segunda vez que tentou, sem sucesso, dar o nó, ela praguejou. Dedos compridos a seguraram.

Kit pegou o barbante em silêncio e amarrou um laço, como se tivesse feito isso centenas de vezes. Depois de tudo que compartilharam, aquilo ainda lhe parecia uma intimidade incrível.

— Pronto — murmurou.

Ele deixou os dedos no cabelo de Eda por mais um tempo. Com sua forma humana, não havia garras nas quais os fios pudessem embolar.

— Obrigada.

Olhos em chama encararam os dela. O mundo real havia retornado com força, mas eles não eram a mesma mulher e o mesmo demônio que o tinham deixado dois dias antes. A sensibilidade entre as pernas dela era um lembrete agradável. Mas talvez fosse apenas Eda quem sentisse a mudança. Kit poderia ter conquistado inúmeros amantes da mesma forma.

Ele sorriu para você? Fez você rir? Ele sempre foi um charme, lhe dissera o sr. Night.

Ela puxou a trança da mão dele.

— Nós submetemos o javali a ainda mais devassidão. Ele certamente não lamentará nossa partida.

— É verdade. Queria ter mais tempo para traumatizá-lo.

Eda sentiu um aperto no peito. *Mais tempo*. Era estranho como ela valorizava pouco o tempo quando achava que tinha de sobra. Nada era tão precioso. Até demônios sabiam disso.

Ela o puxou para um beijo. Era para ser breve, mas ele o aprofundou imediatamente. O toque dos lábios de Kit despertava todos os nervos dela. O sangue de Eda acordava ao seu chamado. Era comum desejar alguém assim?

Abraçar, pele com pele, e ainda se sentir muito distante?

Kit soltou um ruído animalesco de satisfação. Ele cercou Eda e a puxou para perto…

Atrás deles, um sopro curto. Eda se desvencilhou.

Tripp havia voltado. Ele os olhava em censura.

— O rapaz chegou.

Ela lançou um olhar tímido para Kit e correu para a varanda.

Estava chuviscando, com nuvens cobrindo o sol de outono. Na sombra da casa se encontrava Ben, segurando o capuz de cabeça erguida, de modo a vê-la. Eda acenou, sem jeito. A expressão azeda de Ben não mudou.

— Eu… vou abrir — disse ela.

Eda desceu a estreita escada de carvalho e atravessou o saguão, puxando a porta arqueada.

— Ben, o que…

— Lawrie está doente — disparou, passando por ela e olhando para a casa escura. — Pior do que antes.

Eda empalideceu.

— Mas Robin estava cuidando dele. Ela acha que Ben vai perder a perna?

— De início, ela não achava necessário amputar. Agora, não sabe nem se adiantaria. Ele… ele está *morrendo*, Eda.

Os pensamentos de Eda congelaram. Ela buscou algum sinal de brincadeira no rosto de Ben.

— Não está, nada. Ele não pode estar *morrendo*, Ben — disse ela, com uma gargalhada esganiçada, trêmula. — Lawrie já teve infecções. Ele só precisa descansar, talvez ser tratado por um curandeiro de verdade. Robin disse que não era clínica.

— Não é uma infecção comum. Os mastins não são deste mundo. O corpo de Lawrie não consegue resistir a uma infecção demoníaca.

— Então… vamos amputar a perna! Cortamos, se precisar…

— Ele está fraco demais. A doença chegou no sangue.

A voz dele estremeceu. Bem estava tentando se recompor. Eda não se lembrava da última vez que o vira tão perto de chorar.

— Robin diz que só lhe restam dias — acrescentou o irmão.

Ela se segurou na parede. *Não.* Seus ouvidos zumbiram, e seu estômago revirou. De repente, Eda se sentia muito distante.

— O que vamos fazer? Ben, tem que ter um jeito.

— A infecção é mágica. Robin disse que não tem nada que a alimente se a

separarmos da origem. Destruindo a fonte, destruímos a infecção. É o único caminho.

Era o que Kit descrevera. *Um demônio completamente separado da magia de suas terras fica mais fraco.* A esperança brotou de seu âmago.

— Ou seja, de Infernus, de onde vêm os mastins. O Portal. É só destruí-lo! Os dois, do sr. Night *e* de Severin Lich…

— O poder dos mastins vem daquele que os comanda. Foi isso que Robin disse, pelo menos. É o único motivo pelo qual conseguem atravessar Portais.

— Então… Florian Fane. Temos que matá-lo?

— Não é Fane quem traz os mastins para cá, Eda. O poder dele é emprestado — disse Ben, olhando nos olhos dela. — Temos que matar o sr. Night.

Temos que matar o sr. Night.

Os olhos vermelhos de Ben diziam mais do que mil palavras. Um sentimento denso de pavor entalou em sua garganta e enevoou sua visão, impedindo Eda de enxergar através das lágrimas contidas. *Matar o sr. Night.* Como? A mera tentativa já violaria os termos do Pacto. Se o ferissem, ele estaria livre para feri-los também, e certamente os massacraria em retaliação. Tinham que acertar o golpe fatal antes que ele tivesse a menor chance. Como poderiam…

— Vamos dar um jeito — ela se ouviu dizer. — Temos que dar.

— Não.

Ao pé da escada, como se estivesse ali desde o princípio, Kit os encarou. Sua aparência humana era convincente, mas o brilho laranja de seus olhos e a imobilidade surreal faziam dele uma imagem perturbadora. O demônio se mantinha vagamente curvado, como se um peso esmagador pressionasse suas costas. Tripp se empoleirou no corrimão, atento.

Eda correu até ele.

— Kit! Você tem poderes. É possível curar Lawrie?

Ele cerrou os dentes.

— Eu não possuo tal habilidade.

— *Por favor*, você deve poder fazer alguma coisa. Quantos… quantos anos eu tenho? São seus. Tudo que sobrar.

Ben soltou uma exclamação de raiva.

— Eda!

— *Não* — retrucou Kit, a voz áspera como gelo em movimento. — Mesmo que eu pudesse ajudá-lo, não aceitaria seus anos para isso.

A frustração ardeu em Eda, e ela puxou o braço de Kit.

— Robin está dizendo a verdade? Matar o sr. Night é o único jeito de deter a

infecção?

Ele estava rígido como madeira sob seus dedos. Antes, ele cedera ao seu toque como manteiga ao sol.

— É verdade que os mastins estão aqui por decisão de meu irmão. E mordidas de mastim *são* de natureza mágica. Matar Baelion interromperia o poder da infecção. Contudo — acrescentou ao notar a expressão dela, que se animava —, não quer dizer que seu irmão estaria salvo. A magia no sangue pode até morrer, mas ele ainda está gravemente ferido.

— Mas então o ferimento seria comum, nada de sobrenatural — argumentou ela, acalorada. — É a única chance de Lawrie.

A expressão de Kit murchou.

— Eu não posso fazer nada, *mir'han*. Perdão.

— Não é verdade. Você é *forte*, Kit. Você mesmo disse: seu povo apoiava sua ascensão ao poder. Viram seu valor, como eu vejo, e você não deveria fugir. Essa é sua chance! Mostre a Baelion quem você é — disse ela, mais firme. — Mate ele.

Kit ficou sério. Demorou a responder.

— Você não faz ideia do que está pedindo.

— Eu sei que ele é poderoso. Sei que você não quer lutar contra ele. Mas é o único que *consegue*. Você não está cansado de se esconder? De viver nas sombras, de brincar de mortal, enquanto Baelion governa seu clã na sua ausência? Depois de tudo que ele fez com você, de tanto machucá-lo…

Ele recuou como se tivesse levado um tapa, olhando de relance para Ben. Quando Kit se voltou para ela, havia mágoa em seu rosto.

— Eu me abri para você. E agora você usa minha vergonha contra mim? Empunha meus segredos como uma arma para me forçar a fazer seu trabalho sujo?

Eda estremeceu.

— Você não disse que seu passado era segredo.

Ele baixou a voz.

— Você acha que eu tenho o hábito de me revelar a qualquer um? Contra minha razão, meu bom senso, eu me abri para *você*, e não… — disse ele, desviando o rosto. — Não sei nem por quê.

— Kit…

— Você exige que eu aja em seu lugar, como um cão qualquer — retrucou ele, contraindo a boca. — Quem é você para *me* comandar?

Eda balançou a cabeça, incrédula. Ele não a desprezava assim desde seu primeiro encontro.

— Não estou comandando nada. Estou *pedindo*, como sua…

Ela se deteve. Como sua *o quê*? Pela expressão de Kit, ela temia não ser nada para ele, afinal.

— Estou pedindo, só isso — concluiu.

— Você pede demais.

A raiva dela cresceu.

— Eu também fico com medo só de pensar em matá-lo. Eu admirava a força do sr. Night, a liberdade dele. Me enganei ao acreditar que ele se preocupava comigo. Mas ele não está nem aí. As palavras dele são como veneno, que me deu em gotas ao longo de tantos anos que fiquei imune a seu efeito. Reservei todo meu ódio para meu pai e meus irmãos. Mas isso não se repetirá — garantiu Eda, levantando o queixo, com um olhar furioso. — Tudo isso pode terminar. O Pacto de minha família. O sofrimento de Lawrie. O sofrimento da cidade. O *seu*. Mas você se recusa… e por quê? Para ser do contra? Por orgulho? Não. — Ela tensionou a mandíbula. — Por medo.

Ele se eriçou.

Ela ouviu Ben se aproximar.

— Eda…

— Achei que demônios fossem mais fortes do que nós, mas vocês são *medrosos*. O sr. Night também. Por isso fazem Pactos em troca de anos humanos, não é? Por medo da mortalidade. Seu povo tem pena de nós por nossas vidas curtas, nos despreza por abrirmos mão tão facilmente daquilo que vocês cobiçam. Mas agora eu entendo. Nós morremos de um jeito rápido e fácil, e isso torna a vida ainda mais preciosa. Um demônio nunca entenderia isso.

Ela cerrou os punhos. Seus olhos estavam úmidos. *Não vou chorar.*

— Vocês acumulam nossos anos roubados para evitar seu próprio fim. Vivem por séculos, ou mais, apenas para escapar do que os humanos enfrentam dia após dia. E quer saber o que eu acho? — continuou ela, cutucando o peito dele. — Acho *patético*.

O rosto de Kit oscilou entre diversas formas. Ele arfava, com os olhos semicerrados.

— Você brinca de ser humano, mas *nunca* vai entender o que é ser mortal até enfrentar a inevitabilidade de sua própria morte — prosseguiu. — A ironia é essa, não é? Se não tiver pelo que viver, já está morto, de qualquer forma.

Ele estendeu o braço. Ela foi puxada para perto de Kit, cara a cara. Em um instante, a ilusão se dissipou. Restava apenas o demônio: cinzento, afiado, de outro mundo. Seu corpo vibrava com algo cru e violento.

Ben se aproximou, mas Eda o afastou com a mão. Ela encarou Kit e se

perguntou se era assim a dor de um coração partido.

— Pare — disparou ele, encostando a testa na dela, com a voz trêmula. — Por que está dizendo essas coisas? Por que tem que *estragar* tudo?

Eda o ignorou.

— Você vai lutar?

Lutar por mim?

Ele fechou os olhos com força.

— Não *posso*.

O coração dela doeu. Eda observou todos os traços de Kit: a curva da bochecha, a sobrancelha fina, os cílios sedosos e o cabelo que caía nos olhos. Registrou tudo na memória.

— Então fuja, Kit'rath. Minha vida é curta demais para desperdiçá-la com covardes.

Ele se retesou. Devagar, de forma mecânica, ele a soltou. Recuou e a olhou com uma expressão tão vazia e neutra quanto um campo recém-nevado.

Kit explodiu em uma revoada de névoa preta que balançou o cabelo de Eda, e um corvo brilhante disparou pela porta.

Breve e arrebatador como um cometa, ele se foi.

Vinte e nove

EDA NÃO SUPORTAVA A IDEIA DE VOLTAR PARA O QUARTO. Em vez disso, acendeu a lareira no solar, na esperança de expulsar o frio e a escuridão. Era caro acender tanto a lareira, mas não custaria nada a ela.

Ben hesitou na porta.

— De quem é esta casa?

— Não sei.

Sem dizer nada, ele pegou a acendalha e a pederneira. Após duas tentativas, as faíscas pegaram.

Não havia muito que fazer antes de anoitecer, quando Eda encontraria Tenelle. Isso, porém, não a poupava da inquietação por saber da doença do irmão, da proximidade da colheita. Ela sentia o mesmo em Ben, que cutucava excessivamente as toras no fogo.

A boca de Eda secou. *Na última vez que o vi com o atiçador, foi para matar um homem a pancadas*. Ben devia pensar o mesmo, pois parou e olhou para a própria mão como se lhe fosse estranha.

— Me diga por que é *boa* ideia encontrar a comandante Tenelle? — perguntou ele.

Ela explicou o confronto com Fane e Tenelle do modo mais sucinto possível, sabendo que, se parasse para respirar, Ben a criticaria por suas escolhas imprudentes.

Mas ele apenas a escutou e tirou a capa, pendurando a peça na cadeira para secar. Ele usava a mesma farda desajeitada da Ordem por baixo, mais limpa do que da última vez que Eda o vira. A espada de prata estava pendurada no cinto de qualquer jeito. Ele também a retirou e passou os dedos pelo cabelo molhado. Era

um gesto de ansiedade que os irmãos compartilhavam.

Eda pensou em Lawrie e quis chorar.

Quando ela terminou, Ben soltou um suspiro trêmulo.

— Então, se o espelho de Lich for destruído…

— O único jeito do sr. Night voltar para casa é pelo *nosso* espelho. Ele não poderá ficar nas margens, esperando que seja destruído.

— E o espelho está com a Ordem da Espada.

O solar tinha algumas mobílias — uma arca reluzente, um banco de nogueira, duas cadeiras estofadas ao redor de uma mesinha de lanche —, mas nem ela nem Ben sentaram. Em vez disso, se acomodaram no tapete de crina de cavalo diante do fogo, sentindo o calor entrar em seus ossos rígidos.

— Tenelle concordou com o plano — disse Eda. — Eu vou destruir o Portal de Lich, e ela vai usar o espelho que restar para expor o bispo em público, durante o Conclave dos Clérigos. Com Espadas suficientes por lá, será a oportunidade perfeita para atrair o sr. Night.

— Você acha que ela correrá o risco de um demônio soltar sua fúria nos soldados?

— É o dever dela proteger esta cidade do demoníaco. Ela não é covarde.

Eda precisava acreditar que isso fosse suficiente.

Ben fez uma careta.

— São muitas hipóteses.

— É tudo que nos resta.

— Você sabe que amanhã não é só o dia do Conclave, certo? É também o dia da colheita. Se o sr. Night não morrer antes de anoitecer…

— É tudo que nos resta — repetiu ela, enfática.

Ele esfregou os olhos.

— Tenelle parece ter gostado de deixar você fazer o trabalho sujo. Qual é o plano dela, caso não consiga destruir o espelho de Lich? Caso seja pega?

— Duvido que ela se importe se Lich me pegar, desde que eu destrua o Portal. E, se eu *não* conseguir… não sei. Talvez ela finalmente invada a toca de rato dele e resolva isso com as próprias mãos. Mas aproveitar meu trabalho deixa a ficha dela limpa, né? — disse Eda, encostando a testa nos joelhos. — Seria muito mais fácil com a ajuda de Kit.

— Nós não precisamos dele.

— Nós?

— Você acha que eu vou deixar você fazer isso sozinha?

Ela sentiu o afeto do cuidado ranzinza de Ben.

— Achei que você fosse desaprovar isso tudo, achar que é tolice.

— É *mesmo* tolice, e eu desaprovo, *sim*. Mas parece que o mundo não é mais gentil com os bem-intencionados do que com os que se arriscam, então o que eu posso fazer? Se conseguirmos salvar Lawrie e nos livrarmos de vez desse Pacto maldito, que seja.

Eda apenas assentiu, olhando para o fogo. A chuva tamborilava na janela.

— Perdão — disse Ben, de repente.

Ela pestanejou.

— Pelo quê?

— Por ter falado com você daquele jeito, antes das Espadas chegarem. Por tratá-la como uma criança. Por… não sei. Tudo.

— Eu que deveria me desculpar. Eu coloquei você e Lawrie nessa confusão. É por minha culpa que ele…

— Não. Você cometeu erros, mas *não é* responsável pelo que aconteceu. A culpa é do bispo. Se não fosse você, nós ainda estaríamos naquelas masmorras, à espera da forca. Eu sei que destino Lawrie prefere. — Ben engoliu em seco. — Perdão por nunca ter agradecido direito. Você é mais corajosa e melhor do que eu pensava. Então não aceitarei que se lamente assim. Entendido?

Mesmo quando era carinhoso, ele conseguia ser mandão. Eda cutucou as unhas, perturbada pelo elogio rabugento.

— Tá.

Eles ficaram em silêncio de novo — dessa vez, mais confortável. Foi Ben quem o interrompeu.

— Você gosta dele. Do Kit.

Adiantaria negar?

— Gosto.

— Quanto?

Por favor, não me faça dizer. Doía como uma ferida aberta. Ela não conseguia admitir o que sentia nem para si.

— Não importa. Se quiser me dar um sermão por minha tolice, seja rápido.

— Você sempre demorou a sentir medo. Eu e Lawrie… detestávamos o sr. Night. Mas você ficava fascinada por ele. Tão disposta a ver a humanidade onde não havia nada.

Ela se empertigou.

— Já entendi, Ben. Não precisa…

— Você encontrou um demônio com coração humano, afinal — disse ele, seus olhos brilhando à luz do fogo. — Eu vi como ele a olha.

Eda sentiu o rosto arder, mesmo que o peito doesse com pontadas gélidas de angústia.

— E o que você entende disso? — resmungou ela.

Uma pausa demorada.

— Tem uma mulher.

Eda levantou o rosto de repente. Ben estava excepcionalmente corado.

— Uma mulher?

— Ela está treinando no regimento montado da Ordem. Ainda é iniciante demais para as patrulhas. Eu a vejo treinar no pátio e carregar equipamento, mas ela passa muito tempo na estrebaria, ajudando a selar os cavalos. Ela gosta deles. Às vezes, eu a escuto conversando com os animais, quando acha que não tem ninguém por perto.

Ele coçou o pescoço.

A voz grossa e seca de Ben agora carregava uma doçura que Eda raramente ouvia. A constatação foi como um vento soprando as nuvens.

— Você a ama?

— Ela mal sabe que eu existo.

— Não foi isso que perguntei.

— Não importa — retrucou ele, imitando a esquiva da irmã. — Só quis dizer que eu entendo *algo* do coração e seus… anseios. Se você for tola, eu também sou.

— Você nunca me falou dela.

— Do que adiantaria?

— Ouvi dizer que fardos ficam mais leves quando compartilhados.

Ele não respondeu. Naquelas horas, Ben parecia muito mais velho do que era, sendo responsável por todos, menos consigo. Eda queria ver aquele peso aliviar. Queria que ele encontrasse essa moça da Ordem e se confessasse. Talvez, com sorte, ela o amaria também.

O fogo crepitou. Ben cutucou a lenha, sem precisar.

— Ele vai voltar dessa vez?

Não precisava perguntar a quem o irmão se referia. Eda fechou os olhos para esconder as lágrimas.

— Acho que não.

— Então somos só nós dois.

Ela fechou os punhos no colo, temendo se desfazer como um dente-de-leão ao vento. Não podia pensar em Kit, mas era difícil, já que dependia tanto dele. Sem o poder do demônio e o Manto do Disfarce, Eda se sentia tão perdida

quanto no começo daquilo tudo.

Não. Não estou perdida. Nem sozinha.

Eda observou o rosto de Ben, a barba por fazer. Ele a *criara*. Ajudara Eda a se vestir, penteara seu cabelo, servira suas refeições — tudo isso enquanto o pai ainda estava vivo. Depois, quando ela acordara certa manhã e encontrara seu primeiro sangue manchando a camisola, Eda procurara Ben, envergonhada. As lágrimas de constrangimento fluíram enquanto ele buscava roupas limpas, sem reclamar. Naquele dia, ele lhe dera o último pedaço de carne.

Muitas vezes, Eda sentia que Lawrie era quem mais a amava. O outro irmão brincava com ela, incentivava suas travessuras, era generoso com abraços e palavras de carinho. Lawrie dizia que a amava com a mesma frequência com que implicava com seu cabelo, como um verdadeiro irmão. No entanto, Ben fora seu irmão, mãe e pai, ao mesmo tempo, por falta de opção. Eda e Lawrie precisam dele. O amor de Ben era como a terra sob seus pés: sólido, inflexível. Fácil de pisotear e desconsiderar.

Eda pegou a mão dele e a apertou, com um nó na garganta.

— Estou feliz por você estar aqui.

Ele apertou de volta.

O assoalho rangeu.

Eda se sobressaltou. Ben já estava puxando a espada quando perceberam que era Tripp, à espreita na porta.

— Há quanto tempo você está espionando? — perguntou ela, gaguejando, então percebeu como era estranho o diabrete ainda estar ali. — Espere. Por que não foi embora com…

Tripp se aproximou. Era uma cena incômoda. Ben parecia prestes a esmagar o diabrete no carpete.

Ele parou diante do joelho de Eda e flexionou os dedinhos ossudos, como se não soubesse bem o que fazer. Ela viu um brilho astuto em seus olhos pretos.

— Meu senhor é o maior dos demônios, mas até alguém como ele pode… errar. Você disse a verdade, Eda Shaw. Ele não deveria se esconder do irmão. Deveria enfrentá-lo e lutar.

— Para recuperar a liderança da família, quer dizer.

— Para finalmente ser *feliz* — corrigiu Tripp, franzindo a testa. — Lorde Kit foi infeliz a vida toda, creio eu, sob a sombra do lorde Baelion. Até você chegar.

O peito dela doeu. Com uma consciência aguda da atenção silenciosa de Ben, Eda pigarreou.

— Você protestou com muita veemência quando nos visitou mais cedo. Fica

com raiva de todos os humanos com quem ele foi *íntimo*?

Ben engasgou.

Tripp pareceu surpreso.

— Não foram tantos. Tripp não protestava, pois eram apenas diversões passageiras, de horas, ou menos ainda. Mas *você*… Eu não gosto de como milorde se distrai com você.

— Você estava protegendo ele?

De mim.

— Tripp sempre protegerá seu patrão! Mas agora eu vejo. Eda Shaw o faz feliz… por mais indigna que você seja. E o lorde Kit nunca mais será feliz caso você faleça, mesmo que ele não admita. Tripp não pode aceitar isso.

— Ele foi *embora*, Tripp. Não sei se ele se importa tanto quanto você imagina.

— Então você é burra, além de feia — desdenhou o diabrete —, mas o que mais poderia esperar de mortais? É por isso que Tripp ajudará. Agora pode expressar sua gratidão.

Eda ficou boquiaberta e trocou um olhar perplexo com Ben.

— Você… vai nos ajudar a destruir o espelho de Lich?

— Foi o que eu disse, não foi? Pelos Sóis, sua cabecinha medíocre é mais lenta do que… *eita!*

Eda o pegou no colo com um abraço apertado. A pele dele era áspera como couro junto ao seu rosto, mas ela não se incomodou. Aquela criatura rabugenta amava Kit e, apesar de seus defeitos, tinha um coração generoso. Ela nunca se sentira tão próxima de Tripp.

— Obrigada — sussurrou na curva da asa dele.

O diabrete relaxou apenas por um momento antes de dar um tapa violento na cabeça de Eda.

— Ai!

— Solte-me imediatamente, mortal, ou precisarei queimar esta túnica! *Imediatamente*, já falei!

O Jardim Botânico estava mais escuro e ameaçador do que Eda se lembrava — repleto de sombras que pareciam prestes a engoli-la por inteiro. O sol estava quase se pondo. A luz avermelhada do crepúsculo se derramava entre os galhos, pintando o chão como o sangue que encharcara o cascalho duas noites antes.

Pelo menos Ben estava ao seu lado, com a mão no punho da espada, enquanto Tripp ia correndo na frente. Sem o manto, Eda se sentia duplamente

exposta. Por mais que lamentasse ter vivido como uma sombra por tanto tempo, o manto era útil de uma forma emocionante. Ela sentia uma profunda saudade da vestimenta.

— Adiante, humanos — sibilou Tripp.

De fato, um brilho amarelo surgiu na curva seguinte. Eda diminuiu o passo, se esforçando para enxergar no escuro. E se Tenelle tivesse decidido jogar Eda aos cães? E se aquele encontro fosse uma armadilha?

Mas Tripp não parecia preocupado. Quando se aproximaram, ficou nítido que apenas uma silhueta os aguardava, de lamparina na mão. Eles saíram da trilha de cascalho e seguiram a fileira familiar de árvores prateadas. Eda a cumprimentou com um aceno.

— Comandante.

Martine Tenelle tinha uma expressão abatida, mas mantinha a postura ereta. Ela contraiu a boca ao vê-los.

— Benjamin Shaw. É ousado da sua parte estar aqui.

— Minha irmã é mais ousada ainda.

— E cadê o demônio?

Eda respirou fundo.

— Não está aqui.

A expressão de Tenelle ficou ainda mais séria ao notar Tripp.

— Isso é… um *diabrete*?

Pelos santos.

Tripp mostrou os dentes afiados. Eda o cutucou com a bota.

— Perdão, comandante. Tripp vem nos auxiliar com o Portal de Lich. Supondo que você ainda queira que isso seja feito.

— Eu estou aqui, não estou?

— E eu também. Mas gostaria de saber qual é o seu plano para o Conclave antes de agir.

Tenelle levantou a sobrancelha.

— Você não está em posição de negociar, srta. Shaw. Não se quiser sua liberdade.

— Uma coisa é a liberdade. Preciso saber que o demônio com quem Fane está negociando será morto amanhã.

Titubeando, ela explicou o ferimento de Lawrie e a necessidade de matarem o sr. Night. Tenelle escutou com uma expressão de pedra.

— Entendo. Então você depende *inteiramente* de mim e dos meus homens.

— Assim como você depende de mim para destruir o espelho de Lich sem se

envolver. Eu farei isso, se você concordar em matar o demônio chamado Baelion Ansellis.

Uma pausa. Então, uma gargalhada grave e surpreendentemente vívida — diferente do que Eda imaginara. Se é que considerava aquela mulher capaz de rir.

— Você acha que exijo um serviço em troca de destruir um demônio? Esse é meu *dever*. Eu o mataria, quer você pedisse ou não — afirmou Tenelle, com brilho nos olhos. — Eu revelarei o Portal do bispo durante o Conclave. Eu o acusarei, e ele negará. Quando eu ameaçar destruí-lo, talvez ele confesse para se salvar da ira desse *Baelion*. Caso contrário, não posso garantir que o Patriarca não confie na palavra dele acima da minha. Precisamos que o demônio se revele e prove a culpa de Florian. Como saberemos que ele continuará defendendo o espelho?

— O Conclave vai acontecer na noite da colheita de outono. O que resta do nosso Pacto é devido ao sr. Ni… a *Baelion* neste mesmo prazo. Se ele não vier pelo espelho, terá que aparecer para nós.

Ela apertou a mão de Ben.

— Hm. — Tenelle soltou do ombro uma bolsa que Eda não havia notado e começou a revirá-la. — Se ele vier, estaremos prontos.

— Ele não é um demônio qualquer. É poderoso. É forte, rápido, sabe atravessar as sombras…

— Então é um desafio. Ótimo — disse Tenelle, sorrindo para ela. — Existem métodos para capturar e incapacitar criaturas do Além, srta. Shaw, e eu pretendo utilizá-los.

Do outro lado do muro do jardim, a luz desapareceu sob o céu noturno. Tenelle se endireitou, estendendo algo pesado e cintilante.

Hesitando, Eda aceitou o objeto.

— O que é isso?

— É como se destrói um Portal.

Trinta

— Quer dizer que Severin Lich mora em uma latrina imunda? — perguntou Ben, enojado, ao olhar os arredores.

— Ele não *mora* aqui. Com certeza tem uma casa chique e perfeitamente seca onde dorme. Este lugar é onde ele conduz seus negócios, só isso. A maioria das pessoas imagina que no esgoto só tenha ratos e água.

— E bosta. Não se esqueça da bosta.

No escuro do subterrâneo, todos os outros sentidos eram amplificados. Era impossível ignorar o fedor enjoativo do esgoto. Eda se perguntou, vagamente, como tinha chegado ao ponto de passar tanto tempo se esgueirando ali embaixo. Ela semicerrou os olhos para enxergar o desenho do labirinto que Tenelle roubara da Secretaria Municipal de Saneamento.

Ben aproximou a lamparina quando Eda apontou para um recuo amplo de um lado de um túnel, marcado por um X.

— Tenelle disse que indicou todas as áreas onde seria provável guardar objetos.

Eram muitas as marcas. O pergaminho, quando desdobrado, era tão grande que poderia ser usado como capa, e as linhas e curvas cuidadosamente traçadas que detalhavam o sistema de esgoto eram minúsculas. Já seria difícil de decifrar à luz do dia.

— Aqui fica o escritório de Lich — disse ela, sinalizando o espaço amplo e circular no cruzamento de quatro canais de água —, e aqui é a sala dele. Tem um corredor logo atrás, está vendo? Acho que uma das tapeçarias esconde uma porta. Deve ser por lá que ele circula.

E é um bom modo de esconder algo de valor.

Ben percorreu com o dedo um caminho estreito que saía daquela sala. O corredor terminava no que parecia uma saída — outro bueiro? — e, logo abaixo…

— O que significa essa caixa de outra cor, marcando a saída?

Eda consultou a legenda.

— Outro andar, mais subterrâneo. Outra câmara.

Eles se entreolharam.

— Chega de blá-blá-blá, humanos! — exclamou Tripp, seus olhos refletindo o escuro como brasas. — Para onde vamos?

Com certa dificuldade, Eda deu uma orientação para Tripp, na esperança de não estar se confundindo. Eles tinham descido pelo bueiro perto do curtume, já que ela sabia ser próximo da sede de Lich. Porém o mapa teria que guiá-los até lá.

Parando com frequência, eles atravessaram canais e túneis, verificando as áreas marcadas no pergaminho. Contudo, nenhum dos pequenos vestíbulos tinha sido transformado em cofre, nem continha nada além de excrementos de ratos e teias de aranha. Morta de medo de ser pega, Eda imaginava algum dos vassalos de Lich dando de cara com eles, atraído pelo eco dos passos. Não havia manto para protegê-la. Sua única defesa eram os sentidos superiores de Tripp. Ele avançava pelo escuro com confiança, movendo as orelhas de morcego para qualquer som.

Quando ele parou abruptamente, Eda quase tropeçou.

— O que…

Então ela viu.

Eles estavam diante de uma escada estreita que subia para um túnel mergulhado em sombras. Acima, fogo brilhava. *Se tem lamparinas acesas, tem gente por perto.*

— É aqui? — sussurrou Ben.

O mapa indicava uma escada levando ao meio do corredor particular de Lich.

— Acho que é.

Mal ousando respirar, eles subiram. Todo ruído parecia terrivelmente alto, mas não havia vozes, nem sombras em movimento.

Tripp foi o primeiro a chegar.

— Não tem ninguém aqui.

Aquela área tinha um cheiro melhor, distante dos canais de água fétida. As paredes eram secas, quase frias. O corredor mal tinha largura suficiente para dois homens passarem lado a lado, e tochas o iluminavam, dispostas em intervalos regulares ao longo do comprimento. Havia uma porta de ferro à esquerda. *A sala de Lich.* À direita, um portão ameaçador. *A saída para a superfície. E para o que quer*

que esteja por baixo.

— Querem apostar que está trancada?

Eles avançaram pela passarela e pararam diante do portão. Era de ferro folhado em prata, com um cadeado duplo de tamanho considerável. Do outro lado, havia um poço largo que descia pela pedra, com uma escada em espiral generosa instalada no centro, visivelmente mais recente que o poço em si. Eda estava certa de pensar que Severin Lich não se dignaria a atravessar degraus molhados e instáveis.

Ben sacudiu o portão de leve.

— Não dá para arrombar.

Eda se encostou na grade e olhou para cima. Uma faixa estreita e quadrada de luz brilhava lá no alto.

— É a saída, imagino. O Portal deve estar lá embaixo.

— Não vamos saber sem entrar.

Tripp correu de volta para o outro lado da passagem.

— Tripp! — sibilou ela, seguindo o diabrete. — *Tripp*. Não chegue perto da porta…

Ele já estava lá.

Eda parou a vários metros dele, sem ousar se aproximar.

Ben trombou com ela.

— O que ele está fazendo? Vamos ser pegos!

Tripp fez um gesto com a mão, como se pedisse silêncio, e encostou a orelha no ferro. Depois de um momento, sorriu e levantou um dedo nodoso. *Um*. Uma pessoa lá dentro?

Ele os chamou. Eda se aproximou a passos leves, agarrada ao irmão.

— O que foi? — murmurou para o diabrete, sem emitir som.

— Se preparem — respondeu ele da mesma forma, os olhos pretos cintilando de entusiasmo.

Então, raspou o metal com as unhas, fazendo um ruído agudo.

Eda recuou. Ben bufou, chocado, e empunhou a espada. *Bicho miserável!* Ela puxou a faca da bota. Nada aconteceu. Tripp repetiu o barulho.

Houve sons abafados de movimento. E se fosse o próprio Lich? Quem *mais* seria?

O som de uma voz grave, uma chave virando na fechadura…

A porta foi escancarada. Uma silhueta escura passou.

Tripp pulou.

O grito abafado do homem foi interrompido quando o diabrete grudou na

cabeça dele, batendo as asas e apertando os braços e a cauda com uma força surpreendente.

— *Agora*, humanos — grunhiu, antes enfiar os dentes no pescoço do homem.

Ben foi o primeiro a reagir. Ele agarrou o braço que o homem balançava, empunhando uma espada, e impediu que Tripp fosse ferido. O homem era largo, mas Ben também era — com um chute, ele fez as pernas do desconhecido cederem. O sujeito caiu, e Ben o segurou no chão com o joelho.

Eda se encolheu contra a parede, segurando a lamparina que balançava sem parar. Sombras saltavam na parede, projetando o embate como um teatro grotesco. O homem a encarou por um breve momento, de olhos esbugalhados, e o gelo do reconhecimento a atravessou.

Hillock.

Ele girava os olhos como um cavalo assustado, com baba escorrendo pelo queixo. Tripp rosnava como um cão raivoso no pescoço de Hillock. Sangue jorrava livremente. Eda o encarou.

Hillock a ajudara. Apenas por interesse de seu chefe, mas ainda assim ele a ajudara. Foi graças a ele que Eda encontrara Kit. O homem lhe parecera tão forte, tão mais esperto e perigoso do que ela.

Agora estava ali, reduzido a um bicho se debatendo em sua armadilha.

O corredor era estreito, e os pontapés violentos de Hillock tornavam difícil imobilizá-lo, mas Ben não hesitou. Ele afastou Tripp e apertou o pescoço de Hillock, fazendo pressão nos lados para evitar a traqueia. O rosto de Hillock ficou roxo. Os movimentos dele perderam força. Ele soltou um braço e mirou um soco em Ben, mas Eda correu para impedi-lo, se sentindo horrível.

— Arrebente ele, humano! — disse Tripp, sangue pingando de sua boca. — Acabe logo com isso!

— *Não* — chiou Ben.

Ela entendia — Ben não queria matá-lo. Eda tampouco.

Hillock logo parou de se debater. Ele ficou quieto, depois, inerte, e, por um momento, não era possível ouvir nada além da respiração ofegante deles no corredor escuro. Ben o soltou. As mãos dele estavam molhadas e vermelhas.

Pelo amor dos santos.

— Ele… morreu?

Ben aproximou a orelha da boca aberta de Hillock.

— Ainda está respirando. Parece.

Eda se levantou com dificuldade. Ela foi até a porta e afastou a tapeçaria.

A sala de Lich era exatamente como ela lembrava: luxuosa, limpa, cheirando a

tabaco apimentado. A tapeçaria que cobria a entrada da frente estava fechada. Do outro lado, o zumbido de pessoas trabalhando seguia ininterrupto. Lich não estava lá, mas sua guilda mantinha o movimento. Alguém poderia aparecer a qualquer momento.

Ela ouviu Ben engasgar com náusea. *Pelo menos ele não precisou matar de novo.*

Tripp passou rastejando pelos pés dela e contraiu o rosto em uma careta escarlate.

— Viu? Eda Shaw estaria perdida sem Tripp.

— Você não pode fazer uma coisa dessas sem nos avisar — soltou ela, segurando no batente.

Ela tentou se concentrar no frio do ferro em vez do cheiro acobreado de sangue.

— Tripp *avisou* — disse ele, revirando a mesa de Lich. — Você precisa de uma chave, não é?

— Não há garantia de que Lich guarde a chave aqui. Talvez ande sempre com ela — disse Eda, olhando para a tapeçaria. — Não podemos ficar…

Com um estalido, Tripp afastou a garra de uma das gavetas, que se abriu com facilidade.

Eda pestanejou.

— Você sabe arrombar fechaduras?

— Lorde Kit sempre mandava Tripp arrombar coisas quando era jovem.

— Por que não fez isso com o *outro* cadeado, então?

— Prata, mortal, *prata*! Tripp não quer perder os dedos.

Com cuidado, ele puxou uma chave grande e reluzente pela alça de cetim vermelho. Então, abriu um sorriso presunçoso, mostrando os dentes afiados.

— Agora, rápido — disse Tripp. — Antes que aquele soldado que deveriam ter *matado* acorde.

Eles endireitaram a mesa e fecharam a porta ao sair. Debateram se deviam esconder o corpo de Hillock, talvez na escada pela qual tinham subido, mas o chão estava sujo demais de sangue para disfarçar o ocorrido. Alguém o encontraria, ou daria falta da chave, mais cedo ou mais tarde. Então o deixaram ali mesmo, torcendo para que permanecesse desacordado mais um pouco.

Eda ajudou Ben a se levantar, sentindo que ele também a mantinha de pé.

Com a mão trêmula, ela destrancou o portão de prata. Eles pisaram com cautela na escada, tomando cuidado com a queda profunda e longa. Juntos, desceram no escuro. Não havia nenhuma tocha ali embaixo. O caminho não era tão extenso, mas a temperatura caiu rapidamente, causando arrepios. Sem a

lamparina, Eda não teria visto nem os próprios pés. Ela pestanejou, contendo a tontura das voltas em espiral, até chegarem lá embaixo.

Era apenas um círculo de terra batida, com outro portão na parede, idêntico ao de cima. A grade cintilava à luz da lamparina. Eda destrancou com a mesma chave, e o portão se abriu com um guincho.

Tripp entrou primeiro. Ele foi engolido pelas sombras, até piscar os olhos: dois pontinhos vermelhos pairando estranhamente.

— Acendam as tochas, mortais.

Um arrepio suave na nuca de Eda indicava que o Portal estava ali, antes mesmo de Ben localizar a vela e acender as tochas junto à porta. O pano queimou, e a luz bruxuleante invadiu o ambiente. As sombras recuaram, e ali estava.

O espelho de Lich não era tão grandioso quanto o deles. Tinha a mesma altura, e a largura era parecida, mas, enquanto o Portal dos Shaw parecia praticamente intocado pelo tempo, aquele mostrava as marcas de sua idade. A obsidiana preta estava arranhada, até lascada em pontos distintos. Em vez das massas revoltas de chifres e criaturas entalhadas, a moldura daquele espelho consistia em simples silhuetas encapuzadas nos cantos. De vestes compridas e sem rosto, elas estendiam os braços para os lados, como se sustentassem a pedra.

— Não era o que eu imaginava — comentou Ben, em voz baixa.

Eles apoiaram a lamparina perto da base do espelho, arriscando olhar mais de perto.

— Deve ter trocado muito de dono para ficar tão gasto assim.

Eda sabia o que esperar do próprio Portal, mas aquele lhe era desconhecido. Ela se sentiu desconfortável.

— Façam o que for — acrescentou ela —, mas não o toquem. Tripp, suba a escada e fique de sentinela, por favor. Gostaria de ser alertada se alguém vier.

Ele se afastou, com um murmúrio relutante:

— Milady.

Eda soltou a bolsa emprestada do ombro e tirou as ferramentas de lá.

— Não parece nada surpreendente — disse Ben.

Ela levantou o martelo e o cinzel.

Brilhantes como moedas de prata, eram definitivamente simples, sem gravuras ou ornamentos. Assim como as armas usadas pela Ordem da Espada, as ferramentas eram feitas de uma liga fina de prata, pura o bastante para queimar e borbulhar carne demoníaca. *A prata é a fraqueza dos demônios, mas, sem encantamentos, também é a nossa*, explicara Tenelle no jardim. *É macia demais para*

boas armas ou ferramentas. O Mosteiro dos Alquimistas incute a força necessária nas nossas espadas. O mesmo vale para este martelo e cinzel.

— Tenelle chamou de Rompedouros — explicou Eda e, respirando fundo, encostou a ponta do cinzel na superfície do espelho. — Vamos ver se é verdade.

Ela bateu com força.

Um ruído agudo ressoou pelo espaço. Fagulhas brancas brilharam onde a prata encontrou a obsidiana. Mas o espelho seguia ileso. Franzindo a testa, Eda tentou de novo.

Ting!

Fagulhas, nada mais. Será que Tenelle lhe dera ferramentas ruins? Ela rangeu os dentes e tentou uma terceira vez.

Talvez ela tivesse usado mais força, pois, dessa vez, um *créc* distinto soou por baixo do tilintar do metal. Uma fratura se espalhou da ponta do cinzel, uma veia cinza e fina maculando o preto. Eda olhou para Ben, vitoriosa.

— Me deixe tentar — pediu ele.

Ting!

Ting!

Ting!

Pouco a pouco, a rachadura cresceu, se espalhando como um relâmpago a cada golpe. Ao lado de Ben, Eda observou, fascinada e assustada.

Um Portal poderia ficar lascado ou arranhado, mas não quebraria com tanta facilidade. Antes de compreenderem plenamente as propriedades destrutivas da prata, a história relatava espelhos esmurrados por martelos imensos, jogados de penhascos, arrastados por carroças por quilômetros a fio. Nada funcionava. A própria Eda se sentia tão pequena diante do poder silencioso e ameaçador do espelho do sr. Night que mal conseguia pensar em destruí-lo.

Entretanto a rachadura cresceu e, com ela, uma satisfação orgulhosa. Portais eram resultado de mágicka humana. Mágicka humana também os destruiria. *Que bom que demônios ainda não ultrapassaram a perspicácia que nós, reles mortais, demonstramos.*

Quando Ben bateu o martelo novamente, algo se partiu, como um lago congelado na primavera. Fraturas se espalharam até as bordas do espelho. Ben levantou o braço, encorajado pela proximidade do sucesso.

O preto impenetrável foi tingido por outra cor.

— Espere! — exclamou Eda, se agarrando ao irmão.

Ben abaixou o braço, chocado.

A superfície de tinta do espelho rapidamente se dissipou, como se alguém a

lavasse com água. Através do escuro, uma imagem começou a se formar. Eda ficou imóvel.

Não era uma imagem. Nem um reflexo. *Era a vista para o outro lado.*

Ondulando como um riacho agitado, era difícil distinguir os detalhes, mas inegavelmente se tratava de algum templo. Um tapete vermelho-sangue fluía da base do espelho até degraus largos e curvos, levando a portas duplas. Todo o restante era austero e branco como a neve. Do outro lado da porta, o horizonte de uma cidade indistinta reluzia sob o brilho fogoso e alaranjado de *três* sóis, que inundava o templo, pintando tudo em um tom dourado e laranja tão semelhante aos olhos de Kit que Eda perdeu o fôlego.

Então uma figura correu pelo tapete até eles. Uma sombra humanoide, na contraluz.

Não.

— Quebre — gritou Eda. — Quebre, agora!

Ben chiou baixinho e bateu o martelo com urgência. As rachaduras se espalharam. A imagem se partiu e rodopiou, um caos de cores tentando se libertar, como algo vivo.

Eda puxou a bolsa de Tenelle, em pânico. Ela pegou um frasco de prata coloidal bem quando o espelho ondulou daquele modo familiar, parecendo alcatrão.

Um braço emergiu da superfície.

Ben se afastou quando a mão roçou a dele, as garras afiadas arranhando seus dedos. Uma figura surgiu, e Ben caiu sentado, grunhindo.

O demônio mostrou as presas brancas.

— E que invasão mortal insolente é essa?

O ar ficou paralisado.

Linda foi o primeiro pensamento de Eda. *Aterrorizante* foi o segundo.

Era um demônio fêmea, a primeira que Eda já vira. Era da mesma altura de Kit, mas a pele era de um cinza-basalto mais escuro. O cabelo preto e cacheado estava trançado em uma coroa elaborada, cintilando com presilhas douradas. O vestido de manga comprida e cor safira escura dava indícios das curvas generosas por baixo. Ouro pendia de suas orelhas pontudas e do pescoço esguio, adornando até a ponta dos dois chifres que despontavam em espiral pelo cabelo. Sua boca era vermelha, em um tom ameaçador, mas o pior eram os olhos: amarelos, mais pálidos do que os dos demônios machos que Eda conhecia. Eles atravessavam a

escuridão como gotas de sol, com uma intensidade dolorosa.

Merda foi o terceiro pensamento de Eda. *Merda, merda, merda.*

— Entendi — disse a demônia com uma voz melódica. — Dois ratinhos se esgueirando em segredo pelo covil de Severin. Sem a cortesia de simplesmente tentar *roubar* o Portal. Destruir? Ah, ele ficará colérico.

A demônia chutou o cinzel com a ponta do sapato. Então, falou com a voz ainda mais grave:

— Mas não tanto quanto eu.

Ben tentou recuar, mas ela pisou em seu tornozelo com tanta força que o fez gritar. Ele procurou a espada, mas a demônia apenas riu e balançou o dedo.

— Ora, ora. Do que adianta? Eu poderia arrancar seu coração antes que essa espada me alcançasse. É isso que você quer, humano? Está com tanta pressa para morrer?

Eda se aproximou. Os olhos brilhantes se voltaram para ela.

— Meu nome é Eda Shaw. Este é meu irmão, Ben. Desejamos destruir este espelho apenas para matar Baelion Ansellis.

Era uma aposta arriscada, mas o próprio Lich lhe contara sobre a dissidência entre os nobres de Infernus. Eles se ressentiam do sr. Night, e aquela fêmea não parecia ser da ralé.

A demônia inclinou a cabeça daquele mesmo modo rígido e estranho que o sr. Night tinha, como uma coruja avaliando a presa.

— *Como assim?*

— Baelion Ansellis. É um dos arquiduques, não é? Ele mantém um Portal para seu uso particular, indo contra os seus costumes.

A demônia encarou Eda como se ela tivesse duas cabeças.

— Você sabe demais para uma mortalzinha qualquer.

— Sei. E sei que o Portal dele foi apreendido pela Ordem da Espada. Será destruído, e ele não terá outro espelho além deste para usar. — Eda deu outro passo, calculando a distância. — Ele pretende tomar este Portal para si.

A demônia semicerrou os olhos.

— Ele não *ousaria*.

— Ele já roubou um. Por que não roubaria outro?

— Este é o Portal Primordial — sibilou ela, curvando a coluna e encolhendo as garras. — Uma relíquia de viagem ao mundo mortal protegida por milênios, destinada a ser compartilhada entre os dignos. Os próprios arquiduques nomearam a *mim e aos meus* como seus guardiões jurados. Baelion Ansellis não terá este espelho — declarou, com um sorriso sombrio. — Nem vocês. Eu os entregaria a

Severin para ele fazer o que achar melhor, mas o dano que causaram exige um julgamento mais imediato.

O coração de Eda acelerou. Ela apertou o frasco sob a capa.

— Destruir este espelho é o único modo de prender Baelion aqui e nos dar uma chance de matá-lo. É isso que você quer?

— Rá! — A demônia se agachou, tensionando os músculos. — Se alguém for matá-lo, não será *você*, sua desgraçada arrogante.

A demônia saltou.

Ela era tão rápida que Eda mal teve tempo de reagir antes de ser arremessada contra a parede. Suas costelas latejaram. O ar lhe escapou. Ela deveria estar dilacerada, mas a demônia urrava, recuando. O frasco a atingira bem no peito. Ela arranhava freneticamente a pele fumegante.

— *Vhesak!*

Ben se levantou com a espada em mãos.

— Quebre, Eda! Agora!

Eda mergulhou na direção do cinzel e do martelo. Tudo parecia acontecer em câmera lenta: as pernas se moviam mais devagar do que deveriam, a vista estava embaçada. Pelo canto do olho, viu a demônia dar um tapa tão violento em Ben que ele quase caiu.

Não olhe, não olhe!

Ela bateu com o martelo.

O espelho rachou perigosamente. A superfície preta e oleosa rodopiava como um cardume. A magia era frenética, pressentindo a proximidade da própria liberdade.

Eda bateu outra vez.

Créc.

Levantou o martelo de novo.

A cabeça dela foi esmagada contra a pedra. O mundo pareceu explodir. Eda viu estrelas. A dor irradiava pelo seu crânio como fogo, e ela tombou, ofegando. Por um momento, não tinha nem ideia de onde estava. A demônia a puxou.

O lindo rosto estava derretendo — a orelha, o queixo, o canto da boca vermelha. Ben, no chão, tossia, a espada caída do outro lado do cômodo.

Garras arranharam o couro cabeludo de Eda. Ela se debateu desesperadamente, atacando com o martelo. Com um chiado, a demônia jogou a arma para longe. De repente, ela foi arremessada como uma boneca de pano, e o mundo se tornou um borrão. Eda caiu no chão com força e tossiu. Tentou se ajoelhar. *O cinzel. O martelo. Onde…*

Um pontapé a derrubou novamente, esmagando seu peito. Os olhos de Eda ficaram marejados. O mundo oscilou como uma miragem, apenas cores e formas. Ela agarrou o tornozelo da demônia, cravando as unhas nela para tentar afastar o peso das costelas, mas a criatura aumentou a pressão.

A demônia tremia de dor acima de Eda, ofegante e com os olhos arregalados. Ela parecia assustada. Como se não tivesse pensado na possibilidade de dois mortais a ferirem assim.

Da próxima vez, não vai ser tão arrogante, sua filha da puta, Eda queria dizer, mas não tinha ar.

— Chega — chiou a demônia e, em sua mão, uma bola de fogo surgiu. Eda parou de se debater. — Você *ousa* acreditar que é minha igual? Morrerá queimada.

Ben procurou a espada.

Ele não chegará a tempo, pensou Eda, atordoada de terror. *Ela vai me queimar viva. Vai mesmo. Vou morrer.* Ela se achara tão corajosa quando falara de enfrentar a morte para Kit. Agora, diante de seu próprio fim, o medo a deixava tonta.

Créc.

Todos ficaram paralisados. A demônia virou a cabeça, e Eda seguiu seu olhar.

Tripp estava agachado no topo do espelho. Ele embrulhara o punho com parte da túnica, como uma luva, para segurar, acima da cabeça…

O cinzel.

— Volte, senhora, ou fique presa aqui de vez.

A demônia gritou e correu na direção do espelho. Tripp quase pareceu envergonhado ao bater com o cinzel.

Com um som retumbante, a pedra explodiu em uma chuva de fumaça preta. Eda cobriu a cabeça. Fragmentos acertaram seus braços, suas pernas, suas costas. Era como se uma tempestade imensa passasse por eles, uma porta escancarada pela ventania. Por um momento, ela não ouvia nem os próprios pensamentos em meio ao uivo de magia pura, sufocante ao escapar das amarras antigas.

Na mesma velocidade com que começara, tudo acabou. O silêncio tomou conta do lugar.

Eda ergueu o rosto para olhar.

Restava menos da metade do espelho, áspero como uma montanha. Ao redor deles, cacos de obsidiana cobriam o chão em escombros. Em meio ao caos, havia uma cauda ensanguentada, como uma cobra grotesca, cortada com a precisão de um cirurgião. A demônia conseguira atravessar. Por pouco.

Ben arfou, chocado. Ele estava empoeirado, com a boca inchada e ferida. Eda

não devia estar melhor. Eles se encararam.

Algo bateu no joelho dela.

Tripp a olhou com uma expressão quase preocupada.

— Não podemos demorar. Os humanos daqui…

Quando ela o abraçou, encostando o rosto molhado em seu ombrinho ossudo, Eda esperou levar outro tapa. Para sua surpresa, Tripp soltou apenas um ruído de incômodo. Ele passou a mão cautelosamente na cabeça dela, como se estivesse acariciando um cachorro sarnento.

— Não chore. É vergonhoso.

— Obrigada — sussurrou Eda. — De novo.

Tripp puxou o cabelo dela, que se afastou.

— Ouço os humanos se reunindo, milady. Temos que ir.

Rígidos de dor, eles se levantaram com esforço. Eda pegou um caco de obsidiana antes de fugirem escada acima.

Uma prova.

Trinta e um

AO MEIO-DIA EM PONTO, sinos ressoaram do campanário do Grande Templo. Os cidadãos se reuniam pela promessa de proteção, como se estivessem ao redor da lareira no inverno, olhando para todos os lados em busca de monstros à espreita. A Ordem da Espada saíra em força total, ladeando as ruas ao redor do templo por quase um quilômetro, de espadas de prata e bestas a postos.

Fazia mais de um século que o Conclave dos Clérigos não ocorria em Blackbridge. Rumores se espalharam, dizendo que o Patriarca chegara naquela manhã, de madrugada, acompanhado por uma comitiva de clérigos e auxiliares. A expectativa de um dia tão sagrado afastava grande parte do medo, pois que mal ousaria surgir ali, onde se reuniam as pessoas mais devotas da terra?

Eda e Ben ficaram no escuro, à espera.

Eda sentia todos os machucados. O ferimento na cabeça, embora superficial, ardia sempre que ela franzia ou levantava as sobrancelhas. A mão de Ben tinha arranhões finos das garras da demônia, e sua boca estava inchada. Eda não conseguia parar de pensar que Lawrie adoecera devido à mordida de um mastim — por que um demônio não causaria a mesma doença?

Depois de hoje, talvez não faça diferença.

Blackbridge estava na mais fina forma; as nuvens carregadas de chuva, o ar pesado de expectativa. Tudo terminaria ali. De um jeito ou de outro.

À noite, eles tinham escapado pela escada de Lich em meio ao som de vozes furiosas ecoando pelo corredor. O alçapão estava preso apenas por um cadeado simples, e eles saíram no porão de uma casa elegante. Eda desconfiava que fosse de Lich — ela registrara um borrão de móveis ornamentados e bordados audaciosos antes do berro apavorado de uma criada enxotá-los para a rua como ladrões na

calada da noite. Fugiram até perder o fôlego, escondidos em um beco escuro.

Tripp os levara de volta à casa do caçador rico. Eda e Ben, exaustos, adormeceram bem no chão do solar, abraçados.

Eda tinha sido a primeira a acordar, chorando em silêncio, olhando para o teto empoeirado. Chorava pela dor dos irmãos. Pela própria dor. Pela *raiva* que fervia dentro dela ao pensar em todo seu sofrimento. E por Kit — porque parte dela ainda tinha a esperança vã de encontrá-lo naquele casarão, com seu sorriso travesso.

Finalmente, meu bem.

No escuro do solar, ela cobrira a boca para abafar os sons da tristeza.

No dia seguinte, porém, nas sombras entre os edifícios, Eda estava atordoada. Não achava que conseguiria forçar uma lágrima sequer — estava vazia. Por dentro, tinha mais vento e tempestade do que sangue e músculo.

Quando Tenelle abriu caminho pela multidão e se juntou a eles, Eda estendeu o caco de obsidiana em silêncio.

— Conseguiram?

— Está feito.

— E quase *morremos* — disse Ben.

Tenelle observou os cortes e hematomas deles.

— Acharam que seria fácil?

— Nada é fácil com demônios — respondeu Eda, seca. — Sabemos disso melhor do que ninguém.

Ela devolveu o martelo e o cinzel.

— Hm. Você é muitas coisas, mocinha, mas não é covarde.

É isso aí.

— Que bom que percebeu, comandante. Vamos?

Eles seguiram Tenelle, um pouco afastados, quando ela atravessou o largo cruzamento de paralelepípedos, de onde as vias principais de Blackbridge conduziam ao templo e ao forte. O templo tinha lotação para mil pessoas, e estava quase cheio. Os últimos Fiéis ainda estavam entrando pelas altas portas prateadas, todos bem-vestidos, talvez convidados. As pessoas comuns que chegavam atrasadas eram mandadas embora.

Ainda assim, os que ficavam de fora não deixariam de ver o Patriarca, se pudessem. Era uma multidão barulhenta e ampla, que se abriu como água para a comandante em sua armadura resplandecente.

— Deixe eles entrarem — ordenou Tenelle quando uma Espada tentou impedir Eda e Ben de subirem os degraus do templo.

A guarda os encarou, incrédula, notando a espada maldisfarçada de Ben, mas recuou.

Lá dentro, o ambiente lembrava uma caverna, as vozes dos Fiéis sentados nas fileiras de bancos duros ecoando. Estava ainda mais cheio do que quando fugiram dali, dias antes. A luz forte do dia era transformada em uma gama impressionante de cores ao atravessar o vitral. Cornijas de ouro cintilavam no teto abobadado.

Tenelle marchou em direção ao altar, seguindo pela lateral do templo. No caminho, murmurava com soldados posicionados junto à parede. Eda e Ben mantinham a cabeça coberta e a seguiam, obedientes. Eda tensionava todos os músculos, preparada para uma fuga urgente, ou para o caso de alguém notar seus rostos e soar o alarme. Tenelle ainda não tinha limpado o nome dos Shaw.

Santos do céu, que saudade do manto.

A preocupação dela era infundada. Os cidadãos estavam ocupados demais procurando lugar e cochichando entre si, entusiasmados. Eda e Ben eram invisíveis em meio à movimentação.

Tenelle parou a mais ou menos dez bancos da frente — perto o bastante para enxergar bem, mas não para chamar a atenção do bispo. Eda e Ben se sentaram na ponta do banco, como instruído.

— Fiquem de cabeça baixa — sussurrou Tenelle —, e estejam com a espada a postos.

Então, Tenelle partiu.

Eles se acomodaram. Eda levou um momento para perceber que o homem ao seu lado a encarava. Ela o olhou de relance. Olhou de novo.

— Bartholomew?

Ele estava ainda mais pálido do que na noite em que fora à loja. Sua capa elegante estava amarrotada, a boca, ressecada, os olhos, fundos. Ele a encarou em silêncio, horrorizado. Então, rígido, se virou para a frente.

— Não me dirija a palavra.

Ela cerrou os punhos.

— Você… conseguiu o que queria?

Eda achou que ele não fosse responder, até que Bartholomew murmurou:

— Sim. Ah, e como. Eu queria a ruína de um homem. A destruição de sua vida. O demônio prometeu que o faria sem violência direta contra ele. — Bartholomew engoliu em seco. — Em vez disso, ele matou a família do homem. Dizem que foi um incêndio. Mas eu sei que foi ele. Eu não… eu não queria *isso*. Não era *isso*.

Eda ficou sem palavras.

Ele tateou uma medalha da Fé no pescoço, feita de prata pura. A palma de sua mão era marcada por um novo corte, por cima daquele já cicatrizado.

O ódio dela voltou. Eda não era Fiel, mas o que Florian Fane fizera, transformando a fé daquela gente em zombaria, transformando o sagrado em sacrilégio em nome de suas próprias ambições mundanas… *Hipocrisia*, pensou. Ela se sentia enjoada.

Quantos anos ele já havia roubado?

— Perdão — disse ela. — Prometo que acabarei com isso tudo.

Bartholomew lhe dirigiu um olhar confuso, mas então a congregação foi instruída a se levantar para a leitura do Códice. Em seguida vieram os cânticos, que se elevaram em notas comoventes de devoção. Eda reconhecia a melodia, mas não a letra. Parte dela desejava acreditar como os outros. Talvez, assim, tudo aquilo fosse mais fácil de suportar.

Jovens auxiliares balançavam turíbulos de um lado para o outro. O incenso era adocicado e fresco, subindo em nuvens carregadas, purificando o templo daquele jeito misterioso que a tradição priorizava.

Então Fane subiu ao altar.

Sua figura era limpa e brilhante ao atravessar o espaço. Todos o olhavam quando ele parou diante do púlpito dourado: respeito e fascínio por um homem que podia banir o demoníaco com meras palavras. O corte em seu rosto chamava a atenção, mas as marcas vermelhas e inchadas na orelha eram mais satisfatórias, pois tinham sido feitas pelos dentes de Eda. Atrás dele, uma dúzia de clérigos de vestes semelhantes ocuparam os assentos dispostos em semicírculo. A maioria era de homens e mulheres de idade avançada, todos devidamente sérios, como exigia a importância do dia.

Eda e Ben se entreolharam. *Lá vamos nós*.

— Meu belo povo. Sejam bem-vindos — ecoou a voz de Fane como uma moeda caindo em um poço. — Hoje estamos aqui para testemunhar o décimo terceiro Conclave dos Clérigos da história weslita. Aqui reunidos estão os membros mais devotos, mais dignos, mais antigos da Ordem da Fé em toda Wesland, como nomeados pelo eleito do Senhor, nosso Patriarca. Por favor, recebam agora Sua Santidade.

Sob muitos aplausos, outro homem surgiu da porta atrás de Fane. Ele vinha curvado, grisalho pela idade, arrastando os pés em passos lentos. Um jovem padre lhe dava o braço para orientá-lo. Ele poderia ter sido confundido com um avô adoentado se não fosse pelas vestes esplêndidas: batina branca impecável com borda dourada e estola igualmente dourada, pendendo do pescoço ao chão. Na

cabeça, um chapéu quadrado incrustado de rubis cintilava à luz crua. O emblema da Ordem da Fé reluzia em seu peito.

Apenas aquela roupa valia o mesmo que todo o conteúdo da Shaw Antiguidades e Curiosidades, somado ao prédio em si. Antigamente, Eda talvez tivesse ficado deslumbrada, ou doente de inveja. Naquele momento, porém, sentia apenas um leve incômodo. A aparência grandiosa do Patriarca não o protegeria do demoníaco, nem dos homens avarentos que cobiçavam seu posto.

Fane se sentou com os outros clérigos quando o Patriarca tomou o púlpito. Por mais idoso que fosse, ele encarou a congregação com olhos alertas antes de contrair os lábios finos.

— O Senhor abençoe todos os reunidos aqui e esta bela cidade — disse ele, e o elogio soava apenas *um pouco* forçado. — É um imenso prazer conduzir este Conclave aqui em Blackbridge. Foi uma honra servir como Patriarca do povo weslita há mais de trinta anos. Porém é hora de olhar para o futuro. Meu maior dever ainda resta: selecionar aquele que será meu sucessor quando meu espírito retornar ao colo do Senhor. É este o propósito de todo Conclave, garantir que a palavra do Senhor e Seus ensinamentos sejam deixados em mãos dignas.

A voz dele era seca como papel velho, e quase tão fina quanto, mas o silêncio no templo era tanto que se podia ouvir tudo.

— A cidade de Blackbridge tem enfrentado o demoníaco há muito tempo. Algumas semanas atrás, enviei o bispo Florian Fane para comandar a salvação desta cidade. Ao que tudo indica, o povo sofreu grandes perdas. Porém, o bispo Florian os defendeu com um raro poder espiritual. Eu gostaria de agradecê-lo pessoalmente pelas boas obras realizadas aqui.

Exclamações de apoio soaram da congregação, junto a aplausos. Fane abaixou a cabeça, contido.

Eda queria quebrar o pescoço dele.

— Muito se discutiu entre os Fiéis reunidos neste altar. Como membros do conselho e das ordens mais elevadas, é deles que se deve eleger um clérigo-chefe, sucessor do Patriarca. Agora é o momento de cada membro nomear seu escolhido — disse ele, e se virou. — Clérigos da Ordem da Fé, por favor, declarem seus votos em nome do Senhor.

Ele se afastou. O templo prendeu a respiração quando a primeira clériga se aproximou do púlpito — uma mulher de cabelo grisalho e arrumado.

— Eu, bispa Sybil Navare de Alderport, voto no bispo Florian Fane.

Eda sentiu a boca secar. Ela apertou a mão de Ben, que retribuiu o gesto.

O clérigo seguinte se levantou. Ele parecia infeliz, e as palavras saíram de

forma rápida e relutante.

— Eu, bispo Marcin Heath de Dawnmouth, voto no bispo Florian Fane.

E assim se seguiram, um após o outro.

— Bispo Florian Fane.

— Bispo Florian Fane.

— Bispo Florian Fane.

A última a se pronunciar foi outra mulher. Mais jovem, com uma expressão carrancuda, ela se ergueu com uma impertinência rígida que lembrava Tenelle.

— Eu, bispa Amabel Hughes de Rivenham, voto no bispo Marcin Heath.

Isso causou um murmúrio entre a multidão, com alguns olhares furtivos entre os clérigos. Mas o Patriarca simplesmente fez um gesto e se voltou para a nave. O voto era claro. Bastava que ele o confirmasse.

— Então eu reconheço a nominação de meus colegas clérigos. É com grande prazer e solenidade que nomeio bispo Florian Fane como meu sucessor direto e futuro Patriarca da Ordem da Fé…

Fane já estava se levantando, corado de alegria, quando um estrondo ecoou pelo templo.

Martine Tenelle apareceu dos fundos e subiu ao altar, com a mão no punho da espada. Atrás dela, dois guardas corpulentos empurravam o espelho do sr. Night — *o espelho dos Shaw* — em uma plataforma sobre rodas. O objeto estava preso por correntes grossas, sustentado por um cavalete. O espelho não brilhava na luz colorida, apenas a absorvia de um jeito que claramente não era natural.

Confusão percorreu o templo. Os clérigos se entreolharam, assustados. Fane permaneceu imóvel, empalidecendo.

Um homem se levantou na primeira fileira. Era careca e parrudo, e sua postura de autoridade dava mais indícios de sua importância do que a armadura cerimonial que usava.

— Comandante, o que está acontecendo?

— Esse é o grão-comandante Tiernan — sussurrou Ben no ouvido de Eda. — A Espada de mais alta posição no país. Ele *é* a Ordem.

— Por favor, perdoe a interrupção, Vossa Santidade — disse Tenelle, se curvando para os dois homens, um de cada vez, com uma expressão decidida. — É uma pena ter que perturbar esta cerimônia tão auspiciosa com questões mundanas, mas não posso permitir que corrupção e crueldade sejam recompensadas na casa do Senhor. Se me permite, Vossa Santidade?

Ela apontou para o púlpito dourado.

Chocado, o Patriarca assentiu e se afastou, abrindo espaço para ela.

— Martine — alertou o grão-comandante Tiernan.

Ela levantou a mão.

— Eu me submeterei a qualquer castigo que considere adequado, grão-comandante, mas não antes desta congregação ouvir as acusações que trago aqui.

Ela apontou para Fane, e sua voz cortou o ar como um chicote:

— Bispo Florian Fane tratou com demônios e é o responsável pelos ataques de mastim nesta cidade. Este Portal pertence a ele.

Uma onda de choque percorreu a multidão, se espalhando como espuma do mar em sussurros e exclamações. Alguns gritaram de ultraje. Nas margens, Espadas se remexeram, desconfortáveis.

O Patriarca apertou o braço do auxiliar. Os clérigos olharam, incrédulos, para Tenelle e para Fane.

— Que disparate! — gritou o grão-comandante.

Para surpresa de Eda, foi o alto-governador Wolfram quem se levantou do outro lado, erguendo a mão para o povo.

— Paz, minha boa gente. Grão-comandante Tiernan, devemos permitir que a comandante apresente seu caso.

— Ela não tem esse direito! O Conclave é sagrado!

— Mais um motivo para ouvir qualquer objeção à determinação antes que se declare um sucessor — disse o governador, erguendo a voz. — Não concorda, Vossa Santidade?

O Patriarca estava boquiaberto.

— Eu… Sim, é…

— Meus soldados descobriram este Portal escondido em um mausoléu sacro, protegido por mastins. É assim que infectaram Blackbridge. Florian Fane foi encontrado na cena do crime, na calada da noite.

Fane se recompôs. Embora ainda pálido como leite, ele forçou uma expressão de espanto.

— Comandante Tenelle, você está confusa. Eda Shaw também estava presente. Foi ela, a bruxa, quem massacrou meus homens. Você e seus soldados viram os mortos com seus próprios olhos. — Ele abriu os braços para a multidão. — Não testemunhamos, todos, a garota comandando as feras? Que, sob meu poder, foram expulsas?

— Sim! — gritou a multidão em resposta. — Foi ela, sim! A Shaw!

Eda afundou no banco, com o coração acelerado.

— Por que eu, um homem da Fé, faria mal a meus colegas sacerdotes?

A multidão soltou urros de apoio, furiosa.

Tenelle retrucou:

— Há muito tempo você usa Eda Shaw como bode expiatório de suas atrocidades. Eu também já estive convencida da culpa dela, mas agora vejo que você é mais do que capaz de massacrar inocentes, bispo, em nome de conquistar o que sempre desejou: a adoração de uma cidade inteira e um conselho de clérigos que garantam sua ascensão a Patriarca.

Ela encarou a multidão raivosa e gritou:

— Este homem mente para nós desde que chegou aqui. Acredito que o bispo Fane barganhou com um demônio, usando *este* espelho, para soltar os mastins sobre nós. Os monstros respondem ao chamado dele. Alguém aqui pode dizer que não questiona como, exatamente, um bispo comum pode afastar o mal com um mero gesto?

Entre os gritos de ira, alguns se entreolhavam, cautelosos. O ar se agitava, repleto de ofensa, incômodo e descrença.

— Isso é tudo que tem? — perguntou o grão-comandante Tiernan. — Uma hipótese? Não há provas!

— Não tenho provas irrefutáveis, é verdade — disse Tenelle, tirando o martelo e o cinzel de prata de dentro da túnica. — Se o bispo Florian for inocente de todo crime, eu serei a primeira a implorar o perdão de todos aqui presentes. Como homem inocente… — declarou, estendendo os Rompedouros para Fane. — Ele não terá motivos para não destruir este Portal aqui mesmo.

Fane ficou lívido.

— Honestamente, comandante. A destruição de um artefato demoníaco é um processo perigoso. Eu não correria o risco de machucar ninguém neste ato, muito menos em um lugar da Fé.

— Ele está certo! — esbravejou Tiernan, subindo ao altar. — Isso já foi longe demais, Martine. Retire-se.

— Não — declarou a bispa Amabel Hughes. *A que votou contra Fane.* — Deixe que ele faça isso. Portais devem ser fechados sem delongas, e, se o bispo Fane for mesmo incutido do poder sagrado, ele certamente protegerá toda esta gente. Não é, Florian?

Fane não olhou para ela. Seu sorriso ficou paralisado no rosto, grotesco como uma carranca.

Tenelle insistiu, pressionando as ferramentas nas mãos dele.

— Por favor, bispo. Proteja Blackbridge uma última vez. Salve-nos desta praga dos mastins de uma vez por todas — disse, e se virou para a assembleia. — Com poucos golpes, os monstros podem ser banidos eternamente de nossa cidade!

Alguém gritou:

— Destrua, bispo!

E mais um:

— Quebre o Portal!

Agitada pela promessa de um fim para o seu terror, a ira do povo se transformou em entusiasmo. Estavam ávidos para ver o herói provar seu valor novamente. A congregação se levantou, apontando, celebrando. As paredes vibravam. Eda e Ben também se levantaram para enxergar melhor.

Fane, porém, encarou os Rompedouros nas mãos, atordoado.

Tenelle inclinou a cabeça.

— Por que hesita? Você nos prometeu salvação… cá está. Afinal, você *é* inocente, não é?

Fane abriu e fechou a boca. O barulho diminuiu aos poucos. Fileira a fileira, os Fiéis se aquietaram, o entusiasmo esgotado pela estátua viva à sua frente. Um tremor de satisfação sombria percorreu os ossos de Eda.

Isso. Mostre quem você realmente é.

— Por que tanta demora? — perguntou Tenelle, se virando para o Patriarca, os clérigos, o mar de gente no templo. — Por que tanta hesitação? Com um simples golpe deste martelo, o bispo Fane pode provar sua inocência e salvar a todos nós, mas ainda assim se recusa! Por que será? — Ela estava quase aos berros. — Eu sei o motivo. O bispo nos enganou. Ele é a origem do nosso sofrimento e não pode nem negar!

Fane contorceu o rosto de repente. Cerrou os punhos. Suor pingava de sua testa.

— Eu nego, sim — declarou e, rígido como uma marionete, se aproximou do espelho. — E é meu prazer provar seu erro.

O grão-comandante Tiernan levou a mão à espada. Alguns clérigos se levantaram, assustados. Eda observou a tensão nos ombros de Fane, virado para o Portal. *Ele vai mesmo…?*

Créc.

A assembleia se sobressaltou. Tenelle encontrou o olhar de Eda, séria.

Créc.

Ao ver a lenta destruição do Portal que fora deles, uma estranha melancolia invadiu Eda. Aquele espelho fora uma presença constante na casa dos Shaw por toda sua vida, tão familiar quanto seu próprio reflexo. Apesar do medo e do assombro que inspirava, ela sentiu que assistia à morte da Eda do passado. Que destino a aguardava quando ele se fosse?

Aquele era o melhor resultado, pensou Eda: atrair o sr. Night a se revelar. Expor o bispo; destruir o demônio. Libertar a cidade de ambos.

Mas se o sr. Night não viesse, tudo estaria perdido.

Tiernan gritava com Tenelle. Wolfram o mandava parar. O Patriarca se apoiava no auxiliar, grudado à parede, observando o caos. Algumas pessoas no fundo do templo fugiam. Outras comemoravam ao ver as rachaduras se espalharem pela face do espelho. As Espadas ordenavam que as pessoas se sentassem, mas poucas obedeciam.

Créc.

— Viu?! — gritou Fane, voltando os olhos esbugalhados para Tenelle. — Não pode *me* acusar! Sou o protetor desta cidade!

Créc.

— Fui escolhido pelo próprio Senhor!

Créc.

— Eu…

Fane parou no meio do golpe, pois, nos quatro cantos do templo, os fogos de alerta alaranjados ficaram azuis.

A congregação berrou. Eda apertou a mão suada de Ben.

Das sombras do fundo do altar, um fluxo de fumaça preta serpenteou até a frente. Os clérigos correram para escapar. O grão-comandante Tiernan ficou paralisado. Apenas Fane pareceu compreender o que estava acontecendo, assim como Eda. Ele recuou quando a fumaça preta se acumulou a seus pés.

A escuridão agitada se ergueu, tomando a aparência de um homem de cabelo branco e olhos prateados, que capturou o punho de Florian.

O sr. Night olhou com frieza para o martelo cintilante.

— *Florian*. Você não aprendeu a não mexer no que não lhe pertence?

Trinta e dois

TENELLE FOI A PRIMEIRA A REAGIR.

Ela atacou o sr. Night, que empurrou Fane com tanta força que o bispo caiu, pálido de choque. O demônio se esquivou tranquilamente do golpe da Espada, apertou seu braço…

E o quebrou.

O berro de Tenelle atravessou Eda como uma lança.

Gritos se espalharam pela nave. Apesar da postura abatida e da agonia visceral da comandante, ela o atacou com um soco forte da outra mão. O sr. Night pareceu surpreso pela rapidez da retaliação, e mal desviou a tempo. Ela tentou dar uma cabeçada nele, mas o demônio a arremessou no chão como se afastasse um cão raivoso. Ele pisou nas costas dela, prendendo Tenelle no lugar.

Sr. Night observou a plateia horrorizada com seus olhos prateados. Alguns Fiéis fugiam, mas a maioria simplesmente se abraçava, coelhos capturados pelo olhar da raposa. Como uma bússola voltando ao norte, o demônio se virou diretamente para Eda. Ela ficou paralisada.

Guardas da Ordem invadiram o altar. Tenelle urrou:

— *Alto!*

O rosto dela estava esmagado contra o tapete escarlate, os dentes à mostra. Em dúvida, os soldados pararam.

Ela quer que todos vejam.

O sr. Night os ignorou.

— Florian, Florian. Imagine minha surpresa ao saber que, em vez de garantir meu uso do Portal Primordial, você permitiu que ele fosse *destruído* — sibilou o sr. Night, serpentino e afiado, como arranhões na lousa. — E agora se posta

diante dessa reunião de gentalha imunda para garantir a destruição de meu próprio Portal. Você me deixaria ilhado aqui, nesta carcaça fétida de mundo?

Fane se levantou, tropeçando.

— Eu… eu não sabia do outro…

Os olhos dele saltaram quando percebeu que o restante das pessoas no templo o observava, em choque.

— Você não pode discutir…! — exclamou.

— Nosso pacto? — perguntou o sr. Night e, apesar de sua expressão neutra, Eda teve a impressão de que ele zombava do bispo. — Você foi esperto o bastante para ditar que eu não poderia discuti-lo. Porém, não se atentou à cláusula catorze: *Signatário concorda com a expiração de toda estipulação e emenda após a conclusão deste contrato*. E cá estamos, com você astutamente tendo recolhido meus três mil anos bem a tempo da colheita de outono. Em outras palavras… — O sr. Night abriu os braços, sorridente. — Posso discutir com quem eu bem entender.

Brechas, pensou Eda, atordoada. A mesma cláusula estava presente no Pacto dos Shaw. Fane era astucioso, mas a promessa de poder o apressara — seus sonhos estavam tão próximos. Ele aceitara com avidez excessiva os termos do demônio no porão da loja. *Agora você colhe o que semeou.*

O bispo ficou branco como papel. O cabelo ruivo contrastava de forma gritante com sua palidez doentia quando ele se virou para a congregação.

— Ele… É mentira! O demônio mente! É isso que eles fazem, não veem?

Todos ficaram em silêncio. Fane sacudiu as mãos, retorcidas como garras.

— *O demônio mente!*

Sob a bota do sr. Night, Tenelle riu. Eda sentiu vontade de rir também.

O Patriarca apontou um dedo trêmulo para Fane.

— Apreendam este herege imediatamente! Expulsem daqui o demônio!

Então, caos.

Nitidamente seguindo ordens anteriores de Tenelle, as Espadas mandaram que a assembleia esvaziasse o espaço, empurrando os atrasados na direção da porta. No altar, armas prateadas cercaram o sr. Night.

Os primeiros soldados a alcançá-lo foram jogados em direções opostas; o estrépito enjoativo da queda causou histeria total no templo. Pessoas berravam. Os clérigos tropeçavam ao correr, se misturando ao rio revolto de corpos que atravessavam o corredor central.

— Vamos — disse Ben, puxando Eda.

Ela teve o cuidado de procurar por Bartholomew, mas ele já havia desaparecido. Era melhor assim, pois um guarda foi arremessado no banco em que

estavam, empurrando o móvel para trás. A espada caiu de sua mão inerte, cortada ao meio.

Tenelle urrou:

— *Agora!*

Eda se virou. A comandante escapara para o lado oposto do altar, empunhando a espada com a mão ainda forte. O braço quebrado pendia, pesado e inútil. Ela olhava para as galerias do alto, onde duas figuras de vestes azuis e prateadas vigiavam na lateral.

Alquimistas. Eu nem reparei!

Eles ergueram as mãos e começaram a cantar, um som distante demais para ser compreendido.

O altar de pedra *brilhou*. Uma luz azul fria, que lembrava a dos fogos de alerta, ganhou vida em linhas e formas sobrepostas e estranhas, como se surgisse do nada. O desenho corria de uma parede à outra, como chamas seguindo um rastro oculto de pólvora. Era *mesmo* um rastro oculto, percebeu Eda. Um glifo preparado pelos alquimistas que o ativavam.

Ela duvidara da capacidade de Tenelle para enfrentar um demônio como o sr. Night. Talvez Eda a tivesse subestimado, pois aquilo era uma *armadilha*.

O sr. Night ficou paralisado. As Espadas não se abalaram. Em simultâneo, recuaram. Do alto, um lampejo de prata desceu, caindo como chuva: uma rede, do mesmo tipo que usaram para tentar capturar Kit. Com peso em todos os cantos, embrulharia a primeira coisa que atingisse.

O sr. Night girou, chiando, mas não foi rápido o bastante — acabou capturado. Ele rosnou tão alto que era praticamente um rugido, um som terrível que Eda nunca o ouvira soltar. Ele se debateu. Sua pele fumegava, a prata o queimando como metal quente.

Até que ele se transformou em uma bola revolta de fumaça preta, chiando pela pedra em busca de liberdade.

As Espadas vigiavam além do limite do glifo reluzente. Tenelle, não. Ela se aproveitou imediatamente da distração do demônio e correu pelo altar, atenta a algo no chão. Eda notou que os Rompedouros, que refletiam a luz gélida, estavam largados junto ao Portal.

Tenelle mal deu três passos antes do sr. Night se materializar em sua frente. Ela parou de repente.

Por um momento, o coração de Eda também parou.

Pele cinza. Orelhas pontudas como facas. Uma cauda de chicote e garras de lâmina. Na cabeça, dois chifres imensos e curvados, da grossura dos braços de Eda,

descendo em um arco na direção do queixo do demônio — lembravam os de um carneiro. Quando ele cerrou os dentes, quatro presas brancas brilharam em sua boca de lobo. A pele perfeita estava marcada por queimaduras pretas e ardentes, onde a rede o acertara, rasgando uma pálpebra e o canto da boca. Porém o mais aterrorizante era seu olhar.

Eda passara anos imaginando o verdadeiro rosto do sr. Night. Era mais belo e assustador do que ela poderia supor.

Mesmo fraca e debilitada, Tenelle assumiu uma postura defensiva, brandindo a espada com uma coragem inabalável. Ela se posicionou como uma lutadora treinada.

O sr. Night não riu diante de sua arrogância. Nem mesmo desdenhou. Toda prepotência e desprezo tinham sido esgotados pelos ataques que sofrera. Ele mataria Tenelle por aquilo, Eda sabia. No que ela estava *pensando*? Se o glifo o prendia ali, então Tenelle certamente poderia recuar. Atacar de longe, onde ele não pudesse segui-la, com flechas, redes e prata coloidal…

Eda e Ben se agacharam atrás do banco. O templo praticamente se esvaziara, exceto pela própria Ordem da Espada. Muitos soldados mantinham a multidão agitada afastada, enquanto o restante cercava o altar com cautela.

Na lateral, o grão-comandante imobilizava Fane no chão com o joelho. O bispo berrava juras de inocência, vermelho, mas seus gritos eram ignorados.

Tenelle atacou o sr. Night de supetão. Ele se esquivou como uma cobra enroscada. Eda olhou novamente para os Rompedouros de prata caídos atrás do demônio. Uma Espada ousou atravessar a beirada do glifo, fazendo sinal para buscá-los…

O sr. Night fez um gesto para trás sem nem olhar.

Um mastim emergiu da superfície ondulante do Portal. A Espada tentou recuar, mas a criatura pulou sobre ele e o esmagou com seu peso. Fechou a boca na cabeça do homem, aos berros. Outros soldados avançaram para ajudar.

O poder de Fane sobre os mastins expirara com a conclusão do Pacto. Dali em diante, eles respondiam apenas ao sr. Night. E matariam qualquer um a seu alcance.

Mas ele não pode me matar. Não antes de anoitecer.

Mais três mastins saltaram do espelho e entraram na batalha. Era um borrão vermelho e cinza, feras contra homens.

Quando mais nenhum monstro saiu, Eda correu.

Ben gritou seu nome, mas ela não lhe deu ouvidos, subindo ao altar com o coração na boca, passando pelo borrão de corpos e lampejo de espadas. Ela pegou

o cinzel e o martelo de prata e cambaleou até o Portal. Pelo canto do olho, viu Tenelle escapar por pouco de um golpe do sr. Night que poderia tê-la decapitado, com suor escorrendo pelo seu rosto.

O sangue de Eda pulsava. A carnificina atrás dela era um mero murmúrio, como se estivesse debaixo d'água. Ela encostou o cinzel na obsidiana lisa, preparada para bater…

Algo a derrubou.

Ela caiu no chão com força. O martelo escorregou. Alguém a agarrou pelo pescoço, e Eda atacou com o cinzel, acertando um ombro ossudo. O agressor grunhiu de dor, mas apertou ainda mais, montando sobre ela. Quando sua visão se desanuviou, Eda reconheceu o rosto abrasado de Fane, que rosnava.

— Sua puta — sibilou ele. — Sua *vaca* burra e intrometida. Vou te matar. *Vou te matar!*

As pupilas dele estavam imensas, pretas. Todos os músculos de seu corpo se tensionaram enquanto ele fazia o possível para esganá-la, esticando os braços para manter o rosto fora do alcance dela. O cinzel acertou seu queixo uma, duas vezes. Mesmo assim, ele não soltou. Desesperada, Eda golpeou o tronco dele. Sentiu a pele rasgar, ouviu o grunhido de dor. Porém ele cerrou os dentes e resistiu. A máscara de cordialidade que Florian Fane exibia desaparecera por completo.

A face de um monstro, pensou, enlouquecida. Sombras inundaram os cantos de sua visão. *Agora, todos veem.*

Quando a dor em seus pulmões dominou todos os seus sentidos e os braços de Eda pesaram, frouxos, Florian foi arrancado de cima dela. Eda arfou. Tossiu. Rolou para o lado, desesperada por ar.

O sr. Night se erguia diante dela, segurando Florian pelo pescoço.

— Você não pode me matar! — chiou o bispo, arranhando as mãos do demônio. — Eu lhe trouxe três mil anos!

— É verdade. E por isso eu poderia tê-lo deixado viver, Florian Fane, se você não tivesse se postado aqui, na casa de seu deus precioso, e me chamado de *mentiroso* — desdenhou o sr. Night. — Nosso Pacto está encerrado. Assim como sua utilidade para mim. Mas você ainda pode devolver algo àqueles que cumpriram sua vontade com tanta lealdade, não? Eles estão sempre com fome.

Ele apertou o bispo com força enquanto um mastim se aproximava, baba rosada escorrendo da boca.

— Afinal… — disse o demônio. — Você pediu *medo*.

Fane viu o mastim. Ele berrou, se debateu, arranhou, chutou. O sr. Night se manteve firme como uma rocha, igualmente insensível. Soltou apenas quando o

mastim agarrou a perna do bispo. Fane caiu no chão, guinchando como um porco no abate. O mastim balançou a cabeça, deliciado. Sangue voou. Outra fera, atraída pelo combate, mordeu o ombro de Fane. Os dois começaram a puxar, como cães vorazes brigando por osso. Carne foi rasgada. Tendões arrebentaram. Os gritos do bispo se tornaram engasgos, os olhos brancos revirando na cabeça. Entranhas se espalharam pelo chão, e sangue escorreu como rio pelas linhas reluzentes do glifo.

Eda não desviou o olhar.

Dedos frios tocaram seu queixo. O sr. Night ergueu o rosto dela.

— Eda!

Ben estava na borda do glifo, com a espada de prata em mãos e o rosto contorcido de terror.

Ao lado dele, Tenelle sangrava, o braço quebrado pendurado como peso morto. Ela gritou para os demais soldados:

— Alto!

Eda não sabia se conseguiria se mexer. Toda sua energia fora esgotada pelo embate com Fane. Se o sr. Night quisesse feri-la, o que ela poderia fazer para impedi-lo? O Pacto determinava que ele não a machucasse, a não ser que estivesse disposto a perder mil anos como multa. Mas será que isso seria suficiente para detê-lo? Fane lhe dera muito mais do que isso.

Ele a levantou. Eda se segurou no demônio por instinto. Eles se encararam: Eda com um temor explícito, e ele sem demonstrar expressão alguma. As feridas dele estavam inflamadas e sensíveis, e ele respirava com dificuldade pelo nariz. *Você pode ser ferido, afinal*, pensou Eda, mesmo tremendo nos braços dele como um coelhinho.

— Querida Eda. Eu esperava a fraqueza de caráter do bispo, mas a sua? — disse ele, apertando a cintura dela com as garras. — Confesso que fico magoado por você tramar contra mim. Achei que nos entendêssemos. Você era *melhor* do que o resto.

O resto. Dos humanos. Dos mortais.

— Não sou melhor — retrucou Eda, mesmo que falar doesse. — Sou exatamente como os outros. Não é um defeito tão grande.

Ela tentou se desvencilhar, mas o demônio não deixou.

— Você não está *magoado*, sr. Night. Você deixou que capturassem Ben e Lawrie, deixou o bispo voltar Blackbridge contra mim. Para você, isso é tudo uma brincadeira. Minha *vida* é uma brincadeira. Você não se importa nem com os últimos dez anos de nossa dívida… não significa nada para você.

— É aí que você se engana, querida. Por mais que se tenha, sempre há *mais* a ter. Mas você não enxerga isso. Um defeito que posso perdoar tranquilamente, pelo carinho que sinto por você. Quer você acredite ou não.

— Então sua cobiça é uma virtude, mas a cobiça humana é um vício?

Eda se envergonhou ao reparar que chorava. Não por ele, mas por si. Pela versão de si que um dia acreditara nas palavras carinhosas do demônio.

— Seu carinho por mim é o mesmo que se tem por um bichinho de estimação, por um urso que dança na coleira. E quando eu não o divertir mais, não lhe for mais útil… e então? — continuou, e ele pareceu surpreso por seu rancor. — Diga que você não pretende nos matar se não conseguirmos trazer seus últimos anos antes do anoitecer.

O sr. Night secou uma lágrima dela com a garra. O corte queimado em seu olho se repuxou quando ele franziu a testa.

— Não dou importância alguma para seus irmãos tolos, mas *você*… você sempre me mostrou respeito e uma bravura admirável. Fico tentado a poupá-la. Mantê-la ao meu lado. Se continuasse trazendo anos para mim por sua própria vontade, nada lhe faltaria. Você sempre seria útil para mim e, assim, eu nunca me cansaria — respondeu ele, encostando o nariz no dela até a ponta do chifre espetar seu rosto, machucando. — Desde que você se lembrasse do seu *lugar*.

Ele a empurrou.

O sr. Night se virou e marchou até a borda do glifo. Ele encarou as Espadas e abriu bem os braços.

— Nenhum de vocês, tolos covardes, pode me matar. Nem se tentarem por mil anos! Não me manterão aqui por tanto tempo. Seus alquimistas enfraquecerão, e eu me libertarei. Então *arrancarei suas entranhas pelos seus cus miseráveis!*

O ar vibrou. Os guardas recuaram, as bestas tremendo. Ele gargalhou e declarou algo em Infernal gutural.

Ele não pode me ferir sem perder mil anos. Nem Eda poderia ferir *ele*. Se os Shaw fizessem mal ao sr. Night, ou a seu Portal, ele estaria livre para matá-los sem consequências. Era uma estipulação clara do Pacto. Porém ele tinha que morrer. Se não, quem morreria seria Lawrie.

As Espadas podiam atirar flechas e jogar redes até não restar mais armas, mas como ferir uma criatura que podia se transformar em fumaça viva?

Tem que pegá-lo de surpresa.

Eda já estava correndo pela plataforma antes de saber o que pretendia fazer.

— Eu conheço meu lugar, Baelion.

Ele se virou.

Ela enfiou o cinzel em seu peito.

O sr. Night urrou. No instante seguinte, Eda estava voando sobre o altar. Ela bateu as costas no Portal com uma força impressionante, tombando no chão como uma marionete de cordas arrebentadas. Ouvia os gritos, mas sua visão dançava. A dor reverberava por seu corpo inteiro. Ela sentiu gosto de sangue.

A silhueta embaçada do sr. Night arrancou o cinzel do peito com um rosnado agonizado, as mãos fumegantes. O objeto caiu com um estrépito. Ele cambaleou de dor, mas Eda nitidamente não o perfurara na profundidade necessária. O demônio se aproximou dela a passos largos, com uma expressão que revirou suas entranhas — pura ira fervorosa. A cauda sacudia como um chicote. Ele flexionou as garras. Em seus olhos de fogo, ela viu a própria morte.

Ben correu atrás dele. Tenelle mandou ele sair da frente. Prepararam bestas para atacar.

Idiota, Eda pensou, desesperada, quando a sombra do sr. Night recaiu sobre ela. O espelho atrás dela era duro. *Ben, seu idiota. Me deixe aqui. Não morra também.*

Em uma última tentativa de ganhar mais um momento, ela disparou:

— *Vhesak'din!*

Vai se foder.

O sr. Night parou de repente, surpreso. Em um momento, a encarava, monstruoso, o glifo iluminando todos seus ângulos afiados.

No momento seguinte, uma forma escura tombou no chão entre eles.

O sr. Night recuou. As Espadas gritaram, surpresas. Ben parou, derrapando.

A silhueta preta se desenrolou da postura agachada, e o coração de Eda acelerou, dolorido. Ela o reconheceria em qualquer lugar.

— Kit?

Um olho brilhante se voltou para ela. O chifre quebrado refletiu a luz frígida, projetando sombras em seu rosto. Era impossível determinar o que ele estava pensando.

— Irmãozinho — disse o sr. Night, olhando para ele, e o choque rapidamente se transformou em um prazer macabro. — Depois de tantos anos, você ousa me enfrentar? Logo *agora*?

Kit ainda olhava para Eda quando respondeu, em voz baixa:

— Finalmente tenho pelo que lutar.

Então, ele deu um murro no outro demônio.

Trinta e três

NÃO ERA JUSTO NEM CHAMAR AQUILO DE SOCO. A ferocidade com que Kit golpeou o irmão fez Eda estremecer — o estalo de ossos, o respingo de sangue. A cabeça do sr. Night foi virada para o lado. Ele chegou até a tropeçar.

Por um momento, o demônio ficou imóvel, o rosto escondido pelo cabelo prateado.

Então virou a cabeça e seus olhos eram puro *fogo*.

— Ora, ora — disse, cuspindo um dente. — Como o lorde ficou bravinho. Quase deu para sentir esse.

Kit mantinha os pés afastados, balançando a cauda de um lado para o outro, mas com os ombros rígidos e imóveis como montanhas. Ele cerrava os punhos com tanta força que as garras faziam seu sangue escorrer entre os dedos. O anel havia desaparecido.

— Há muito tempo você busca a oportunidade de me matar, Baelion. Pois aqui está.

O sr. Night *teria* uma oportunidade, percebeu Eda, horrorizada. Kit deveria ter percebido que o glifo e os alquimistas prendiam o irmão dele ali, em uma armadilha para demônios. *Agora ele também está preso.*

O sr. Night sacudiu o cabelo para afastá-lo do rosto. Sangue manchava sua boca, e ele limpou com a língua.

— Matar você? Não, Kit'rath. Eu quero *virar você do avesso*.

As pupilas dele se dilataram, a excitação desvairada o transformando em algo que Eda não reconhecia. Não era o sr. Night que ela achava conhecer. Era sua verdade. Era *Baelion*.

— Eu quero fazer picadinho de você. Ouvi-lo implorar por nossa mãe como

o bebê chorão que ela tanto adorava. Depois, talvez, eu lhe conceda a morte. Ah, mas você sabe disso muito bem. É por isso que se escondeu de mim — disse ele, voltando o olhar de magma para trás de Kit. — Não me diga que uma *gishrat* humana é a origem de sua nova coragem?

O significado de *gishrat* não parecia um elogio.

Kit não respondeu.

— Você tomaria tudo que é meu por direito. Mas ela *não é para você*.

Olhando para Eda como um cão atento a um coelho, Baelion avançou um passo.

Kit exclamou:

— Não toque nela!

Baelion parou. Piscou. Caiu na gargalhada, um som lento.

— Não. Não! Não pode ser.

Ele riu mais ainda. Contraiu a boca ao redor das presas, em uma estranha careta que lembrava um boneco. Franziu a testa, como se sentisse dor. Sua risada, contudo, era muito genuína.

— Seu desgraçado idiota — disparou. — Você está *apaixonado* por ela.

Eda parou de respirar.

Kit era como pedra viva, e muito mais quebradiço. Até a cauda dele se imobilizou, como se um mero toque pudesse despedaçá-lo em milhares de cacos. Ela desejou profundamente ver seu rosto.

Você está apaixonado por ela.

Baelion estalou os nós dos dedos.

— Você sempre teve um interesse obsceno por este mundo. É justo, então, que morra aqui. Matarei primeiro a querida Eda, que tal? Assim, você pode assistir.

— Você não vai fazer isso.

— E quem vai me impedir? Você? Lembro como você se mijou quando arrancamos seu chifre, chorando como uma criança. — Baelion andava em círculos. — Sinto o fedor do seu medo até agora. Você tem *medo* de mim, irmão.

— Menos do que você tem de mim, irmão — respondeu Kit, em voz baixa. — Você sabe que, se a corte seguisse o que prefere, *me* elevaria a arquiduque. Você poderia ter me deixado eternamente no mundo humano, mas não suportava a ideia de eu, um dia, desafiar sua autoridade. Você sempre se sentiu ameaçado por mim, Baelion — declarou, com a voz mais grave. — Agora é bom sentir mesmo.

Baelion investiu, rosnando.

— Corra — ordenou Kit para ela, saltando em direção ao irmão.

Eda lutou para se equilibrar. Engatinhando para trás do Portal, bateu o pé em alguma coisa. *O martelo!* Ela o pegou com a mão suada e o segurou junto ao peito. *Mas cadê o cinzel?*

Ela olhou por trás do espelho.

Os dois demônios eram um turbilhão de preto e branco, mais ágeis do que ela conseguiria acompanhar. Rosnados animalescos terríveis ecoavam pelas paredes do templo. Kit se transformou em uma cobra imensa e deu o bote — o irmão o jogou para o lado, fazendo seu corpo enroscado derrapar pelo chão. Kit se transformou novamente bem quando Baelion socou o local onde ele estava, partindo a pedra. Ele decolou em forma de ave. Baelion o seguiu em uma revoada furiosa de fumaça noturna, retorcida e enrolada.

E ali, ainda tingido de sangue demoníaco, o cinzel cintilava para ela do outro lado do altar.

Eda cerrou os dentes e correu naquela direção.

A torrente escura acima dela mudou de sentido de imediato, descendo sobre ela em fúria. O pássaro desviou e voou diretamente para enfrentar a fumaça. Eda se esquivou, gritando, quando os demônios caíram ao seu lado, perto o suficiente para balançar seu cabelo. Ela os ouviu tombar no chão. Um grito esganiçado. Um rosnado feroz. Não ousava olhar, então apenas pegou o cinzel.

Ben a segurou.

— Deixe para lá, Eda.

— Ele ficará mais fraco se destruirmos o espelho.

— E Kit também!

— Eu sei. — Ela se virou para Tenelle, que se apoiava no guarda jovem ao seu lado. — Consegue me dar cobertura?

— Consigo, mas seja rápida. Os alquimistas estão ficando cansados.

Era verdade. Na galeria, as duas silhuetas de roupa azul estavam visivelmente recurvadas e pálidas, mexendo a boca devagar para formar as palavras sussurradas. O corredor do altar estava caótico pela briga, e as linhas reluzentes estavam fracas e tremulando, como um vagalume no fim da vida. Se Baelion escolhesse fugir, eles nunca teriam outra chance. Lawrie morreria.

Eda apertou a mão de Ben.

— Me ajude.

Ele assentiu.

— Sempre.

Os irmãos correram.

Baelion levantou a cabeça e mirou neles, mas uma saraivada de flechas com ponta de prata o deteve. Kit o agarrou pelo chifre e o puxou de volta. Baelion rugiu, se contorcendo, e enfiou as garras na barriga de Kit. O demônio mais jovem cambaleou, com as mãos no ventre. Sangue escorria.

Não! Eda quase tropeçou. Estavam no Portal, mas ela mal lembrava o motivo. Via apenas Baelion esmurrando Kit no chão. O glifo tremulou.

Não olhe. Não olhe para ele. Concentre-se no espelho.

— Eda — dizia Ben. — Aqui, rápido.

Ele pegou o cinzel e o martelo e, em troca, entregou a espada para a irmã, que a segurou com os dedos dormentes.

Kit chicoteava o ar com a cauda. Ele mostrou as presas ensanguentadas enquanto o irmão o estrangulava, sangue brotando sob as garras pontudas. Ele estremecia entre as formas, mas Baelion apertou ainda mais, impedindo qualquer uma de se firmar.

O cabelo do demônio mais velho caía em uma camada de seda embaraçada enquanto ele se debruçava sobre Kit, sorrindo.

— Viva como humano se desejar, Kit'rath, e *morra* como um.

Com uma pontada fria, Eda percebeu que Baelion segurava uma das flechas de prata. Ele a ergueu sobre o peito de Kit.

Ela não pensou. Apenas correu.

Eda nunca imaginara como uma espada podia ser *pesada* até finalmente erguê-la sobre o ombro. Seus músculos gritaram. A dor sacudia seus ossos. Porém o fardo era mais leve do que seu desespero. Berrando, ela avançou com a espada.

Baelion se virou para ela. Os olhos do demônio brilharam.

Ele largou a flecha e arrancou a espada das mãos dela. Eda sabia que aquilo aconteceria, pois não tinha esperança de surpreendê-lo duas vezes. Ele deu uma rasteira com a cauda, derrubando-a com força no chão. Eda arfou, estarrecida. Baelion mal a olhou antes de se virar para o irmão.

Ela dera um breve momento para Kit.

Foi suficiente.

Kit levantou o braço. Baelion recuou.

O mundo pareceu desacelerar. O tempo escorria como melado, e Eda notou a flecha de prata enfiada no pescoço de Baelion. Kit cerrou os dentes e girou a flecha. Mais sangue jorrou.

Baelion engasgou — um som molhado e horrendo. Ele recuou, tropeçou. Agarrou a flecha e a arrancou com um rosnado sufocado.

Créc.

Eda se virou.

Ben estava diante do Portal, erguendo o martelo.

Baelion arregalou os olhos.

— Seu… *vhesan isak*…

Ele cuspiu sangue.

Créc.

Baelion saltou, rosnando, e tentou alcançar o espelho antes que seu mundo, a fonte de seu poder, se perdesse para sempre.

CRÉC.

O Portal explodiu.

Eda desviou o rosto quando pedaços grossos de obsidiana saíram voando para todos os lados e uma rajada de vento furiosa varreu os bancos. As janelas se partiram. Soldados gritaram de choque. O glifo estremeceu e morreu, e o templo inteiro foi preenchido por trevas primordiais, ecoando o uivo de uma tempestade antiga e irreconhecível. Então, terminou.

No silêncio que veio em seguida, Baelion cambaleou. Caiu de joelhos.

— Não — sussurrou. — Não.

Seu rosto de mármore estava maculado por queimaduras e sangue, mas foi sua expressão que mais perturbou Eda. Pela primeira vez, ela viu *medo*.

Kit se levantou atrás de Baelion com a espada que ela perdera.

Eda encontrou sua voz.

— Você não é humano, Baelion Ansellis. Mas morrerá como se fosse.

Ele a olhou.

Kit atacou com a espada, atravessando o pescoço do irmão.

Trinta e quatro

O MUNDO VIROU UM BORRÃO.

Soldados invadiram o altar. O grão-comandante Tiernan e o alto-governador Wolfram falavam em voz baixa com Tenelle. Eda sentiu a mão de Ben em seu cotovelo, para equilibrá-la, mas tudo parecia distante e abafado, como um sonho lúcido.

A única imagem nítida era a cabeça do sr. Night, caída a poucos metros do corpo. A boca estava aberta em um rosnado, e os olhos, pálidos e sem vida, lembravam a névoa da madrugada. Ele se desfazia em pó aos poucos, como se fosse feito de areia.

Morto. Ele está morto e nós, livres. Lawrie talvez sobreviva.

Do outro lado do altar, o que restou de Florian Fane rapidamente foi coberto por um casaco abandonado — Eda não sabia se por respeito ao falecido bispo ou para poupá-los da cena grotesca.

Os Shaw não morreriam naquela noite. Nem pela mão do bispo nem pela do demônio que fora seu mestre. Eda imaginara aquele momento por muito tempo, esperando sentir uma mistura estranha de melancolia e alívio. Em vez disso, ela só queria deitar e dormir por cem anos.

Ela sentiu um arrepio no pescoço. Virou o rosto.

Kit mancava, pressionando a ferida da barriga. Estava machucado e ensanguentado. O gibão rasgado, o cabelo, desgrenhado. Tenelle não estava muito melhor. Ela usava a espada como bengala para conversar com ele, com o braço enrolado em uma tipoia improvisada. Kit assentia, escutando, mas várias vezes voltava o olhar para Eda. As outras Espadas mantinham uma boa distância. Ele, sabiamente, havia adotado sua forma humana, e ninguém fez sinal de atacar.

Em vez disso, os soldados cercavam a pilha de cinzas e restos do sr. Night, como se ele pudesse se reagrupar e saltar a qualquer momento.

— Atenção — disse Ben.

Wolfram e Tiernan se aproximavam. Eda se endireitou.

— Eda e Benjamin Shaw — cumprimentou Wolfram, com a aparência de quem fazia uma mera apresentação profissional. — Este é o grão-comandante Tiernan. Eu e a comandante Tenelle relatamos a ele os *fatos necessários* sobre seu envolvimento.

Ele a encarou com um olhar significativo. Eda entendeu. *Honestamente, governador. Até parece que eu discutiria seu Pacto demoníaco com ele.*

— Foi dado a entender que vocês dois foram usados de bode expiatório pelo bispo Florian — disse Tiernan. — Este Portal nunca lhes pertenceu, e vocês não têm poder sobre os mastins. Correto?

Os dedos de Ben tremeram no braço de Eda.

— Correto, comandante — respondeu ele.

— Vocês *têm* culpa, contudo, de fugir da custódia da Ordem. A responsabilidade é sua e daquele *demônio*, srta. Shaw.

Eda não fazia ideia do que a postura calma e a expressão tão azeda do homem indicavam. Eles já não deveriam estar acorrentados, arrastados para longe dali?

— Eu… Sim, senhor. Meus irmãos eram inocentes. Eu senti que…

— O que você sente não tem importância alguma perante a lei — interrompeu ele, contraindo a boca. — Contudo, o alto-governador deixou bastante claro que a destruição deste Portal e dos responsáveis pelo terror em nossas ruas não seria possível sem seu auxílio. Ele insiste que devemos retirar todas as acusações contra você e sua família. Minha tendência é discordar.

Eda aguardou, sem fôlego. Wolfram mantinha as mãos cruzadas nas costas.

Tiernan suspirou.

— Infelizmente, parece que sou voto vencido. Notícias do suposto heroísmo de vocês aqui hoje estão se espalhando, e eu não desejo aumentar a revolta na cidade. Foram semanas difíceis para todos nós. Sua família poderá viver livre em Blackbridge. Mas — continuou ele quando Eda e Ben se entreolharam, chocados — esse demônio matou muitos bons soldados. Ele deve partir antes do anoitecer, ou garantirei que encontre um fim muito pior. E se eu descobrir qualquer outra associação com demônios de sua parte, irmãos Shaw, vocês enfrentarão um julgamento rápido e severo. Está claro?

Eles confirmaram imediatamente.

O comandante se afastou para dar ordens às Espadas. O corpo despedaçado do

sr. Night deveria ser levado ao forte Fell, onde seria queimado, junto com os restos dos mastins mortos e do Portal destruído. O Patriarca já havia sido levado até lá por segurança, acompanhado pelos clérigos.

Wolfram observava o burburinho e a movimentação com a sobrancelha erguida.

— Eu diria que vocês se safaram.

— Graças ao senhor — respondeu Eda, e rapidamente olhou para a figura sombria à espreita no canto. — Nem acredito que conseguiu persuadi-los a não matar Kit.

— Foi obra de Tenelle. Ela convenceu Tiernan de que Kit'rath não oferece ameaça alguma, mas eu acredito que o mais importante tenha sido sua demonstração espetacular de fratricídio. Eles ainda estão chocados. A tolerância de Tiernan não vai durar muito, e Kit'rath deve deixar Blackbridge antes disso.

Eda abaixou a voz:

— E seu… combinado?

— Eu devo fornecer dinheiro, moradia e bens em Blackbridge enquanto permanecer no cargo de alto-governador, mas não há nada exigindo que ele *use* o que ofereço. Se Kit'rath não quiser meus cuidados, tecnicamente estarei livre das minhas obrigações.

Isso agradava a Wolfram — os ombros dele relaxaram de alívio ao continuar:

— Não vou sentir saudade dele. De você, no entanto… bem. A força de seu caráter é inquestionável, srta. Shaw. Caso um dia deseje trabalhar na corte ou no governo, me escreva. Esta cidade precisa de mais pessoas como você para administrá-la.

Ela tentou não corar com a oferta.

— Obrigada, alto-governador.

— E se eu dissesse que a garota se sairia melhor na Ordem da Espada? — perguntou Tenelle, que se juntou a Wolfram, olhando o pescoço machucado de Eda. — Força de caráter é irrelevante entre a canalhice e a ardileza da política.

— Que retrato generoso pinta de mim, Martine — retrucou Wolfram.

— Não me referia especificamente ao senhor, governador.

— É claro — disse ele, com um olhar irônico, e então se curvou em uma despedida. — O povo se dispersou, mas as ruas fervilharão de boatos. Devo planejar um discurso público antes que os tabloides se manifestem. Com licença.

— Eu não serviria de Espada, comandante — comentou Eda quando ele partiu —, mesmo *se* tivesse a força para brandir uma dessas armas corretamente. O verdadeiro talento é de Ben. Eu não teria conseguido nada disso sem a ajuda dele.

— Hm. — Tenelle olhou atentamente para Ben, que se empertigou. — Pode até ser. Venha ao forte Fell quando se recuperar, rapaz, e procure por mim. Veremos no que dá.

O sorriso hesitante de Ben era de êxtase. Diante daquilo, seus machucados e roxos nem importavam.

— Obrigado, comandante.

— Cavalos — disse Eda. — Ben gosta de trabalhar com cavalos, não gosta? Ele se sairia muito bem na cavalaria.

Ela sentiu o calor do olhar de censura de Ben. Notou o sorrisinho incrédulo de Tenelle.

— É só uma sugestão — acrescentou.

— Veremos — repetiu Tenelle, olhando para eles de cima a baixo. — Vocês dois parecem prestes a desmaiar. O templo será interditado por enquanto. Venham. Os curandeiros tratarão de vocês no forte.

Eda de fato viu os últimos soldados levando os restos do Portal, saindo pelas portas dos fundos. O altar estava vazio, exceto pelo rio de sangue escuro secando na pedra.

Ben seguiu Tenelle. Eda ficou.

— Eu… — disse, olhando para a silhueta escura de Kit. — Preciso de um momento.

Tenelle contraiu a boca.

— Garanta que ele partirá antes do anoitecer.

Ben apenas lançou um olhar carregado para Eda antes de sair com a comandante. De repente, ela se viu sozinha.

Quase.

— Você voltou — disse Eda, ao pé dos degraus do altar. — Por quê?

O sol de fim de tarde atravessava as nuvens, se derramando pelas portas do templo em uma luz dourada como mel, aquecendo as costas de Eda. Do lado de fora, a cidade vibrava com o zumbido baixo de especulação, distante dos portões, onde as Espadas afastavam os curiosos, de modo que não se via nada lá dentro. Ali, tudo estava em silêncio.

Kit se aproximou da luz.

— Você sabe o porquê.

O peito dela doeu com a lembrança do desdém do sr. Night: *Você está apaixonado por ela.*

— Então por que foi embora?

— Pelo mesmo motivo.

— Não fale em enigmas. Você espera que eu me prostre aos seus pés? Pois não farei isso. Você *me abandonou*. Voltar não desfaz sua partida.

— Eu sei.

Ele se aproximou, até estarem frente a frente. Seus olhos brilhavam como tochas, mas a expressão atormentada em seu rosto era dolorosamente humana.

— Eu fui embora por medo de enfrentar Baelion, é verdade. Mas o maior medo que senti foi quando você me implorou para enfrentá-lo, porque percebi que eu *o enfrentaria*. Por você. — Kit olhou para o cabelo dela, a boca, a curva da bochecha. — Por isso eu fugi. Você estava certa, *mir'han*. Sou um covarde.

Eda tentou retirar o que dissera, mas ele a interrompeu.

— Eu *voltei* porque percebi que a única coisa pior do que enfrentar Baelion seria enfrentar um mundo sem você.

Ele se aproximou ainda mais, hesitando, como se não soubesse se Eda se afastaria. Encarou os olhos dela.

— Eu achei que soubesse o que era amar — continuou. — Seus poetas e dramaturgos têm tanto a dizer sobre esse assunto. Mas agora vejo que nunca amei nada. Não de verdade.

Ele franziu a testa.

— Não como eu amo você.

O coração de Eda apertou, vibrou, *cantou* contra as costelas. Não deveria surpreendê-la ouvi-lo dizer aquilo. Ela o vira na ternura de seu sorriso, no desejo profundo em seus olhos. Sentira na paixão de seu toque e na intensidade de seu beijo. No entanto, ouvi-lo em voz alta era completamente diferente.

— Você me ama — disse ela, maravilhada.

De repente, os dedos de Kit deslizaram pelo cabelo de Eda, acariciando o corte em sua cabeça. Ele encostou a testa na dela.

— Me despreze, se quiser. Amaldiçoe meu nome, me mande embora. Eu irei. Farei tudo que você pedir. Mas *sim*, Eda Shaw, Destruidora de Portais, Heroína dos Humanos. Se o que sinto não for amor, então eu nunca saberei o significado dessa palavra. Eu… O meu desejo por você me destrói.

Os olhos de Kit, percebeu Eda, chocada, estavam marejados. A voz dele falhou ao concluir:

— Queria que você soubesse.

Ela o beijou.

A união deles era profunda. O mundo se limitava aos pontos em que se tocavam. A respiração dos dois saía rápida, sôfrega. Ele a puxou com força para si, estremeceu quando ela enlaçou seu pescoço com os braços. O cheiro de Kit a

cercava — vinho, raios e tempestades. Eles cobriam de beijos o calor da expectativa um do outro, carentes e entregues. Eda nunca dera muito valor à prece, mas se perguntava se era aquilo que os Fiéis encontravam na oração. Um lindo sentimento de pertencimento, uma devoção ardente.

— Você é um tolo — arfou ela, finalmente se afastando.

Kit apertou a cintura dela. Ele se transformara, Eda percebeu — o chifre roçava o topo de sua cabeça.

— Óbvio. Que tipo de cretino declara seu amor no meio de sangue e entranhas? Prometo que, normalmente, sou mais charmoso.

Eda gargalhou. Kit sorriu com as presas aparentes, o canto dos olhos se enrugando. Ele puxou o lábio dela mais uma vez e a beijou com um fogo devastador que a derreteu como cera na vela. Porém, quando a felicidade de Eda ameaçava elevá-la do chão, ele a soltou. Seu sorriso se tornou triste, embora igualmente desejoso.

Eda ficou preocupada.

— O que foi?

— Eu disse, certa vez, que demônios são cobiçosos. É verdade. Eu a guardaria comigo para sempre, se pudesse. Se você deixasse — disse ele, a voz vacilando, crua. — Mas você não *tem* esse tempo.

Foi como um banho de água fria.

— Isso… não importa. Já está feito. Eu pedi pelo Pacto e pediria outra vez. Se me restam apenas poucos anos, então… então serão ótimos anos. Desde que você esteja aqui.

A expressão dele só ficou ainda mais triste.

— Não tenho desejo algum de viver em um mundo sem sua presença. Você acha que eu serei feliz de novo depois de saber como é ser seu? Sabendo que eu a levei ao túmulo?

— Kit…

— Não me peça para vê-la morrer.

— Eu não entendo.

Ele recuou e pegou uma espada de prata descartada, tomando o cuidado de segurá-la apenas pelo punho embrulhado em pano. A arma tinha sido esquecida entre os bancos — aquela que o sr. Night quebrara em sua fúria, e a lâmina estava partida ao meio, em um ângulo perigosamente afiado.

— Só tem um jeito de você recuperar seus anos.

Ele empurrou a espada para as mãos dela.

A compreensão a atingiu como um raio. Como um vento frígido que a gelava

até os ossos. Eda segurou o punho da espada com dedos dormentes e, horrorizada, viu Kit se ajoelhar a seus pés. Ele a observou com um carinho eterno. Um suplicante diante da divindade.

Eda quis dar um tapa nele.

— Não.

— Eda.

— Eu já disse que não! — exclamou ela, jogando a espada no chão. — Como… como você pode sugerir… — Ela estava tremendo. Sua respiração saía acelerada, superficial. — Está pedindo para eu *matar* você?

— Sim.

Eda se enfureceu diante da calma dele, da certeza silenciosa.

— E achou mesmo que eu faria isso?

— Você tem que fazer.

— *Não*.

— É *necessário*, Eda. — Kit apertou a mão dela. — Eu morro de bom grado.

— Pare! — exclamou ela, se desvencilhando. — Eu não passei por isso tudo, por tanta… *dor* e sofrimento só para perder você ao final. Como ousa? Como ousa pedir isso pra mim?

Ele se levantou de um salto e a sacudiu, com força suficiente para calá-la.

— Você não tem opção, sua criatura linda, teimosa! Não está entendendo? Se eu não morrer, você morrerá.

O demônio secou o rosto dela. Eda estava chorando de novo. Talvez, um dia, sua angústia enchesse um oceano inteiro.

— Você *vai morrer*, Eda — insistiu ele. — Não hoje, nem amanhã, mas em breve. Deixará seus irmãos em luto, me deixará em luto. Não me diga que é essa sua vontade. Não me diga que desistiria tão fácil assim. Você ainda tem um mundo todo a descobrir, esqueceu?

Por que agora, quando ela mais precisava, a natureza egoísta dele não se materializava? *Você brinca de ser humano, mas nunca vai entender o que é ser mortal até enfrentar a inevitabilidade de sua própria morte*, ela lhe dissera na casa do caçador. Que vontade de retirar suas palavras.

— Você disse que não me abandonaria outra vez.

A voz dela tremulava como o canto de um pássaro. *Seja covarde*, suplicou com o olhar. *Seja egoísta e medroso, se assim não me obrigar a fazer isso.*

— Um de nós deixará o outro, qualquer que seja nossa escolha. Me poupar é me condenar a um destino ainda pior. Você mesma disse: sem ter pelo que viver, eu já estou morto.

Eda enterrou o rosto no pescoço dele, soluçando. Ela não conseguia conter as lágrimas, pois seria como represar uma enchente.

— *V… va kesh din* — chorou ela.

Palavras sussurradas na escuridão, cujo significado agora era óbvio.

Ele acariciou o rosto de Eda e a fez olhá-lo. A adoração em seu sorriso era mais sagrada do que qualquer coisa que ela já vira em obras mortais.

— Como eu te amo.

Kit fechou os dedos dela ao redor do punho da espada quebrada. Então a beijou, com a profundidade de um oceano e o calor de uma pira. Naquele beijo, ela ouvia tudo que ele não dizia. *Eu te amo*, proclamava cada toque desesperado. *Eu te amo, eu te amo, eu te amo.*

Eles pararam. Um toque nos lábios. Kit recuou devagar.

— Está tudo certo, meu bem. Eu morrerei mais rico do que meu irmão poderia sonhar, pois alguém se lembrará de mim com amor — disse ele, baixando a voz para um murmúrio. — Isso é algo que nenhuma barganha pode garantir.

Com as mãos ao redor das dela, Kit virou a ponta quebrada da espada para seu coração. A camisa dele já estava rasgada — a lâmina não encontrou obstáculos para cortar a pele nua. Sangue brotou da ponta. Ao vê-lo, Eda soltou um ruído de dor. Ela balançou a cabeça, tentou recuar.

— Está tudo bem — murmurou ele, como se fosse ela quem precisasse de conforto. — Está tudo bem. Eu ajudo.

— *Kit.*

— Eu sei.

— *Kit!*

Ele não a soltou. Seus olhos brilhavam, quase dourados, ao admirá-la: a última coisa que ele veria. Ela sentiu sua tensão, pronto para ser perfurado…

— Já basta disso — declarou uma voz abrupta.

Eles ficaram paralisados.

Eda olhou para a silhueta escura que se aproximava, iluminada pelo sol poente. Então a reconheceu.

— Robin?

A mulher mais velha parou e apoiou as mãos nos joelhos, arfando.

— Bom saber que ainda resta *alguma* noção nessa sua cabeça. Solte a espada, menina.

Eda tentou, mas Kit não deixou.

— Essa decisão não é sua, Robin.

— Não mesmo — respondeu, sem fôlego. — Mas, pelos muitos anos desde

que nos conhecemos, e pelo bem que a menina fez, estou trazendo outra solução.

Robin se endireitou e acrescentou:

— O diabrete me procurou. Ancorei o mais próximo da cidade que consegui. Não sabia se chegaria a tempo.

Eda olhou entre eles. Estava zonza, atordoada pela sequência de choques.

— Como… como você entrou? Tem Espadas guardando a passagem.

— Assim como o manto escondia você — disse Robin. — Acha mesmo que eu nunca uso encantos para me beneficiar?

A mulher puxou o pingente simples de ouro e o balançou na frente deles. Eda nunca a vira sem o colar, e enfim entendeu o motivo. *A joia a esconde? Como o manto? Mas eu a vejo perfeitamente.*

— Lawrie está bem?

— Dormindo muito, mas está mais estável. Agora só depende dele.

Kit relaxou o suficiente para deixar Eda se desvencilhar. Ele ainda segurava a espada com força.

— Do que você está falando? — perguntou ele. — Que solução?

Robin se aproximou até conseguir afastar o cabelo ensanguentado do rosto de Eda.

— Ele está certo, Eda Shaw. Você deve matar aquele que detiver seus anos, senão nunca conseguirá recuperá-los — afirmou com um olhar solene. — *Mas* Kit'rath é jovem e inexperiente nas tradições da mágicka antiga. Ele não conhece as histórias antigas dos Pactos, por mais que seus semelhantes se gabem de usá-los. Eu sei. E há uma brecha.

Eda levou as mãos ao peito.

— Seja direta, Robin, eu imploro.

— Um demônio não pode devolver aquilo que foi tomado de seu dono original. Porém, não há limites para transferir anos para *outro demônio*.

Lá fora, botas marchavam e ordens soavam como chicotes. Pedestres se agitavam, ruidosos, além do portão do templo. O coração de Eda batia mais alto ainda, pulsando em seus ouvidos.

— Não entendi.

Kit baixou a espada. Uma marca preta em seu peito fumegava e sangrava, mas ele não se importou.

— Está dizendo que…

— Que se você der cinquenta anos para outro demônio, e Eda matar o demônio em questão com suas próprias mãos, ela recuperaria o que perdeu.

— Nunca ouvi falar disso.

— Rá! Claro que não. Que demônio de respeito aceitaria abrir mão de um tributo tão desejado? É uma arte morta e desprezada. Mas nem por isso deixa de ser possível.

— Mas como? — perguntou Eda.

Seu sangue vibrava com uma esperança que ela não ousava alimentar.

— Teríamos que caçar outro demônio — disse Kit. — Como não sabemos de nenhum outro Portal, talvez nunca o encontremos. E precisaríamos que fosse alguém tolo o suficiente para aceitar cinquenta anos de presente sem desconfiar de uma cilada.

— Não é preciso cilada alguma, Kit'rath. E me ofende que você me chame de tola.

Robin tirou o colar dourado. Quando o pingente caiu em sua mão, o ar brilhou, como a névoa de verão subindo de metal aquecido. A pele marrom-clara de Robin se acinzentou. Uma cauda pontuda se desenrolou atrás dela. Chifres curtos e grossos brotaram de seu cabelo grisalho. E seus olhos assumiram o tom mais lindo de dourado.

Eda apertou o braço de Kit, com medo de suas pernas cederem. Ele estava imóvel, rígido.

Eles olharam para Robin.

— Você…

— Sou — disse a mulher, passando a mão na ponta da orelha, quase tímida. — Embora faça tempo que não adote esta forma.

Os pensamentos de Eda revoaram como aves dançantes. Tantas vezes se perguntara sobre a habilidade mágica de Robin, sua aceitação tranquila do demoníaco, seu conhecimento obscuro e sua presença poderosa e surreal…

— Como? — Kit se aproximou, analisando ela da cabeça aos pés. — Como eu nunca…

— Não se culpe, jovem. Eu já falei. Meus encantos são *muito* bons. Nunca fui abençoada com tanto poder, não como acontece com vocês da nobreza, mas, neste mundo, sou uma alquimista competente. Este colar funciona de forma semelhante ao seu Anel-Escudo. Ele me ajuda a manter a forma humana sem muito esforço. Fiquei bastante satisfeita quando o fabriquei.

Eda perguntou:

— Mas… por quê? Por que foi embora de Infernus? Você vivia escondida aqui, assim como Kit.

Kit assentiu.

— Eu achei que fosse o único.

A expressão de Robin era melancólica.

— Vocês não precisam ouvir minha história. Basta saber que eu não estava *escondida*, e que você não é o primeiro a se apaixonar por uma mortal, Kit'rath Ansellis. Minha Oriana faleceu há muitos anos. Eu sabia que isso aconteceria um dia. Esperava apenas que, primeiro, pudéssemos envelhecer juntas.

Oriana. Eda pensou na barca azul. No alerta compartilhado em seu convés — que nascera da experiência. *Demônios e humanos têm mais em comum do que admitiriam, mas nossas diferenças são tremendas. Superar tais obstáculos exige… sacrifício*.

Ela sentiu um aperto no peito.

— Robin foi o nome que ela me deu — continuou a demônia. — É outro nome para o pintarroxo, seu pássaro preferido. Eu abandonei quem era antes para ficar com ela, viver como mortal. E eu faria tudo de novo. Um só dia com ela valia mil vidas. Talvez agora você entenda, Kit'rath.

Kit apertou a mão de Eda, entrelaçando seus dedos.

— Você está se oferecendo para tomar esses cinquenta anos. Para…

A voz dele estava carregada de dor.

Eda queria poder fingir que não entendia. Mas ela sabia do que Robin estava falando.

— Robin, você não pode fazer isso.

— É claro que posso — respondeu, acariciando o rosto de Eda. Apesar das garras, os calos eram os mesmos: ásperos pelos anos de tecer magia no mundano. — Esperei por muito tempo para me juntar a minha Oriana, mas eu sabia que ela não me agradeceria por terminar minha vida em um ato de luto impensado. Isto, contudo… — continuou, com um sorriso suave e enigmático. — Acho que ela entenderia.

Eda entrou em pânico.

— Nós… nós não precisamos fazer nada *agora*, precisamos? Ainda tenho algum tempo. Podemos dar um jeito, encontrar outro demônio…

— Kit'rath já deixou claro que isso é uma tolice. Não arrisque sua vida por uma senhora idosa, que já viveu o bastante. Você fará isso, Eda Shaw, aqui e agora, antes que eu perca a coragem.

A voz de Robin estava firme, mas ela apertou Eda com mais força, como se estivesse pronta para enfrentar uma maré furiosa.

A garganta de Eda se fechou como uma concha. Ela se jogou nos braços de Robin. *Por quê? Por que tudo de bom tem que ter um preço tão alto?*

A demônia retribuiu o abraço.

— Está tudo bem, cordeirinha. Eu já vivi o bastante, mas seu tempo mal

começou. Ousaria dizer que ninguém merece isso mais do que você.

Eda não tinha lembranças da mãe. Nunca sentira o abraço de outra mulher, nunca fora acalentada por uma pessoa mais velha que poderia orientá-la, cuidar dela. Ali, nos braços de Robin, pensou que deveria ser quase assim.

— Obrigada por tudo — sussurrou no ombro da mulher. — Obrigada, Robin. Obrigada.

Quando Eda se afastou, Kit tomou seu lugar. Robin bufou, chocada, quando o demônio mais alto a puxou para um enorme abraço apertado. Os pés dela chegaram a sair do chão, e os chifres dos dois trombaram.

— Filhotinho bobo — disse ela, com carinho.

Kit a colocou no chão, com os olhos úmidos.

— Você foi minha única amiga nesses vinte anos, Robin. Eu lhe devo mais do que consigo expressar.

— Sua única amiga, é? Você precisa sair mais de casa — respondeu ela, trocando um sorrisinho com Kit. — Venha. Vamos acabar com isso.

Em um fascínio mórbido, Eda viu Robin usar uma garra para cortar a própria palma. Ela pediu que Kit fizesse o mesmo e, então, eles se deram as mãos.

Robin disse:

— Eu peço cinquenta anos, que lhe foram dados de bom grado por aquela de nome Eda Shaw.

Instruído por ela, Kit respondeu:

— Eu concordo.

Não havia nada demorado a recitar. Nenhuma encantação confusa, nenhum cântico misterioso. Intenção, Kit dissera certa vez, era a chave para firmar um Pacto. Então, foram apenas sangue e intenção que passaram os cinquenta anos preciosos de Eda de um para o outro, a magia fluindo entre eles.

Kit estremeceu. Robin arfou. Os olhos dela se dilataram, enormes e pretos como pedras de ônix.

— Agora — sussurrou ela. — Venha, agora.

Eda pegou a espada e parou diante de Robin, apontando a lâmina para o peito da demônia. Seu próprio coração parecia destruído. Suas lágrimas poderiam encher um rio, um mar, uma inundação.

— Não sei se consigo.

Em silêncio, Kit a abraçou por trás, envolvendo os dedos de Eda com os dele.

Robin posicionou a própria mão sobre as deles.

— Não fique tão triste, cordeirinha. Não estou triste. Estarei de novo com meu grande amor, seja lá onde for. Só prometa que cuidará do Velho Miserável,

por favor? E meu barco… é seu, se quiser.

— *Robin*.

Ela sorriu.

— Viva bem por mim.

Atrás dela, o sol finalmente se punha. A chuva se dissipara, deixando poças cintilantes entre os paralelepípedos como a luz salpicada da floresta. Com a brisa de outono balançando seu cabelo e a luz amarelada nos ombros, Robin parecia mais divina do que qualquer santo.

Robin puxou, encorajando. Eda fechou bem os olhos. Kit ofereceu sua força e, juntos, eles empurraram todo o peso de Eda sobre a lâmina. Lágrimas escorriam por seu rosto.

A espada a atravessou.

Robin soltou uma exclamação de choque, muito mais leve do que Eda esperava. Ela não suportou olhar. Um tremor a percorreu, uma sensação de calor quase imperceptível. *Meus anos voltaram*.

Eda ficou parada pelo que lhe pareceram horas. Certamente, não era mais do que segundos. Kit se mantinha atrás, ao redor dela, com mãos firmes, enquanto as de Eda tremiam. Ele encostou o rosto no dela, ambos molhados.

Então, o peso na espada cedeu.

Eda pestanejou, contendo as lágrimas.

A seus pés, havia uma pilha alta de cinzas claras. Lembrava uma silhueta — desmoronada, murcha, como se por baixo se pudesse encontrar uma pessoa adormecida. Embolados ali estavam o vestido marrom-alaranjado de Robin. Os brincos. As pulseiras.

Outra brisa soprou no templo. O pó foi espalhado para todos os lados, rodopiando e balançando no ar. Eles observaram. Quando a luz dourada encheu a nave, iluminando a dança das cinzas, Eda sentiu que era uma despedida amorosa.

Trinta e cinco

ERA UMA MANHÃ FRESCA DE OUTONO E, pela primeira vez em anos, os Shaw visitavam juntos o túmulo dos pais.

A época da colheita enfim começara. Folhas de cobre e ouro caíam de forma discreta, rodopiando pelas lápides e pelos pés deles. O céu estava nublado, mas o ar tinha um aroma doce — de frutas caídas e melado.

Uma época de morte. Ou simplesmente de mudança.

— Fiquei surpreso de você ter encontrado alguma — disse Lawrie, apontando para as ninfeias molhadas nos braços de Eda. — Achei que morressem nesse frio.

Fazia pouco mais de uma semana, e Lawrie ainda estava fraco, mas se recuperava mais a cada dia. A infecção passara. Restava descobrir se um dia ele poderia deixar de usar a bengala para não pisar com a perna ferida.

— São umas teimosas persistentes — respondeu Eda.

Do outro lado dela, Ben riu.

— Que nem a gente, então.

O templo de Crowgate não mudara desde sua última visita, semanas antes, quando Florian Fane chegara. O mesmo calcário desbotado e a mesma gárgula à espreita, o mesmo portão de ferro e a mesma trilha de cascalho. Porém, de algum modo, parecia menor. *Ou foi meu mundo que cresceu.*

Era uma ideia agradável.

Com muito cuidado, Eda posicionou um punhado de caules coloridos na frente da lápide da mãe e os prendeu ali com uma pedrinha. Ela fez o mesmo no túmulo do pai.

Ali, Eda se demorou por um momento.

— Perdão — murmurou. — E eu o perdoo.

Ela se levantou.

— Eles ficariam orgulhosos de você, Edie — disse Lawrie.

— De nós três. Pelo menos, é o que espero.

— Claro que ficariam — afirmou Ben, coçando o nariz vermelho. — Somos cidadãos respeitáveis.

— Ai. Não gosto quando você conta piadas. Não é natural.

— *Alguém* tem que se responsabilizar pelas piadas, Lawrie. Você anda muito borocoxô, se recuperando dessa experiência de quase morte.

Eda sorriu enquanto seguiam pela rua. Ela temera nunca mais ver os irmãos brincando e implicando um com o outro. Mas ali estavam eles, *vivos*, mesmo que machucados e abatidos. Se o destino fosse gentil, ainda lhes restaria uma vida inteira. Ela tentou imaginá-los grisalhos e enrugados; que privilégio seria! Uma emoção encheu seu peito.

Na Shaw Antiguidades e Curiosidades, Eda insistiu em conferir se não tinha se esquecido de colocar nada na mala. Na verdade, queria apenas dar mais uma olhada. Percorreu a copa, a sala apertada e a velha lareira. O quarto dos irmãos. O dela. Demorou-se um pouco junto à cama, tocando a fronha puída. No térreo, passou por todas as estantes, tocando os livros e as coleções de conchas e leques pintados. Parou até diante do alçapão, olhando para onde antes ficava o Portal. Porém Eda não desceu.

— Parece até que você não vai voltar — disse Lawrie ao vê-la retornar à entrada, e franziu a testa. — Você *vai* voltar, não vai? Você disse…

— Claro que vou. Eu só… queria dar mais uma olhada.

Assim, com as malas dela em mãos, os irmãos saíram da loja. O sino tilintou. Saudosa, Eda pensou em quando o ouviria de novo.

Ela olhou mais uma vez para a loja: as vitrines salientes, as letras douradas acima da porta. A tinta verde descascada, que Lawrie insistiu que finalmente seria repintada quando ela voltasse. Aquele tinha sido seu único lar. Seria *sempre* seu lar. Mas, por enquanto, o caminho dela divergia, assim como o de seus irmãos. Finalmente, todos poderiam começar a viver. Havia nisso tanto entusiasmo como melancolia.

Eles pagaram alguns cobres para contratar um rapaz que tinha uma mula e uma carroça. Sentados entre as malas de Eda, foram transportados, sacolejando, pela cidade. Eda tentou registrar aquilo na memória também. Os paralelepípedos, o cheiro úmido dos canais. A pedra escura de fuligem e as torres finas que se estendiam até o céu cinzento. Eles atravessaram a ponte de São Leórico. Eda admirou o movimento do porto, os cascos grudentos de alga, até o odor salgado

de peixe que o vento carregava. Não deixou de observar nada até passarem por baixo do elevado do norte, atravessando as muralhas da cidade.

Os arredores foram se dispersando em vilarejos esparsos e ali, ainda com vista clara para Blackbridge, eles desceram. Pediram ao rapaz que esperasse. Ele aceitou — por mais um cobre.

Os três saíram da estrada e atravessaram um vilarejo movimentado de pecuária. Era chamado de Embly, devido à posição favorável na margem do Embel. Eles seguiram pela periferia do vilarejo, onde eram observados apenas por porcos chafurdando e galinhas ciscando.

Eda olhou para o rio. *Ele disse que estaria aqui… ali!*

Uma bela barca de casco duplo, pintada de um azul agradável, aguardava no rio. O coração de Eda pulou ao vê-la, e ela apertou o pingente simples de ouro no colar. Inútil, até onde sabia; mas igualmente precioso.

Espero que tenha encontrado sua Oriana, onde quer que esteja.

Ela precisou se policiar para manter um ritmo lento. Lawrie não se incomodaria se ela fosse na frente, mas Eda não queria desperdiçar aqueles últimos momentos preciosos com ele. Deu o braço para o irmão. Quando se aproximaram, uma criaturinha surgiu no convés.

— Senhor! Senhor! Lá vem ela! — exclamou o diabrete, entrando na cabine, mas com a voz ainda esganiçada o suficiente para ser ouvida do lado de fora. — Lá vem a lady Eda!

— *Lady Eda?* — perguntou Ben, trocando um olhar com Lawrie. — Achei que ele não gostasse de você.

— Ajudar a matar o irmão usurpador de Kit parece ter conquistado algum respeito por mim.

Tripp desejava, acima de tudo, a felicidade de seu senhor. *E eu o faço feliz*, pensou ela, carinhosa, ainda sufocada pela ideia. Algumas coisas, porém, não precisavam ser ditas para seus irmãos.

A porta da cabine se abriu. Uma silhueta escura e esguia apareceu. Ele a viu e parou. Sorriu.

O coração de Eda disparou.

Eles pararam. Ben deixou a mala de lado e a puxou para um abraço. Houvera uma época em que seu irmão mais velho não lhe oferecia esse carinho, pois preferia o conforto de palavras de orientação. Mas tinham chegado tão perto de se perderem. O que palavras diriam que o calor de seu abraço não poderia transmitir?

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Ben. — Com ele?

Eda recuou e encarou seus olhos cor de mel, tão parecidos com os dela.

— Não tem ninguém mais no mundo que eu escolheria.

— Acho que ter um demônio por perto é *mesmo* prudente, se seu plano é sair por aí destruindo Portais — disse Lawrie, franzindo a testa. — Ainda acho uma loucura. Você não precisa sair pelo mundo à procura desses espelhos malditos. Se tiver outros por aí, mais sujeitos como Severin Lich estarão envolvidos, não tenho dúvida.

— Eu sei. Mas, se mortais como nós podemos destruir dois Portais em dois dias, eu e Kit também podemos. É importante, Lawrie. Demônios têm seu mundo, e nós, o nosso. Enquanto os dois se misturarem, vidas serão destruídas por Pactos. Não quero que mais ninguém sofra como nossos pais. Como *nós* — disse ela, erguendo o queixo. — Eu quero fazer isso.

Mesmo com a expressão séria, Eda percebeu que eles a entendiam.

— Não esqueçam que ainda estou contando com você como fornecedora! — disse Lawrie, enfim. — Sei que é só seu pretexto, mas você sempre teve bom olho para peças interessantes. Espero que você volte duas vezes ao ano como minha comerciante de antiguidades, com produtos novos. Você *precisa* voltar para casa, viu? Senão, é mau negócio.

Eda não deixou de notar seu tom vacilante. Ela o abraçou.

— Não esqueci, sr. Shaw. Por favor, não me demita.

Ele acariciou a cabeça dela e beijou sua testa.

— Se cuide, Edie. Nós te amamos.

Eda engoliu em seco.

— Eu também amo vocês. Demais.

Lawrie secou os olhos discretamente.

— Mas tenha sempre alguma coisa afiada por perto quando estiver com esse safado. Para o caso de ele ficar abusado.

Ben concordou.

— É isso aí. Se ele fizer você chorar, é só pegar os talheres e enfiar no…

— Muito obrigada pelos sábios conselhos — interrompeu Eda, rindo. — Agora é uma boa hora para lembrar que ele está escutando.

Eles olharam abruptamente para o barco, onde Kit, agachado, fazia carinho no Velho Miserável. Ele acenou com os dedos, em um gesto irônico.

— Santos do céu, é de dar arrepios.

Eles se abraçaram outra vez, e Eda finalmente se afastou, carregando as malas pela margem. Antes de conseguir dar um passo no convés largo do *Oriana*, Kit avançou com precisão fatal e a levantou no colo, com malas e tudo. Ela soltou um

grito. Então foi parar no barco, segura, em seu abraço.

— Não ouviu o que o Lawrie falou? Está pedindo por encrenca.

— Me prometeram violência com talheres, eu entendi. Vou me conter antes que venham parar aqui com um aparelho de jantar completo.

A forma humana de Kit era tão devastadoramente linda quanto a demoníaca. O ângulo do queixo, a curva da boca. Eda não resistiu a afastar o cabelo dele, que ameaçava esconder o brilho dos olhos. Ele se aproximou do toque, como uma planta ansiando pelo sol.

Eles mal tinham se visto na última semana, já que ela voltara para casa e ele estava cuidando da amada barca de Robin. Desde a destruição do Portal, Kit tinha dificuldade para se transformar. Ele não queria sair de perto dela, mas era cansativo manter a aparência humana, e parecia que Severin Lich não buscava vingança imediata pela perda do Portal. Quando Ben se apresentara a Tenelle para discutir seu primeiro dia como recruta, ela contara que Lich aparentemente tinha fugido da cidade na calada da noite. O criminoso deveria ter sentido a mudança no ar. Sem um Portal para garantir vantagens e a proteção dos nobres da cidade alta, ele se dera por vencido. Havia outras cidades a conquistar.

Ben moraria no quarto da Ordem durante o treinamento. Lawrie cuidaria da loja. Eda não gostava da ideia de Lich, ou de outros adversários, voltarem para Blackbridge para se vingar, mas seus irmãos não precisavam de sua proteção. *Ben e Lawrie confiam em mim para cuidar de minha vida. Devo confiar neles também.*

— Você preparou meus aposentos? — brincou ela. — Afofou os travesseiros, arejou os lençóis? Vou ficar decepcionada se não tiver uma torta fresquinha à minha espera.

— Me preparei para sua chegada, sim. Já o que vamos *fazer* nesses aposentos…

— Pare!

Ela cobriu a boca de Kit, que beijou sua mão, sorrindo. Ele olhou para o rosto dela, sempre faminto por suas risadas, seu sorriso. Eda tentou manter a razão em vez de agarrá-lo bem ali no convés.

— Meus irmãos estão vendo — avisou. — E o Velho Miserável também.

Ela se abaixou para fazer carinho no gato ranzinza, que cheirou sua mão antes de permitir a intimidade.

— Lady Eda! — exclamou Tripp vindo correndo pelo convés, e empurrou Velho Miserável, que miou por sua grosseria. — Milady, Tripp cuidou da limpeza do veículo aquático humano. O senhor não é doméstico no cuidado do lar, como é costumeiro de seu posto elevado, há de se entender, então Tripp ofereceu auxílio servil. Servirá de morada temporária, creio eu. Pelo menos até milorde

achar digno retornar ao trono familiar.

— Já falamos disso, Tripp. — Kit fulminou o diabrete com o olhar. — Não tenho intenção de voltar.

— Ah, o senhor deve levar milady também, é claro! Embora eu ouse dizer que causará um tremendo escândalo na corte. Mas o que poderão fazer? Nada! O senhor é o arquiduque Ansellis, único herdeiro da Casa de Ansellis…

— Tripp.

— Milorde?

— Sua visita chegou à conclusão natural. Pode voltar daqui a algumas semanas, se quiser. Ou meses.

— Senhor! Tanto tempo assim?

— É uma tragédia, eu sei. Sentiremos saudades. Agora vá.

— Tchau, Tripp.

Eda apertou a mãozinha ossuda dele.

O diabrete se curvou com um floreio e, mais impressionante ainda, um sorriso.

— Milady.

Assim, Tripp desapareceu com um estalo.

Eda se levantou e viu que os irmãos ainda a observavam.

— Está pronta? — perguntou Kit.

— Muito.

Com um aceno dele, a alavanca no convés se mexeu, como fazia com Robin. As rodas-d'água giraram devagar.

— Os encantos dela ainda funcionam?

— Sorte a nossa.

— Que bom. — Eda acenou quando eles se afastaram. Ben e Lawrie acenaram de volta. Um calor precioso ardia em seu peito. — É como se parte dela ainda estivesse aqui.

Por fim, seus irmãos viraram meros pontinhos na paisagem amarronzada do campo. O sol estava quase em seu zênite, espreitando timidamente de trás das nuvens espessas para banhá-los em uma rara luz de outono. O rio corria e espumava ao redor do casco. Velho Miserável espiava pela borda, à procura de peixes.

Atrás deles, Blackbridge encolhia — a coluna imensa e escarpada no horizonte. Uma cidade repleta de becos escuros, torres espiraladas e mágicka oculta. A casa dela. Apesar dos pesares, Eda ficava triste de partir. Era estranho só ver o mérito de algo às vésperas de deixá-lo para trás. *Eu volto*, prometeu a si

mesma. *Aonde quer que eu vá, voltarei sempre.*

Mas se partir era amargo, ir era doce, pois o mundo estava fresco, vivo e em mudança. Eda sentia a leveza da possibilidade nos ossos. Mil futuros diferentes, todos ao seu alcance. Apenas um aspecto de suas fantasias permanecia imutável em todas as versões e, naquela, ele acariciou a bochecha de Eda com os dedos.

Ela se virou para encontrar os olhos de Kit: um choque de terra e fogo.

— Está com frio? — perguntou ele.

— Estou perfeita.

— Com isso, eu concordo — disse ele, e abruptamente entrou na cabine, voltando com um embrulho familiar nos braços. — Aqui. Achei que pudesse querer.

Eda arregalou os olhos.

— O manto!

Ela pegou a peça, passando os dedos pelas plumas e pelos caules emaranhados com uma onda de carinho. Faltava o fecho de pé de galinha — que tinha sido rasgado quando os soldados de Fane o arrancaram —, mas, fora isso, a capa parecia intacta.

— Como você conseguiu? — perguntou Eda.

— Eu voltei ao mausoléu. Ainda estava lá, acumulando poeira no canto.

Ela abraçou o manto e acariciou a curva da bochecha de Kit com a outra mão.

— Obrigada. — Então, em voz mais baixa: — *Mir'han.*

Ela nunca o chamara assim. Queria sentir o gosto da palavra.

Kit entreabriu a boca. Uma expressão crua de fascínio cruzou seu rosto, e ele levou um momento para se recompor.

— *Mir'han.*

Ele pegou a mão dela e colocou algo em sua palma.

Eda pestanejou.

— Seu Anel-Escudo.

— Cuide dele para mim.

— Não vai precisar?

— Se enfrentarmos mais de meus parentes, não tenho intenção de me esconder — respondeu Kit, fechando os dedos dela ao redor da joia incrustada de rubi. — Quero que seja seu.

Eda ajeitou o cabelo atrás da orelha e soltou uma risada baixa, um pouco sem fôlego.

— Imagino que você não saiba o que significa quando um homem dá um anel a uma mulher neste mundo. Normalmente significa que…

— Eu sei o que significa — interrompeu Kit, com os olhos muito escuros.

Eda o encarou.

Ele abaixou o rosto.

— Agora, *por favor*, deixe-me beijá-la direito, meu bem, antes que eu comece a recitar horríveis sonetos de amor.

Eda abriu um sorriso largo e livre.

— Eu não me incomodaria.

— Fica para mais tarde, então.

Ele a puxou devagar, até ela estar colada ao seu corpo. O toque de Kit a aquecia mais do que o sol.

— Mas por enquanto… Espero que baste dizer que eu te amo acima de tudo. Neste mundo, ou no meu, ou em qualquer outro — disse ele, encostando a boca na dela. — É suficiente?

Eda o beijou.

Era, sim.

Mais tarde, é claro, quando tudo tiver gosto de cinzas e o coração dela for partido ao meio, ela repensará neste momento e desejará, desesperadamente, ter permanecido para sempre ali — como uma libélula na perfeição do âmbar. Porém não é essa a história.

E nem magia pode voltar no tempo.

Agradecimentos

Como autora estreante, escrever meus próprios agradecimentos parece um sonho. Posso dizer o mesmo sobre toda a jornada de publicação, claro; ainda não caiu a ficha. *Pactos sombrios* é o resultado de anos fantasiando — e o produto de um esforço contínuo e silencioso: horas escrevendo nas brechas do trabalho; crises causadas por capítulos quase perdidos no mundo sombrio dos backups; muita leitura de obras sobre escrita; pedidos de feedback para as primeiras versões; pesquisa de agentes literários; e ajustes intermináveis em cartas de apresentação. E a lista vai longe. Essa é a parte menos glamorosa de ser autora, e sem ela a história de Eda e Kit não existiria. Mas, embora escrever *Pactos sombrios* tenha sido um esforço solitário, trazê-lo ao mundo não foi.

Sou profundamente grata aos meus agentes incríveis, Pete Knapp e Stuti Telidevara, por me guiarem nessa jornada intensa. Vocês entenderam a história desde o começo e continuam sendo seus defensores mais apaixonados; *Pactos sombrios* jamais teria encontrado seu lar sem vocês dois. Obrigada também a Claire Wilson e Safae El-Ouahabi, da RCW, pelo trabalho brilhante no Reino Unido e por me fazerem sentir em casa no meu primeiro evento literário presencial. E a Anna Atoria, por conduzir as negociações de direitos estrangeiros com tanto cuidado e competência — obrigada.

Minha sincera gratidão a Christin Engelberth, pela belíssima ilustração; ainda parece surreal poder chamar um trabalho tão bonito de minha primeira capa. Muito obrigada também a Theresa Evangelista, da Penguin Random House, que finalizou o design com tanta habilidade. Obrigada ainda a Stevie Hopwood, Rebecca Mason e Olivia Russo, por ajudarem essa história a encontrar seu público com um trabalho excepcional de marketing e divulgação. E, claro, um agradecimento enorme à Berkley XO e a todos da PRH, dos dois lados do Atlântico — especialmente às minhas editoras, Ruta Rimas e Carmen McCullough. O cuidado, a sensibilidade e o incentivo de vocês conduziram *Pactos sombrios* até a publicação e ajudaram a torná-lo a melhor versão possível.

Também preciso agradecer aos meus primeiros leitores e apoiadores, sem os quais talvez eu nunca tivesse reunido a confiança — ou a coragem — para ousar invadir a caixa de entrada de um agente. Michelle Kerkhoven, pelas mensagens caóticas no Instagram, por tornar palavras como "pedregulho" eternamente engraçadas e pelas críticas perspicazes antes de qualquer outra leitura. Sasha Rose, por me aturar com inúmeros áudios e por ser uma fonte constante de apoio. Christina, Lex, Nicole, Elise, Sam, Ríona, Mariana, Jenny, Melody Robinette e todos que ofereceram feedback ou um ombro amigo durante esse processo louco — obrigada. Isso realmente significa o mundo para mim.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha família e aos meus amigos, que nunca duvidaram que eu fosse capaz (ou doida) o suficiente para chegar até aqui, inclusive quando eu mesma duvidava. Luc, Rose, Ash e Zoe — nos conhecemos há tempo demais. Não contem nenhuma esquisitice minha para os leitores. Mãe e pai, obrigada por apoiarem meus hobbies ecléticos. Posso não ter me tornado arqueira olímpica, guitarrista famosa ou amazona profissional, mas gosto de pensar que valeu a pena comprar todos aqueles livros. E para Tristan, por estar ao meu lado nos altos mais altos e nos baixos mais baixos: eu te amo mais do que consigo expressar em palavras.

Na verdade, menti. Tenho mais um agradecimento a fazer. Todo o sangue, suor e (às vezes) lágrimas envolvidas na publicação de um livro teriam sido em vão sem um público com quem compartilhar essa história. Passei anos sonhando em encontrar o meu. Fazer parte dele provavelmente significa muito pouco para você que está lendo, mas significa tudo para mim. Obrigada.



CHARLOTTE B. PLUMB mora no Reino Unido com o marido, um gato e um cachorro. Ela acredita que os livros são a forma mais próxima de magia que existe e, quando não está sonhando acordada com seus personagens, está escrevendo sobre eles — isso se o gato não estiver sentado no teclado.

Copyright © 2026 by Charlotte B. Plumb
É vedado o uso desta obra, no todo ou em parte, para coleta automatizada de dados, treinamento, validação ou inferência de modelos de inteligência artificial, sem autorização prévia, expressa e por escrito do titular dos direitos autorais.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Reap & Sow

CAPA Theresa Evangelista

ILUSTRAÇÃO DE CAPA E FRONTISPÍCIO Christin Engelberth

ADAPTAÇAO DE LETTERING Lygia Pires

VINHETA DAS ABERTURAS dalkosaminrah/AdobeStock

PREPARAÇÃO Júlia Ribeiro

REVISÃO Valquíria Della Pozza e Thaís Totino Richter

VERSÃO DIGITAL Calil Mello Serviços Editoriais

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Plumb, Charlotte B.

Pactos sombrios / Charlotte B. Plumb ; tradução Sofia Soter. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2026. — (Real & Sow ; 1).

ePUB

Título original : Reap & Sow.

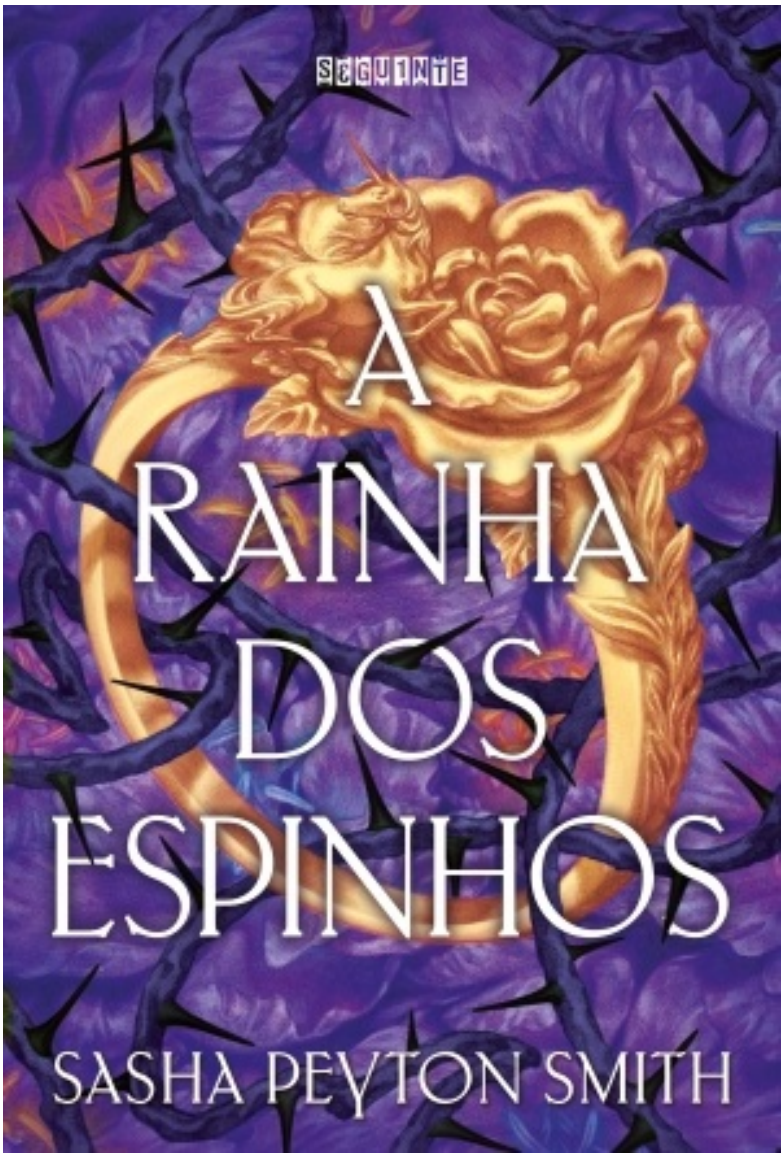
ISBN 978-85-5534-597-5 (e-book)

1. Ficção de fantasia . Título. II. Série.

26-368739.1 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura inglesa 823



A Rainha dos Espinhos

Smith, Sasha Peyton
9788555345296
352

Compre agora e leia (Publicidade)

Casada com um irmão. Apaixonada pelo outro. A aguardada

conclusão dessa duologia de romantasia inspirada na era da regência, perfeita para fãs de *Bridgerton* e *A Seleção*.

Ivy Benton se tornou rainha da Inglaterra ao conquistar a mão do rei feérico Bram. Mas o título não lhe trouxe nenhum poder, apenas uma prisão: isolada no palácio, ela é ignorada pela corte e obrigada a conviver com um marido cada vez mais cruel.

A ascensão de Bram ao trono abriu o portal para o Outro Mundo. Depois de séculos afastados, os feéricos retornam ao reino humano em uma celebração perversa, transformando pessoas em brinquedos e acordos em armas. Sob a máscara da esposa ideal, Ivy esconde um plano audacioso para sobreviver: livrar-se do marido, resgatar a irmã e voltar aos braços de Emmett, o amor da sua vida.

Entre traições, desafios sangrentos e amores devastadores, Ivy logo percebe que, para vencer, vai precisar ser ainda mais implacável que seus inimigos. Ou pode acabar sem nada.

Best-seller do *New York Times*.

"Uma fantasia deliciosamente sombria e romântica. Eu devorei esse livro!" — Stephanie Garber, autora do best-seller *Era uma vez um coração partido*

Compre agora e leia (Publicidade)



Amor, futuro amor

Jean, Emiko
9788555345852
304

Compre agora e leia (Publicidade)

E se seu verdadeiro amor pudesse te escrever do futuro? Nesse romance encantador, Emiko Jean mostra que o amor está em todos os lugares.

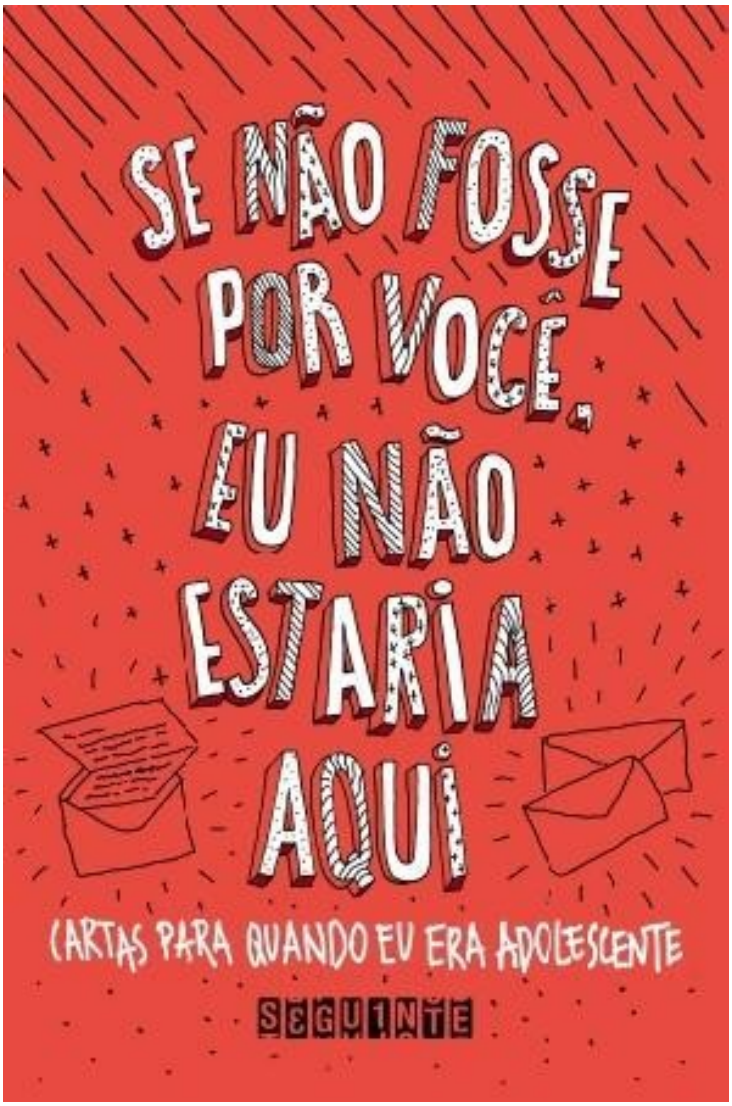
Aos dezessete anos, Emma não acredita no amor — não depois do amargo divórcio dos pais. Então, seu pedido para as estrelas no tradicional festival da cidade é simples: uma prova de que o amor é real e pode durar.

Ela não dá muita importância ao assunto até encontrar um bilhete de alguém que afirma ser sua alma gêmea, se comunicando com ela do futuro. Só pode ser uma brincadeira, certo? Mas à medida que as mensagens chegam, revelando segredos que ninguém mais sabe, Emma é forçada a aceitar o impossível: seu futuro amor está entrando em contato através do tempo.

Mas quem é ele? Ezra, o prodígio musical que faz seu coração disparar? Theo, o vizinho que a conhece desde a infância? Ou Colin, o menino charmoso que mora numa mansão?

Enquanto se esforça para descobrir a identidade do autor das cartas, Emma vai perceber que o amor é, sim, real — e também a força mais poderosa do universo. E esteve esperando por ela esse tempo todo.

Compre agora e leia (Publicidade)



Se não fosse por você, eu não estaria aqui

Vários autores
9788554517861
75

Compre agora e leia (Publicidade)

Se você pudesse mandar uma carta para si mesmo quando adolescente, o que diria? Convidamos os participantes da quarta edição da Flipop a fazer exatamente isso, e o resultado você

encontra nesta coletânea gratuita.

A adolescência é um período cheio de descobertas, mudanças e escolhas — algumas sem grandes consequências, outras absolutamente determinantes na nossa vida. Imagine poder reencontrar quem você foi na adolescência e poder dar conselhos (ou spoilers!) que só alguém que sabe como a história termina pode dar.
A Editora Seguinte convidou os participantes da quarta edição do Festival de Literatura Pop (Flipop) a escreverem uma carta com tudo o que diriam para eles mesmos quando adolescentes. O resultado é uma reunião de testemunhos honestos, ora repletos de humor, ora de angústia, ora de alívio — mas sempre carregados de sentimentos. Algumas mensagens trazem conselhos aparentemente banais, como olhar para os dois lados antes de atravessar a rua, outras pedem que nada seja feito de forma diferente. Seja como for, essas vinte e seis cartas mostram que a adolescência é muito mais do que só uma fase — é por ter passado por ela que chegamos aqui hoje.
Com cartas de Adriel Bispo, Alba Milena, Alec Silva, Aryane Cararo, Beatriz D'Oliveira, Bruna Vieira, Carol Christo, Clara Alves, Felipe Castilho, Gabriel Mar, Giulia Paim, Iris Figueiredo, Jana Bianchi, Jim Anotsu, Koda Gabriel, Leo Hwan, Lorena Pimenta, Luiza de Souza, Mia Roman, Nanni Rios, Natalia Borges Polesso, Rebeca Kim, Samuel Gomes, Thalita Rebouças, Tiago Valente e Vitor Martins.

Compre agora e leia (Publicidade)



A guerra sem fim - Sucesso no TikTok

Jensen, Danielle L.
9788555345715
480

Compre agora e leia (Publicidade)

No quarto volume da série A Ponte Entre Reinos, Keris e Zarrah precisarão lidar com as consequências de seu romance proibido.

Recém-coroado rei de Maridrina, Keris assistiu, impotente, à revelação de seu relacionamento proibido com Zarrah. Mas, quando Zarrah é aprisionada pela imperatriz de Valcotta, ele sabe que só há uma maneira de salvá-la: aliar-se ao reino que quase destruiu.

Na temida Ilha do Diabo, Zarrah luta para sobreviver entre prisioneiros e traidores, dividida entre a lealdade à imperatriz que a condenou e a chama do amor que ainda arde em seu coração. Porém, ao ouvir murmúrios de uma rebelião, ela enxerga uma nova chance de conquistar não só sua liberdade, mas também sua vingança.

Enquanto a imperatriz prepara uma guerra capaz de devastar reinos inteiros, Keris e Zarrah precisam descobrir se o sentimento que os une é capaz de superar a dor e a culpa que os separam. Porque, se falharem, talvez a guerra não acabe nunca.

Indicado para leitores a partir de 16 anos.

Compre agora e leia (Publicidade)



O mundo de Sofia

Gaarder, Jostein
9788580865189
568

Compre agora e leia (Publicidade)

Publicado originalmente em 1995, *O mundo de Sofia* é o maior best-seller da Companhia das Letras, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos só no Brasil. Edição comemorativa com

tradução direta do norueguês.

Às vésperas de seu aniversário de quinze anos, Sofia Amundsen começa a receber bilhetes e cartões-postais bastante estranhos. Os bilhetes são anônimos e perguntam a Sofia quem é ela e de onde vem o mundo. Os postais são enviados do Líbano, por um major desconhecido, para uma certa Hilde Møller Knag, garota a quem Sofia também não conhece.
O mistério dos bilhetes e dos postais é o ponto de partida deste romance fascinante, que vem conquistando milhões de leitores em todos os países e já vendeu mais de 1 milhão de exemplares só no Brasil. De capítulo em capítulo, de "lição" em "lição", o leitor é convidado a percorrer toda a história da filosofia ocidental, ao mesmo tempo que se vê envolvido por um thriller que toma um rumo surpreendente.

Compre agora e leia (Publicidade)
